UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JULIA BEATRIZ SILVA VICENTE CHAVES

AS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL DE MULHERES:
ENTRE OS JORNAIS SERGIPANOS E O MUSEU DO FUTEBOL (SP)

SÃO CRISTÓVÃO
2026

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves

AS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL DE MULHERES:
ENTRE OS JORNAIS SERGIPANOS E O MUSEU DO FUTEBOL (SP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração Cultura e Sociedade, linha de pesquisa Cultura, Memória e Identidade.

Orientador(a): Prof.ª Drª Janaina Cardoso de Mello

SÃO CRISTÓVÃO

2026

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Chaves, Julia Beatriz Silva Vicente
C512r As representações do futebol de mulheres: entre os jornais sergipanos e o Museu do Futebol (SP) / Julia Beatriz Silva Vicente Chaves; orientadora Janaina Cardoso de Mello. – São Cristóvão, SE, 2026.
189 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Sergipe, 2026.

1. História. 2. Futebol. 3. Mulheres. 4. Memória. 5. Representações sociais. 6. Jornais. 7. Museus. 8. Futebol feminino. I. Mello, Janaina Cardoso de, orient. II. Título.

CDU 930.2:796.332-055.2

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro e institucional, fundamental para que esta pesquisa pudesse ser realizada com dedicação.

À minha orientadora, Profª Dra. Janaina Mello, minha profunda gratidão pela generosidade, pela escuta atenta, pela paciência e pelas contribuições tão cuidadosas ao longo de todo o percurso. Sua orientação ultrapassou o campo acadêmico, sendo também um espaço de aprendizado, acolhimento e crescimento pessoal desde à graduação.

Aos membros da banca examinadora, Profª Dra. Jaqueline Zarbato e Profº Dr. Aaron, pela disponibilidade, pelo cuidado, pela leitura atenta e pelas contribuições que qualificam este trabalho e ampliam seus horizontes. Agradeço imensamente pela troca e pelo diálogo construído a partir desta pesquisa.

À minha mãe, Dona Aisla, por ser base, força e abrigo. Pelo apoio incondicional, pelo incentivo diário e por nunca duvidar de mim, mesmo quando eu mesma duvidei. Este trabalho também é fruto do seu amor.

À Laís, pelo afeto constante, pela parceria, pela escuta e pela presença que tornou os dias mais leves. Obrigada por caminhar comigo.

A meu irmão, João Lucas, pelas risadas aleatórias e pelo apoio silencioso, mas sempre presente.

A meu pai, João Vicente, pelo incentivo, pelo apoio e por acreditar na importância deste caminho.

A Pedro Henrique, à Isla e a Marlon, pela amizade, pelas conversas, pelo incentivo e pelo apoio sincero ao longo dessa trajetória. A presença de vocês foi essencial.

À Rita e à espiritualidade, pelos conselhos e pela companhia constante e diária, mesmo quando não posso ver, mas posso sentir.

A Seu Zé, por tudo.

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre a construção e a perpetuação do imaginário social, da memória e da identidade do futebol de mulheres em dois momentos da pesquisa: em primeira instância, analisando as narrativas produzidas pelos jornais sergipanos, entendidas enquanto formas de comunicação, e, em seguida, compreendendo a reelaboração e seleção da memória conduzida pelo Museu do Futebol, devido à sua verificação enquanto espaço de mediação e reconfiguração social. Esses dois objetos foram escolhidos devido ao seu potencial comunicacional, compreendendo a capacidade de construir e reescrever narrativas em torno do esporte. O objetivo é explorar os diálogos e intersecções entre a história do futebol de mulheres em âmbito local e nacional. Para isso, realizou-se uma análise dos periódicos Gazeta de Sergipe, Jornal da Cidade e Jornal de Sergipe, no período de 1983 a 2000 – abrangendo do ano de regulamentação do futebol de mulheres no Brasil até a participação histórica das mulheres do futebol brasileiro nas Olimpíadas de Sidney –, com o propósito de quantificar e qualificar as representações do futebol de mulheres, identificando padrões sociais e a construção do imaginário popular sobre a relação entre gênero e futebol. Dessa forma, a interseção entre os jornais e o Museu evidencia como os desafios e conquistas das mulheres no futebol são construídos e perpetuados na memória social. Por fim, a análise demonstra que as narrativas jornalísticas e as abordagens expográficas do Museu do Futebol não apenas refletem a trajetória do futebol de mulheres, mas também revelam as dinâmicas de inserção e exclusão das mulheres nos espaços sociais do esporte, permitindo um olhar crítico sobre as interseccionalidades que permeiam essa história. A pesquisa demonstra que, nas narrativas jornalísticas, há recorrentes processos de sexualização e objetificação das mulheres, reforçando ideais patriarcais, racistas e lesbifóbicos que contribuem para a exclusão feminina no futebol. Ao mesmo tempo, entende-se o Museu do Futebol, enquanto vetor de representação no século XXI, se apropria dessas narrativas históricas, ressignificando-as no contexto expográfico físico e virtual.

Palavras-chave: mulheres; futebol; memória; representações; jornais sergipanos; Museu do Futebol.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between the construction and perpetuation of social imaginaries, memory, and identity in women's football across two stages of analysis. First, it examines the narratives produced by newspapers from the state of Sergipe, understood as forms of communication; subsequently, it analyzes the processes of memory selection and re-elaboration carried out by the Football Museum, considering it as a space of social mediation and reconfiguration. These two objects were selected due to their communicational potential, understood as their capacity to construct and rewrite narratives surrounding sport. The aim is to explore the dialogues and intersections between the history of women's football at local and national levels. To this end, the study analyzes the newspapers *Gazeta de Sergipe*, *Jornal da Cidade*, and *Jornal de Sergipe* between 1983 and 2000—a period spanning from the regulation of women's football in Brazil to the historic participation of Brazilian women footballers in the Sydney Olympic Games. This analysis seeks to both quantify and qualify representations of women's football, identifying social patterns and the construction of popular imaginaries regarding the relationship between gender and football. In this sense, the intersection between newspapers and the Football Museum reveals how the challenges and achievements of women in football are constructed and perpetuated within social memory. Finally, the analysis demonstrates that journalistic narratives and the exhibition strategies adopted by the Football Museum not only reflect the trajectory of women's football but also expose the dynamics of women's inclusion and exclusion within sporting social spaces, enabling a critical perspective on the intersectionalities that shape this history. The research shows that journalistic narratives recurrently engage in processes of sexualization and objectification of women, reinforcing patriarchal, racist, and lesbophobic ideals that contribute to women's exclusion from football. At the same time, the Football Museum—understood as a vector of representation in the twenty-first century—appropriates these historical narratives, resignifying them within both physical and virtual exhibition contexts.

Keywords: women; football; memory; representations; newspapers from Sergipe; Football Museum.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sport-Club Victoria……..……..…29
Figura 2 – Linha do tempo do surgimento dos primeiros times de cada estado do Nordeste e do Sudeste.……..……..……..…30
Figura 3 – Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador……..……..…35
Figura 4 – Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador……..……..…36
Figura 5 – Divulgação sobre o "Grande Circo Nerino", destacando a novidade do Football feminino.……..……..…37
Figura 6 – Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador……..……..……..…40
Figura 7 – Manchete no Diário de Pernambuco (PE) - 1980.……..……..…42
Figura 8 – Manchete no Diário de Natal (RN) - 1980.……..……..…42
Figura 9 – Jornal da Mulher na Gazeta de Sergipe……..……..…45
Figura 10 – Tânia: símbolo da representação dos jornais.……..……..……...…74
Figura 11 – A mulher e a propaganda.……..……..……...…76
Figura 12 – Os desfiles no universo esportivo.……..……..……...…80
Figura 13 – Recortes de matérias sobre modalidades femininas.……...…85
Figura 14 – Voleibol superior ao futebol.……..……..……...…86
Figura 15 – As gordinhas jogam também.……..……..……...…87
Figura 16 – Exercite-se: exercícios anti-celulite.……..……..…88
Figura 17 – CBF proíbe futebol feminino……..……...…91
Figura 18 – CND aprovou o futebol feminino.……..……..……...…92
Figura 19 – Pingos amadoristas……..……..……...…93
Figura 20 – Futebol feminino: uma burrice.……..…….95
Figura 21 – Recorte da matéria sobre a opinião de João Saldanha e o futebol de mulheres……..96
Figura 22 – Feminista do Bugio faz aniversário amanhã.……..……...…97
Figura 23 – Futebol Feminino e o I Campeonato Feminino de Futebol de Campo de SE.....100
Figura 24 – Decadência no futebol feminino.……..……..……....101
Figura 25 – Futebol feminino já era.……..…….……....102
Figura 26 – Futebol feminino e machismo.……..……..……..…103
Figura 27 – Sucesso Futebol de Salão Feminino.……..……....104

Figura 28 – Time feminino das Lojas Santana……..……..……....…105
Figura 29 – Brasil estará no mundial de 1991……..……..…….....106
Figura 30 – Início do Campeonato Feminino de 1988.……..…….……..……..110
Figura 31 – Presença brasileira na 3ª Copa do Mundo.……..……..…….....…..111
Figura 32 – Brasil tenta medalha inédita.....……..……..……..……..113
Figura 33 – O uso de "meninas" nos jornais sergipanos sobre o futebol de mulheres……...114
Figura 34 – Futebol feminino ganha a sua primeira cartola...…..……..……..…115
Figura 35 – Formação de árbitros de futebol e a presença feminina (Georlize Oliveira Costa)...……..……..……..……..……..……..……..116
Figura 36 – Fotografias da exposição de longa duração do Museu do Futebol até 2024…...131
Figura 37 – Objetos presentes na exposição da sala "Grande Área" (2024), referência a jogadores negros e a Pelé.....……..……..……..……..133
Figura 38 – Objetos presentes na exposição da sala "Grande Área" (2024), referência a times do Nordeste...…..……..……..……..……..……..134
Figura 39 – Objetos presentes na exposição da sala "Grande Área" (2024), referência ao futebol de mulheres....……..……..……..……..……...135
Figura 40 – Imagens das jogadoras Formiga, Sissi e Marta na Sala dos Anjos Barrocos…….136
Figura 41 – Sala das Origens…….……138
Figura 42 – Quadros expositivos de revistas na Sala das Origens ……...….139
Figura 43 – Quadros expositivos de revistas na Sala das Origens…….139
Figura 44 – Quadros presentes na Sala das Origens……..…….140
Figura 45 – Quadros apresentando mulheres, em diferentes funções, e proibição do futebol de mulheres na Sala das Origens…….141
Figura 46 – Exposições sobre as Copas do Mundo de Futebol de homens e de mulheres.……....142
Figura 47 – Imagens de transição nas paredes do Museu para a entrada na Sala Almanaque da Bola ……143
Figura 48 – Imagens presentes na exposição "Visibilidade para o futebol feminino" (2015).……146
Figura 49 – Imagens presentes na exposição "Visibilidade para o futebol feminino" (2015).……....147
Figura 50 – Capa da Exposição "Mulheres, desobediência e resiliência" (2019).……...……148

Figura 51 – Capa da Exposição “Lea Campos, a primeira árbitra” (2019)……..……;;;;;;;;;……149
Figura 52 – Imagens presentes na exposição “Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+” (2022)……..……149
Figura 53 – Imagem de capa da exposição “Primeiro Mundial de Mulheres na China” (2023). ……..……150
Figura 54 – Recortes dos jornais sergipanos (à esquerda) e imagens presentes no Museu do Futebol (à direita), destacando a utilização do termo “meninas” no futebol.……..…152
Figura 55 – Imagens da exposição física do Museu do Futebol.……153
Figura 56 – Recortes dos jornais sobre a formação de árbitras nos jornais sergipanos……154
Figura 57 – Trechos das exposições do Museu do Futebol sobre a presença de árbitras no futebol ……...…..…155
Figura 58 – Trechos das exposições do Museu do Futebol (física e virtual).……156
Figura 59 – Trechos das exposições físicas e virtuais do Museu do Futebol.…….158
Figura 60 – Sala Almanaque da Bola antes da reforma de 2024 do Museu do Futebol. ……..……162
Figura 61 – Trecho da Sala Almanaque da Bola após a reforma de 2024 do Museu do Futebol.……...……163
Figura 62 – Trecho da Sala Almanaque da Bola, Museu do Futebol (2024).…….163
Figura 63 – Trecho da Sala Almanaque da Bola, Museu do Futebol (2024).…….……164
Figura 64 – Imagens da exposição virtual e física do Museu do Futebol.……..……166

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 - Quantidade de times do Campeonato Brasileiro Feminino por ano (2022, 2023, 2024).……...……....…46
Mapa 1 - Mapeamento das aparições de notícias sobre Futebol Feminino por Região (1900-2024)..……...……....…72
Mapa 2 - Mapeamento das aparições de notícias sobre Futebol Feminino por Estado (1900-2024)…….……....…73
Gráfico 2 - Frequência de Aparições de Matérias sobre Futebol Feminino.……...…82
Gráfico 3 - Comparativo da Cobertura Jornalística: Futebol Feminino versus Outras Modalidades Esportivas Femininas.……..……..……....…84
Tabela 1 – Lista de Salas da exposição de longa duração do Museu do Futebol (2024-2025)…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...……132
Tabela 2 – Lista de exposições virtuais do Museu do Futebol que tratam da relação entre mulheres e futebol (2015-2025)…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…...…144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CND - Conselho Nacional de Desportos

Conmebol - Confederação Sul-Americana de Futebol

FERJ - Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FSF - Federação Sergipana de Futebol

FSFS - Federação Sergipana de Futebol de Salão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 ENTRE O FUTEBOL E OS FUTEBÓIS: GÊNERO E IDENTIDADE NO FUTEBOL EM SERGIPE ……..... 25

1.1 Entre o Nordeste e o Sudeste: os paralelos e a marginalização do futebol 26

1.1.1 Um breve contexto sobre a gênese e o desenvolvimento do futebol de mulheres: entre o Nordeste e o Sudeste 34

1.1.2 Um panorama geral do futebol atual: entre o Nordeste e o Sudeste 44

1.2 As marcas na identidade e na memória brasileira no futebol 47

1.3 Os futebóis e os marcadores sociais de diferença ..... .56

2 O FUTEBOL DE MULHERES: ENTRE A MEMÓRIA E A IMPRENSA SERGIPANA ……..... 65

2.1 O futebol de mulheres através dos jornais 71

2.2 Ser mulher, ser jogadora, ser feminina 78

2.3 O futebol de mulheres por meio dos periódicos: um olhar sergipano …..... 89

2.3.1 Entre a proibição e o seu fim .....……89

2.3.2 Proibição moral: todos contra o futebol de mulheres ..... …….93

2.3.3 Uma certa estrutura: equipes e campeonatos 97

2.3.4 A queda do futebol de campo em Sergipe 100

2.3.5 A década de 1990 e a seleção nacional 106

2.3.6 O ano 2000: a seleção de mulheres joga hoje 112

2.3.7 Mais mulheres no futebol 114

3 ENTRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: OS FUTEBÓIS DO MUSEU DO FUTEBOL ……..... 118

3.1 O museu e os jornais: entre as memórias construídas 120

3.2 As exposições do museu 129

3.2.1 As exposições físicas: o espaço institucional e a curadoria presencial ……..... 130

3.2.2 As exposições virtuais: interatividade e narrativas da memória 143

3.3 O futebol de mulheres: a comunicação e a memória construída entre o jornal e o museu 151

3.3.1 O futebol além das jogadoras 154
3.3.2 A sexualidade no museu e no futebol 157
3.3.3 A imagem faz sentido: a menina-jogadora, a mulher-jogadora no futebol 160
3.3.4 O futebol de Sergipe, o futebol do Nordeste: invalidação, ausências e disputas ….. 165

CONSIDERAÇÕES FINAIS 167
FONTES 171
REFERÊNCIAS 172

INTRODUÇÃO

"O conhecimento do Brasil passa pelo futebol", frase atribuída ao escritor e romancista José Lins do Rego e erguida nos entornos do Museu do Futebol (SP), prenuncia um sentimento e uma realidade tangente na sociedade brasileira: o futebol faz parte das nossas vidas, individual e coletivamente, atingindo variados espaços sociais (Capraro, 2007). A presença do futebol na vida do brasileiro permitiu uma simbiose, em que discorrer sobre identidade e cultura perpassa pelo esporte (Franco Júnior, 2013). O futebol é um símbolo nacional, que permite compreender valores sociais, políticos, culturais e econômicos, atingindo glórias e derrotas em todos os campos.

Historicamente, a criação, estruturação e desenvolvimento do futebol praticado por mulheres apresentam desafios significativos de compreensão, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Embora a análise da gênese dessa modalidade seja complexa, Williams (2014) aponta que a primeira partida de futebol feminino teria sido realizada em 1881 e, ao longo dos anos, especialmente em períodos de crises globais, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), surgiram equipes formadas por trabalhadoras industriais na Inglaterra, assim como na Alemanha e na Áustria (Pessanha, 2021). No entanto, o fortalecimento de discursos normativos sobre o controle dos corpos no contexto europeu levou a Federação Inglesa de Futebol a impor, em 1921, a proibição das partidas oficiais e o consequente encerramento dos times femininos (Pessanha, 2021).

No intermédio dessa realidade, a marca da conjuntura social desportiva brasileira é conduzida pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, compreendido como a primeira legislação regulamentadora dos esportes no Brasil, responsável por impor uma reorganização nas estruturas desportivas do país (Pereira; Mazo; Balbinotti, 2010). Esse decreto dialoga com as estruturas proibitivas mundiais, no que segue a linha de limitações da prática desportiva por mulheres, em acordo com os discursos de controle dos corpos e as imposições do papel social da mulher na sociedade brasileira. Por meio disso, a relação entre mulheres e futebol se estabelece por meio da compreensão das questões de gênero, de raça, de sexualidade e de classe.

No Brasil, a proibição do futebol de mulheres está situada de 1941 até 1979, enquanto isso, nos Estados Unidos houve a implementação do Título IX, correspondendo às Emendas Educacionais de 1972, que proíbe a discriminação de gênero em programas educacionais, incluindo os esportes, que recebem financiamento federal (Stromquist, 2013). Com esse

investimento, até o presente momento, a seleção nacional de futebol de mulheres dos Estados Unidos é tetracampeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA e pentacampeã dos Jogos Olímpicos organizados pelo COI. Enquanto isso, a seleção nacional brasileira conseguiu atingir o terceiro vice-campeonato nos Jogos Olímpicos, sob protestos das jogadoras, com o intuito de aumentar os investimentos no futebol brasileiro de mulheres. Essa realidade nos apresenta o lastro orçamentário, mas também nos permite compreender aspectos de gênero e de sexualidade, envolvendo masculinidades, feminilidades e composição dos espaços por homens e mulheres entre o futebol brasileiro e internacional circunscritos a fatores de raça e de classe.

Diante disso, a pesquisa que perpassa pelo futebol precisa entendê-lo enquanto um território de memória, que se estende para além do campo e das partidas, pois é formado pelos debates e discussões socioculturais e históricas. O futebol existe por causa da coalizão de experiências e de sentimentos que o envolve por meio das pessoas que jogam, torcem, noticiam e vivenciam o esporte. Segundo Catela (2001), a compreensão de territórios de memória está relacionada à marcação de que a lembrança e a resistência social conectam-se ao trânsito da memória através da circulação de pessoas, permitindo a continuidade das memórias e da história dos objetos sociais. Logo, o futebol transita entre a materialidade e a imaterialidade provida por uma memória coletiva que está de acordo com tempo, espaço e relações sociais estabelecidas, mutáveis a depender do contexto histórico-social (Halbwachs, 1990).

Assim, a herança do futebol depreende das memórias coletivas e das vivências dos conjuntos, porém, sendo necessário observar os grupos invisibilizados por uma memória que transmite um retrospecto de violências e de silenciamentos físicos e simbólicos. A identidade circunscrita ao futebol é limitante, em que grupos dissidentes em gênero, sexualidade, raça e classe social são posicionados historicamente à margem dos territórios sociais e do futebol. Para isso, percebe-se que, apesar de a marcação de diferenças ser determinante na formação das identidades, há a imposição de identidades superiores a outrem, em vista de lugares e momentos particulares (Hall, 2014). Esse fato reverbera sobre as heranças coloniais presentes no Brasil, incidindo sobre esvaziamentos identitários no cenário do futebol, isto é, a pluralidade identitária é suprimida perante um futebol sem gênero, sem sexualidade, sem raça, sem classe, ou seja, sob a ocultação das diferenças.

Com isso, historicamente, é visível que o futebol no Brasil, em que por meio de medidas, decretos e leis, o futebol foi utilizado como instrumento para alcançar interesses classistas, racistas e sexistas, homotransfóbicos, com o objetivo de formar um ideal específico de nação e de cultura (Ortiz, 2013). Em vista de que a constituição identitária brasileira, compreendendo os aspectos culturais e de nacionalidade, perpassa sobre as conexões e as construções de memórias sociais e afetivas por meio do futebol (Gastaldo, 2018). Assim, essa relação histórica e de memória interfere ativamente sobre o futebol de mulheres, posto que molda as concepções sobre o esporte, a fim de atingir ideais que respondem, prioritariamente, aos grupos dominantes.

Assim, de um lado, pode-se observar fatores relativos à nacionalidade, sendo possível perceber a ascensão de ideais fundamentalistas e nacionalistas em relação ao reforço identitário e à exotização cultural mediante à globalização, atingindo assim questões simbólicas, políticas e econômicas (Guedes, 2002). De outro lado, percebem-se as consequências na formação e na transformação das identidades brasileiras acometidas diante da utilização do território circunscrito aos debates provenientes do futebol. É relevante compreender o potencial inerente ao futebol, em que é capaz de mesclar diferenças sociais, mas também alargá-las diante de processos de instrumentalização e de impregnação de fundamentos discriminatórios.

Com a criação de ações legais e morais[1] contra a presença de corpos específicos em determinados espaços sociais, verifica-se uma política de segregação que inviabiliza a existência dos *outros* (mulheres, negros, gays, lésbicas, transsexuais, travestis, pobres) em um território. Circunscreve-se, além do controle territorial, o controle biológico, cultural e identitário, compreendendo o entrelace desses três pontos. A mitigação desses *outros* no espaço do futebol está conectada à marginalização desses grupos na sociedade como um todo, impedindo a cidadania dessas coletividades. Essa realidade engendra-se em uma escala de biopoder, que dialoga com o processo de controle dos corpos, atingindo a economia, a política e a vida (Foucault, 1988).

O cenário de exclusão vivenciado no futebol é responsável por ameaçar a existência da presença, da prática e do discurso futebolístico por meio do gênero que se relaciona à raça e à classe. Essa relação íntima entre identidades e corpos, que constitui as ausências e as presenças, no território do futebol é desenvolvida mediante um biopoder de controle

[1]Decreto Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941; Art. 235 do Código Penal Militar.

(Mbembe, 2016), que legitima ações arbitrárias e violentas do Estado sobre os corpos de mulheres, de negros, de homossexuais e de transsexuais. De fato, vocifera-se uma política de representação que objetiva atingir a realidade estrutural de uma sociedade colonialista: branca, hétero e rica.

Dentro do processo de formação e transformação do futebol, há uma busca de adequar o esporte ao modelo civilizatório vigente entre os séculos XIX e XX, em que se visava suprimir as agressividades e as violências físicas presentes na prática desportiva (Chelles, 2023). A gênese do futebol passa pela necessidade de reverter esses impulsos presentes no campo; no entanto, a violência ainda está amplamente presente no espaço do futebol e também responde ao modelo e ideal civilizatório persistente que advém de fatores de marcadores de branquitude e masculinidade. De certo modo, a introdução do esporte ao Brasil também implementa as consequências da resistência do conjunto de violências e a perpetuação de um modelo civilizatório patriarcal e racista.

A experiência do futebol estabelece relações de gênero, sexualidade, raça e classe delimitadas a padrões sociais construídos por meio de uma ordem colonial, compreendendo um regime normativo de crenças que responde ao tempo e ao espaço do processo de colonização (Maldonado-Torres, 2023). Nesse processo estrutural, visualizam-se parâmetros estabelecidos na sociedade compreendidos através da interseccionalidade, ao relacionar as categorias postas que geram questões sociais que devem ser correlacionadas para uma análise eficiente das conjecturas sociais (Collins, 2020). Pode-se observar uma possibilidade de destituição das determinações postas por meio da relação gênero-futebol, diante de uma prática e um discurso decolonial ao esporte, em busca de combater uma lógica dominante simbólica na sociedade (Maldonado-Torres, 2023).

Somado a isso, ao atentar para os efeitos de um modo globalizado e a ação de instituições monopolistas, envolvendo a mídia global e as corporações, é possível visualizar esses agentes como responsáveis pelo controle da reformulação de políticas locais que engendram reações sobre o futebol mundial (Alegi, 2008). É viável apontar que os efeitos disso geram mudanças, sobretudo negativas, como reflexo de um desenvolvimento de uma política delimitada para a exclusão, cerceando experiências e vivências de grupos dissidentes. Em que o contexto de formação e desenvolvimento atinge os pilares e as práticas da sociedade, não obstante, faz-se presente no futebol, perpassando por aspectos identitários e representativos, mas também sobre hierarquias de violências. Logo, a formulação dos

sistemas de opressão compete à produção de uma realidade envolta de branquitude, classicismo e desgenerificação.

Essas tomadas de decisões políticas reverberam em consequência a uma administração sobre quem deveria pertencer ao futebol, logo, mulheres, negros e pobres postos sobre um estigma social e o não pertencimento ao espaço dos desportos. Dessa forma, permitindo a construção de uma memória e representação pulsante na sociedade brasileira, em que as categorias sociais, como gênero, raça e classe, não estão inclusas. No qual as interações influenciam as relações estabelecidas intra e extra campo de futebol, acometendo jogadores, jornalistas, torcedores, mas também toda a estrutura social brasileira, reverberando sobre violências, preconceitos e silenciamentos (Pinto, 2017).

Diante disso, o tema desta pesquisa é a representação do futebol de mulheres em Sergipe, analisada a partir dos jornais sergipanos entre 1983 e 2000, interpretados enquanto espaços de produção discursiva que refletem e reescrevem concepções nacionais sobre a sociedade e, incisivamente, sobre a prática desportiva das mulheres. Essa compreensão entrelaça-se à investigação do Museu do Futebol (SP), enquanto instância de institucionalização da memória do futebol brasileiro, examinando como sua narrativa histórico-expográfica, física e online, assimila, seleciona e reconfigura discursos historicamente consolidados, marcados por uma legislação limitante e discursos estigmatizantes. Assim, a articulação entre as fontes permite compreender como as experiências regionais do futebol de mulheres em Sergipe dialogam com processos nacionais amplos, evidenciando tanto as presenças quanto as ausências dessas trajetórias na história oficial do futebol brasileiro.

A discussão evocada e trabalhada neste trabalho interliga-se com a observação da categoria de gênero nas fontes selecionadas, deste modo, partindo para a compreensão sobre a história da mulher no esporte, enquanto objeto histórico e cultural atravessado por relações de memória e representação. Há um processo cíclico de influências entre o futebol e a sociedade, que exerce uma retroalimentação de estigmas e de preconceitos que pode ser visualizada no Brasil e no mundo. Sob essa análise, apresenta-se a necessidade de compreender especificamente a relação categórica gênero-futebol diante das memórias e das representações construídas e perpetuadas entre os séculos XX e XXI através das narrativas criadas no jornal *Gazeta de Sergipe*, *Jornal de Sergipe* e *Jornal da Cidade* e no Museu do Futebol (SP).

O recorte temporal de análise, compreendido entre 1983 e 2000, justifica-se pelas significativas mudanças e transformações ocorridas no esporte durante esse período, as quais foram cruciais tanto para a estruturação quanto para o desenvolvimento das questões sociais em todo o território brasileiro. Optou-se por abordar esse intervalo cronológico por meio, prioritariamente, dos jornais sergipanos, buscando compreender as representações do futebol de mulheres em Sergipe em diálogo com as transformações sociais e esportivas no cenário nacional. Os jornais escolhidos atendem ao período em destaque, estando digitalizados pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe, fruto do acervo pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Para isso, entende-se que há um processo de causa-efeito, em que as construções narrativas no periódico sergipano são consequências de um conjunto de memórias e representações que permitiram historicamente a violência de gênero, em que o corpo da mulher seria um bem social voltado para a reprodução, evidenciando um projeto social entre o corpo e as marcas sobre a mulher, circundando aspectos de objetificação, sexualização e racismo (Goellner; Kessler, 2018). Essa realidade é aplicável ao campo social do Museu do Futebol (SP), quanto à criação de novas memórias e representações, visto seu desenvolvimento sob estereótipos de gênero, em sua inauguração em 2008, apenas apresentando uma revisão histórica-expográfica em 2024, buscando incluir o futebol de mulheres no espaço museal.

Por meio dessa análise, a relação gênero-futebol estabelece-se diante da construção de conceitos que reverberam na sociedade. Assimila-se o futebol enquanto um esporte que apresenta sentimentos plurais, que permite na relação torcedor-time o envolvimento de extremismos que perpassam do amor ao ódio, da esperança à violência. Para isso, o futebol amplia-se aos futebóis, em que seja possível observar as multiplicidades de práticas e de discursos que podem ser debatidos para além do esvaziamento do futebol (Damo, 2018).

Embora o futebol forme parte da identidade brasileira, as medidas sociais e políticas, que respondem aos estereótipos sociais de inclusão e exclusão, promovem a determinação de uma estrutura brasileira de heranças coloniais, em que se percebem ideais patriarcais, racistas e sexistas (Carneiro, 2005). Em meio a isso, o futebol – criado na Inglaterra – estabelece-se no Brasil no final do século XIX, subscrito a padrões de jogo, mas também de jogadores e telespectadores: homens, brancos e ricos. As heranças sociais estabelecem-se no futebol e

continuam com a passagem dos séculos, em torno de silenciamentos e de exclusões de grupos dissidentes no espaço do futebol, intra e extracampo.

A ordem estabelecida constrói-se em torno de uma distinção anterior à chegada do futebol no Brasil, mediante as estruturas consolidadas da normativa brasileira. No entanto, é viável perceber o futebol enquanto agente formado e formador de discriminações, sob o interesse de compreender as tendências sociais limitantes inerentes ao futebol. Diante disso, a importância da percepção entre a relação gênero-futebol, partindo do cenário em que o gênero está associado à afirmação de identidades, em que não se faz necessária a obediência às normatividades impostas secularmente (Butler, 2018), com isso, verificam-se as imposições e definições de masculinidades e feminilidades no esporte (Halberstam, 1998; Goellner, 2005).

Considera-se que o debate sobre gênero estende-se à conexão de categorias de raça, de classe e de sexualidade. Isso dá-se mediante a compreensão de que a interseccionalidade entre essas categorias, permite diferentes relações entre violência e gênero, a depender da raça, da classe e da sexualidade da mulher, em produto de uma relação de colonialidade de gênero (Lugones, 2008). Tornando, por sua vez, a necessidade de compreender sobre os marcadores de diferença, visto que são produtores de opressão e desigualdades (Fattuma, 2023). Nesse aspecto, analisa-se a gênese da formação conceitual da mulher, que se destrincha em processos de dominação, determinação e segregação, gerando estigmas de gênero e de sexualidade associados aos corpos, à binariedade hierárquica e à feminilidade imposta.

O estudo de gênero e esportes torna-se um debate assíduo, compreendendo novas perspectivas com a passagem dos anos, como o envolvimento de questões, partindo da proibição da prática de esportes no século XX e culminando na proibição do exercício desportivo profissional de pessoas transsexuais, atingindo principalmente mulheres transsexuais. Diante disso, a prospecção sobre gênero-futebol apresenta-se através de um eixo de possibilidades discursivas, perpassando pela investigação da gênese do futebol de mulheres até desdobramentos atuais, que refletem sobre conquistas, exclusões e desigualdades.

Sobre isso, é possível verificar estudos como o de Aira Bonfim (2019) que averigua o início da prática do futebol por mulheres no Brasil, alegando sua gênese pelo circo por volta dos anos de 1930; no entanto, existem pesquisas que questionam esse marco inicial, anterior ao período citado e exterior ao ambiente circense. Como Goellner (2005), que aponta a prática futebolística por mulheres no início do século XX, porém, de fato, de forma amadora, atingindo movimento significativo apenas após 1970. Para além dos estudos de marcos

iniciais, Mariani Pisani (2018) investiga a influência dos marcadores sociais de diferença sobre a prática do futebol por mulheres, abrangendo a relação com campos físicos e simbólicos, já em Pisani e Pinto (2021), adentra-se sobre as estruturas machistas e LGBTfóbicas que atingem mulheres cis e homens trans no futebol.

Essas investigações fazem-se vitais para a percepção dos avanços e das mudanças dentro do debate sobre gênero-futebol, englobando, para além do esvaziamento identitário entre homem-mulher (cis). Isso, visto a extensão do gênero como categoria que engloba sexualidades, mas que deve ser discutida mediante a interseccionalidade entre raça e classe. A composição dessa conjuntura se dá diante do estudo que perpassa pela memória social, que responde ao *cistema*, que impõe a cisgeneridade, a heterossexualidade e o patriarcado aos corpos sociais (Fattuma, 2023).

A par disso, entende-se que há uma lacuna no estudo da relação gênero-futebol; ao analisar o eixo sergipano, pode-se perceber ausências representativas sobre futebol de mulheres em Sergipe. Em que se faz visível um espaço de silenciamentos e de invisibilidades, ao passo que há sexualização e objetificação das mulheres nas colunas esportivas sergipanas. Desse modo, a utilização dos três periódicos, entre 1983 e 2000, refere-se à relevância e à correspondência ao período analisado. Por sua vez, faz-se necessário apontar que a escolha do período se refere ao momento de regulamentação do futebol de mulheres até as Olimpíadas de Sidney.

Esse segmento tem uma relação consequente, em que é viável perceber as estruturas narrativas e representativas do século XX sobre o futebol de mulheres, que persiste na construção histórico-expográfica do Museu do Futebol (SP), inaugurado em 2008, apresentando uma transformação na exposição museográfica apenas em 2024, com a reinauguração do museu após uma reforma, com título em divulgações digitais de “Novo Museu do Futebol”. Logo, ao entender o papel de destaque dos museus na sociedade, atribuindo perspectivas de transformação e coautoria de novas narrativas histórico-sociais (Vergès, 2023), constrói-se a relevância de questionar as perpetuações existentes pré e pós-reforma, isso alarga sobre as mudanças e potências significativas com a inclusão da relação gênero-futebol interna ao museu.

A relação adotada entre jornal e museu compreende um espaço de construção e de perpetuação das memórias e da representação. Ao verificar a relação gênero-futebol, percebe-se um espaço de disputa de discursos políticos e de limitação, de acordo com Vergès

(2023), há um poder de dominação nos museus, que controla os corpos e naturaliza a força do Estado sobre a sociedade; com isso, transforma-se a matéria do acervo em símbolo da civilidade. Nesse contexto, a relação jornal-museu se entende no aspecto da construção e da materialização de uma estrutura social de memória, em que o jornal nos auxilia a assimilar o percurso do pensamento e da imagética da sociedade do século XX, enquanto o museu resulta no entendimento das consequências representativas para o tempo presente.

A análise dos jornais – *Gazeta de Sergipe*, *Jornal de Sergipe* e *Jornal da Cidade* – e das exposições do Museu do Futebol (físicas e virtuais) perpassa pela verificação do recorte temporal, está dentro da constituição de análise do passado com a perspectiva do século XXI, em vista da configuração do museu como vetor de representação. Parte-se da percepção sobre a intervenção desses fragmentos da sociedade enquanto atores sobre a cultura e a identidade, como símbolos de formação de narrativas de silenciamentos, invisibilidades e discriminações.

Observa-se nos jornais sergipanos, que repercutem socialmente sobre o imaginário social e as concepções sobre a realidade local, nacional e mundial, que respondem com inconsistências narrativas sobre a percepção da mulher no esporte, permitindo visualizações sobre sexualização e objetificação de seus corpos. De outro, entende-se um ambiente de memórias, em que se apresenta, inicialmente, a história do futebol, circunscrita aos homens, no entanto, integrando com a passagem do tempo a mulher dentro do seu cenário. A simbiose entre esses dois diferentes momentos repercute sobre a representação, a identidade e a cultura do futebol de mulheres em Sergipe e no Brasil.

Assim, nesta pesquisa, objetiva-se analisar os jornais sergipanos, no recorte cronológico de 1983 e 2000, frente às exposições do Museu do Futebol, a fim de compreender o entrelace entre a memória e a representação histórica na relação gênero-futebol entre marginalizações e territórios. A articulação entre essas fontes permite compreender como as experiências regionais do futebol de mulheres em Sergipe se constroem em diálogo com processos históricos e discursivos de alcance nacional. Busca-se entender a configuração dessa relação gênero-futebol na intersecção com raça e classe, sabendo da impossibilidade de analisar esse processo sem perpassar pelos marcadores de diferenças (Pisani, 2018). Para isso, deve-se verificar sobre as versões do gênero nos jornais sergipanos, adentrando sobre a incidência de apresentação sobre mulheres, esporte e futebol no periódico.

Ademais, com o intuito de entender as consequências representativas do imaginário social do século XX no tempo presente, verifica-se a concepção histórico-expográfica das exposições físicas e virtuais do Museu do Futebol, com a finalidade de verificar a

representação museográfica estabelecida. Assim, pode-se referendar o diálogo entre o passado e o presente, em que se faz possível realizar comparações e implicações das representações de gênero no futebol, finalizando com a proposição de um museu digital que inclua a relação gênero-futebol e as interseccionalidades possíveis.

Para atingir os objetivos destacados, realiza-se uma metodologia qualitativa, em que, primeiramente, analisam-se os três jornais entre os anos de 1983 e 2000, verificando, quantificando e qualificando as aparições no jornal sobre a relação gênero-futebol, mas também permite-se a extensão para gênero-esporte (observando aparições que abarquem outros esportes, como futsal, vôlei, basquete e handebol). Essa opção metodológica dá-se diante da necessidade de verificar a existência de distinções e de similaridades na representação do futebol e de demais esportes ditos da modalidade feminina. Com isso, há a catalogação qualitativa e quantitativa sobre o tipo de narrativa e de representação criada sobre as mulheres no século XX no periódico, permitindo identificar as consequências representativas criadas pelos jornais. Em completude, analisa-se a estrutura comunicativa, por meio da composição de imagens, de redações e da diagramação apresentados, principalmente, na coluna esportiva do jornal, buscando verificar a presença de recursos apelativos de sexualização e objetificação.

Sobre a análise das exposições, estrutura-se a análise do conteúdo e do discurso empreendido nos eixos físico e digital do museu, a fim de versar sobre a examinação dos materiais existentes e dos conteúdos exibidos (textos, objetos, imagens e vídeos). Com base nisso, visa-se perceber o tipo de vertente que é adotada sobre o futebol nas exposições do museu, abarcando as narrativas e as práticas realizadas.

A presente pesquisa propõe-se inicialmente a investigar, por meio dos jornais sergipanos, quais representações são veiculadas nesses periódicos e como essas narrativas contribuem para a formação de memórias e identidades. Busca-se compreender de que maneira os discursos presentes na imprensa local constroem e difundem significados que dialogam com as dinâmicas sociais, culturais, de gênero e de sexualidade, moldando a percepção histórica do futebol de mulheres em Sergipe e no Brasil.

Assim, perpassa-se pela visualização de debate sobre o futebol de mulheres em Sergipe, depreendendo sobre a cultura do futebol no estado, diante de suas limitações e potencialidades para além do território regional. Cabe-se afirmar que o futebol em Sergipe é amplamente ofuscado pelo do eixo Rio-São Paulo, tanto quanto o regional, isso que se

manifesta até na cobertura jornalística sergipana, apesar de pesquisas como a de Medrado (2020) serem capazes de apresentar a relevância cultural desportiva para o estado. Porém, é preciso identificar o lastro existente na pesquisa Sergipe sobre a representação das mulheres no ambiente do futebol, perpassando sobre o aspecto da memória, identidade e cultura.

Configura-se a expressão de uma realidade de exclusões e de discriminações que são determinantes para a vida de mulheres na prática do futebol. Nessa perspectiva, o debate sobre essa esfera social, alcançando as possíveis modificações, permite entender uma relevância social significativa, pois permite a contribuição de ações que possam modificar as representações posteriores sobre a prática futebolística por mulheres, mas também por uma gama de torcedores, jornalistas e participantes do meio. É importante construir novas possibilidades de narrativas para o encaminhamento de modos de visualizar a realidade, de forma inclusiva. Assim, entendem-se os três capítulos que compõem este estudo: 1. Entre o futebol e os futebóis: gênero e identidade no futebol em Sergipe; 2. O futebol de mulheres: entre a memória e a imprensa sergipana; 3. Entre os futebóis do Museu do Futebol.

O primeiro capítulo é denominado “Entre o futebol e os futebóis: gênero e identidade no futebol em Sergipe” e é responsável por elucidar sobre a relação gênero-futebol, apresentando a correlação entre a memória e a representação sobre o espaço da identidade e da cultura local e nacional. Para isso, percorre-se sobre a verificação de uma estrutura que utiliza os marcadores de diferença como agentes de segregação e de discriminação na sociedade sergipana e brasileira. Desse modo, apresentando como agentes de divulgação e de conhecimento são capazes de perpetuar ou de romper com estigmas sociais de marginalização.

O segundo capítulo recebe o título de “O futebol de mulheres: entre a memória e a imprensa sergipana” e apresenta o processo de análise e de compreensão sobre o futebol de mulheres apresentado nos jornais sergipanos. Deste modo, verificam-se as estratégias narrativas nos jornais – apontando sobre mulheres, esporte e futebol –, e a exposição sobre história do futebol de mulheres exposta através dos jornais sergipanos, presente diante de ocultações e silenciamentos narrativos. Permitindo, assim, as inflexões sobre tempo passado e tempo presente, compartilhando sobre as consequências históricas sobre o imaginário social da prática de futebol no país.

O terceiro capítulo tem o nome de “Entre memória e representação: os futebóis do Museu do Futebol” e busca aprofundar a análise dos desenvolvimentos históricos e

contemporâneos das representações de gênero no futebol através das exposições virtuais. O objetivo é traçar um paralelo entre o passado e o presente, demonstrando como as representações de gênero evoluíram e quais foram suas implicações na cultura futebolística, traçando o paralelo entre a relação futebol sergipano e demais futebóis brasileiros. Analisamos as estratégias de resistência e adaptação das representações de gênero, abordando também alternativas decoloniais que desafiam as narrativas hegemônicas e promovem uma visão mais inclusiva e diversificada do futebol brasileiro.

Portanto, ao observar a relação passado-presente, o futebol de/por mulheres ainda é discutido, silenciado e violentado diariamente através das redes sociais, de coletivas de imprensa ou em conversas corriqueiras. O passado do futebol brasileiro mediante às relações com mulheres é manifestado em desafios de compreensão, porém, que marcam a história do esporte e das mulheres, diante de movimentos sociais que buscam a transformação de narrativas preconceituosas em ascensão das mulheres aos espaços sociais.

ENTRE O FUTEBOL E OS FUTEBÓIS: GÊNERO E IDENTIDADE NO FUTEBOL EM SERGIPE

A relação entre o futebol e o Brasil está profundamente ligada à identidade, memória e cultura dos brasileiros. Com isso, no futebol manifestam-se uma série de problemáticas que refletem questões já evidentes no cenário social, em que os debates sobre gênero, sexualidade, raça e classe, historicamente entrelaçados à realidade social brasileira, atravessam o futebol, que se configura não apenas como um esporte, mas também como um espaço de socialização e de expressão de sentimentos coletivos. Assim, o futebol, enquanto um símbolo nacional, é capaz de revelar, de forma única, as desigualdades sociais presentes em todos os níveis da sociedade.

No entanto, essas desigualdades têm sido historicamente ocultadas e silenciadas por um conjunto de normativas que também permeiam a sociedade brasileira. A discussão sobre gênero no futebol, em particular, opera em múltiplas escalas, construídas por fatores patriarcais, regionais e sexistas, que precisam ser analisados no entendimento de como o futebol se molda e persiste enquanto prática social. O futebol admite uma multiplicidade de perspectivas, ou "futebóis", permitindo uma análise das diferenças sociais e dos marcadores de diferença como aspectos estruturantes do esporte.

Em Sergipe, o futebol apresenta nuances específicas que dialogam com fatores de representação, níveis de popularidade e a aceitação social do esporte, em que as relações entre mulheres, esporte e futebol, bem como a inserção feminina nos territórios do futebol, refletem os desafios regionais. Nesse contexto, é essencial considerar as diferenças entre o futebol no Nordeste e no Sudeste, bem como as dinâmicas históricas de marginalização do esporte em regiões menos favorecidas. Torna-se fundamental compreender as heranças da colonização na formação de uma estrutura social que perpetua o futebol como um espaço de exclusões e, por fim, é necessário analisar os marcadores de diferença, reconhecendo sua importância na construção de um debate mais inclusivo e crítico sobre os "futebóis" no Brasil.

Dentro disso, para essa pesquisa adota-se uma abordagem qualitativa que articula duas fontes principais: os jornais sergipanos e o Museu do Futebol (SP). Nesse processo, ambas as fontes são compreendidas como territórios de produção, circulação e divulgação de discursos sobre o futebol de mulheres no Brasil, por sua vez, são analisadas a partir da categoria de gênero. O procedimento metodológico fundamenta-se no entrelaçamento entre as escalas

regionais e nacional, em que se busca compreender como as narrativas locais dialogam com os processos históricos nacionais.

Diante disso, inicia-se com a análise dos jornais – com o recorte temporal principal entre 1983 e 2000 –, considerando esses periódicos como documentos históricos e dispositivos comunicacionais que registram, reproduzem e reelaboram concepções sociais sobre o esporte, o futebol e as mulheres. Assim sendo, a incorporação de fontes jornalísticas anteriores ao período principal é justificada pela necessidade de identificar permanências e transformações discursivas, uma vez que as normativas sociais limitaram historicamente a participação das mulheres no esporte. Dessa forma, os jornais permitem observar como os discursos nacionais sobre gênero-futebol são apropriados, tensionados e reconfigurados no cenário sergipano e nacional.

Em sequência, o Museu do Futebol (SP) é analisado enquanto instância de memória e de representação no futebol brasileiro, sendo responsável por selecionar, organizar e evidenciar narrativas sobre o passado do esporte no Brasil. Em discrepância à imprensa, o museu age na consolidação de memórias através de narrativas histórico-expográficas – físicas e digitais – que evidenciam tanto o reconhecimento quanto o silenciamento do futebol de mulheres. A análise desse espaço permite examinar de que forma os discursos historicamente consolidados são assimilados ou reconfigurados na formação de uma memória oficial.

Com isso, o entrelace entre essas duas fontes principais constitui o eixo metodológico central da pesquisa, em que os jornais e o museu são analisados de forma relacional, a partir das observações de discursos recorrentes e normativas nacionais que atravessam os dois territórios de memória. Esse processo, por sua vez, permite uma articulação que possibilita compreender como as experiências regionais do futebol de mulheres em Sergipe dialogam com os processos nacionais mais amplos, revelando discriminação, preconceito e desligitimação, ao passo que evidencia processos de luta e de conquistas.

1.1. Entre o Nordeste e o Sudeste: os paralelos e a marginalização do futebol

Entre os territórios de paixão do futebol, surgem diversas teorias sobre sua origem e expansão no Brasil. A sua chegada ao território nacional deu-se por meio de diferentes personagens, alguns amplamente reconhecidos, como Charles Miller – cujo nome batiza a praça onde está localizado o Museu do Futebol em São Paulo – e Oscar Cox. Outros, porém, permanecem menos conhecidos, como Zuza Ferreira, na Bahia, e José Silveira, no Ceará

(Pinheiro *et al*, 2011). Evidencia-se uma discrepância no reconhecimento dos personagens que corroboraram para a fixação do esporte no Brasil, que se deve, em grande parte, à marginalização histórica e estrutural que diferencia o Nordeste do Sudeste em diversos aspectos, incluindo o universo do futebol.

As diferenças existentes, por sua vez, refletem um paradigma que permeia também as relações entre o Norte e o Sul Global. As distinções sociais, políticas e econômicas moldam as culturas dos países e influenciam diretamente as relações internacionais brasileiras. Conforme argumentam Santos e Meneses (2009), o Sul Global é compreendido como um sujeito submetido a imposições coloniais, cujas consequências se manifestam em diversas escalas de relação, impactando desde as dinâmicas locais até os processos globais. Nisto, eles abordam que

> O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção de Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte) (Santos; Meneses, 2009, p. 12-13).

A chegada do futebol ao Brasil está diante de um contexto de desenvolvimento do futebol brasileiro sob uma sociedade em processo de reorganização política e social, visto a abolição da escravidão (1888) e a recém-proclamada República (1889) (Máximo, 1999). Com isso, em 1895, Charles Miller, paulistano e filho de ingleses, traz para o Brasil o *football*, os *goals* e as *matches.* As regras e os comandos, ainda no idioma original, inauguram a prática esportiva no Brasil, com as determinações pré-existentes na Inglaterra - que se estruturou de um jogo proibido e violento para um esporte popular (Mazzoni, 2024). Já em 1897, após concluir seus estudos na Suíça, Oscar Cox foi responsável por incentivar o futebol no Rio de Janeiro. Segundo Pereira (1998), embora o esporte já fosse conhecido e praticado por ingleses no Brasil, Cox desempenhou um papel fundamental ao incentivar a prática do futebol na então capital do país.

Em 1903, devido aos esforços de Zuza Ferreira, Arthur Moraes, Alvaro e Juvenal Tarquínio, o futebol foi introduzido na Bahia, com a formação de duas equipes - compostas por jogadores nacionais e estrangeiros. Dessa forma, assim como no Sudeste, o futebol na Bahia se desenvolveu com o aumento dos números das *matches*, a criação de campeonatos e

de sociedades de futebol[2]. No entanto, a organização sociopolítica do Brasil, nos séculos XIX e XX, gerou consequências importantes para o desenvolvimento da história do futebol, especialmente ao ocultar a participação de diversas figuras no processo de expansão do esporte pelo país - principalmente na exclusão da relevância de figuras fora do futebol sudestino[3].

O processo de estruturação do futebol no Brasil perpassa pelo estágio de eventos festivos e de divertimentos das elites brasileiras, sendo possível de visualizar através dos eventos de São Paulo e da Bahia. Por meio de Miller, iniciava-se a popularização do *football* entre ingleses que residiam no Brasil e altos funcionários de empresas, como do Banco de Londres e da São Paulo Railway (Caldas, 1994). Na essência da prática no país, a realidade brasileira sustentou a presença da elite e uma composição do futebol por homens brancos. Alguns indicativos sustentavam o lugar do futebol para classe, raça, sexualidade e gênero específicos, como a ausência de tradução dos termos do esporte, assim como os altos custos para a prática e a disputa de partidas (Rodrigues Filho, 2010). Porém, de acordo com Witter (2003), reformulações às regras foram necessárias no futebol para alcançar adeptos, com isso, entre 1914 e 1915, a integração de pessoas de baixa renda e negros nos times passou a existir. Essas mudanças também são em virtude das ausências inglesas no Brasil, devido à guerra e às convocações ao exército britânico (Rodrigues Filho, 2010), sendo também a guerra motivo da popularização da prática do futebol por mulheres.

Ainda em 1903, na Bahia, o *football* começou a ser promovido por empresas em partidas amistosas, contribuindo para a popularização do esporte no estado[4]. A relação entre economia e esporte, especialmente em eventos comemorativos organizados por empresas, teve um papel significativo na difusão do futebol, o Sport-Club Victoria, apresentado na Figura 1, exemplifica essa conexão, destacando-se como uma manifestação do processo de popularização do futebol na Bahia e no Nordeste.

[2] ETC, Secção Esportiva, 9 de julho de 1930, p. 37, Bahia.
[3] Exemplo disso, visualiza-se na exposição virtual do Museu do Futebol, "O Jogo e o Povo - as origens do futebol no Brasil" (2013) - baseada na "Sala das Origens" da exposição de Longa Duração do Museu do Futebol - apenas aborda Charles Miller e Oscar Cox como introdutores do futebol no Brasil.
[4] Correio do Brasil, 11 de setembro de 1903, Bahia.

Figura 1 - Sport-Club Victoria.



SPORT-CLUB VICTORIA

Esta nova sociedade commemora no dia 13 do corrente o 5 anniversario de sua fundação, motivo pelo qual, após uma sessão magna, ás 10 horas desse dia, na séde da mesma sociedade, será empossada soletmnemente a nova directoria.

A' tarde realizarão uma esplendida partida de "football", á Quinta da Barra muito disputada, terminando esta festa com um "five-of-clock", offerecido ás exmas. senhoras e pessoas gradas, no proprio campo.

Abrilhantará esta correcta festa dos moços um banda de musica policial, gentilmente cedida.

Agradecemos á commissão de festejos a communicação.

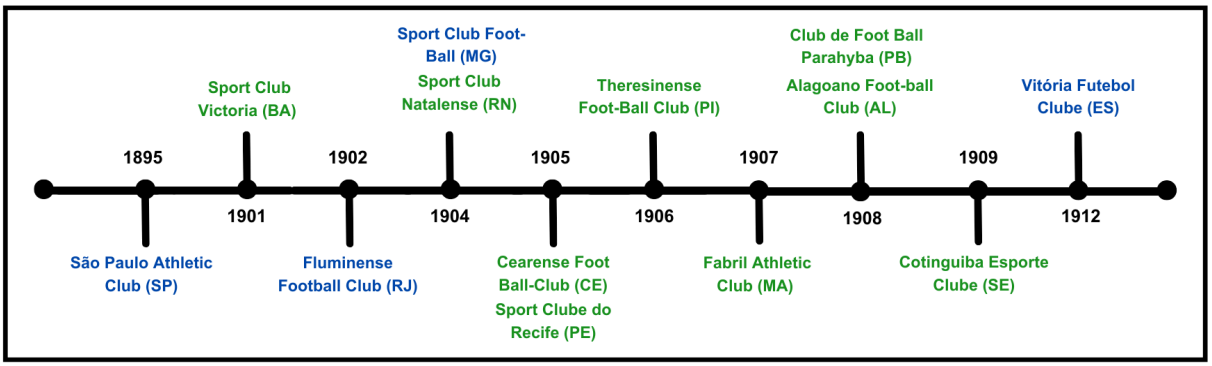
Fonte: Correio do Brasil (BA), 11 de maio de 1904.

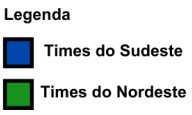
A formação de times pelas cidades do Nordeste, como Maceió (AL) e Recife (PE), tornava-se rotina. No Gutenberg, jornal maceioense, do dia 2 de abril de 1909, destacava-se "o *foot-ball* caminha entre nós. Caminha a passos ligeiros, como um sport utilíssimo que satisfaz ao bom gosto e às necessidades de gynastica, em todos os centros cultos". Evidencia-se a efusividade do futebol, assim como as delimitações classistas do esporte na sua gênese de desenvolvimento. Já em Sergipe, a prática do futebol iniciou-se através de um evento comemorativo promovido por militares, com a realização de um *match* entre clubes de oficiais inferiores[5].

Em 1901, o futebol em São Paulo já demonstrava um processo de maturação, impulsionado principalmente pela criação da Liga Paulista de Football (Mazzoni, 2024). Observando o cenário do Sudeste, com foco em São Paulo e Rio de Janeiro, é possível perceber um elevado grau de desenvolvimento e organização. No Nordeste, o processo de organização também avançava, com destaque para Recife, onde o Sport Club Recife realizou sua primeira partida em 1905, com jogadores pertencentes à elite brasileira, muitos deles descendentes de ingleses[6]. Nesse mesmo ano, houve ainda a organização do Campeonato e da Liga da Bahia. Em contraste, a Liga Desportiva Sergipana só foi fundada em 28 de maio de 1918, contando com clubes como Cotinguiba, Sergipe e Industrial[7].

[5] Correio de Aracaju (SE), 7 de setembro de 1907.
[6] Jornal do Recife (PE), 22 de Junho de 1905, Recife.
[7] Revista Vida Sportiva (RJ), 1918, Edição 0034.

Figura 2 - Linha do tempo do surgimento dos primeiros times de cada estado do Nordeste e do Sudeste.





Fonte: Elaboração própria[8].

Na Figura 2, observa-se a linha do tempo quanto ao surgimento dos primeiros times de futebol em cada estado das regiões Nordeste e Sudeste. Nota-se que não há uma diferença significativa no período de formação dessas equipes, mas destaca-se que esse futebol e as equipes emergentes eram praticados exclusivamente por homens. Além disso, à medida que novos times surgiam, a popularização do esporte se intensificava, permitindo diferentes formas de estruturação das equipes, tanto no que diz respeito ao investimento quanto ao desenvolvimento organizacional. Com isso, as diferenciações entre as equipes nas distintas regiões ocorrem - principalmente - devido à questão econômica, que envolvia delimitações e expressividades no fazer do futebol.

No século XIX, o esporte já se associava a imagens de desafio, superação, higiene e saúde (Melo, 2010). Em paralelo, as imposições sociais e econômicas sobre o Nordeste contribuíram para a formação de uma estrutura de aversão e desprestígio, que passou a integrar a relação entre esporte, marginalização e Nordeste. O avanço da industrialização e a crescente urbanização ao final do século XIX consolidaram um conjunto distinto de imposições e determinações socioeconômicas, reforçando tendências de dominação e desigualdade entre as regiões do Brasil.

[8] (CRUZ, 2012); (GAVAZZI, 2018); (ROCHA JÚNIOR; REIS, 2011); (WANDERLEY, 2017); (LIMA, 2011); (Correio de Aracaju, 20 out. 1909); (Gutenberg, 29 dez. 1908, Alagoas); (Jornal do Recife, 22 jun. 1905); (Jornal do Ceará, 17 dez. 1905); (Pacotilha, 8 jul. 1907, Maranhão).

Ao observar a construção (ou a invenção) do Nordeste, torna-se possível perceber o entrelace e a sobreposição de estruturas normativas, isto é, em conformidade com Albuquerque Júnior (2013), o Nordeste é inventado como espaço regional, emergindo a característica da seca e da crise da lavoura. Entende-se a potência da utilização dessa ideia sobre o imaginário da sociedade, no desenvolvimento de narrativas e de imagens sociais. Assim, manifesta-se uma diferenciação acentuada entre a vida material e social entre o Norte e o Sul do Brasil (Albuquerque Júnior, 2011), desencadeando influências na construção de discursos sobre um Nordeste - que não necessariamente real - perpetuado através do tempo e dos veículos de comunicação.

Como resultado, há uma estrutura de dominação calcada na noção de território e territorialidade delegada na formação do imaginário social. Isto é, de um lado, compreende-se o território enquanto constructo histórico, projetado pelos feixes social, econômico, cultural e geográfico, ou seja, delimitado pelas relações de poder (Albagli, 2004), de outro, percebe-se a territorialidade diante das relações sociais e do conjunto de práticas manifestadas no espaço (Albagli, 2004). Diante desse processo, o imaginário social é formado diante da influência da interação entre território e territorialidade, em que se interliga às representações sociais que culminam no domínio e na execução do poder (Baczko, 1985). A ideia sobre o Nordeste é, assim, caracterizada por simbolismos de inferioridade circunscrita a construções históricas de domínio social, econômico e político. Isto posto, a inerente intencionalidade na construção desse tipo social em que se impregna o material e a imaterialidade.

Conforme discute Lefebvre (2000), a interação entre ser humano e espaço resulta e molda as ações humanas e as formas como o espaço é pensado e organizado, o autor afirma que

> A racionalidade do espaço não resulta de uma qualidade ou propriedade da ação humana em geral, do trabalho humano como tal, do "homem" ou da organização social. Ao contrário: ela é a origem e a fonte (não distante, mas imediata ou sobretudo inerente) da racionalidade ativa, origem escondida e contudo implicada pelo inevitável empirismo dos que se servem de suas mãos ou de seus instrumentos, que compõem ou combinam seus gestos empregando suas energias (Lefebvre, 2000, p. 110).

Na relação de poder no ato da *invenção* do Nordeste, que sobrepõe a articulação do ser humano para com o espaço, sobrepondo símbolos e características específicas, capazes de confeccionar um sistema caricato. Consequentemente, produz-se um efeito sobre todos os campos da sociedade, incluindo o cenário esportivo e suas deliberações. Com base em

Bourdieu (1989), a sociedade está estruturada em sistemas simbólicos, que executam poder na continuidade do corpo social; logo, o território também é influenciado e moldado por essa conjuntura. Assim, Bourdieu (2007) argumenta que

> De fato, basta abolir a barreira mágica que transforma a cultura legítima em um universo separado para perceber relações inteligíveis entre "escolhas", aparentemente, incomensuráveis - tais como as preferências em matéria de música ou cardápio, de esporte ou política, de literatura ou penteado. Esta reintegração bárbara dos consumos estéticos no universo dos consumos habituais (aliás, é contra estes que os primeiros não cessam de se definir) tem, entre outras, a virtude de lembrar que o consumo de bens pressupõe - sem dúvida, sempre e em graus diferentes segundo os bens e os consumidores - um trabalho de apropriação (Bourdieu, 2007, p. 95).

A criação de clubes de futebol para homens no Sudeste e no Nordeste não apresenta uma diferença temporal significativa em seu início, como exposto na Figura 2. No entanto, o fator determinante para a distinção entre essas regiões ao longo do tempo está, justamente, no financiamento econômico, que se desenvolve de maneira desigual. Apesar das dificuldades, até os anos de 1980, consegue-se observar certa competitividade entre os times do Nordeste e do Sudeste, como exemplo do Sport Club Recife (campeão do Brasileirão - Série A em 1987), do Esporte Clube Bahia (campeão do Brasileirão - Série A em 1959 e 1988) e do Clube Náutico Capibaribe (vice-campeão da Taça Brasil em 1967).

Entretanto, a disparidade entre Nordeste e Sudeste está diretamente ligada à articulação que culmina na criação do Clube dos 13 (C13)[9], em 1987, sob um contexto de crise no futebol brasileiro, mediante as questões políticas e a instrumentalização do esporte durante a ditadura militar, que envolveu a criação de estádios no Nordeste, Norte e Centro-Oeste do país, assim como uma resposta ao modelo enrijecido da CBF (Giglio e Santos, 2021). A adoção do C13 significa a inclusão de um sistema empresarial ao futebol, permitindo patrocínios e investimentos aos clubes participantes, modelo esse não adotado, até então, pela CBF. Portanto, ao verificar que - dos treze times componentes do C13 - apenas 1 está localizado no Nordeste, permite depreender sobre a política econômica que começa a desenvolver um lastro entre os futebóis das regiões.

A escolha e o direcionamento de interesse em torno de clubes específicos no C13 - majoritariamente do Sudeste - no contexto do futebol brasileiro são reflexo da lógica de exclusão sistemática, inserida em uma dinâmica de preconceitos e superioridade sobre o

[9] Inicialmente, o Clube dos 13 era composto por Bahia (BA), Atlético Mineiro (MG), Botafogo (RJ), Corinthians (SP), Cruzeiro (MG), Flamengo (RJ), Fluminense (RJ), Palmeiras (SP), Santos (SP), São Paulo (SP), Vasco da Gama (RJ), Grêmio (RS), Internacional (RS).

Nordeste do Brasil. Ao discutir sobre as implicações da criação do C13 ao futebol nacional, Silva Júnior, Salazar e Feitosa (2014) argumentam que a participação nesse grupo seleto assegurou acesso a recursos financeiros exclusivos, os quais promoveram vantagens competitivas (na formação de times com jogadores mais experientes, melhorias estruturais) que reforçaram as desigualdades entre os times. Nesse caso, a economia e a cultura entrelaçam-se em um processo de determinação de diferenças que atinge, substancialmente, o desenvolvimento de demais alicerces sociais.

A economia, que possibilita tanto avanços quanto retrocessos no futebol, é moldada por uma estrutura de dominação cultural. Os sujeitos sociais permanecem vinculados a modelos conservadores persistentes, impostos por uma elite intelectual de dominação (Gramsci, 1999, p. 125). Conforme Butler (2015), a estrutura econômica, quando inserida em um contexto de vulnerabilidade, amplifica a precariedade e legitima a violência do Estado, este funcionando como um símbolo da perpetuação dos mesmos modelos conservadores, que Gramsci (1999) identifica como fundamentais para a manutenção da hegemonia cultural. Com isso, o cenário do futebol brasileiro é moldado e perpetuado diante dessas estruturas, correspondendo à criação de contextos de marginalização no esporte.

Sob essa tendência, através do desenvolvimento do futebol nacional e internacional, figura-se a institucionalização no futebol; assim passam a surgir campeonatos, copas e eventos regulamentados, mediados por confederações locais, regionais, nacionais e internacionais. A criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi calcada em disputas políticas entre as ligas desportivas estaduais, porém, registrando consequências importantes para as práticas desportivas no país, como participação no I Campeonato Sul-Americano organizado pela Associação Argentina de Futebol (Sarmento, 2006). Após um longo período de processos de ascensão e de transformação dos esportes a partir da CBD, atravessado por períodos históricos nacional e internacionalmente, a necessidade de uma associação delimitada ao futebol foi necessária; com isso, há o surgimento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 23 de novembro de 1979, que sucedia a CBD e promove marcos para o desenvolvimento do futebol praticado por homens e mulheres (Sarmento, 2006).

1.1.1 Um breve contexto sobre a gênese e o desenvolvimento do futebol de mulheres: entre o Nordeste e o Sudeste

A introdução do futebol de mulheres no Brasil lida com uma série de questões sociais, políticas e culturais que são debatidas por pesquisadoras influentes nos estudos sobre o futebol. Diferentemente da imensidão de diálogos possíveis entre futebol de homens e a história mediado por meio das fontes, o estudo histórico do futebol de mulheres é acometido pelo desafio circunscrito à carência de fontes, dados e informações que, por sua vez, é transpassado pela invisibilização da mulher enquanto sujeito social (Nunes, 2022). Em consequência disso, Bonfim (2019) destaca o ínfimo conhecimento sobre a iniciação e os acontecimentos históricos relacionados à presença da mulher no futebol.

Desenvolver um retrospecto sobre o futebol de mulheres entre o Nordeste e o Sudeste torna-se uma tarefa de fragmentos, em que os vazios históricos são capazes de proferir o longo processo de silenciamento às mulheres e à sua história. Essa dificuldade de construir uma história linear é resultado de uma memória silenciada e de ações mitigadas pela força de um sistema de opressão. Por este ângulo, Pisani (2012, p. 27-28) aponta a visão estrutural que se ergue para o futebol, em que "mulher no futebol é mercadoria que ninguém compra e, por ser mercadoria que não se compra, é peça que não movimenta dinheiro no sistema futebolístico, logo pouco visibilizada e valorizada".

A similaridade entre o futebol de mulheres praticado no Nordeste e no Sudeste compactua com um sistema de subalternidade, de não profissionalização e de proibição. No entanto, distingue-se por meio do contexto de imposições culturais, políticas e econômicas sobrepostas à imagem criada sobre o Nordeste. Figura-se, assim, um movimento de retalhos e de aglutinar os momentos, as histórias e as coberturas jornalísticas para compreender o processo de desenvolvimento da história do futebol de mulheres nesses antros sociais.

Para Bonfim (2019, p. 11), o futebol de mulheres está diretamente ligado às "festas sportivas, circos e campos suburbanos cariocas". No jornal *A Rua* (RJ), é possível identificar essa relação entre festividades e o futebol de mulheres, no final da década de 1910, como percebido pela divulgação de um *match* de futebol feminino no Festival do Jardim Zoológico. As matérias nesse periódico destacam tanto a composição dos times quanto a expectativa em torno da partida. Desse modo, ao mencionar os nomes das jogadoras que integrariam as

equipes, o jornal atribui identidade e visibilidade às participantes, ressaltando a importância desse movimento, ainda que inserido em um contexto amador e festivo[10].

Figura 3 - Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador.



Festival no Jardim Zoologico

—(o)—

'Match" feminino de football

Realiza-se na tarde de amanhã, no Jardim Zoologico o grandioso festival, em beneficio do Santuario do Immaculado Coração de Maria, no Meyer.

O programma de festejos está caprichosamente organizado, sendo um dos seus numeros mais interessantes um "match" de "football" feminino, que promette ser sensacional.

A's 14 horas realiazr-se-á a primeira "matinée" theatral-infantil, sob a direcção do actor Antonio Garcia da Silva; a 2ª sessão theatral será ás 17 1|2 horas.

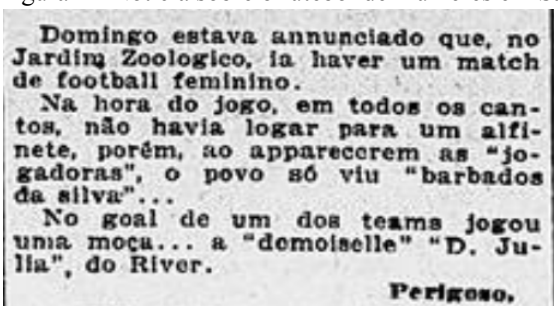
No parque do Jardim haverá jogos e manobras dos Escoteiros e outras diversões tocando durante as festas duas bandas militares.

Fonte: A Rua (RJ), 6 de dezembro de 1919 - Acervo da Biblioteca Nacional

Sobre o mesmo evento, o jornal *O Paiz* (RJ) apresenta também o futebol feminino, mas destacando a presença das "graciosas senhoritas"[11], em que se percebe um movimento em torno da objetificação das mulheres. Apesar disso, o jornal *O Imparcial* (RJ) aponta uma quebra de expectativa em relação à partida, já que, no momento do jogo, apenas uma mulher, D. Julia, apareceu como jogadora, atuando como goleira, enquanto os demais integrantes das equipes, anunciados como "jogadoras", eram na verdade homens[12]. Evidencia-se um contexto ambíguo, marcado tanto pela efervescência de um movimento que busca promover a participação das mulheres no esporte quanto pela ridicularização do espaço que essas mulheres podem ocupar na sociedade.

[10] A Rua (RJ), 4 de dezembro de 1919.
[11] O Paiz (RJ), 5 de dezembro de 1919.
[12] O Imparcial (RJ), 10 de dezembro de 1919.

Figura 4 - Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador.



Domingo estava annunciado que, no Jardim Zoologico, ia haver um match de football feminino.

Na hora do jogo, em todos os cantos, não havia logar para um alfinete, porém, ao apparecerem as "jogadoras", o povo só viu "barbados da silva"...

No goal de um dos teams jogou uma moça... a "demoiselle" "D. Julia", do River.

Perigoso.

Fonte: O Imparcial, 15 de dezembro de 1919 - Acervo da Biblioteca Nacional.

Para além disso, a associação do Circo e do futebol – anteriormente pesquisado e defendido por Bonfim (2019) – corresponde também à construção de uma noção de falta de profissionalização do futebol de mulheres, sendo compreendido como atividade lúdica para o divertimento. Ao tratar sobre o Nordeste, a prática do futebol estava associada também às festas comemorativas e beneficentes, voltadas ao trato do amador e objetivando camuflar a prática do futebol de mulheres. No *Diário de Pernambuco* (PE), em 1924, publica-se a matéria da jornalista Cleo de Galsan[13] intitulada "A mulher e o football", que defendia a prática do esporte por mulheres e apresentava o preconceito por parte de jornalistas, médicos e professores[14], por meio disso, pode-se admitir que essa publicação no jornal pernambucano permite a dispersão do debate sobre o futebol de mulheres no Nordeste.

Apesar disso, o vínculo entre o futebol feminino, os circos e as festividades no Nordeste era amplamente reconhecido. Um exemplo desse fato é o *Jornal do Recife* (PE), que frequentemente destacava o *foot-ball* feminino como uma das principais atrações do Circo Nerino. A relação entre o circo e o futebol constrói uma representação que envolve tanto os times quanto as mulheres que jogam. Esses times não oficiais remetem simbolicamente aos clubes oficiais – a Figura 5 apresenta os times disputantes: Sport Club e Náutico –, funcionando como uma alusão e um ponto de identificação entre jogadoras e público. Nesse contexto, o futebol circense praticado por mulheres emerge como uma representação simbólica do futebol real.

[13] Maria Conceição Galvão, jornalista do jornal A Gazeta de São Paulo, adotou o pseudônimo Cleo de Galsan para poder escrever e defender o futebol de mulheres, driblando as restrições e preconceitos da época.
[14] Diário de Pernambuco, 11 de maio de 1924.

Figura 5 - Divulgação sobre o "Grande Circo Nerino", destacando a novidade do Football feminino.



Fonte: Jornal do Recife (PE), 29 de dezembro de 1932 - Acervo da Biblioteca Nacional

Entre os circos e as festividades, a popularização do futebol de mulheres no Nordeste também enfrentava críticas negativas. No periódico *Pequeno Jornal* (PE), por exemplo, o editorial "Ontem, Hoje e Amanhã", assinado por Mário Melo[15], expressava que "quando surgiu, por aqui, a notícia de que mulheres, no Rio de Janeiro, estavam praticando o pernicioso futebol, bradei contra isso, por antever a extensão do mal"[16]. Mesmo com o exposto anteriormente sobre o início dos debates sobre o direito da prática do desporto por mulheres – na publicação do texto de Cléo de Galsan – existe uma força contrária a esta realidade que alude à proibição moral sobre o futebol de mulheres. A opinião de outros jornalistas e periódicos continuava a reforçar uma visão negativa, frequentemente marcada por uma lógica maniqueísta que deslegitima a prática esportiva feminina e que se relaciona com questões de gênero e de sexualidade.

Com isso, cada vez mais, o futebol de mulheres no Nordeste dialoga com um processo de sexualização de suas jogadoras. No jornal *Pacotilha - O Globo* (MA), destaca-se a prática do futebol feminino através de clubes carnavalescos, em que a composição dos times é feita pelos "brotinhos" que animam os bailes, além disso, as jogadoras estavam proibidas de retirarem as suas máscaras durante a partida[17]. A utilização do termo "brotinhos" nos elucida

[15] Mário Carneiro do Rego Mello (1884-1959), foi um jornalista, historiador e advogado, conhecido era defensor da cultura pernambucana.
[16] Pequeno Jornal (PE), 23 de janeiro de 1941.
[17] Pacotilha - O Globo (MA), 18 de fevereiro de 1954.

sobre o aspecto da objetificação da mulher no ambiente futebolístico, no que consiste na busca pela satisfação e o prazer de uma sociedade sexista. Diante desse contexto, ainda no mesmo periódico, publica-se uma entrevista concedida à Ivone Santos por Marly Gama[18], esta comenta ao ser questionada sobre a prática e a defesa do futebol de mulheres que

> Tenho pena de quem pretenda liderar o movimento a favor da mulher no futebol. Lembro-me bem da campanha desfavorável feita no sentido do basquetebol feminino. Durante muito tempo foi ridicularizado e atacado. No entanto, nos dias atuais, pela técnica, movimentação e lealdade nas jogadas, é o esporte feminino favorito do público. Aqueles mesmos que atacaram a sua prática, hoje, são seus maiores defensores. E isso acontecerá ao futebol (Pacotilha - O Globo, 2 de junho de 1959).

E, ao ser questionada novamente sobre sua posição quanto ao futebol, responde

> Em princípio sou a favor, desde que seja profissionalizado. E posso explicar: Se a mulher brasileira não é melhor no esporte é devido às suas múltiplas atividades, que não lhes permite como amadora uma dedicação mais apurada. Uma vez que o futebol feminino não toma parte em Olimpíadas, Mundial, etc. Competições exclusivamente amadoristas, suas participantes poderiam voltar-se inteiramente ao profissionalismo, regularizando seus métodos e em pouco tempo teríamos times de fazer inveja, quem sabe até aos próprios homens (Pacotilha - O Globo, 2 de junho de 1959).

A posição de Gama elucida um processo de luta e resistência contra uma opressão sistemática que atinge não somente o futebol ou o esporte praticado por mulheres, mas a existência das mulheres, enquanto classe, dentro da sociedade. Ressalta-se que o desenvolvimento do futebol no Brasil enfrenta as imposições de gênero, de raça e de sexualidade simultaneamente e que respondem às relações culturais e territoriais. De acordo com isso, Wittig expõe como o processo de dominação constrói uma imagem impositiva à mulher, sendo capaz de permear os alicerces estruturantes da sociedade.

> A dominação fornece às mulheres um corpo de dados, de realidade, de *a prioris* que, mais ainda por serem questionáveis, formam um enorme constructo político, uma rede impermeável que afeta tudo, nossos pensamentos, nossos gestos, nossos atos, nosso trabalho, nossos sentimentos, nossos relacionamentos (Wittig, 2022, p. 35).

Nesse cenário, a estrutura política brasileira restringia a prática de desportos às mulheres, conforme estabelecido pelo Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941. Essa legislação, respaldada pelo CND, limitava o crescimento, a popularização e a normalização do

[18] Isaura Marly Gama Álvares (1934), mais conhecida como Marli, é uma atleta pernambucana, com atuações importantes no basquete e no voleibol. Ela conquistou importantes títulos ao longo de sua carreira, incluindo o Campeonato Sul-Americano de Voleibol em 1951, no Rio de Janeiro, e em 1961, em Lima, além de triunfos no Campeonato Sul-Americano de Basquete em 1954 (São Paulo), 1958 (Lima) e 1965 (Rio de Janeiro).

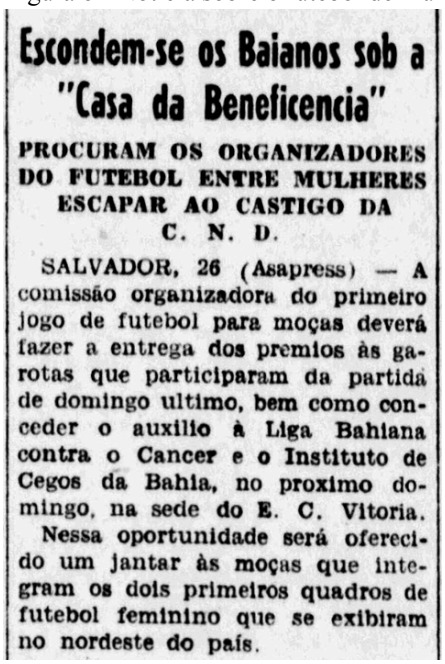
futebol praticado por mulheres. Por um lado, a proibição tornava a prática totalmente ilegal, dificultando o desenvolvimento e promovendo a marginalização da modalidade; por outro, evidenciava-se a estética e os corpos das mulheres praticantes, priorizando sua aparência física em detrimento a habilidades. Exemplo disso, visualiza-se na *Revista do Esporte* (RJ), em 1959, que, embora houvesse uma defesa da prática do futebol de mulheres – destacando que a sua existência simboliza o desafio ao decreto-lei –, o discurso reforçava estereótipos, enfatizando a aparência das jogadoras anterior às habilidades esportivas[19].

A ambivalência evidenciava os obstáculos enfrentados pelo futebol de mulheres em um cenário de proibição, objetificação e invalidação. Dentro disso, visualiza-se um aspecto reducionista sobre a mulher, concentrado sobre uma ideia discutida por Butler (2018) e a passividade dos corpos. Isto é, o corpo é interpelado pela história e pela cultura; logo, os sujeitos constroem um sentido e direcionam dentro do contexto histórico-social, perpetuando um discurso de opressão. Porém, é através dessa conjuntura que o futebol de mulheres se desenvolve no país, entre ocultações e marginalização.

Após a proibição, surgiram estratégias para escapar das sanções do CND e camuflar a prática do futebol de mulheres, sendo elas: o espetáculo e os eventos beneficentes. A Figura 6 ilustra a notícia veiculada pelo Correio Paulistano (SP)[20], sugerindo um certo pioneirismo em Salvador na promoção de eventos de futebol de mulheres, porém, reforça o caráter amadorista da modalidade, enquanto eventos voltados à arrecadação de fundos para organizações de auxílio social. Paralelamente, o *Jornal Commercio* (AM) noticiava o pedido do CND aos governadores do Brasil para proibirem os jogos de futebol feminino em todo o território nacional, evidenciando a pressão política que sustentava o processo de criminalização da prática esportiva por mulheres. Apesar disso, o futebol continuava a ser praticado e noticiado no Nordeste, revelando uma resistência que se manifestava em meio a subterfúgios e estratégias paralelas para driblar a repressão imposta pelo sistema[21].

[19] Revista do Esporte (RJ), 1959, n. 15.
[20] Notícia disponível na Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional e na exposição virtual "Mulheres, desobediência e resiliência" do Museu do Futebol.
[21] O Poti (RN), 23 de outubro de 1956.

Figura 6 - Notícia sobre o futebol de mulheres em Salvador



Escondem-se os Baianos sob a "Casa da Beneficencia"

PROCURAM OS ORGANIZADORES DO FUTEBOL ENTRE MULHERES ESCAPAR AO CASTIGO DA C. N. D.

SALVADOR, 26 (Asapress) — A comissão organizadora do primeiro jogo de futebol para moças deverá fazer a entrega dos premios às garotas que participaram da partida de domingo ultimo, bem como conceder o auxilio à Liga Bahiana contra o Cancer e o Instituto de Cegos da Bahia, no proximo domingo, na sede do E. C. Vitoria.

Nessa oportunidade será oferecido um jantar às moças que integram os dois primeiros quadros de futebol feminino que se exibiram no nordeste do país.

Fonte: Correio Paulistano, 27 de outubro de 1956.

O futebol beneficente tornou-se uma prática recorrente, consolidando-se como parte do cotidiano esportivo no desempenho do futebol de mulheres. O jornal *Pacotilha - O Globo* (MA) destaca, em manchete de grande impacto: “Sensacional! Futebol Feminino hoje à noite no Municipal”. A matéria enfatiza o confronto entre as equipes Anil e Auroras-Outras, realçando a rivalidade existente entre os times; contudo, o caráter beneficente da partida, destinada a arrecadar fundos para uma igreja local, também recebe atenção, demonstrando a integração entre esporte, lazer e ações de cunho social com intuito de contornar as imposições do CND[22], era o que mantinha a existência das partidas de jogos femininos.

Por meio de publicações jornalísticas, consegue-se observar que as investidas do CND contra o futebol de mulheres oscilavam entre a aprovação e a reprovação do método utilizado por organizadores de partidas. Na última década de proibição, é possível verificar o desenvolvimento - apesar de lento - do futebol de mulheres, no jornal *Cidade de Santos* (SP), utiliza-se o termo “femifute”, destacando a modalidade, a expressividade e a habilidade dentro do futebol de mulheres[23]. Porém, opiniões de personagens importantes do futebol, como o cronista esportivo João Saldanha[24], refletiam o imaginário social da época: contrário à prática

[22] Jornal Pacotilha - O Globo (MA), 22 de dezembro de 1960.
[23] Cidade de Santos (SP), 24 de fevereiro de 1970.
[24] João Alves Jobim Saldanha (1917-1990) foi jornalista, escritor e treinador de futebol.

desportiva, sob a ideia de que o esporte seria relevante, desde que não retirasse a beleza e a graciosidade da mulher[25].

A construção do imaginário social em torno do futebol influencia a presença e o desenvolvimento da modalidade feminina, uma vez que articula interseções entre aspectos sociais e biológicos, os quais incidem sobre as concepções de natureza feminina e papel social da mulher. Nesse sentido, a trajetória do futebol praticado por mulheres é perpassada por marcadores identitários, que orientam a construção de perfis sociais vinculados à feminilidade e à sexualidade (Santos, 2018). A suposta "retirada da beleza e da graciosidade" das jogadoras poderia ser interpretada como um indicativo de masculinização, reforçando a noção de que a prática esportiva feminina transgrediria os papéis historicamente atribuídos às mulheres na sociedade. Como aponta Santos (2018), há um duplo regime de normatividade que estabelece proteção àqueles que se adequam às expectativas sociais e, por outro lado, vulnerabiliza aqueles que se encontram à margem dessas normas. A autora afirma que

> A interseccionalidade nos permite compreender como a viabilidade de raça, gênero, classe e sexualidade interagem constituindo, assim, as múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos, beneficiando quem está de acordo com os modelos normativo e, do outro, tornando mais vulneráveis quem está à margem como as lésbicas negras (Santos, 2018, p. 333).

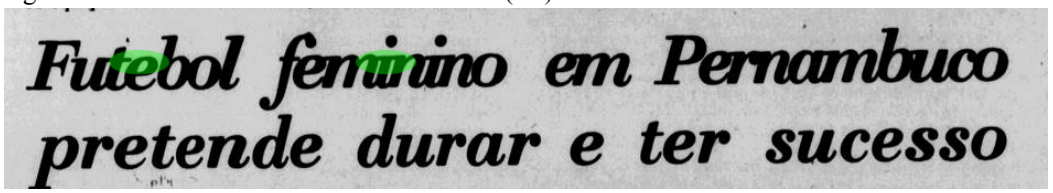
Diante disso, entende-se que a regularização do futebol feminino pela FIFA é o que impulsiona o futebol de mulheres mundialmente e não as relações sociais estabelecidas internamente no país. Em países da Europa, por exemplo, o futebol de mulheres adquire força e notoriedade até mesmo nos jornais brasileiros, com a regularização da federação, incentivos para outras ocupações no futebol – como na arbitragem – começam a receber destaque. No *Diário da Manhã* (PE), mescla-se a ascensão do futebol feminino - entre jogadoras e árbitras de futebol - com um discurso ainda focado no mantimento de "características de feminilidade de fêmea"[26].

Em meio a esse processo, o futebol de mulheres foi posto entre as festividades e jogos preliminares do Nordeste ao Sudeste, em que a estruturação da modalidade, a partir da década de 1980, com o fim da proibição ao esporte e a regulamentação da modalidade, inicia uma nova etapa para o futebol. No *Diário de Pernambuco* (PE), a manchete que anuncia as pretensões em torno da modalidade dá título a uma matéria que apresenta as dificuldades em torno dos jogos e a necessidade de estímulo para a existência da modalidade. A matéria

[25] Jornal dos Sports (RJ), 5 de fevereiro de 1970.
[26] Diário da Manhã (PE), 2 de dezembro de 1971.

destaca como a Federação Pernambucana de Futebol realizou uma movimentação que dificultou a ocorrência do jogo preliminar de duas equipes da capital do estado, pontuando "a FPF não queria que o jogo fosse realizado"[27].

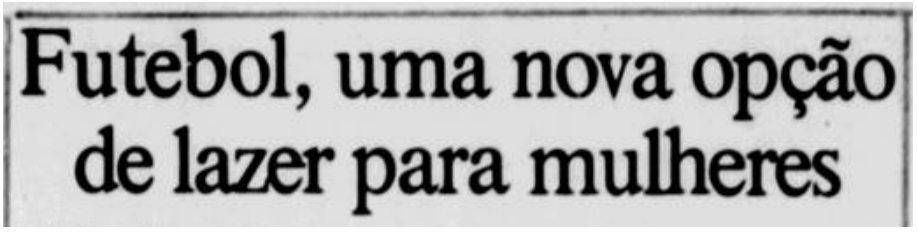
Figura 7 - Manchete no Diário de Pernambuco (PE) - 1980.



Fonte: Diário de Pernambuco, 12 de fevereiro de 1980.

Como já observado, o percurso do futebol feminino no Brasil é marcado por uma lógica de restrições impostas à prática esportiva. No entanto, a transgressão a essas proibições também é um elemento que acompanha o desenvolvimento da modalidade, em que é fundamental compreender que essa dinâmica se replica em diferentes territórios brasileiros, como vistos nas Figuras 7 e 8, destacando Pernambuco e Rio Grande do Norte. Um dos pontos interessantes de serem observados na trajetória dada à modalidade é a construção de uma narrativa que conecta o Nordeste ao Sudeste, pois consegue-se visualizar a ampliação das manchetes esportivas que trazem o futebol de mulheres em destaque de forma positiva, alegando como uma possibilidade às mulheres. Esse movimento contribui para dar visibilidade e relevância ao futebol feminino, rompendo barreiras e inserindo-o no imaginário esportivo nacional.

Figura 8 - Manchete no Diário de Natal (RN) - 1980.



Fonte: Diário de Natal, 29 de novembro de 1980.

A mudança de perspectiva sobre o futebol de mulheres no Brasil - das festividades para modalidade desportiva - teve início com a regulamentação da prática em 1983, acompanhada por investimentos de instituições como a FIFA (Federação Internacional do Futebol), a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Esse cenário impulsionou uma transformação nas narrativas

[27] Diário de Pernambuco, 12 de fevereiro de 1980.

jornalísticas, que passaram a destacar o futebol feminino mais organizado, especialmente por meio de competições nacionais, como a Taça Brasil e o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. No entanto, é preciso destacar que, ao comparar os investimentos destinados ao futebol de mulheres com aqueles voltados ao futebol de homens, torna-se evidente a persistência de uma disparidade orçamentária, mas também social e política, significativa, refletindo as desigualdades estruturais que ainda permeiam a modalidade.

Diante disso, em 1983, foi organizada a I Taça Brasil de Futebol Feminino patrocinada pela FERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro). A primeira edição apresentava os seguintes clubes: Radar-Mondaine (RJ), Corinthians (SP), Cruzeiro (MG) e Goiás (GO)[28]. Algumas questões que destacam a desigualdade de recursos estão postas, por exemplo, na disponibilidade de tempo ao futebol de mulheres, isto é, em 1984, o campeonato foi disputado em apenas 3 dias, o que reflete sobre as condições físicas das atletas, podendo causar efeitos negativos ao corpo[29].

Além disso, a ausência ou a presença insuficiente de equipes do Nordeste no cenário nacional é um reflexo das desigualdades regionais no futebol brasileiro que decaem sobre o seu desenvolvimento[30]. No I Torneio Nacional Interseleções de Futebol Feminino, realizado em 1986, apenas times de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul participaram[31], evidenciando um recorte regional que dialoga com as diferenças históricas de investimento observadas também no futebol masculino. Esse cenário reforça como questões culturais e econômicas estão profundamente entrelaçadas ao desenvolvimento do futebol em suas diferentes modalidades, perpetuando as disparidades regionais que afetam tanto a prática quanto a visibilidade do esporte.

Apesar das desigualdades e desafios historicamente construídos, não se pode ignorar uma crescente relevância do futebol de mulheres na sociedade brasileira, com jogadoras recebendo destaque e reconhecimento na prática esportiva. No *Jornal dos Sports* (RJ), por

---

[28] Jornal dos Sports (RJ), 27 de junho de 1983.

[29] Essa disparidade permanece evidente nos dias atuais, especialmente na organização dos campeonatos femininos, que geralmente ocorrem em um curto espaço de tempo em comparação aos masculinos. A diferença impacta diretamente nas condições de trabalho e desempenho das jogadoras. Um exemplo claro é o tempo de duração da Libertadores em suas diferentes modalidades: enquanto a Libertadores Masculina de 2024 ocorreu de 6 de fevereiro a 30 de novembro, a Libertadores Feminina foi realizada em apenas 17 dias, de 3 a 19 de outubro.

[30] Com o avançar das edições do campeonato, o quadro de equipe passou a apresentar maior diversidade, com times do Norte e do Nordeste, como Sul América (AM), Porto Velho (RO) e ABC (RN) - Jornal dos Sports, 1 de setembro de 1993.

[31] Cidade de Santos (SP), 1 de dezembro de 1986.

exemplo, a coluna “Este é o seu ídolo” apresentou jogadoras, como Maria Cristina[32], destacando não apenas aspectos de sua vida, mas também a importância de competições – como a Taça Brasil – na ampliação da visibilidade dessa modalidade[33]. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, a exposição - para além de festividades - contribuiu para consolidar o lugar da mulher enquanto atleta de futebol na história do esporte.

Assim, o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil enfrenta os “quereres” e as vontades de agências de poder, orquestrado politicamente pelo CND. Esse processo resulta em consequências imediatas, mas também de longo prazo para a história do futebol e a história das mulheres no país. Enfrentar essa realidade consiste em entender as raízes desse movimento, mas também as consequências para o âmbito social e desportivo.

1.1.2 Um panorama geral do futebol atual: entre o Nordeste e o Sudeste

A institucionalização do futebol é capaz de consolidar também as margens desse esporte, em que se entrelaçam sujeitos historicamente marginalizados – mulheres, negros, pessoas pobres e comunidades LGBTQIAP+ – e territórios diversos, sejam eles geográficos, culturais ou econômicos, cujas realidades atuais refletem as consequências de um desenvolvimento desigual. Exemplo disso, manifesta-se através da imposição obrigatória da criação de times femininos aos clubes da Série A desde 2019[34], justificando a dificuldade de encontro de materiais que acusem a existência de times e campeonatos de mulheres ao decorrer dos anos. Notadamente, essa realidade é resultado da articulação proibitiva quanto à prática de desportos por mulheres no século XX, cujos efeitos marginalizadores são analisados, nesta pesquisa, a partir da história do tempo presente, considerando as formas pelas quais essas heranças históricas seguem sendo vivenciadas, ressignificadas e reproduzidas nas práticas e representações do futebol feminino na contemporaneidade.

O futebol de mulheres admite uma relação simbólica dentro do processo de marginalização no esporte, pois é marcada por uma histórica insuficiência ou ausência de

---

[32] Maria Cristina Castro, foi jogadora de equipes como Acisul Club e Radar, além de jogadora, também foi estudante de Educação Física.

[33] Jornal dos Sports (RJ), 17 de dezembro de 1983.

[34] Em 2018, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) lançou o documento “Estratégia Global para o Futebol Feminino”, a fim de promover o desenvolvimento da modalidade. Com isso, a Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL) e a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) aderiram a normativa, o último lançado no “Regulamento de Licença de Clubes” que os times deveriam possuir uma equipe feminina principal e uma de base. Disponível em: https://ibdd.com.br/o-futebol-feminino-e-as-novas-normativas-de-protecao-a-mulher-atleta/?v=19d3326f3137. Acesso em: 15 nov. 2024.

incentivos sociais, políticos e econômicos, sustentada por visões sexistas e patriarcais. Essa visão deriva da concepção tradicional da “natureza feminina” e do “lugar da mulher” construída na percepção da mulher enquanto mito, sendo uma formação imaginária de desejos e vontade de outros (Wittig, 2022). No que cerne ao desenvolvimento do esporte e do futebol, o Decreto-Lei 3.199/1941, compreendido como a primeira legislação regulamentadora dos esportes no Brasil, é responsável por impor uma reorganização nas estruturas desportivas brasileiras (Pereira; Mazo; Balbinotti, 2010), sendo capaz de se apropriar das narrativas históricas dominantes na inferiorização da mulher no esporte.

Ao verificar o Art. 54 do Decreto-Lei, visualiza-se a proibição às mulheres "a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza", delegando ao CND a tarefa de orientar as entidades esportivas sobre o que configura essa "natureza feminina". Nesse segmento, no periódico *Gazeta de Sergipe*, pode-se observar a seção intitulada "Jornal da Mulher" (Fig. 9), que apresentava conteúdos como culinária, maquiagem e exercícios exclusivamente direcionados às mulheres, verificando a permanência do pensamento sobre a mulher no periódico. Essa representação reforça a imagem de como a mulher deveria se portar e desempenhar papéis tradicionais, enquanto o jornal, como veículo de comunicação e reflexo da sociedade, reproduzia e legitimava essa normatividade.

Figura 9 - Jornal da Mulher na Gazeta de Sergipe

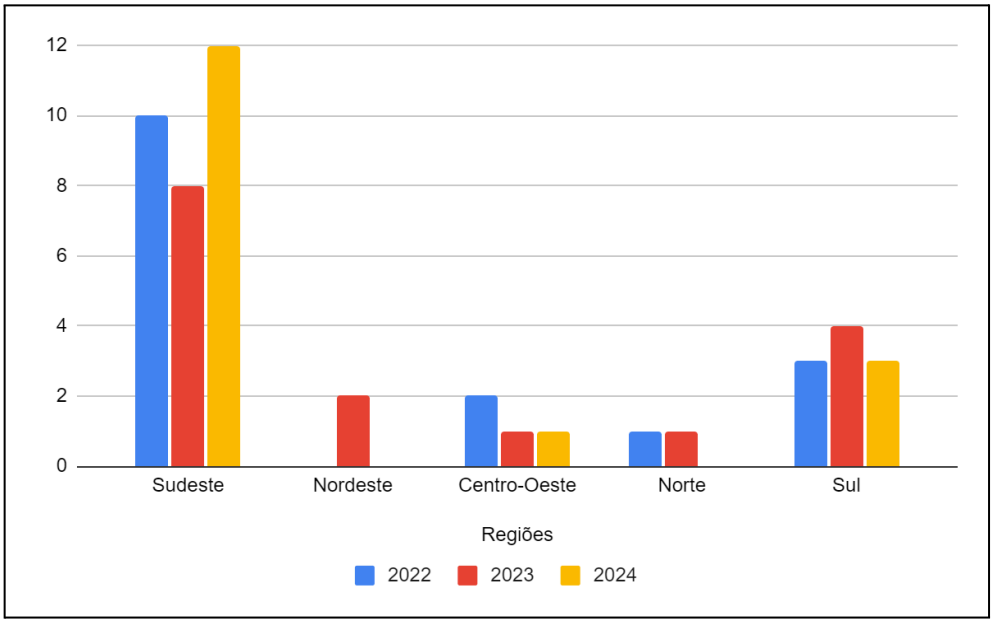


Fonte: Gazeta de Sergipe, 3 de junho de 1989

Do mesmo modo, o *Jornal da Mulher* reforça as construções delineadas pelo decreto-lei no que tange às atribuições sociais destinadas às mulheres. As ilustrações presentes no título da coluna (Fig. 9) evidenciam um padrão estético normativo para a época, representando a mulher como branca, magra, feminina, 'graciosa' e delicada. Essa estética corresponde a um modelo hegemônico da mulher branca e suas representações, que não abarcam a diversidade de experiências vividas por mulheres negras, mulheres lésbicas e mulheres trans (Santos, 2018). No entanto, contribuem para a consolidação de um imaginário social que restringe as concepções de feminilidade, impactando distintos espaços de sociabilidade, como o esporte e, em particular, o futebol.

Ao discutir os paralelos de desenvolvimento entre o Sudeste e o Nordeste, é fundamental reconhecer que a realidade do futebol de mulheres também é profundamente influenciada pelas relações econômicas, como já foi mencionado. Essa questão também se entrelaça com a submissão a uma economia heterossexual, que impõe à mulher o papel central de reprodutora da espécie, subtraindo seus desejos e aspirações individuais (Wittig, 2022). A ideia de natureza feminina e a sociedade heterossexual limitam os espaços e pertencimentos das mulheres, restringindo sua inserção em campos sociais. A estrutura perpetua uma visão cultural que molda tanto a esfera nacional quanto a local, contribuindo para a manutenção de estereótipos que afetam diretamente o desenvolvimento e a representação do futebol feminino em Sergipe, ao reforçar visões limitadas sobre o papel da mulher na sociedade e no esporte.

Gráfico 1 - Quantidade de times do Campeonato Brasileiro Feminino por ano (2022, 2023, 2024).



Fonte: Elaborado pela autora[35].

Correspondente a isso, ao analisar o contingente de participação de times por região no Campeonato Brasileiro Feminino da Série A (Gráfico 1), observam-se tanto similaridades quanto distinções. A superioridade numérica de times do Sudeste é evidente, enquanto há uma presença, apesar de ínfima, de equipes do Norte. Em contraste, o Nordeste registra uma participação limitada, com apenas dois clubes presentes ao longo de três anos: Esporte Clube Bahia (BA) e Ceará Sporting Club (CE). A presença de times do Sudeste representa 62,5% do total, enquanto os times do Nordeste somam apenas 4,17%. Discutir o paralelo de

[35] Gráfico elaborado através de informações obtidas no site da CBF,

desenvolvimento e a marginalização estruturada no futebol de mulheres evidencia lógicas que, embora ocorram fora de campo, impactam diretamente a prática esportiva – seja no torcer, jogar, apitar ou vivenciar o esporte. Essas dinâmicas delimitam diálogos que reforçam discursos sociais entre regiões e suas respectivas sociabilidades, aprofundando as desigualdades estruturais no futebol.

Ao reconhecer que a realidade do futebol brasileiro contemporâneo é fruto das estruturas sociais, culturais e econômicas, que geram memórias e representações específicas ao longo do tempo, torna-se essencial compreender que o eixo São Paulo-Rio de Janeiro não abarca toda a história do futebol nacional, tampouco a do Sudeste. No entanto, esse eixo evidencia as consequências da centralização de investimentos e dos incentivos econômicos, ressaltando as marcantes distinções entre o futebol praticado no Nordeste e no Sudeste. Assim, os processos históricos de desigualdade econômica e política continuam a influenciar a prática do esporte nos dias atuais, criando e perpetuando lastros principalmente nas diferentes modalidades do futebol.

1.2 As marcas na identidade e na memória brasileira no futebol

Entre as origens de dominação no Brasil e a gênese do futebol, formaram-se estruturas de supremacia que inviabilizam uma prática igualitária do esporte entre diferentes regiões e grupos sociais: negros, mulheres, comunidade LGBTQIAP+, pobres. Como afirma Maldonado-Torres (2023, p. 30), "a "descoberta" teve implicações múltiplas e profundas, além de um grande impacto sobre a noção de civilização". A imposição de um ideal de civilização sobre o mundo colonial consolidou um sistema de soberania e marginalização, moldando realidades sociais limitantes que continuam a estruturar a sociedade brasileira até o tempo presente, desenvolvendo marcas na construção identitária e na resistência de memórias no país. Com isso, embora o futebol tenha chegado de forma relativamente simultânea às regiões Nordeste e Sudeste, os distanciamentos historicamente construídos na cultura, na sociedade e na economia criaram um abismo entre o desenvolvimento e a ascensão do esporte nesses territórios.

As influências das transformações sociais sobre o futebol são evidentes; ao observar o novo modelo de cobertura de campeonatos por emissoras de televisão aberta[36] e a distinção de

[36] Em 2024, a Rede Globo adquiriu os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro Feminino (Brasileirão). Entretanto, em 2023, a emissora transmitiu apenas as fases finais da Copa do Mundo Feminina, o que gerou discussões sobre o pouco destaque dado ao esporte. Em contraste, a Cazé TV, canal digital, transmitiu a Copa do

nomenclatura nos anúncios do futebol, com o uso dos termos “feminino” e “masculino”[37], sugerem-se mudanças no debate sobre gênero que acometem a sociedade. Apesar de avanços, é importante destacar que essas classificações ainda carregam imposições linguísticas e sociológicas nocivas, reforçando noções limitantes de feminilidade e masculinidade (Wittig, 2022), sendo também herança de uma realidade colonial. O contexto da prática desportiva por mulheres é complexo, marcado por desafios contínuos enfrentados pelas próprias jogadoras ao longo do tempo. Estas frequentemente denunciam as diferenças no tratamento dado ao futebol de homens e de mulheres, apontando a precariedade dos horários dos jogos, as condições dos campos e a assistência técnica insuficiente oferecida aos times[38].

Essa estrutura vigente segue uma lógica de colonialidade, marcada pelas consequências de opressões que persistem desde a realidade colonial. Como observa Maldonado-Torres (2023, p. 36), “a colonialidade pode ser entendida como uma lógica global de desumanização que persiste mesmo na ausência de colônias formais”. É possível identificar uma interseção de violências físicas e simbólicas, afirmadas pela memória histórica, que perpetuam os valores brancos (cis-héreto-cristãos), funcionando como símbolos de dominação social (Fanon, 1968).

Lugones (2014) aponta, em pesquisas sobre sociedades colonizadas, a construção da inseparabilidade entre gênero e sexo, na qual a distinção sexual é estabelecida e as noções de gênero são socialmente construídas. No entanto, para a autora, gênero e sexo não devem ser concebidos como categorias indissociáveis; isso se deve ao fato de que, enquanto o gênero é uma construção social e o sexo é compreendido a partir de uma perspectiva biológica, sua vinculação pode gerar limitações conceituais, ao mesmo tempo em que reforça estigmas sociais. Esses estigmas são sustentados não apenas por leis e decretos (como visto no caso dos futebóis), mas também pela construção e perpetuação do imaginário social.

Nos campos de futebol, tanto dentro quanto fora das partidas, as questões de gênero estão constantemente em discussão, ainda que frequentemente negadas, uma vez que a homofobia e o machismo são aspectos estruturantes das modalidades masculinas e femininas

---

Mundo (2023) e a Libertadores Feminina (2024) integralmente. Antes disso, a Band já havia sido detentora dos direitos de transmissão, promovendo a cobertura do futebol feminino com narradoras e comentaristas mulheres e apoiando a prática do esporte.

[37] Destaca-se que essa marcação de diferença com os termos “masculino” e “feminino” não é observada nos telejornais sergipanos de forma ampla.

[38] Após conquistarem a Libertadores Feminina de 2024, as jogadoras do Sport Club Corinthians Paulista publicaram um vídeo-denúncia direcionado à CONMEBOL, pedindo “Respeito ao Futebol Feminino da América Latina”. No vídeo, elas relatam problemas como a má qualidade dos campos, a estrutura precária dos estádios, o curto intervalo entre os jogos e a falta de divulgação do campeonato pela entidade.

(Knijnik, 2020). Conforme aponta Knijnik (2020, p. 191), “as mulheres que queriam entrar nessa fortaleza masculina eram discriminadas como “não femininas” e lésbicas, e estereotipadas como mulheres masculinas”. Essa dinâmica está ancorada em concepções hegemônicas de feminilidade e masculinidade, nas quais o gênero é construído a partir de atributos biológicos, reforçando a lógica de um sistema patriarcal, racista e capitalista (Fattuma, 2023), no que se atrelam discursos e ações de desumanização, de sexualização e de homolesbofobia sobre as mulheres que ressoam sobre todas as áreas da classe das mulheres e da existência da mulher.

Entende-se uma influência direta na disposição da superioridade de um gênero, uma raça e uma classe sobre a formação e a continuidade das identidades sociais, pois a memória é responsável por formar uma representação de domínio sobre corpos e vivências específicos. Conforme exposto por Hall (2022, p. 12), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Pode-se entender que a identidade não se concentra em uma unicidade; ao contrário, ela se forma mediante múltiplos estímulos culturais e de transformação no “eu”. Assim, fatores sociais, políticos e econômicos são responsáveis por contribuir para modulações identitárias e continuidades dos esforços e agentes de dominação.

Dentro dessa perspectiva, ressalta-se que a relação entre gênero e futebol no Brasil é intrinsecamente atravessada pela questão racial, evidenciando-se não apenas na presença de jogadoras, árbitras e jornalistas negras, mas também no próprio processo de estruturação e popularização do futebol feminino no país[39]. Essa intersecção apresenta como a relação entre gênero e raça desafia e ressignifica as concepções sociais tradicionais acerca da feminilidade e do papel das mulheres na sociedade. Isto é, a prática do futebol por mulheres é historicamente vista como desvio às normas sociais para o gênero feminino; as mulheres negras enfrentam uma dupla marginalização de gênero e de raça; somado a isso, as mulheres presentes no futebol estão sempre expostas à terceira marginalização: a lesbifobia.

[39] Os casos de racismo nos estádios brasileiros tem aumentado segundo o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, apenas em 2021 foram 64 casos relatados, em que alguns deles foram no futebol feminino, porém, havendo uma subnotificação sobre os casos, visto o receio da denúncia por parte das jogadoras, visto as inúmeras inferiorizações já existentes na modalidade. Com isso, a presença de mulheres negras no futebol têm-se maior atenção após 2018 pela CBF, que media ações contra o preconceito, apesar disso, a continuidade do racismo no esporte ainda é marcante. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/racismo-no-futebol-feminino-e-ainda-mais-perverso-e-falta-punicao,c0815a353daf7e366b97f29cc51b449494h374ar.html. Acesso em: 15 jan. 2026.

Ao considerar que as normas sociais operam por meio da atribuição de papéis sociais interligados à construção do gênero, observa-se que essa dinâmica se fundamenta em uma estrutura regulatória baseada na designação sexual, tornando o sexo um ideal regulatório (Lima, 2014). Sustenta-se na perspectiva de Butler (2018, p. 127), que afirma que "o corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder", posto que o corpo personifica as diferenças e as identidades que adquire sentido em relações sociais. Em consonância, a sexualidade é posta diante de uma configuração que se vincula aos mecanismos de poder e controle dos corpos que, ao compreender os contextos dos futebóis no Brasil, percebe-se a construção de relações de deslegitimação da mulher enquanto ser social passível de adentrar o espaço do futebol, consolidando um sistema de opressão visível e amplo.

A construção de uma narrativa histórica de sistemas de opressão acaba por estabelecer territórios sociais igualmente opressivos, sustentando processos de exclusão desses grupos historicamente marginalizados no futebol. Segundo Le Goff, "a história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar seus erros" (1990, p. 30). No entanto, o desenvolvimento de uma história do futebol através de memórias e representações culturais emerge de, também, um lugar traumático. Como afirma Aron (2011), a memória traumática está para além de significados, palavras e comunicação; assim, entende-se que a memória do futebol pode estar relacionada ao trauma de inúmeras maneiras (Costa, 2016). Mas a ênfase posta aqui está diretamente relacionada à capacidade do futebol de transcender seus contextos de criação e os sujeitos que à compõem, por meio dos traumas ou do conforto.

Em conformidade com Catela (2001), ao propor sobre os territórios de memória, entende-se que a memória não é estática; ao contrário, ela está em movimento juntamente com os sujeitos sociais, permitindo a resistência de narrativas históricas. A apropriação da memória serve à narração de uma história oficial, que gera estigmas, mas também ao fomento de discursos de histórias antes marginalizadas. A memória, assim, sustenta a continuidade dos pluralismos sociais, evidenciando as existências e as vivências de grupos minoritários. Nesse contexto, as memórias que percorrem o futebol transitam entre dois polos: ocultação, em um cenário de um discurso heteronormativo, e exaltação, diante de manifestações de transgressão sobre a realidade vigente de preconceito e discriminação.

No entrelace entre a memória e as relações sociais brasileiras, movem-se dinâmicas de identidade e (não) pertencimento. Em destaque, Sarlo (2007) propõe que a memória é o dever

da América Latina, visto sua realidade construída sob um campo de exploração e de domínio europeu. Com isso, nossas memórias e representações são resultados de uma outra identidade e de outro imaginário social, que se cristalizaram na sociedade brasileira – atingindo o espaço do desporto de maneira incisiva. Logo, as heranças da colonização e da resistência da colonialidade no Brasil transitam sobre as memórias do futebol, tanto quanto outros âmbitos sociais.

Ao reconhecer as relações de poder que moldaram o desenvolvimento estrutural do futebol sob construções de um passado colonial escravocrata e patriarcal, observa-se a formação de sistemas de representação cultural que exercem poder sobre a identidade de uma sociedade, transpassados pela memória (Hall, 2022). Fattuma (2023) especifica que esse processo está vinculado à imposição de uma ordem cisnormativa que se reflete na construção de "cistemas" na sociedade, que irá impactar também o cenário do futebol. A formação desses cistemas conduz à perpetuação de um perfil social específico para segmentos da sociedade, orientando padrões para escola, trabalho e lazer.

No ambiente do futebol (jogadoras, jornalistas, torcedoras, árbitras), também são atingidas por essa estrutura, manifestada na tendência social reforçada politicamente, mas construída socialmente por estruturas outrem vigentes. O desenvolvimento de uma sociedade em moldes coloniais e conservadores mitiga a presença das mulheres para além do contexto patriarcal e sexista; assim, Silvana Goellner (2005) apresenta a realidade da relação mulher-esporte sob contextos de conservadorismos.

> No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães (Goellner, 2005, p. 88).

O modelo mulher-esposa-mãe é resultado do projeto colonial-escravista imposto a partir do século XV, sustentado por uma estrutura que se perpetua por uma reinvenção do colonialismo e da colonialidade (Pires, 2023). Esse sistema social – resposta a uma conjuntura de dominação branca, cis e hétero – enraíza-se no Brasil através de uma lógica de controle sobre corpos e práticas e identidades, capaz de produzir efeitos sobre a sociedade e o esporte.

No antro do futebol, essa relação contribui para a naturalização da exclusão da mulher do fazer futebolístico. Isto é, o futebol associado majoritariamente à virilidade, força e masculinidade nega historicamente a presença das mulheres nesse território. Consequentemente, esse processo infere sobre a formação e a consolidação das identidades

nacionais, regionais e locais, assim como dinâmicas sociais, culturais e políticas que estruturam o acesso das mulheres ao esporte Hall (2006).

Em certo modo, os campos do futebol fluem entre o físico e o simbólico, em uma mescla de vestígios identitários que unem os dois polos do esporte. Conforme elucidado por Foucault (1988), o poder sobre a vida e a morte estava antes nas mãos de um soberano, que detinha controle sobre as coisas, o tempo, os corpos e a vida. Ao trazer essa análise para o presente – apesar das mudanças também apresentadas por Foucault sobre o direito sobre vida e morte –, é possível perceber que os vestígios dessa forma de poder ainda influenciam a nossa realidade, pois limita-se às possibilidades nas experiências de grupos que permanecem marginalizados, assim como percebido na relação da presença ou da exclusão das mulheres no futebol.

Entendendo, assim, a relevância de compreender a memória enquanto dever (Sarlo, 2007), posto que a América Latina está submersa por um movimento de opressão que se apropria da memória para manter a lógica de dominação branca e cisnormativa. Ao retornar para o Decreto-Lei 3.199/1941 e o imperativo sobre a natureza feminina, retoma-se uma estrutura patriarcal e normativa institucionalizada politicamente e aplicada diretamente ao cenário dos desportos e sobre o corpo da mulher. Por sua vez, o decreto foi amplamente noticiado pelos jornais brasileiros[40], que destacaram as melhorias esperadas no futebol com o investimento na regulamentação esportiva; em contraste, o decreto também seria responsável por aprofundar as disparidades no desenvolvimento na prática esportiva entre homens e mulheres.

Nessa realidade, Foucault (1988) pontua sobre os dois polos da organização do poder sobre a vida: a disciplina do corpo e a regulação da população. Ao observar a forma do colonialismo, percebe-se a imposição de uma estrutura eurocêntrica marcada pela determinação de um conhecimento, uma cultura e por uma racialização do trabalho, da heterossexualidade e do gênero (Lugones, 2005), percebendo as ordenações sociais que comprometem justamente o disciplinamento de corpos e o controle da população. Logo, predominava sobre o regimento social da época o ideal da civilidade, ao qual corpos dissidentes não correspondiam.

Ao analisar as regiões do Brasil, especialmente no contraste entre o Sudeste e o Nordeste, emergem múltiplas realidades no futebol masculino. No entanto, ao se tratar de

[40] O periódico *Sergipe-Jornal* em 17 de abril de 1941 destaca que todos os jornais matutinos e vespertinos publicaram o Decreto do Governo.

futebol feminino, observa-se uma falsa percepção de progresso, frequentemente sustentada por movimentos e discursos atuais. Essa perspectiva revela que o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil tem sido marcado pela perpetuação do estereótipo da natureza feminina e pelo reforço do lugar social historicamente atribuído às mulheres no esporte, evidenciando uma cristalização dessas ideias em diferentes regiões do país.

Em contraste com os periódicos sergipanos que serão analisados, pode-se perceber o *Boletim Chanacomchana* – criado por mulheres lésbicas em São Paulo e resultado das atividades do Grupo de Ação Lésbicas-Feministas (GALF) –, apresenta discussões sobre o universo de interesses, vontades e prazeres das mulheres, principalmente lésbicas, destacando também o futebol de mulheres, atingindo notória expressividade nacional no final do século XX (Fernandes, 2018). Diante disso, o boletim corrobora para a compreensão contextual sobre a zona de interesses das mulheres de forma naturalizada, sendo produzido por mulheres que vivenciam ativamente esse cenário, mas que, ainda assim, reproduzem zonas de preconceito e de luta. Assim, destaca-se que, em dezembro de 1982, o *Chanacomchana* destaca a entrevista intitulada de "Mulher de chuteira" com integrantes do time Café Futebol Clube e da Seleção Paulista; ao apontar as dificuldades da prática do futebol, destacam que

> A maior parte deste um ano e três meses nós passamos sem técnico. Nós temos o gosto pelo futebol, mas falta técnica e tática. O homem conhece mais futebol que a mulher, ele pratica mais, nasce com a bola no pé, já o futebol feminino sempre funcionou muito amadoristicamente (Chanacomchana, 1982, p. 4).

E continua

> Os homens, dirigentes de futebol, têm receio que a mulher vá competir com eles, já que o campo é a galeria onde se mostra a habilidade masculina. No Brasil, futebol é coisa de homem. A mulher joga futebol mais na periferia. O vôlei, o basquete e natação foram legalizados e profissionalizados, mas o futebol não. Em alguns países desenvolvidos, como a Alemanha, o futebol feminino já está legalizado e profissionalizado. Acho que as mulheres lotariam mais os estádios porque a mulher é mais bonita, os homens se atraem mais para ver mulheres e futebol feminino seria coisa nova. Tudo isso poderia fazer cair a renda do futebol masculino. (Chanacomchana, 1982, p. 5).

A produção de um discurso de evasão e desprestígio manifesta-se na forma como as reportagens enquadram o futebol de mulheres, frequentemente associando-o à ideia de fracasso, descontinuidade ou inviabilidade. Em matéria publicada pela Gazeta de Sergipe em 21 de março de 1986, o jornal anuncia que o "futebol feminino já era", atribuindo o suposto fim da modalidade à resistência de "dirigentes machões do futebol", que não teriam aceitado a evolução e a profissionalização do esporte no estado. O tom da reportagem, ao mesmo tempo

em que critica a postura dos dirigentes, reforça a percepção de encerramento e deslegitimação da prática, sem apresentar perspectivas de continuidade ou dar centralidade às vozes das jogadoras. Por sua vez, na entrevista concedida ao *Chanaconchana*, as jogadoras relatam a falta de apoio institucional, a descontinuidade dos campeonatos e o descrédito atribuído à prática, elementos que dialogam com o mesmo imaginário presente na imprensa local e nacional.

Essa antipatia pela presença da mulher no esporte e, especialmente, no futebol contrasta com os avanços do futebol de homens no Brasil. Entende-se que a memória no futebol é o principal instrumento de luta e de contraponto às imposições sociais articuladas por, até então, uma maioria que se adequa aos sistemas de representação. Porém, a exclusão histórica que se deu e permaneceu é reflexo de uma combinação de estruturas de opressão que perpassam por dispositivos de poder que atingem as existências e inferem cerceamentos e limitações no futebol, sob uma perspectiva de violências raciais, sexistas, homofóbicas e transfóbicas.

A necessidade de mover-se com a memória traz um estágio de ruptura de construções que afastam grupos dissidentes da memória oficial do esporte no Brasil. De acordo com Mariane Pisani, a memória do futebol atrela-se historicamente à figura do menino entre o jogador e o torcedor, ela pontua que

> O menino, nesse contexto, personagem principal, aparece nos textos ora como jogador ora como torcedor. Enquanto jogador, via-se encarregado de representar em campo as melhores qualidades do homem brasileiro, principalmente quando atuava – e atua - pela Seleção; enquanto torcedor, esperava ver-se representado em campo pelo jogador que deveria honrar as cores da bandeira na camisa que envergava (Pisani, 2012, p. 29).

Diante disso, percebe-se a omissão da memória da menina-torcedora-jogadora, resultante do não desenvolvimento de uma história ampla e democrática do futebol de mulheres. A partir da perspectiva da história do tempo presente, entende-se que essa construção não está restrita ao passado, mas insiste sobre as representações e experiências contemporâneas do futebol. Posto isso, a associação entre a identidade do homem à presença nos estádios, ao protagonismo na mídia e à centralidade na narrativa histórica é composta por um cenário sustentado por movimento de exclusão. Enquanto o futebol é visto como um elemento central da identidade masculina, as mulheres são sistematicamente afastadas dessa esfera e, por sua vez, aquelas que atravessam as linhas do futebol sofrem com as imposições de estereótipos e com o preconceito de um ambiente socialmente entendido como masculino,

entendendo, assim, a ocultação ou a dissolução da menina no futebol e, consequentemente, da mulher.

Vocifera-se, assim, a perspectiva de que, ao se tratar das mulheres no futebol, "a história oficial da modalidade valoriza a presença delas de forma a aniquilar os desafios que as mulheres enfrentaram e enfrentam para entrar no futebol e nele permanecer" (Maia; Goellner, 2023, p. 199). Ao se tratar das presenças nas fontes que serão analisadas, destrinchadas e comparadas, percebe-se previamente a marca em torno da restrição, do enquadramento secundário ou em torno da exceção. Isso, por sua vez, caracteriza a concentração da concepção de que as mulheres, enquanto seres sociais, são invisíveis, aparecendo, assim, minimamente nas representações, na memória e na história (Wittig, 2022). De acordo com Wittig (2022), essa expressividade é constante e persistente até o tempo presente, quando aponta que

> E os jornais de hoje ainda noticiam que "dois estudantes e uma mulher", "dois advogados e uma mulher", "três viajantes e uma mulher" foram vistos fazendo isso e aquilo. Porque a categoria sexo é a categoria que marca as mulheres, pois não são entendidas fora dessa categoria. Somente *elas* são sexo, *o* sexo, e tiveram o espírito, o corpo, os atos e os gestos transformados em sexo; até mesmo os assassinatos e as agressões que elas sofrem são sexuais. De fato, a categoria sexo aprisiona fortemente as mulheres (Wittig, 2022, p. 39).

Com essa perspectiva, tenciona como a construção das fontes (e sua consequente representação) reverbera sobre o fato de que as mulheres, ao atravessar os limites sociais impostos, são condicionadas à opressão. Assim, é possível perceber a constante opressão vivenciada pelas mulheres que fazem o futebol no Brasil, desde as dificuldades da seleção brasileira com uniformes masculinos e caneleiras de papelão[41] até agressões que presidentes de times brasileiros cometem contra jornalistas esportivos[42].

A conjuntura em torno da mulher percorre os caminhos da invisibilidade, sendo produzidos "a partir de múltiplos discursos que caracterizam a esfera do privada, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher" (Louro, 2014, p. 21). Nesse caso, a relação que se estabelece entre o ambiente e as fontes analisadas é justamente posta devido ao lugar que as mulheres são impostas socialmente – condicionadas ao aspecto natural e

---

[41] PRIMEIRO MUNDIAL DE MULHERES NA CHINA. Museu do Futebol, São Paulo, dezembro/2023 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/primeiro-mundial-de-mulheres-na-china/.

[42] Em 2025, a jornalista Renata Mendonça, da Rede Globo e do canal Dibradoras, sofreu ataques do presidente do Flamengo, Luiz Eduardo Baptista, após denunciar a estrutura precária oferecida pelo clube ao time profissional de mulheres. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/flamengo/perfil-quebra-silencio-apos-ofensas-do-presidente-do-flamengo/. Acesso em: 16 jan. 2026.

biológico. Isso, por exemplo, corrobora a compreensão do fato de que o futebol de mulheres, nos séculos XX e XXI, não apresentou a mesma proporção de conteúdos nos jornais ou em qualquer meio de comunicação (Dantas; Dos Anjos, 2020).

Ao assimilar a intersecção entre futebol, memória e espaço, não se pode assumir que o futebol possua uma identidade única e homogênea em todo território nacional, apesar das forças sociais e políticas que buscam a unificação e a assimilação das diferenças em torno das seleções nacionais[43]. Isto posto, segundo Hall (2022), existe a identidade que não está nos genes, mas é efetivamente construída e impregnada para que a pense como parte da natureza essencial, como é visto no viés da identidade nacional e de um futebol homogêneo praticado sempre por homens. É fundamental reconhecer que o espaço exerce um papel significativo na construção de diferenciações entre os "futebóis" praticados em diferentes contextos, evidenciando a necessidade de compreender as especificidades regionais, sociais e culturais de cada ambiente.

1.3 Os futebóis e os marcadores sociais de diferença

Em torno das diferenças e desigualdades que permeiam a prática do futebol de mulheres no Brasil, é importante localizar essas disparidades em um contexto de debates. Compreender o futebol exige, antes de tudo, reconhecer o pluralismo que o constitui, sendo ofuscado pelas construções históricas e de memória que o cercam. Apesar de sua diversidade intrínseca, o esporte é frequentemente reduzido à imagem simplificada do "onze contra onze", apresentando o enfoque do futebol de homens. No entanto, o futebol vai além; é um espaço de discussão social, política e econômica que serve de apoio às discussões históricas de seus participantes e públicos, que vêm sendo compreendidos como *futebóis*.

Existe uma diferença entre o futebol do espetáculo e os futebóis; de um lado, enfatiza-se o jogo, as narrativas heroicas e os campeonatos célebres, de outro, discute-se sobre a diversidade, o pluralismo e as concepções sociais do esporte (Damo, 2018). As semelhanças também são destaque, pois a construção do termo *futebóis* surge oficialmente em 2018 para amplificar debates silenciados no futebol, dentre eles, o futebol de mulheres, que surge como uma das influências pontuais para a modulação do conceito. Assim, os futebóis e o futebol coexistem na mesma categoria social e desportiva.

[43] Episódios como o Governo de Getúlio Vargas ou da Ditadura Civil-Militar, pode-se perceber a utilização da seleção brasileira de futebol masculino para promover ufania entre os brasileiros e diluir as diferenças sociais da época em torno do futebol.

Ao abordar os futebóis é possível compreender as múltiplas identidades presentes no universo do futebol (Damo, 2018). Essa perspectiva permite assimilar que os diferentes modos de jogar, torcer e refletir sobre o futebol também são influenciados por essas multiplicidades, em que a existência do campo dos futebóis transcorre sobre a necessidade de marcar também a existência de perfis não brancos, não héteros e não cisnormativos no futebol. Há outros espaços no futebol, para além do "onze contra onze", que precisam ser abordados nos segmentos sociais e midiáticos. Como discute Toledo (2000),

> O futebol como assunto não transita exclusivamente entre esses espaços de pertencimento e domínio do exercício da sociabilidade entre trabalhadores ou categorias profissionais na esfera do não-trabalho, predominantemente masculina. Faz-se presente também em outros contextos e situações sociais que, a priori, não estariam estimulados a veicular através do futebol determinados temas ou práticas de convívio (Toledo, 2000, p. 296).

Dentro disso, visualizam-se dinâmicas que não apenas reproduzem desigualdades regionais, de gênero e de sexualidade, mas também reforçam narrativas hegemônicas que delimitam quais práticas e territórios são legitimados no campo esportivo. Na perspectiva de Damo (2018), ao discutir sobre os futebóis rompe-se a barreira do espetáculo e desenvolvem-se campos de luta, em prol da equidade no fazer do futebol entre as mulheres, por igualdade de salário, de condições de trabalho e por respeito na prática futebolística.

> Não deixa de ser curioso notar como a noção de futebóis, que se estabeleceu lentamente, venha sendo invocada de modo mais frequente e contundente nos últimos tempos. Se na origem fora um conceito empregado, basicamente, num sentido epistemológico, agora é o momento de pensá-lo também num registro político (Damo, 2018, p. 55).

O conceito de futebóis abre espaço para uma discussão epistemológica sobre as múltiplas dimensões do futebol. Logo, o desenvolvimento e as apropriações do termo promovem uma ressignificação que eleva o conceito a um patamar de produção de discursos voltados para a inclusão, em que os futebóis são atravessados por análises recentes sobre o futebol de mulheres, o futebol de várzea, as práticas esportivas de grupos originários e da comunidade LGBTQIAP+, entre outras manifestações. Nesse sentido, os futebóis não apenas reconhecem essas pluralidades, mas também inserem o futebol em um campo social e político, permitindo a problematização de questões de gênero, raça, classe e sexualidade, que historicamente têm moldado o espaço futebolístico, apesar de seus silenciamentos.

Souza Júnior, Carvalho e Prado (2023) discutem sobre a transformação do futebol moderno para os futebóis transmodernos após a conexão com a cultura popular que cerca o futebol. De acordo com eles,

> A diversidade estabelece o reconhecimento e protagonismo das diferenças como condição de humanização. É necessário assumir que a convivência com as diferenças não é uma condição humana espontânea, é uma criação histórica que demanda organização e vontade política dos grupos sociais (Souza Júnior; Carvalho; Prado, 2023, p. 14).

Manifesta-se, assim, uma constituição dos futebóis diante da diversidade e dos marcadores sociais de diferença. Estes são responsáveis por construir representações de hierarquia nos espaços de sociabilidade e na relação entre sujeitos (Mugabe, 2015). Diante da discussão de Henning (2015, p. 100), é possível observar como "gênero, sexualidade, idade/geração, "raça", classe social e corporalidades interagem, contextual e conjunturalmente, de modo a promover potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquizações".

Ao percorrer os caminhos do futebol, percebe-se historicamente a expulsão das diferenças inerentes ao processo de esvaziamento de identidades. Essa realidade responde a uma lógica de superioridade do saber colonizador sobre os territórios colonizados, que influenciam perspectivas de debates e ocultação/silenciamento de identidades marginais, no que saberes e vivências subalternizadas são excluídos, omitidos e ignorados (Grosfoguel, 2023). Nesse sentido, a raça, o gênero, a sexualidade e a classe são categorias que são mobilizadas na pesquisa como referenciais de análise, a fim de examinar as formas pelas quais o futebol de mulheres são representadas ou silenciadas.

Entendendo isso, nos jornais sergipanos, torna-se possível perceber a presença das mulheres no futebol e no esporte em consonância a perfis sociais – à serviço de padrões brancos, heterossexuais e cisnormativos –, enquanto mulheres negras e/ou lésbicas/bissexuais permanecem diante da marginalização ou invisibilização. Por sua vez, na observação do Museu do Futebol percebe-se como a produção de hierarquias são reproduzidas na memória institucional, permitindo a centralização de narrativas hegemônicas em detrimento às experiências atravessadas pela raça, classe e sexualidade.

A exemplo disso, pode-se compreender a retomada a Grosfoguel (2023), em que o racismo é entendido enquanto princípio constitutivo e determinante na construção de perfis sociais e de gênero nacionalmente. O racismo é responsável por organizar e determinar as

estruturas sociais, políticas e econômicas brasileiras. Como um dos resultados dessa característica, percebe-se o afastamento histórico à presença de grupos dissidentes em raça e gênero do esporte e, incisivamente, do futebol, inaugurando uma relação causal de não pertencimento e de não representatividade. O produto dessa construção é a fundamentação de narrativas específicas que seguem a óptica da branquitude e da elitização desportiva em detrimento à inclusão e à diversidade.

Para Rodrigues Filho (2010), para jogar o futebol era preciso se adequar ao uso dos termos em inglês, mas, principalmente, ser de uma "boa família". Essa ideia da "boa família" estaria direcionada às posses, correspondendo à elitização do futebol. Em *O Negro no Futebol Brasileiro* (2010), o autor destaca que

> Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros. Os moleques debruçaram-se na cerca de arame para ver os treinos, se a bola ia fora podiam correr atrás dela, dar um chute. Mas nada de demora. Se demorassem, não levariam as malas dos jogadores, acabado o treino, até o bonde que passava na Rua das Laranjeiras (Rodrigues Filho, 2010, p. 36)

A territorialização e a marginalização são aspectos inerentes ao futebol desde a sua gênese; consegue-se observar essa ideia local, regional ou nacionalmente envolta de princípios de aceitabilidade no esporte. Contudo, Rodrigues Filho (2010) argumentava que a prática ou a ausência da prática do futebol não estava diretamente relacionada à raça ou cor. Entretanto, torna-se evidente que o distanciamento de determinados grupos da prática futebolística, especialmente em razão de questões políticas previamente discutidas, configura-se diretamente e determinadamente como uma questão racial.

No transcurso desse processo, ao analisar nacionalmente, os marcadores de diferenças relacionam-se com a necessidade de manter o *status quo* nacional. O ato de expurgar os futebóis do futebol brasileiro corresponde à necessidade de manter a imagem e a identidade do Brasil circunscritas à branquitude e à cisheteronormatividade correspondente a uma identidade endurecida no futebol. Ao mesmo tempo, a negação da presença e da luta contra o racismo e a homotransfobia no esporte dá-se diante de uma necessidade de silenciar as resistências e evitar reconhecer os processos históricos que se relacionam entre futebol e história do Brasil (Carvalho; Prado, 2023).

O futebol, no Brasil, projeta-se em uma incapacidade de produzir significados que ultrapassam as fronteiras da branquitude e da cisheteronormatividade oficialmente. O

descontentamento em relação aos papéis de gênero e raciais desempenhados no contexto esportivo contribuiu para um sistema de rupturas que prejudicava a construção de uma imagem homogênea e idealizada do Brasil. Nesse cenário, a instrumentalização política do futebol emergiu como uma estratégia para preservar a estrutura de exclusão das dissidências, consolidando a prática desportiva como um espaço predominantemente ocupado por homens brancos. Com isso, há um reforço à construção de narrativas-ausentes diante da associação do futebol e de seus praticantes às elites: homens, brancos e ricos.

Essa realidade, que delimita e condiciona a expressão das identidades, segue a lógica de uma convenção racista, entendida como uma construção ideológica que sustenta e legitima processos de discriminação, sendo capaz de favorecer grupos e sujeitos específicos da estrutura social (Gonzalez, 2000). Diante disso, os marcadores de diferenças atingem os campos sociais de forma interseccional, nos quais as análises dos espectros e das conjunturas dão-se mediante uma compreensão analítica parcial e total. A compreensão do futebol de mulheres perpassa os processos de formação e permanência da modalidade, atravessados por relações de gênero e raça. Esses marcadores operam de forma indissociável, estruturando discursos e práticas que limitam o acesso, a visibilidade e o reconhecimento das mulheres no futebol, especialmente em contextos marcados pela colonialidade, como aponta Lugones ao destacar que

> A lógica da dominação impõe uma concepção categórica daquilo que, de fato, é uma fusão ou uma rede de opressões. O lugar da opressão pode ser compreendido como uma sobreposição de opressões que se cruzam ou se entrelaçam e que se tecem ou se fundem. Gênero e raça, por exemplo, não se cruzam como categorias de opressão separadas e separáveis. Pelo contrário, a opressão de gênero e a de raça afetam as pessoas sem qualquer possibilidade de separação. É por isso que existem mais de dois gêneros[44] (Lugones, p. 69, 2005).

Na intersecção dos marcadores sociais, do futebol de mulheres e do pensamento de Lugones (2005), destaca-se a compreensão de Wittig (2022, p. 43) de que "a base da opressão da mulher é tão biológica quanto histórica". Há uma expressão sobre as vivências das mulheres no futebol que perpassa noções da natureza feminina e do lugar da mulher na sociedade, no entrevês de sistemas de opressão, silenciamento e ocultação. Para Goellner (2005), a ausência ou o afastamento histórico empreendido sobre as mulheres no futebol brasileiro está dado sobre duas perspectivas: a relação entre futebol-masculinização da mulher e a relação linear feminilidade-mulher-beleza.

[44] Tradução nossa.

Segundo Wittig (2022), existe a necessidade de realizar a distinção entre as "mulheres", enquanto classe, e a "mulher", enquanto mito. Para a autora, a mulher mito corresponde a uma formação imaginária e ideológica, que condiz, justamente, com a construção sobre a natureza feminina e o lugar da mulher na sociedade. Butler (2018) apresenta que o sujeito das mulheres não está mais em um estado de estabilidade ou de permanência, isto diante de alterações estruturais na ordem do ser e em relação às resistências feministas ao decorrer do tempo. Desse modo, a mulher que joga, que apita, que fala e que torce no espaço do futebol é posta sobre uma ideia de um *não-lugar*, pois ocupa um espaço que não existe e que não deveria ser ocupado por elas socialmente, em consequência do pensamento das estruturas coloniais e da herança de uma memória de esvaziamentos identitários.

A mulher que transita no espaço do futebol responde enquanto sujeito social às expectativas sobrepostas à mulher mito. Por sua vez, esta deve performar uma expressividade delegada ao gênero feminino: feminilidade, beleza, maternidade. A performatividade de gênero, em consonância com Butler (2019), é um ato reiterativo, que persiste dentro das conjunturas sociais, sendo reafirmada por um imperativo de uma ordem dominante: branca, heterossexual e cisgênero. Ao produzir trabalhos sobre mulheres e lesbianidades no esporte, Pisani (2018) apresenta as dificuldades de localizar geográfica e socialmente as mulheres de sua pesquisa devido, principalmente, ao preconceito quanto ao "desvio" do gênero que as mulheres esportistas poderiam apresentar, ela destaca que

> Desavenças com familiares que não aceitam esse tipo de sexualidade, patrocinadores que se recusam a associar sua imagem às mulheres que fogem ao padrão heteronormativo no qual a performance de gênero da mulher, a sexualidade heterossexual e a corporeidade do que se entende por feminina precisam estar em perfeita consonância e a imprensa que macula a imagem das mulheres atletas, sobretudo atletas lésbicas e negras (Pisani, 2018, p. 253).

A presença de mulheres nos espaços do futebol rompe com as normas tradicionais de gênero e sexualidade, expondo-se à diferença, à estranheza e à marginalização. A perspectiva de Fattuma (2023) aponta que corporeidades e identidades dissidentes enfrentam discursos cisnormativos de gênero de forma violenta e restritiva. A prática do futebol de mulheres - seja jogando, torcendo ou construindo narrativas - desafia as expectativas de gênero historicamente impostas, reivindicando uma reconfiguração das normas sociais e culturais que delimitam o papel da mulher na sociedade.

Essas expectativas de gênero transitam entre as feminilidades e as masculinidades que moldam a composição da sociedade e incidem sobre o esporte. A performatividade de gênero, nesse cenário, baseia-se em concepções hegemônicas e rígidas de feminilidade e masculinidade, ocultando ou apagando outras formas de expressões identitárias. Retomando a análise de Pisani (2012) sobre a identidade futebolística centrada no "menino-jogador" e "menino-torcedor", é possível observar esse futebol que é historicamente associado ao homem e à virilidade mediada pelas construções profundamente enraizadas em relações coloniais, patriarcais e sexistas, em que a mulher-lésbica-bissexual-negra não é aceita.

Nessa associação insistente do "menino e o futebol", a mulher é frequentemente enquadrada em um imaginário que lhe atribui a identidade de "mulher-macho", em reforço a estigmas e à marginalização; nos estudos de Moraes (2020, p. 265), surge a expressão "macho-feme", amplamente utilizada na Bahia na década de 1970 como termo pejorativo para se referir a meninas que apresentavam características sociais associadas à masculinidade, em um discurso de cunho lesbifóbico. De maneira semelhante, Wittig exemplifica como a concepção da mulher não normativa desafia as categorizações binárias de expressão de identidade, desencadeando a ideia de que esse grupo seja percebido como "uma não mulher, um não homem, um produto da sociedade, não um produto da natureza" (2022, p. 45).

Evidencia-se um discurso relativo às normas de gênero que são historicamente construídas em torno da exclusão e da marginalização de identidades que fogem à hétero e à cisnormatividade. A opressão se estrutura no entrelace de questões de raça, de gênero e de sexualidade sob a perpetuação de concepções sociais que dialogam com princípios e imposições normativas socialmente, para Wittig essa constituição faz-se presente diante do fato de que

> A recusa de se tornar (ou permanecer) heterossexual sempre significou uma recusa de se tornar um homem ou uma mulher, conscientemente ou não. Para uma lésbica, isso vai além da recusa do *papel* de "mulher". É a recusa do poder econômico, ideológico e político de um homem (Wittig, 2022, p. 46).

Assim, a heteronormatividade é também um princípio organizador, em vista da construção e da imposição de um modelo heterossexual - como único sistema legítimo - sobre a vida social (Pisani, 2018). Esse modelo está intrinsecamente ligado aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, reforçando uma construção social imposta que limita expressões de gênero e sexualidade fora desse padrão. Diante disso, os sistemas ordenados pela heteronormatividade determinam a narrativa de exclusão; o ambiente do futebol persiste

na expulsão das dissidências. Portanto, para uma perspectiva preconceituosa, a mulher do futebol estaria negando seu papel social: sua feminilidade, sua beleza, sua maternidade. No futebol, assim, esse processo está também atribuído à construção proferida por Wittig (2022), que afirma

> Os discursos que oprimem particularmente a todos nós, lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Esses discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade em um campo apolítico, como se todos os signos desse campo pudessem escapar do político neste momento da história e como se, no que diz respeito a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos de heterossexualidade nos oprimem uma vez que nos impedem de falar a não ser que falemos nos termos deles (Wittig, 2022, p. 59).

À luz de Fattuma (2023), o discurso imposto sobre gênero, raça e sexualidade reflete a apropriação e o controle dos corpos de mulheres negras e lésbicas, bissexuais ou panssexuais, perpetuando as imposições de um modelo civilizatório de matriz colonial. No contexto do futebol, a intersecção da presença de mulheres negras e homoafetivas representa uma ruptura com esse modelo patriarcal, sexista e homofóbico, na medida em que reafirma sua autonomia e agência sobre seus próprios corpos. Diante disso, nesta pesquisa, visualiza-se a compreensão das relações de gênero como categoria central, buscando verificar como as representações do futebol de mulheres são produzidas, silenciadas ou tensionadas nas narrativas jornalísticas e museais. Assim, as mulheres são analisadas como sujeitos históricos, mas também como eixo a partir do qual se evidenciam as hierarquias de gênero, raça e sexualidade que estruturam o campo futebolístico.

Hall (2022) argumenta que existem dois movimentos contrapostos e paralelos: a homogeneização global e o ressurgimento da etnia. Esses dois pontos podem ser também compreendidos entre o futebol e os futebóis, respectivamente. De um lado, o futebol – instrumentalizado historicamente – busca convergir apenas para o jogo e, consequentemente, silenciando discussões de raça, gênero e classe no esporte. De outro, os futebóis que buscam a evidenciação das questões e dos marcadores sociais dentro do futebol, a fim de promover discussões que resultem na mudança da experiência desportiva para a sociedade.

Seguindo a lógica dos movimentos que se articulam globalmente, Dorlin (2021) destaca que indivíduos não brancos e LGBTQIA+ reconfiguram as dinâmicas sociais como forma de resistência à teia normativa e repressiva que busca dissolver identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes. A homogeneização desempenha um papel crucial na manutenção da superioridade de um grupo específico, permitindo a construção de narrativas

hegemônicas e a ocupação privilegiada de espaços. Esse processo perpetua a invisibilização das diferenças e a negação de questões sociais que afetam diretamente grupos marginalizados, seja no futebol ou na sociedade em geral, reforçando estruturas de exclusão e desigualdade.

2. O FUTEBOL DE MULHERES: ENTRE A MEMÓRIA E A IMPRENSA SERGIPANA

Sob um cenário marcado por opressões e estratégias de resistência, delineia-se a construção de uma memória e representação específica acerca do futebol de mulheres no Brasil, inseridas em um campo permeado por disputas e lutas simbólicas. Ao analisar o processo de iniciação e desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, Bonfim (2019) explora os circos, as festas sportivas e os campos suburbanos até 1941, ano em que a prática desportiva por mulheres foi proibida. Conforme Ribeiro (2022), o Decreto-Lei 3.199/1941, responsável por promover uma inflexão discursiva sobre a prática de esportes no Brasil, é organizado pelo CND, composto por homens brancos e pertencentes à elite brasileira, depositando sobre a normativa suas crenças, valores e ideais sociais. Somado a isso, em 2 de agosto de 1965, o CND reforçou com deliberações a proibição às mulheres com a especificação dos esportes que eram impedidos, destacando lutas, rugby e futebol (de campo, de salão e de praia)[45]. Assim, entre 1941 e 1979, o futebol feminino permaneceu interditado, e toda atividade nesse período ecoou como símbolo de luta e resistência das mulheres no esporte.

Esta pesquisa foca no recorte cronológico de 1983 a 2000, abrangendo desde a regulamentação do futebol feminino no Brasil até o período que abrange as Olimpíadas de Sidney, com a participação histórica da seleção nacional brasileira. Embora a análise desta pesquisa se concentre nos anos de 1983 a 2000, é fundamental reconhecer que a construção da representação desse período é profundamente influenciada pela memória e identidade moldadas durante o período de proibição do esporte, cujos impactos reverberam até o tempo presente. Por sua vez, a formação da representação social em torno do futebol feminino insere-se em um campo marcado pelas dinâmicas das influências informacionais e políticas do Brasil.

Os jornais do período analisado (1983-2000) atuam como reflexos da produção de discursos políticos dirigidos à sociedade. Goellner (1999), em seus estudos sobre a *Revista Educação Physica*, evidencia a relação entre os discursos médico e político como justificativa para a presença e ausência de mulheres em determinados espaços, incluindo o esporte. De maneira semelhante, a *Gazeta de Sergipe* adota um discurso limitante na construção do caderno *Jornal da Mulher*, ao concentrar-se em práticas associadas à maternidade, à

[45] Disponível em: https://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/. Acesso em: 27 dez. 2024.

feminilidade e ao âmbito doméstico. Assim, os discursos nacionais e locais apresentam linhas de raciocínio e estímulos que se entrelaçam e se reforçam mutuamente, perpetuando representações restritivas sobre as mulheres em escala de gênero e sexualidades.

Com as movimentações internacionais promovidas pela FIFA em 1979, que focavam na internacionalização do esporte brasileiro, ocorreu a revogação da proibição da prática de desportos por mulheres no Brasil. Contudo, a regulamentação do futebol feminino foi implementada apenas em 1983, que deveria representar uma mudança de perspectiva para a modalidade, já que institucionalizá-la significa a possibilidade de acesso a recursos financeiros e a criação de condições para o seu desenvolvimento. No entanto, conforme apontam Almeida e Pisani (2015), a realidade ficou marcada pela ausência de um calendário estruturado e pela falta de competições organizadas pelos dirigentes dos clubes, limitando o crescimento efetivo do futebol de mulheres.

Com o passar do tempo, o surgimento de atividades no calendário internacional do esporte contribuiu para uma maior atenção jornalística, que será analisada nos segmentos posteriores, sendo relevante salientar que, embora diversos campeonatos tenham ocorrido entre comissões e equipes internacionais, foi apenas em 1988 que a FIFA reconheceu oficialmente uma competição feminina. Esse torneio, denominado Torneio Experimental, foi realizado na China e contou com a participação de 12 países, representando um marco significativo no reconhecimento institucional do futebol de mulheres no cenário internacional. Posteriormente, em 1991, ocorreu a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino e, apenas em 1996, a primeira edição do futebol feminino das Olimpíadas de Verão em Atlanta[46].

A análise dos jornais centrou-se, principalmente, nas colunas esportivas, com o objetivo de investigar a frequência e a qualidade das aparições relacionadas à interação entre futebol e mulheres, tanto em Sergipe quanto no Brasil. No que diz respeito à qualidade, foram observados aspectos como a estrutura das matérias, sua localização dentro do periódico e o teor das abordagens, classificadas como sexistas/machistas/preconceituosas ou em destaque para a prática esportiva, especialmente do futebol por mulheres. Para tanto, foram examinados

[46] A disparidade entre o futebol praticado por homens e mulheres é evidente também no âmbito internacional. Enquanto a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Masculino foi realizada em 1930, a edição inaugural da Copa do Mundo de Futebol Feminino ocorreu apenas em 1991. De maneira similar, nos Jogos Olímpicos, o futebol masculino foi incluído já na edição de 1900, enquanto a modalidade feminina só foi incorporada quase um século depois, em 1996.

os jornais *Gazeta de Sergipe*, *Jornal da Cidade* e *Jornal de Sergipe*, totalizando 6.363 edições analisadas no período entre 1983 à 2000[47].

A utilização dos jornais como fonte histórica se fundamenta em sua capacidade de representar o contexto sociocultural e político de um período, mediada pela comunicação e pela formação da memória coletiva. Entende-se que os textos jornalísticos buscam dialogar com a realidade concreta (Barros, 2012), apresentando uma conjuntura específica que reflete o pensamento social, político e econômico da época. Contudo, os jornais também são atravessados por particularidades editoriais e perspectivas estruturais, próprias de cada veículo, o que amplia suas possibilidades interpretativas como documentos históricos.

De tal modo, a transformação do cenário político e social brasileiro, marcada pelo fim da ditadura civil-militar e pela promulgação da Constituição de 1988, desencadeou mudanças profundas no contexto da imprensa nacional. Assim, entre as décadas de 1980 e 2000, esses processos favoreceram uma reestruturação do espaço social e impulsionaram alterações significativas nas narrativas jornalísticas. Em que se destacou a consolidação do caderno de economia, o fortalecimento do jornalismo investigativo e a incorporação de recursos tecnológicos, que redefiniram tanto a forma quanto o conteúdo do jornalismo brasileiro (Barbosa, 2007).

A análise dos periódicos parte da compreensão do jornal como fonte histórica e objeto de investigação. Para fins da análise construída na pesquisa, as matérias relacionadas ao esporte praticado por mulheres foram classificadas em categorias, considerando critérios como modalidade esportiva, centralidade da mulher na narrativa, enquadramento discursivo e frequência de aparições. Logo, perpassou-se pela análise, qualificação e quantificação desses materiais.

A Gazeta de Sergipe destacou-se como o jornal com o maior volume de edições e maior regularidade no período analisado, embora o periódico apresente lacunas nos anos de 1992, 1993, 1996 e 1997, ainda assim, foram examinadas 2.510 edições. Dentro dessas edições, foi possível encontrar 53 aparições que destacavam o futebol de mulheres; 22 sobre futsal de mulheres; e 257 sobre demais esportes femininos. Além disso, pode-se concluir que 332 das aparições diretas sobre mulheres no ambiente desportivo foram positivas, enquanto 137 foram aparições de cunho negativo (focado em sexualização e objetificação). Fundado por Orlando Dantas (1900-1982), o jornal teve sua origem sob o nome Gazeta Socialista,

[47] Destaca-se que, devido à disponibilidade do acervo digital, os anos analisados e a quantidade de edições analisadas são diferentes para cada jornal.

denominação mantida entre 1948 e 1958. Conforme aponta Campêllo (2007, p. 56), a mudança do nome refletiu o interesse de Orlando Dantas em atrair leitores de todas as classes sociais, almejando oferecer aos sergipanos um jornal "vibrante, atuante, aberto e que penetrasse em todos os setores da vida no Estado".

Nessa constante, a Gazeta de Sergipe, amplamente reconhecida como um periódico progressista e de orientação à esquerda, consolidou-se como um ícone do jornalismo no estado, contudo, apesar de sua reputação, o jornal nem sempre manteve uma postura combativa (Reis, 2014). Segundo Barreto (2020), essa mudança de posicionamento decorreu da alteração na orientação política de seu proprietário durante a ditadura civil-militar. Dentro disso, a estrutura do jornal foi também sendo alterada com o avançar dos anos, ampliando em número de colunas e páginas, de modo inicial, abrangia diversos eixos temáticos, buscando alcançar diferentes segmentos da sociedade, em que

> Dentre as colunas encontradas temos: "A vida da cidade", "Noticiário Internacional", "Noticiário Político" (mais tarde Panorama político), "Gazeta nos Esportes", "A vida nos municípios", "Forenses", "Coluna Sindical", "Variações em Fá Sustenido", "Economia e Finanças". As edições do jornal oscilavam com quatro ou seis laudas e algumas chegaram a ter até oito laudas (REIS, 2014. p. 41).

O Jornal da Cidade teve 987 edições analisadas no período estudado, abrangendo de 1983 a 1985, apresentando 128 retratações do esporte praticado por mulheres, havendo 5 aparições sobre o futebol. Fundado em 1971 pelo jornalista Ivan Valença e pelo empresário Nazário Pimentel, o periódico introduziu novos maquinários e uma abordagem inovadora ao jornalismo em Sergipe. Em 1976, Augusto Franco[48] adquiriu o *Jornal da Cidade*, com o objetivo de fortalecer o cenário jornalístico e consolidar um grupo de comunicação de destaque no estado, que contava com o apoio de outros editoriais, como Gazeta de Sergipe e Diário de Aracaju, sofrendo oposição do Jornal de Sergipe (Franciscato e Silva, 2020). Por sua vez, O Jornal de Sergipe teve 1.470 edições analisadas entre 1983 e 1992, em que apenas 97 aparições sobre esporte feminino ocorreram, com apenas 10 tratando sobre o futebol de mulheres. Fundado em 1978 por José Carlos Teixeira, tinha como objetivo elevar as divulgações do MDB durante as eleições do ano corrente, não obtendo êxito, o jornal foi vendido para Nazário Pimentel (Franciscato e Silva, 2020).

[48] Augusto Franco (1912-2003) foi um médico, empresário e político sergipano que desempenhou um papel significativo na política durante a ditadura civil-militar. Filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), foi eleito deputado federal em 1966, senador em 1970 e governador de Sergipe em dois mandatos consecutivos, em 1974 e 1978.

Compreender a história do futebol brasileiro exige uma análise que passa, incisivamente, pelo jornalismo e suas múltiplas dimensões documentais, visto os jornais enquanto "veículos de manutenção e "construção" da memória" (Soares; Helal; Santoro, 2004, p. 63). As narrativas jornalísticas constituem um dos principais pontos de partida para os estudos sobre a história do futebol, dado seu papel na mediação e difusão do esporte. Conforme argumenta Souza (2003, p. 66), a relação entre o jornalismo esportivo e o futebol "é indissociável da invenção do futebol como esporte popular e nacional". Sob essa perspectiva, a popularização do futebol no Brasil, assim como sua história, está intrinsecamente relacionada ao jornalismo, que, desde então, contribuiu para a construção de narrativas históricas e simbólicas em torno do esporte.

O uso de fontes jornalísticas parte da compreensão de que as narrativas são intrinsecamente influenciadas pelas perspectivas do emissor, refletindo posições políticas e sociais específicas. De acordo com Coelho (2004), as narrativas sobre o futebol que abordam a representação nacional são marcadas por uma parcialidade óbvia, enquanto a imparcialidade é mais esperada nas narrativas relacionadas aos clubes. Essa distinção se insere em um discurso nacionalista que permeia a construção das histórias do futebol, influenciando tanto as narrativas sobre o futebol brasileiro quanto aquelas em âmbito mundial.

Reconhece-se que a história do futebol, assim como todos os elementos que a permeiam, é profundamente marcada por sentimentos e paixões. Analisar as fontes, portanto, exige a compreensão das dimensões temporais, espaciais e sociais que influenciam tanto a parcialidade quanto as subjetividades envolvidas nas construções históricas e simbólicas. Nesse sentido, Santos destaca que

> Já podemos, assim, pensar em duas questões iniciais para nossas pesquisas sobre a história do futebol. A primeira é que temos de ter consciência que estamos escrevendo a nossa versão da história. A segunda é que essa história deve ser escrita a partir do tripé "tempo, espaço e problema" (Santos, 2020, p. 141).

No campo da compreensão do futebol, o papel do jornal destaca-se por observar, descrever, apresentar e perpetuar enredos e histórias por meio de narrativas que refletem as tendências sociais de cada período. As diferenças nas formas de narrar o futebol ao longo das décadas tornam-se evidentes na mídia, especialmente nos jornais e telejornais. Essas variações também acompanham o desenvolvimento do esporte entre diferentes modalidades, refletindo performances e características que se transformam com o tempo.

Os jornais são compreendidos como fontes históricas fundamentais, pois oferecem um amplo campo de possibilidades para o registro das tradições e da história do futebol. Schatz (2015) propõe que a popularização do futebol impulsionou os jornalistas a buscar uma compreensão mais profunda sobre o lugar do futebol na cultura brasileira. Assim, reforça-se o entendimento de que

> Os jornais não manipulam uma visão da sociedade brasileira sobre o futebol. Porém, eles maximizam ou reforçam o imaginário que nossa sociedade tem sobre seu futebol. A memória funciona, assim, como um importante mecanismo de reforço identitário. O ato de rememorar, que inclui os esquecimentos, auxilia a reconstruir e traduzir aquilo que se idealiza ser o futebol brasileiro e nosso povo (Soares; Helal; Santoro, 2004, p. 68).

De um lado, a história do futebol nacional está profundamente entrelaçada com a história de um futebol praticado por homens, enquanto a invisibilização das mulheres nesse contexto reflete um processo cultural e identitário. Como apontam Mourão e Morel (2005, p. 79), o futebol é historicamente concebido "como um espaço de práticas sociais masculinas". Assim, as páginas dos jornais, os estádios e os times predominantemente compostos por homens reforçam uma máxima característica do Brasil: a hegemonia masculina no futebol, perpetuada tanto pelo protagonismo construído quanto pelas narrativas que os representam.

Encontrar material sobre o futebol praticado por homens não é um desafio; os inúmeros marcos iniciais, os diversos precursores e o desenvolvimento do esporte, entre apoiadores e opositores, foram amplamente noticiados e registrados (Bonfim, 2019); (Hollanda; Melo, 2012). Apesar disso, as narrativas jornalísticas empreendidas optam por selecionar imagens específicas do futebol praticado por homens, buscando perpetuar também crenças e tradições específicas (Soares; Bartholo; Salvador, 2007)[49]. Esse processo auxilia a desenvolver e conservar o imaginário social sobre o futebol, perpetuando como e por quem o esporte deve ser praticado.

Por outro lado, a escassez de fontes constitui um obstáculo significativo para as pesquisas sobre a história do futebol de mulheres. As perseguições e os entraves políticos ao longo do tempo impactaram diretamente a produção e preservação de registros documentais. Conforme argumenta Bonfim (2019), reconstruir as narrativas do futebol protagonizado por mulheres no Brasil representa um desafio, especialmente devido às limitações impostas pela ausência de fontes históricas consistentes.

[49] Soares, Bartholo e Salvador (2007) destacam a seletividade nas narrativas jornalísticas ao ocultar qualidades específicas da seleção masculina de futebol na Copa de 1970, em prol de perpetuar uma imagem identitária voltada ao futebol-arte e à malandragem.

Apesar das limitações, Goellner (2005) destaca a existência de crônicas, excertos e notícias que abordam a relação entre o futebol e as mulheres. É importante ressaltar que não se nega a presença de narrativas sobre o tema; pelo contrário, produções que tratam do futebol feminino de fato existiram. No entanto, a qualidade e a quantidade dessas produções são inegavelmente mínimas e fragmentadas ao longo do tempo, dificultando uma análise mais consistente e abrangente.

Logo, se a história do futebol está intrinsecamente ligada à imprensa e às suas produções, ao condensar as narrativas plurais, surgem desafios significativos para compreender a trajetória do futebol praticado e exercido por mulheres. Os estudos sobre o futebol de mulheres enfrentam essas limitações materiais que dificultam a reconstrução de eventos, competições, marcos históricos e a identificação de suas precursoras. Em meio a um cenário dominado por imagens masculinas e textos que exaltam o futebol de homens, a prospecção e a análise de jornais é a perspectiva sobre a possibilidade de compreender a presença e a atuação de mulheres no esporte e no futebol.

2.1 O futebol de mulheres através dos jornais

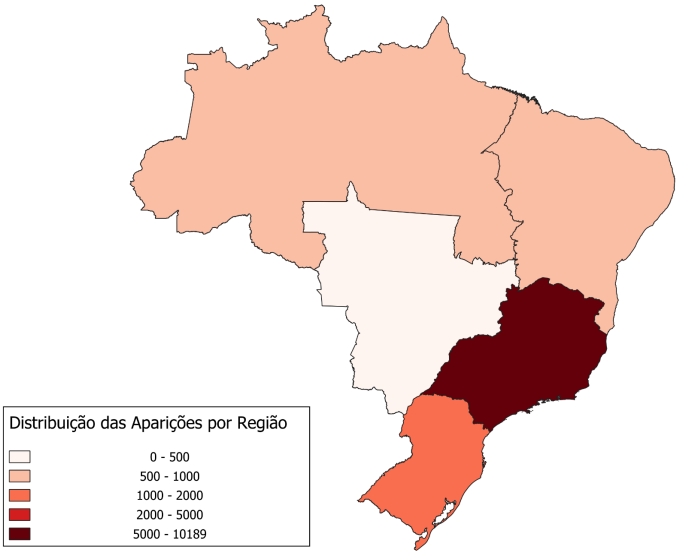
Para investigar a presença das mulheres no futebol retratada nos jornais de forma mais ampla, foi realizada uma pesquisa inicial de caráter geral, com o objetivo de quantificar e mapear as representações das mulheres no futebol através das produções jornalísticas no Brasil. A pesquisa foi conduzida por meio da plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira, analisando publicações que abrangem o período desde a chegada do futebol ao Brasil até os dias atuais (1900-2024). Buscou-se verificar a frequência e a distribuição das ocorrências por região e estado, observando as variações temporais e geográficas dessas representações.

A análise foi conduzida utilizando três termos-chave relacionados ao futebol: "feminino", "de mulheres" e "de moças". Esses termos foram utilizados devido ao fato de que tais expressões foram historicamente mobilizadas pela imprensa brasileira para nomear, enquadrar e distinguir a participação das mulheres no futebol, variando conforme o período, o contexto sociocultural e o grau de legitimação atribuído à prática. Esses termos foram aplicados como filtros para identificar notícias, artigos e registros que abordassem a participação das mulheres no futebol, proporcionando uma compreensão mais detalhada da presença feminina nesse contexto ao longo do tempo. É importante ressaltar que a pesquisa realizada na Hemeroteca Digital Brasileira não abrange a totalidade das produções

jornalísticas, limitando-se àquelas que estão digitalizadas no acervo. Ainda assim, os dados coletados oferecem uma visão representativa e replicável sobre as notícias e produções veiculadas acerca do futebol feminino no Brasil, contribuindo para a compreensão desse recorte histórico.

Por meio da pesquisa, identificou-se a presença de 109 jornais das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste que veicularam notícias sobre o futebol feminino, enquanto no Norte e no Nordeste esse número foi significativamente menor, com apenas 18 jornais registrados. O Mapa 1 ilustra a distribuição geográfica da frequência dessas aparições nos jornais brasileiros, utilizando a intensidade das cores para indicar as áreas com maior e menor incidência de publicações. Essa representação permite evidenciar o contraste marcante entre o Nordeste e o Sudeste do Brasil, destacando as disparidades na visibilidade e narrativa do futebol feminino em diferentes regiões do país.

Mapa 1 - Mapeamento das aparições de notícias sobre Futebol Feminino por Região (1900-2024).



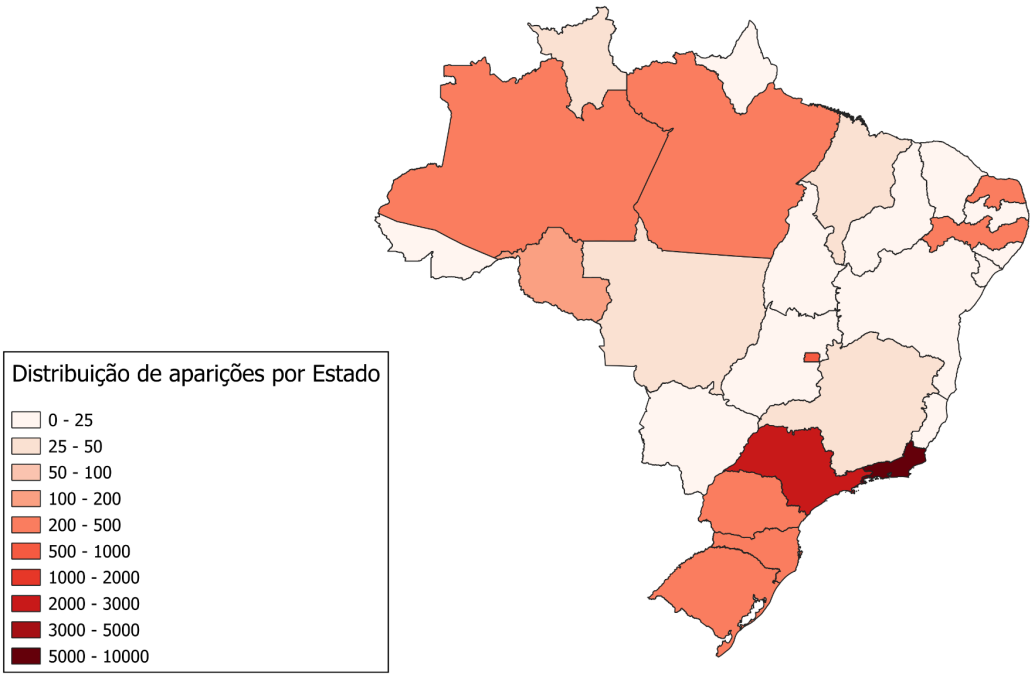
Fonte: Elaborado pela autora.[50]

A partir desses dados, é possível perceber que a concentração da visibilidade do futebol de mulheres concentra-se nas regiões Sul e Sudeste. Entende-se que, historicamente, o grau de desenvolvimento e acesso a recursos de mídia, financeiros e institucionais permitem essa maior visibilidade e, até mesmo, desenvolvimento, tal qual visto com o futebol de homens. Essa centralidade nos permite verificar sobre o processo de marginalização posto ao Nordeste que responde ao imaginário coletivo e no acesso às narrativas esportivas.

[50] O mapeamento foi realizado por meio do banco de dados da Biblioteca Nacional na Hemeroteca Digital.

A relação desigual manifesta-se tanto no campo econômico – com a falta de incentivo à prática e à infraestrutura de qualidade ao longo das décadas – quanto no campo simbólico, refletindo a ideia de um futebol periférico e marginalizado, frequentemente compreendido como menos relevante e menos difundido. A ausência ou a incipiente valorização do futebol feminino no Nordeste, seja na prática local, seja nos reflexos do futebol de outras regiões, está intrinsecamente ligada às instituições e às tradições culturais que perpetuam uma frágil identificação social e cultural. Essa marginalização reforça barreiras históricas que dificultam a integração e a valorização do futebol feminino nordestino no cenário nacional.

Mapa 2 - Mapeamento das aparições de notícias sobre Futebol Feminino por Estado (1900-2024).



Fonte: Elaborado pela autora.

Por sua vez, o Mapa 2 busca oferecer uma análise detalhada da distribuição de aparições de publicações por estado, apresentando os dados de forma geograficamente específica. A partir dos resultados obtidos, os locais com maior número de publicações foram o Rio de Janeiro, com 7.223 registros, seguido por São Paulo, com 2.848, e o Distrito Federal, com 719. Por outro lado, os estados com menor incidência de publicações, excluindo aqueles que não apresentaram nenhum registro[51], foram Espírito Santo (3), Acre (5) e Goiás (13).

Esse mapa baseia-se na prospecção de fontes jornalísticas, que foram mapeadas de acordo com critérios geográficos e quantitativos, com o objetivo de identificar disparidades na

[51] Os estados que não apareceram na pesquisa foram Alagoas (AL), Amapá (AP), Paraíba (PB), Piaui (PI), Sergipe (SE) e Tocantins (TO).

distribuição e no volume de publicações sobre o futebol de mulheres entre as regiões e os estados. Constata-se que as dinâmicas regionais influenciam a visibilidade do futebol feminino nos meios de comunicação e suas repercussões no imaginário social. A concentração, evidenciada pela maior intensidade de pigmentação entre as regiões Sul e Sudeste do país, reflete diretamente na predominância das discussões sobre o futebol feminino nessas localidades. A disparidade visualizada, no entanto, revela uma limitação significativa no alcance dessas discussões em outras regiões, como o Nordeste, onde a visibilidade do futebol feminino não alcança a mesma projeção no espaço social.

Diante disso, ao se inserir na análise exclusivamente dos jornais sergipanos, evidencia-se uma distinção significativa que marca as discussões de gênero e de sexualidade nos jornais que precisam ser abordadas: a relação mulher-esporte e mulher-futebol. Essa diferenciação está intimamente ligada à construção de perfis sociais e à consolidação de um imaginário coletivo que delimita o lugar da mulher no âmbito esportivo. Nos periódicos sergipanos, essa tendência se manifesta de forma recorrente, refletida nas edições e na maneira como as mulheres são representadas, muitas vezes reduzidas a objetos de desejo, reforçando estereótipos de gênero, por meio da sexualização.

A associação entre mulher e esporte nos jornais sergipanos manifesta-se em torno de três aspectos principais: a exposição da imagem feminina, a utilização de mulheres na propaganda e o decoro nas competições esportivas. No que diz respeito ao primeiro aspecto, destaca-se a Figura 10, que ilustra uma matéria publicada na *Gazeta de Sergipe* em 27 de setembro de 1988, na coluna “À Beira do Gramado” de Givaldo Batista. A matéria apresenta “Tânia”, acompanhada de sua fotografia e um texto que configura um discurso sobre a representação presente na coluna esportiva do jornal.

Figura 10 - Tânia: símbolo da representação dos jornais.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 27 de setembro de 1988

Em primeiro momento, a análise da imagem de Tânia revela sua representação trajando roupas íntimas e uma faixa, em uma fotografia realizada no Estádio Estadual Lourival Baptista, popularmente conhecido como Arena Batistão, sendo o principal estádio do estado sergipano. O registro foi realizado durante a Festa das Faixas do Confiança, um evento de caráter comemorativo, apesar disso, entende-se que o contexto evidencia como o jornal utilizava a figura feminina para compor uma narrativa que mesclava o universo esportivo com elementos de espetáculo, reforçando estereótipos de gênero com um teor reducionista.

A ideia apresentada torna-se ainda mais contundente quando analisamos o texto da notícia que acompanha a imagem de Tânia, evidenciando os símbolos utilizados na construção e perpetuação das representações da mulher, do esporte e do futebol nos jornais. O reforço sobre a presença dominante de figuras masculinas na coluna esportiva do jornal expressa uma realidade explícita no discurso do texto, percebida no comentário posto no periódico, pontuando que

> Dizem que página de esporte em jornal serve para divulgar o futebol e outros esportes e a ilustração é sempre homem, dirigente ou atleta. Hoje porém esta coluna quebra uma rotina e publica a foto de Tânia. Modelo criada pelo Orlandinho, a garota está sendo trabalhada para ser a Rainha do Carnaval de 89. Tânia fez sucesso desligando sexta-feira, na festa das faixas do Confiança. Ela é integrante do time das Confinantes (Gazeta De Sergipe, 27 de setembro de 1988).

Compreende-se que esse tipo de representação – voltada à exaltação dos atributos físicos e do corpo feminino – como forma de manutenção do vínculo do estereótipo no futebol, que se faz presente nos jornais e reflete o contexto histórico-social em que está

inserida. Segundo afirma Perrot (2005), a narrativa histórica tradicional tende a privilegiar cenários que favorecem a presença masculina, enquanto as mulheres são frequentemente relegadas ao esquecimento. O discurso predominante que exalta a presença dos homens e organiza seu destaque nas páginas dos jornais contribui para a perpetuação de um contexto marcado pela distinção e pela valorização masculina. No espaço esportivo, em particular, essa lógica acaba por influenciar a estruturação de hierarquias de gênero, evidenciando os interesses e conquistas dos homens, em detrimento da visibilidade e reconhecimento das mulheres.

Embora pareça haver uma abertura para a presença feminina na coluna esportiva, o espaço concedido às mulheres é marcado por uma representação que as sexualiza e objetifica, tanto por meio das imagens quanto pelas palavras utilizadas nas notícias, promovendo perfis sociais que enrijecem o conceito do que é ser mulher para os periódicos: branca, magra e feminina (dentro de um contexto heterossexual). Essa dinâmica evidencia que a promoção da presença feminina no jornal segue uma lógica que continua atendendo aos interesses masculinos. Trata-se de uma falsa ruptura com a hegemonia da presença “sempre de homem, dirigente ou atleta”, já que a inclusão das mulheres ocorre sob condições que reforçam uma estratégia sexista e machista.

A exposição do corpo da mulher como objeto nas páginas do jornal, utilizada como estratégia para suprir interesses editoriais, promove um simbolismo carregado, vinculado à construção da mulher em um contexto de espetáculo. Conforme elucida Debord (2003), o espetáculo é uma relação social mediada por imagens, e, nesse contexto, a superexposição da figura feminina consolida um cenário de objetificação contínua, sustentado por uma lógica sexista na mídia. Fattuma (2023) destaca que o reconhecimento do potencial dos corpos pela classe das mulheres permite a insurgência sobre essa realidade, em um processo inserido em um cenário de transgressão, que desafia as representações espetacularizadas.

Figura 11 - A mulher e a propaganda.



Fonte: Gazeta de Sergipe (A. 1994; B. 15 de abril de 1988; 2 de outubro de 1988).

A Figura 11 ilustra os diferentes modos de apropriação da imagem da mulher encontrados na *Gazeta de Sergipe*, produzindo uma representação sexualizada e objetificada, especialmente no contexto esportivo, com destaque para o futebol. Essa representação, sustentada por uma série de vieses midiáticos, reforça um discurso que consolida alicerces sociais baseados em símbolos de opressão e repressão (Wittig, 2022). As semelhanças entre essas imagens e suas características convergem para um objetivo central: atender aos interesses e desejos masculinos. Conforme analisa Wittig (2022), tal construção promove um discurso pornográfico em torno da mulher, reforçando sua subjugação, ela afirma que

> O discurso pornográfico é umas das estratégias de violência exercida sobre nós: ele humilha, degrada, é um crime contra nossa "humanidade". Como tática de assédio, ele tem outra função, a de aviso. Ele nos manda manter a compostura e polícia quem tende a se esquecer de seu lugar; ele apela ao medo (Wittig, 2022, p. 60).

A Figura 11A apresenta um selo inserido na coluna esportiva durante à Copa do Mundo de 1994, enquanto a Figura 11B ilustra uma matéria que exalta o comentarista esportivo Osmar Santos, da Rede Manchete, acompanhada do texto: "ficou de boca aberta por encostar sua cabeça nas pernas mais bonitas do Brasil". Por fim, a Figura 11C exibe uma propaganda que utiliza a imagem de uma mulher como recurso para promover uma marca esportiva e divulgar a Copa do Mundo de 1990. Esse conjunto de imagens reflete não apenas a objetificação e a sexualização da mulher no contexto esportivo, mas também revela seu uso estratégico em torno da comunicação, da publicidade e do jornalismo. Isto é, a representação criada é reflexo do sistema de opressão ao qual as mulheres são impostas, diante do reforço de narrativas comerciais que se perpetuam no universo desportivo.

A representação das mulheres e a exibição de seus corpos nos veículos de comunicação brasileiros são marcadas, predominantemente, por padrões normativos, que privilegiam dois aspectos: branquitude, magreza e heterossexualidade (Belei, 2007). Essa predominância não apenas reflete os contextos culturais e históricos que a precederam, mas também contribui para a perpetuação de narrativas que reforçam representações irreais e discriminatórias. Perrot (2003, p. 15) observa que "o corpo feminino, silencioso e dissecado, continua sendo o principal suporte da publicidade", assim, entende-se que há a negligência da mulher enquanto sujeito – posição que, dentro da lógica sexista e machista, ela historicamente jamais ocupou –, privilegiando a exaltação de seu corpo como objeto de desejo e manutenção de um imaginário masculino idealizado.

O ponto de convergência desse processo encontra-se em uma estrutura que, ao associar a figura da mulher ao esporte de forma sexualizada, reforça a construção de perfis sociais e a limitação da presença da mulher nos esportes. A relação entre mulheres e esportes é mediada por um imaginário opressor, que associa a figura feminina a padrões de beleza racistas, sexistas e lesbifóbicos. Esse processo restringe a participação plena das mulheres (incentivos, equidade salarial, ausência de preconceitos), especialmente em esportes historicamente atribuídos a um viés masculino.

Dessa forma, a presença da mulher nesses espaços não é apenas marginalizada, mas também desvinculada de sua legitimidade, reforçando dinâmicas estruturais de exclusão e desigualdade. O discurso persistente contribui para a perpetuação de silêncios que envolvem as mulheres e os espaços que ocupam, enquanto expectativas infundadas e ilusórias promovem comparações desiguais na prática esportiva, especialmente no futebol (Camargo, 2021). As mulheres são historicamente colocadas à margem, tendo suas habilidades, histórias e conquistas sistematicamente deslegitimadas por uma narrativa predominantemente masculina.

2.2 Ser mulher, ser jogadora, ser feminina

O contexto de representações evidencia uma questão: o que é ser mulher no futebol? O debate em torno das práticas corporais e das feminilidades historicamente tem sido mediado por meios de comunicação que evidenciam uma apresentação machista, sexista e lesbifóbica, expondo ideais de feminilidade que correspondem à afirmação de padrões estéticos e culturais. Com isso, ser mulher nos espaços do futebol empreende sobre dimensões históricas

que foram moldadas por uma percepção de reprodução e do corpo, que se volta sobre um viés excludente e material (Butler, 2019). À luz de Jaeger e Goellner (2011), a realidade desportiva está entrelaçada com uma dimensão de constantes disputas de afirmação das subjetividades, pontuando que

> As práticas corporais e esportivas têm se mostrado, há muito tempo, como um espaço no qual se pode identificar a expressão de diferentes feminilidades. Não é recente a aparição de mulheres cujos corpos e subjetividades tencionam representações culturalmente construídas para o feminino, o que não implica afirmar a inexistência de árduas demandas em busca de reconhecimento e aceitação (Jaeger; Goellner, 2011, p. 955-956).

O questionamento cultural acerca da posição da mulher no esporte reflete os contextos históricos, as hierarquias de poder e os discursos sociais predominantes em determinados tempos e espaços (Kessler, 2020). No futebol, a construção de um ambiente predominantemente masculino reforça a exclusão das mulheres, impondo-lhes estereótipos baseados em noções normativas de masculinidade, frequentemente representadas por imagens e perfis, como a “mulher-macho” ou a “mulher-homem”. Essas construções, articuladas às dinâmicas de identidade e ao imaginário social, sustentam estruturas simbólicas que perpetuam estigmas e, por consequência, normalizam manifestações de violência e discriminação contra as mulheres.

A discussão entrelaça-se com a noção das feminilidades, posto que a imagem da mulher está alinhada historicamente às imposições da mulher-mãe e da mulher-bela (Goellner, 1999). Apesar disso, Kessler (2023, p. 189) defende que “ser mulher é diferente de expressar feminilidades”. Porém, a conotação amplamente debatida em torno das feminilidades produz uma noção restritiva e de inferioridade, em que se perpetua uma ideia negativa das mulheres, no que cerceia também as construções históricas em torno da “mulher masculina” e dos esportes.

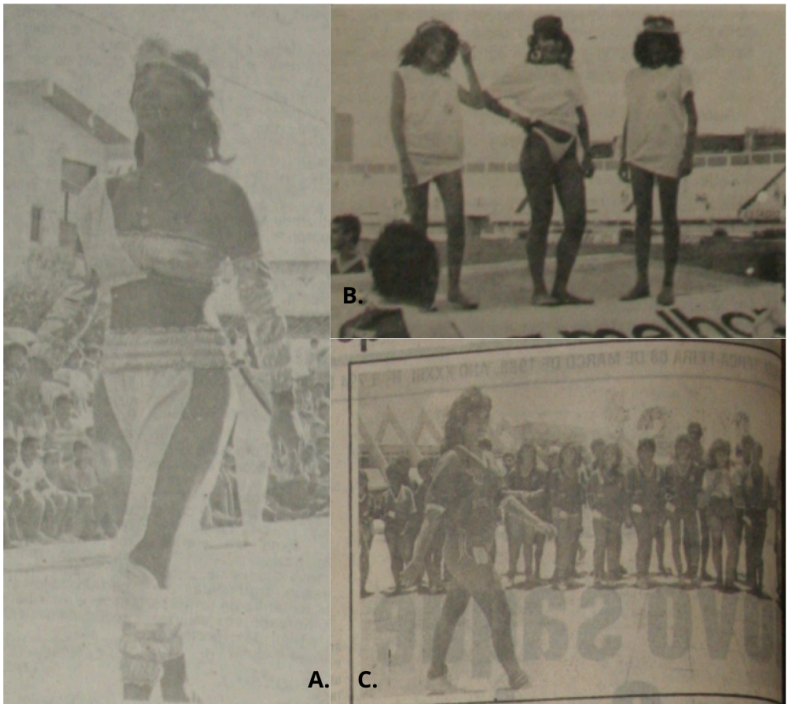
Assim, historicamente, a feminilidade tem sido associada a noções de beleza e maternidade, reforçando a ideia de uma mulher submissa e alinhada aos desejos de uma masculinidade hegemônica. Essas construções são amplificadas por uma lógica binária que hierarquiza as mulheres com base em padrões culturalmente definidos de feminilidade, estabelecendo a ideia de que algumas seriam "mais femininas" do que outras. Contudo, as feminilidades devem ser entendidas como múltiplas e diversas, englobando todas as formas

pelas quais as mulheres expressam sua identidade, desvinculadas de valores culturalmente impostos ao longo da história.

Em conformidade com Butler (2019), o binarismo sobre as homossexualidades (masculina feminilizada e feminina masculinizada) promove um aspecto restritivo sobre as identidades e as sexualidades. Com isso, o binarismo promove uma visão única à sociedade que promove modelos específicos que são perpetuados em torno de preconceitos e violências. Segundo Connell (2005), essa prática advém de relações de gênero, em que a masculinidade e a feminilidade são construídas socialmente e reverberadas enquanto discurso na sociedade.

Precisa-se entender que as mulheres no futebol rompem com o conjunto normativo social, desse modo, construídos discursos de que são impostas a perfis sociais específicos: mulher-macho e lésbica. Essa ideia é reforçada pela distinção representativa que se tem ao retratar a mulher no esporte (geral) e a mulher no futebol. A exaltação e a exposição dos corpos e da beleza pela narrativa dos jornais, por exemplo, auxiliam a construção de um imaginário de valorização da beleza à frente da prática desportiva. Tanto nos jornais quanto na sociedade, a representação de mulheres no cenário esportivo contrastava com a realidade social da época, uma vez que o esporte, e especialmente o futebol, era concebido como um espaço de virilidade e brutalidade, historicamente reservado aos homens, como já apontado anteriormente. Assim, as mulheres que desafiavam essa norma enfrentavam julgamentos sobre suas identidades, sendo submetidas a imposições e preconceitos que não apenas questionavam sua presença no futebol, mas também impactavam diretamente suas sexualidades e posições sociais.

Figura 12 - Os desfiles no universo esportivo.



Fonte - Gazeta de Sergipe (A. 6 de julho de 1988/B. 3 de maio de 1989/ C. 8 de março de 1988).

A Figura 12A apresenta uma matéria publicada na *Gazeta de Sergipe* na edição de 6 de julho de 1988, na coluna "Esporte Amador". O texto aborda a abertura dos Jogos da Primavera, mas destaca, de forma central, a "Beleza Feminina nos Jogos", anunciada como uma atração na Arena Batistão. Esse exemplo marca a representação do corpo feminino, em uma perspectiva objetificada que enfatiza sua beleza, como prática recorrente nas páginas do jornal, em que essa abordagem sugere que a presença das mulheres no espaço esportivo era interpretada não em torno do protagonismo esportivo, mas como elementos ornamentais, descrito como forma de colorir[52] ou servir de colírio aos homens presentes.

Os desfiles realizados na Arena Batistão não eram eventos isolados, a Figura 12B, por exemplo, retrata o desfile comemorativo pelo aniversário do Confiança no estádio, onde se destaca a seguinte afirmação: "para quem está acostumado a só ver homem no gramado, a presença feminina serve muito bem para descontrair e limpar as vistas"[53]. Essa narrativa não apenas reforça a predominância masculina nos gramados, associados à prática do futebol, mas também evidencia como os desfiles cumpriam um papel de apelo visual, promovendo a objetificação e a sexualização do corpo feminino, exposto ao olhar dos torcedores presentes no estádio.

[52] Termo utilizado na matéria em questão do dia 6 de julho de 1988, na Gazeta de Sergipe.
[53] Gazeta de Sergipe, 3 de maio de 1989.

Essa lógica também é reverberada na Figura 12C, que ilustra o desfile da "beleza da mulher sergipana" durante a abertura do I Metropolitano de Futebol, promovido pelo SESI[54]. Dessa forma, percebe-se que a relação entre o futebol e a mulher era predominantemente reforçada por meio de desfiles, os quais contribuíam para a construção de um imaginário que restringia a mulher ao papel de objeto estético. Em contraste, a presença das mulheres enquanto jogadoras de futebol – e, portanto, como protagonistas no espaço esportivo – era marginalizada e frequentemente invisibilizada, dificultando a manifestação de dissidências em relação ao modelo hegemônico de gênero e de sexualidade.

O imaginário em torno da beleza é utilizado no espaço esportivo para reforçar a centralidade de perfis sociais, nesse contexto, a presença de mulheres é condicionada a corpos e imagens que correspondem às expectativas da feminilidade hegemônica e da heterossexualidade. Essa dinâmica contribui para a marginalização do pluralismo identitário na relação entre mulher, esporte e futebol. Incisivamente, a mulher que adentra o espaço futebolístico frequentemente é deslocada para uma posição de "não-mulher", uma vez que desafia as imposições sociais que regulam o pertencimento feminino.

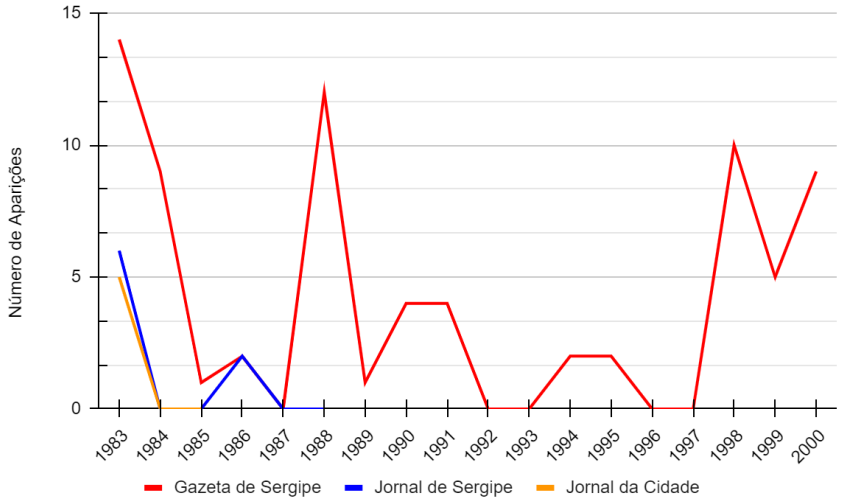
No espaço do futebol, essa "não-mulher" é frequentemente enquadrada sob estigmas, sendo representada como a "mulher-macho e lésbica". Essa perspectiva encontra eco na análise de Wittig (2022, p. 67), que afirma "a mulher só tem significado nos sistemas heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos heterossexuais", isto é, a mulher que rompe com esses segmentos deixaria de fazer sentido socialmente. Assim, o futebol torna-se um espaço de tensão, onde a presença feminina que foge aos padrões tradicionais é simultaneamente rejeitada, ao passo que resiste às noções normativas impostas.

Portanto, o sistema de opressão reforça uma representação da mulher no futebol como figura subserviente, moldada para atender às expectativas masculinas que historicamente construíram um perfil de inferioridade. A par disso, essa realidade é sustentada por um imaginário que sexualiza e objetifica o corpo feminino, reduzindo sua presença a um papel secundário. A representação da mulher nos espaços do futebol (partidas, coberturas jornalísticas) opera como um mecanismo de perpetuação das marginalizações, no qual quaisquer dissidências em relação às feminilidades são percebidas de forma negativa e estigmatizante.

[54] Gazeta de Sergipe, 8 de março de 1988.

Por meio da análise dos jornais selecionados, foi possível compreender a realidade da representação construída pela imprensa sergipana no período delimitado, considerando as limitações impostas pelo acesso às fontes. Ao examinar publicações como a *Gazeta de Sergipe,* o *Jornal da Cidade* e o *Jornal de Sergipe*, identificaram-se distinções significativas nas coberturas jornalísticas voltadas ao esporte em geral e ao futebol feminino especificamente. A diferença quantitativa quanto às aparições reflete os perfis atribuídos às mulheres no contexto social e cultural da época, que enfatizavam as noções de beleza e reforçavam os papéis tradicionais associados ao "lugar da mulher".

Gráfico 2 - Frequência de Aparições de Matérias sobre Futebol Feminino.



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 2, verifica-se a quantidade de aparições de reportagens que, de alguma forma, abordaram o futebol de mulheres e a presença feminina nesse contexto ao longo dos anos. A análise evidencia que os jornais apresentam períodos distintos de cobertura, uma vez que a disponibilidade dos periódicos varia no acervo analisado, esse aspecto é refletido na longevidade das linhas representadas no gráfico, que correspondem a cada periódico. Ademais, é imprescindível considerar os fatores que influenciam os picos de cobertura relacionados ao futebol feminino, pois esses picos estão profundamente conectados às dinâmicas sociais e culturais vigentes no período em que as publicações foram realizadas.

A partir da análise do gráfico, identificam-se três picos significativos de aparições sobre o futebol de mulheres nos jornais analisados, localizados nos anos de 1983, 1988 e 1998, além de uma ascensão notável nos anos 2000. Esses momentos específicos estão

intrinsecamente relacionados a contextos marcantes para o futebol de mulheres no Brasil e no cenário internacional.

O primeiro pico, em 1983, coincide com a regulamentação do futebol feminino no Brasil, o marco legal que possibilita maior visibilidade à modalidade. Por sua vez, o segundo pico, em 1988, corresponde ao Torneio Experimental de Futebol Feminino, reconhecido pela FIFA, que representou um avanço significativo para o reconhecimento do esporte em nível global. Já em 1998, a retomada da cobertura do futsal feminino em Sergipe conecta-se com a preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1999. Por fim, o aumento de cobertura observado em 2000 está associado às discussões em torno do futebol feminino nas Olimpíadas de Sidney, evento que consolidou debates acerca da presença das mulheres no esporte em escala mundial.

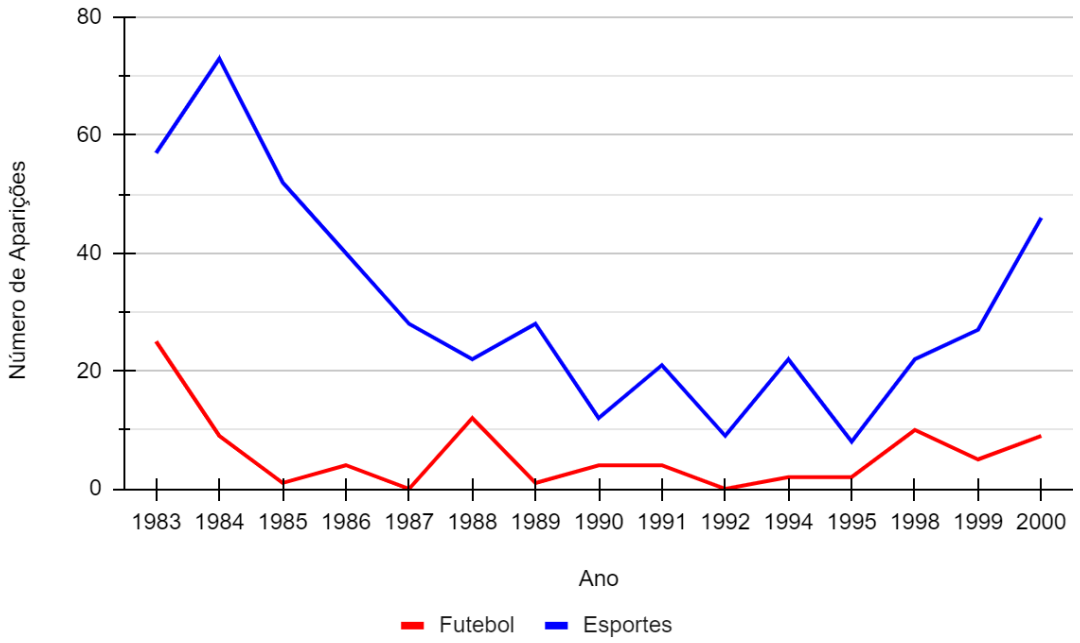
Por sua vez, os momentos de declínio na cobertura do futebol de mulheres também estão diretamente relacionados a contextos históricos específicos, especialmente ao protagonismo do futebol masculino. Destacam-se as quedas observadas nos períodos de 1985-1987 e 1989-1996, que coincidem com a ampla cobertura e as expectativas geradas em torno das Copas do Mundo de Futebol Masculino realizadas em 1986, 1990 e 1994. Inegavelmente, os eventos mobilizaram grande atenção midiática, resultando em uma predominância de matérias voltadas às possibilidades e desempenhos das seleções masculinas. Tal cenário limitou o espaço destinado ao futebol feminino nas páginas dos jornais, contribuindo para a sua invisibilização em momentos-chave.

Essa realidade ambígua, marcada por momentos de ascensão e decadência, associada às construções sociais de perfis femininos, contribui para a perpetuação de um cenário desafiador para a estabilização do futebol feminino. A inconstância na cobertura jornalística da modalidade deve ser interpretada como um reflexo de sistemas estruturais de preconceito e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no cenário esportivo e geral. Assim, ao analisar o comparativo entre as publicações e coberturas sobre esporte de maneira geral e o futebol especificamente, torna-se evidente a disparidade no tratamento dado às modalidades femininas.

As diferenças observadas encontram-se intrinsecamente relacionadas à posição histórica e social das mulheres no futebol, reforçando sua exclusão e a resistência à sua aceitação no espaço esportivo. Segundo Silva (2023), o tripé constituído pela masculinidade, nacionalidade e futebol desempenha um papel central na manutenção do abismo entre as

modalidades masculina e feminina, contribuindo para a consolidação e reprodução de preconceitos. Dessa maneira, consolida-se um ciclo de invisibilidades que dificulta tanto o reconhecimento quanto o desenvolvimento do futebol feminino enquanto modalidade esportiva consolidada.

Gráfico 3 - Comparativo da Cobertura Jornalística: Futebol Feminino versus Outras Modalidades Esportivas Femininas.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse contexto, o Gráfico 3 apresenta um comparativo entre as aparições relacionadas ao futebol e às demais modalidades esportivas nos jornais sergipanos no período de 1983 a 2000. A análise permite identificar dois fatores principais: (1) a discrepância significativa no volume de menções ao futebol em relação a outras modalidades esportivas e (2) a tendência de narrativas sobre mulheres concentradas em períodos específicos e próximos entre si.

Primeiramente, é necessário abordar a discrepância no volume de aparições, destacando que o maior contingente de coberturas se manifesta de duas formas principais: por meio da apresentação de competições, contratações e atletas, e por abordagens que objetificam e sexualizam as mulheres. Em outras palavras, esse volume ampliado não apenas é resultado da divulgação consciente de eventos esportivos regionais, nacionais e internacionais, mas também reflete a construção de perfis alinhados às intenções de uma masculinidade

hegemônica, em que se consolida uma dualidade no cenário da presença feminina no esporte que transita entre diligência e descaso.

Em segundo lugar, ao analisar o Gráfico 3 e observar as tendências representadas pelas linhas azul e vermelha, percebe-se uma similaridade entre momentos de queda e ascensão. Tal dinâmica sugere que o contexto social influencia diretamente a retratação e as coberturas sobre esportes e o futebol de forma correspondente. Em que as discussões sociais, especialmente aquelas impulsionadas pelos movimentos feministas nas décadas de 1980 a 2000, contribuem para a ampliação do espaço dedicado à coluna esportiva.

De mesmo modo, observa-se uma coexistência entre o aumento das narrativas de discursos femininos e a persistência de representações sexualizadas das mulheres. Por exemplo, ao retomar a análise da matéria de Tânia (Fig. 10), nota-se que a predominância da presença masculina nos jornais ocorre em um momento de declínio das contribuições sobre o futebol e outras modalidades esportivas femininas. Essa relação revela uma realidade de conexões constantes entre as narrativas jornalísticas e os contextos sociais, evidenciando a interdependência entre narrativa, jornalismo e sociedade.

Figura 13 - Recortes de matérias sobre modalidades femininas.



Fonte: A. Gazeta de Sergipe, 26 de fevereiro de 1983/B. Jornal de Sergipe, 11 de abril de 1987/ C. Jornal da Cidade, 18 e 19 de março de 1984.

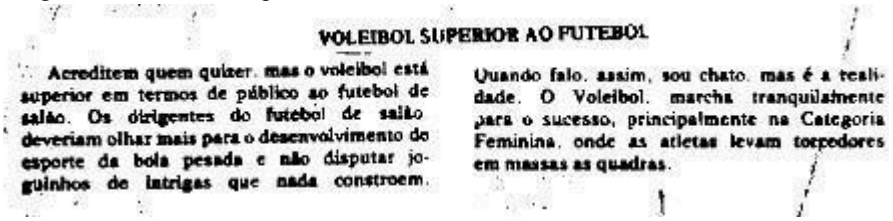
A Figura 13 apresenta recortes exemplificativos das coberturas realizadas pelos jornais sobre modalidades femininas, destacando contratações realizadas por clubes, a democratização de espaços e a ascensão de diferentes esportes. Nesse contexto, modalidades como handebol, vôlei e tênis aparecem com certa regularidade, com ênfase em campanhas

heroicas de equipes, como a da seleção sergipana feminina de handebol em 1984[55], que evidenciam a gênese, os incentivos e o desenvolvimento das modalidades femininas no estado. Esses exemplos permitem compreender que, embora exista um espaço reservado para a mulher nos jornais e nos esportes, esse espaço é condicionado a atender expectativas de gênero e aos perfis sociais construídos pela sociedade (Scott, 1995), e perpetuados por veículos de comunicação.

Percebe-se uma relação intrínseca entre o reconhecimento e a conformidade às normativas culturais que atravessam o discurso midiático. Hall (2016, p. 80) destaca que o discurso "define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e influencia como ideias são postas em prática". Tal perspectiva evidencia a dimensão simbólica dos meios de comunicação, incluindo os jornais, cuja reprodutibilidade discursiva pode atingir diferentes esferas de poder, naturalizando estruturas culturais veladas e, muitas vezes, nocivas a grupos marginalizados.

Essa dinâmica é, por sua vez, potencializada pela exploração do poder econômico, político e cultural, conforme apontado por Thompson (1998), que enfatiza que os meios de comunicação não operam apenas como difusores de informação, mas também como agentes de manutenção de hegemonias e desigualdades. Os jornais estão intrinsecamente conectados à cultura de massa, promovendo um reordenamento das relações sociais e do convívio entre diferentes camadas sociais (Sodré, 1992). Assim, ao longo do século XX, os jornais consolidaram um papel central na construção cultural, influenciando práticas sociais e moldando as bases simbólicas da sociedade.

Figura 14 - Voleibol superior ao futebol.



VOLEIBOL SUPERIOR AO FUTEBOL

Acreditem quem quizer, mas o voleibol está superior em termos de público ao futebol de salão. Os dirigentes do futebol de salão deveriam olhar mais para o desenvolvimento do esporte da bola pesada e não disputar joguinhos de intrigas que nada constroem.

Quando falo, assim, sou chato, mas é a realidade. O Voleibol, marcha tranquilamente para o sucesso, principalmente na Categoria Feminina, onde as atletas levam torcedores em massas as quadras.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 24 de março de 1983.

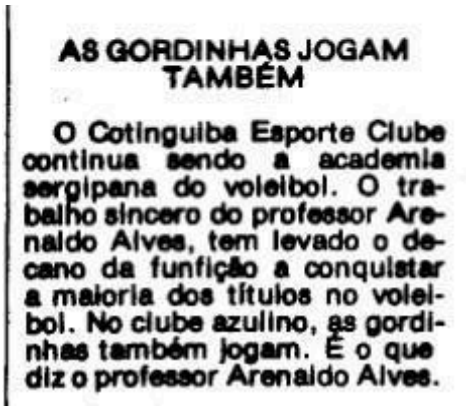
Os discursos comparativos ou silenciadores desempenham funções específicas que acometem à formação de sentidos na sociedade. A edição da *Gazeta de Sergipe* de 24 de março de 1986 estabelece uma comparação entre o vôlei e o futebol, trazendo a matéria intitulada "Voleibol Superior ao Futebol" (Figura 14). O texto destaca que "o voleibol marcha

[55] Jornal da Cidade, 5 e 6 de agosto de 1984.

tranquilamente para o sucesso, principalmente na categoria feminina, onde as atletas levam torcedores em massa às quadras". A reportagem enfoca as diferenças entre o voleibol e o futebol de salão, ressaltando a ausência de investimentos significativos por parte dos dirigentes no futebol.

A crítica realizada pelo periódico possibilita uma análise dualista: por um lado, evidencia a atenção direcionada às modalidades femininas, como o vôlei, que alcançaram maior popularidade e engajamento; por outro lado, denuncia as disparidades no modelo de gestão esportiva, refletindo a negligência histórica em relação ao desenvolvimento do futebol feminino. Tal perspectiva contribui para o entendimento das dinâmicas sociais e econômicas que moldaram as modalidades esportivas no período.

Figura 15 - As gordinhas jogam também.



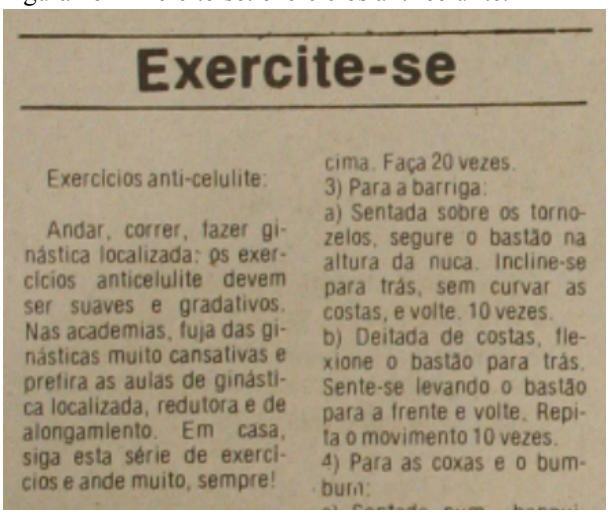
AS GORDINHAS JOGAM TAMBÉM

O Cotinguiba Esporte Clube continua sendo a academia sergipana do voleibol. O trabalho sincero do professor Arenaldo Alves, tem levado o decano da funfição a conquistar a maioria dos títulos no voleibol. No clube azulino, as gordinhas também jogam. É o que diz o professor Arenaldo Alves.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 28 de janeiro de 1983.

Em torno disso, o volume de matérias relacionadas ao esporte feminino também aborda frequentemente o corpo da mulher de forma sexual e objetificada. A matéria publicada na *Gazeta de Sergipe* em 28 de janeiro de 1983, intitulada "As gordinhas jogam também" (Figura 15), exemplifica uma abordagem centrada no corpo feminino, destacando questões estéticas e padrões normativos que recaem sobre ele. Segundo Louro (2014, p. 45), "os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder", assim, a compreensão apresentada na matéria, reforçada pelas declarações do técnico da equipe de vôlei do Cotinguiba, reflete uma relação de poder sobre os corpos femininos. As afirmações direcionadas ao corpo das mulheres, fundamentadas em uma perspectiva masculina, não se voltam para um reconhecimento positivo, mas estão revestidas de uma conotação violenta e sexista, em que essa abordagem reafirma dinâmicas de controle e dominação, onde o corpo feminino é narrado e avaliado sob os padrões impostos pela lógica patriarcal.

Figura 16 - Exercite-se: exercícios anti-celulite.



Exercite-se

Exercícios anti-celulite:

Andar, correr, fazer ginástica localizada: os exercícios anticelulite devem ser suaves e gradativos. Nas academias, fuja das ginásticas muito cansativas e prefira as aulas de ginástica localizada, redutora e de alongamento. Em casa, siga esta série de exercícios e ande muito, sempre!

cima. Faça 20 vezes.
3) Para a barriga:
a) Sentada sobre os tornozelos, segure o bastão na altura da nuca. Incline-se para trás, sem curvar as costas, e volte. 10 vezes.
b) Deitada de costas, flexione o bastão para trás. Sente-se levando o bastão para a frente e volte. Repita o movimento 10 vezes.
4) Para as coxas e o bumbum:

Fonte: Gazeta de Sergipe, 6 e 7 de agosto de 1989.

É proposto por Louro (2014, p. 44) que a relação entre homens e mulheres ocorre mediante “processos de negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças”, nesse sentido, a representação feminina nas narrativas jornalísticas dialoga com as mesmas noções que perpetuam a chamada "natureza feminina", sustentada socialmente e reforçada discursivamente. Essa construção funciona como um sistema de regulação e manutenção social, marcando a diferença de gênero a partir de modelos patriarcais e sexistas. Sobre essa dinâmica, Butler apresenta que

> As normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2021, p. 195).

De acordo com Wittig (2022, p. 78), no vínculo normativo social, “homens são seres sociais, e as mulheres, naturais”, logo, essa identificação é reforçada por diretrizes que se manifestam, entre outros meios, nas páginas dos jornais, as quais reproduzem noções de masculinidade e feminilidade hegemônicas. Em diálogo com essa perspectiva, a Figura 16 ilustra a matéria publicada no caderno *Jornal da Mulher* da *Gazeta de Sergipe* de 6/7 de agosto de 1989. A matéria reflete diretamente essa concepção, ao apresentar práticas esportivas femininas como atividades que deveriam ser realizadas de forma suave, gradativa e não cansativa, reforçando os padrões culturais que vinculam o corpo feminino a um ideal de delicadeza e limitação, em oposição ao vigor associado ao corpo masculino.

Não obstante, essa realidade evidencia como o discurso jornalístico contribui para a construção e manutenção de sistemas regulatórios de gênero. Louro (2014, p. 43) destaca que

“o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas ações”. Assim, os efeitos desse tipo de narrativa promovem a insistência e a perpetuação de vínculos noticiosos que se concentram na acentuação de perfis normativos, reforçam relações violentas e produzem impactos negativos para a sociedade.

2.3 O futebol de mulheres por meio dos periódicos: um olhar sergipano

A dificuldade em encontrar fontes sobre o futebol de mulheres evidencia não apenas uma escassez de registros, mas também a seletividade histórica na construção de narrativas jornalísticas que tendem à regulação do gênero socialmente. Bonfim (2019, p. 17) destacou a dificuldade “em estabelecer um padrão de fontes, registros e narrativas esportivas” que fossem capazes de reconstituir uma historiografia do futebol de mulheres no Brasil. Essa ideia, por sua vez, persiste também na localização da análise desportiva no cenário sergipano, em que se torna fundamental entender que os recortes realizados pelos jornais oferecem informações específicas sobre determinados grupos ou eventos, mas que auxiliam a compreender aspectos gerais sobre a construção histórica do futebol de mulheres no estado.

A insuficiência, a inconsistência e a interrupção das narrativas não apenas apontam para uma diminuição de relevância, mas também reforçam os desafios enfrentados pelas mulheres no futebol, quanto às visibilidades no universo e na mídia esportiva (Goellner, 2005). Diante disso, existe um ciclo de exclusões, em que a ausência de registro e de valorização histórica dificulta o acesso a informações e restringe possibilidades de analisar o desenvolvimento do futebol de mulheres em todo o Brasil. A partir disso, torna-se possível empreender uma série de relações que permeiam o retrospecto histórico que se interliga com os fatores de representação, poder, gênero, identidade e imaginário.

2.3.1 Entre a proibição e o seu fim

O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, promoveu restrições à prática esportiva no Brasil e desempenhou um papel central na exclusão das mulheres do cenário futebolístico, como já exposto anteriormente. Esse contexto permaneceu oficialmente em vigor até 1979, perpetuando a falta de divulgação, investimento e infraestrutura para o desenvolvimento da modalidade feminina do futebol no país. Diante disso, a tendência social

à continuidade de um sistema opressivo físico e simbólico constitui reflexos sociais até os dias atuais.

Apesar da revogação formal em 1979, forças contrárias continuaram a agir sobre o futebol feminino, perpetuando barreiras estruturais e culturais. Entre essas iniciativas destacam-se os esforços do CND e da CBF, que restringiram o uso de estádios oficiais para partidas femininas. No Sul do país, devido a apelos realizados por atletas em prol da realização dos jogos nos estádios, criou-se uma Comissão de Estudos voltada para analisar a realidade da prática do futebol, porém, evidenciou um método de análise discriminatório, pois abordava questões como ciclos menstruais, deficiências na prática, peso e dimensões de campo como fatores negativos ao futebol de mulheres. As deliberações resultantes desses estudos impuseram conclusões preconceituosas que conduzem uma narrativa adversa e persistente até hoje, como uso de chuteiras sem travas, recomendação de modo de jogo - como não conduzir a bola com o peitoral - e diminuição da duração das partidas[56].

Na Figura 17, evidencia-se a repercussão da proibição de uso de estádios oficiais em Sergipe, conforme registrado em matéria publicada na *Gazeta de Sergipe*. Pelo jornal, apresentou-se a medida caracterizada como de natureza arbitrária e antipática, que enfrentou significativa resistência por parte de diversos dirigentes pelo Brasil. Em Sergipe, destacou-se a persistência dos times femininos de cidades como Lagarto, Propriá, Maruim, Umbaúba e Estância que, mesmo diante da proibição, as equipes continuaram a organizar e disputar partidas.

Figura 17 - CBF proíbe futebol feminino.



CBF PROIBE FUTEBOL FEMININO

A Confederação Barsileira de Futebol, antipaticamente proibe a realização do futebol feminino em Estádios Oficiais. A medida foi tão arbitrária que dirigentes do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros Estados, não acatam a medida da CBF. Por aqui, por exemplo, o futebol feminino não acabou. Nesta capital, Lagarto, Propriá, Maroim, Umbaúba e Estância, várias equipes femininas fazem as galéras vibrarem com suas jogadas. Infelizmente, as garotas não podem mostrar os eu futebol em Estádios Oficiais, subordinados a Confederação Brasileira de Futebol. São coisas, do "grande Giulite Coutinho.

[56] Jornal dos Sports, 1 de março de 1983.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 21 de fevereiro de 1983 - Acervo Jornais de Sergipe do IHGB/Almanaque do Gipão.

A existência de medidas que, mesmo após a revogação do Decreto-Lei, insistiam sobre um caráter proibitivo, refletia uma visão profundamente enraizada de inferioridade feminina, sustentada por uma perspectiva machista da sociedade, atribuindo às mulheres uma condição de fragilidade e de subserviência. Na continuidade disso, o futebol feminino era conduzido sob parâmetros que não apenas limitavam seu desenvolvimento técnico, mas também reforçavam estereótipos de gênero, atrasando também a consolidação do esporte como um espaço legítimo de atuação das mulheres. Conforme argumenta Butler (2018), identifica-se um poder, que opera nos campos físicos e simbólicos, atuante em um sistema de opressões multifacetado, que não se reduz unicamente às diferenças sexuais.

Apesar das restrições, entre a proibição do futebol feminino e seu término, a *Gazeta de Sergipe*, em 30 de março de 1983, destacou que, mesmo com a proibição da CBF de utilizar estádios oficiais, os times femininos continuavam a realizar partidas como preliminares de jogos de equipes masculinas. A falta de regulamentação resultava em uma escassez de recursos para as equipes femininas, o que, por sua vez, inviabilizava sua profissionalização. No entanto, a existência e a resistência desses jogos evidenciaram tanto a força de um espaço futebolístico que, embora excludente e não democrático, permitiu brechas para a presença feminina quanto o apoio pontual de times masculinos, que contribuíram para a inserção das mulheres no esporte.

Esse sistema reflete um processo historicamente construído e perpetuado, compreendido enquanto subordinação das mulheres aos homens. No contexto do futebol, esse processo se manifesta por meio de estratégias políticas de submissão e opressão que legitimam, de forma organizada, a exclusão das mulheres do esporte. Exemplo disso manifesta-se nessa proibição da utilização de estádios oficiais por mulheres, disfarçada por suposta preocupação com os corpos e a integridade física das mulheres, as justificativas como tamanho do campo, duração de partidas e outras restrições foram – e ainda são – utilizadas para mascarar a intenção de manter o futebol como espaço exclusivamente masculino.

Figura 18 - CND aprovou o futebol feminino.



CND aprovou o futebol feminino

O Conselho Nacional de Desportos reuniu-se ontem e decidiu aprovar a realização de jogos oficiais de futebol feminino. A regulamentação ainda não foi divulgada mas se informou que os jogos terão apenas 70 minutos de duração.

Em Aracaju, o cronista Carlos Alberto Cerqueira, da Rádio Liberdade, recebeu com muita satisfação a regularização do futebol feminino, ele que é um dos principais incentivadores desta modalidade. Carlos Cerqueira, inclusive, irá fundar a Federação especializada.

Também ficou decidido, no CND, que a publicidade comercial nas camisas dos jogadores profissionais poderá ser ampliada.

Fonte: 26 de março de 1983, Jornal da Cidade.

Mesmo diante de investidas sociais contrárias, o CND regulamentou o futebol feminino em 1983 no processo de redemocratização brasileira. Apesar de um marco histórico, as limitações à prática permaneciam evidentes, como a recomendação de manter o esporte em caráter amador[57] e a redução da duração das partidas para 70 minutos[58]. No futebol sergipano, como ilustrado na Figura 18, o tema começa a ganhar destaque, com o aparecimento de nomes importantes para o desenvolvimento do futebol feminino no estado, como o radialista e cronista Carlos Cerqueira.

Através dos jornais, é possível visualizar como a expectativa social estruturava-se após a regulamentação do futebol por mulheres. No *Jornal da Cidade*, em 29 de março de 1983, destacava-se o entusiasmo de Carlos Cerqueira[59], juntamente ao apelo social em contribuição para a prática de mulheres. Esse cenário promovia a tendência de uma estruturação de uma federação especializada, assim como, a presença de jogos sediados em estádios oficiais no estado.

2.3.2 Proibição moral: *todos* contra o futebol de mulheres

A análise das narrativas veiculadas pelos jornais revela uma constante ambiguidade presente na sociedade: a coexistência de aprovação e desaprovação em relação ao futebol

[57] O Pioneiro (RS), 31 de março de 1983.
[58] Jornal da Cidade (SE), 26 de março de 1983.
[59] Carlos Cerqueira foi radialista, cronista e treinador de futebol feminino. Foi um dos principais nomes da modalidade feminina no estado sergipano, atuando também como diretor amador da Federação Sergipana de Futebol.

feminino. Mesmo após a liberação e regulamentação do esporte para mulheres, percebe-se como esses discursos opostos convergem para sustentar uma proibição moral implícita ao futebol feminino no estado. Um exemplo dessa dualidade é encontrado na edição de 29 de março de 1983 do *Jornal da Cidade*, na qual o periódico manifesta apoio à prática e aos apelos de Carlos Cerqueira com a frase: "Conte com o Jornal da Cidade". Contudo, essa postura contradiz-se em uma publicação de 8 de abril de 1983, na coluna "Pingos Amadoristas", onde comentários de cunho machista e sexista são veiculados em uma matéria.

Figura 19- Pingos amadoristas


PINGOS AMADORISTAS

Feminino

Com a liberação do CND para organizar futebol, muita gente boa' deve agora por diante convocar menininhas para jogar bola ou bolas. Cuidado para não necessitar de um ginecologista ao inves de um mastologista.

Fonte: Jornal da Cidade, 8 de abril de 1983.

O comentário veiculado pelo jornal, presente na Figura 19, ilustra como o futebol feminino era frequentemente deslegitimado por meio de discursos que reforçam preconceitos de gênero, dificultando sua consolidação como prática esportiva legítima. Em ênfase, "cuidado para não necessitar de um ginecologista" apresenta um direcionamento de um discurso persistente sobre o corpo e a sexualidade na mulher, distorcidos pelas necessidades postas dentro e fora do campo e da prática do futebol de mulheres. Para Grosz (2000), essa construção está submetida à redução das mulheres aos seus corpos e suas representações, a pesquisadora destaca que

> O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto-justificativa conveniente para a posição social secundárias das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle

> consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres e, ao mesmo tempo, essas mesmas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme variadamente prescrito pelo patriarcado (Grosz, 2000, p. 67).

A utilização do corpo como elemento de desvalorização da mulher, destacando suas supostas fragilidades e limitações, alinha-se às dinâmicas do sistema hetero-cis-patriarcal, que reforça o papel social atribuído às mulheres: belas, maternais e femininas. Conforme argumenta Goellner (1999), recaem sobre as mulheres imagens específicas que atravessam diferentes esferas, como a econômica, a política e a cultural. As noções de beleza, maternidade e feminilidade impactam diretamente a participação das mulheres nas práticas esportivas, uma vez que o esporte, e em particular o futebol, tende a romper com o imaginário social e corporal construído pela conjuntura e pelas expectativas sociais estabelecidas.

Frente a esse discurso, a matéria intitulada "*Futebol feminino: uma burrice*", publicada pelo *Jornal da Cidade* em 30 de julho de 1983 (Figura 20), reforça a lógica ao afirmar que a anatomia das mulheres seria incompatível com o futebol. Além disso, ao sugerir que "existem outras modalidades esportivas mais adequadas ao seu corpo e ao gosto dos homens", evidencia-se a perpetuação da ideia de que a prática esportiva feminina deve atender aos interesses e desejos masculinos, subordinando a autonomia das mulheres a um imaginário patriarcal. O cenário sergipano, por sua vez, atende e reforça essa construção imagética sobre as mulheres, visualizada através das narrativas empreendidas nos jornais.

Figura 20 - Futebol feminino: uma burrice.



Futebol feminino: uma burrice

De repente estamos sentindo que a falta de criatividade está tomando corpo em nosso País. Um exemplo disso é a criação do futebol feminino. Um atestado de incompetência de quem faz esporte, por profissão, na base da cartolada. Explico melhor: sei, desde meus primeiros passos na escola secundária e depois em curso superior que, a anatomia e fisiologia femininas não estão estruturadas para esse tipo de esporte, que sabemos ser hoje bastante violento.

Somos levados a acreditar que elementos estranhos ao futebol brasileiro, o melhor do mundo, estão tentando corromper, trazendo inovações, que mais são invencionices idiotas e despropositadas.

Sinceramente, não vemos como e por que a mulher jogar futebol, quando existem tantas outras modalidades esportivas mais adequadas ao seu corpo e ao gosto dos homens.

Fonte: Jornal da Cidade, 30 de julho de 1983.

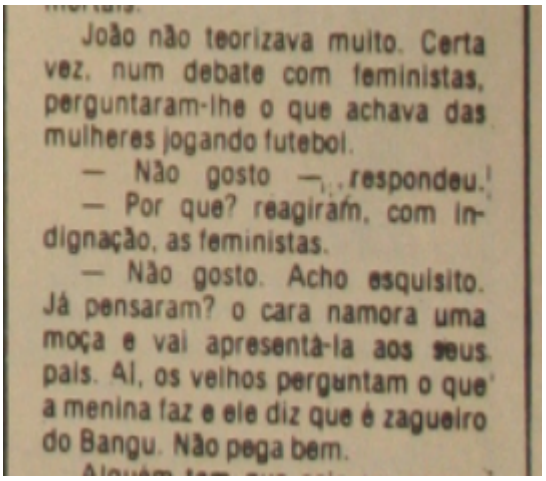
Em 13 de abril de 1983, na coluna “Wellington Elias Comenta” do *Jornal da Cidade*, foi destacada a recente liberação do futebol de mulheres e a busca por impulsionar a modalidade em Sergipe e na capital. Na matéria, o jornalista reconheceu a ascensão do protagonismo feminino no esporte mundial, mas também é possível depreender sobre a existência de um possível temor por parte dos homens em relação à ocupação desse espaço pelas mulheres. O discurso reflete uma visão que reforçava o futebol como um território tradicionalmente masculino, evidenciando o receio da ruptura desse espaço exclusivo e a resistência à inclusão das mulheres em práticas esportivas legitimadas socialmente.

A perspectiva de De Lauretis (1994) compreende o gênero como um produto de discursos, epistemologias e práticas cotidianas, resultando na construção de representações e auto-representação. Consequentemente, os corpos são classificados a partir de modelos e padrões preestabelecidos, definidos pelos valores e ideais permitidos por esses discursos (Jaeger e Goellner, 2011). Com isso, a consolidação dessa estrutura por meio de práticas discursivas restringe as possibilidades de expressão e reforça a delimitação do "lugar da mulher", permitindo, como ocorre no futebol, a construção de uma proibição moral sustentada, mais uma vez, por meio de discursos normativos.

A consolidação de um pensamento que legitima o machismo enraizado no futebol feminino é frequentemente veiculada em formatos opinativos por especialistas do meio esportivo até o tempo presente. Um exemplo emblemático disso visualiza-se na matéria publicada pela *Gazeta de Sergipe* em 9 de setembro de 1990, originalmente assinada pelo jornalista Sérgio Cabral para o *Jornal do Jornalista*. A matéria apresenta a opinião do cronista João Saldanha[60] sobre o futebol feminino, em que, durante um debate com feministas, Saldanha revelou sua desaprovação em relação à presença das mulheres no futebol, mencionando sua estranheza diante de situações com a ideia de apresentar aos pais uma mulher como “zagueiro do Bangu” (Figura 21).

[60] João Alves Jobim Saldanha (1917-1990) foi jornalista, escritor e treinador de futebol, atuando no Botafogo (RJ) e na seleção brasileira de futebol de homens.

Figura 21 - Recorte da matéria sobre a opinião de João Saldanha e o futebol de mulheres.



João não teorizava muito. Certa vez, num debate com feministas, perguntaram-lhe o que achava das mulheres jogando futebol.

— Não gosto — respondeu.

— Por que? reagiram, com indignação, as feministas.

— Não gosto. Acho esquisito. Já pensaram? o cara namora uma moça e vai apresentá-la aos seus pais. Aí, os velhos perguntam o que a menina faz e ele diz que é zagueiro do Bangu. Não pega bem.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 9 de setembro de 1990.

A posição em questão evidencia como discursos de opinião refletem e reforçam construções sociais machistas que perpetuam a exclusão e a marginalização das mulheres no universo esportivo. A proibição moral do futebol feminino no Brasil segue uma tendência estruturada que remonta às décadas passadas e persiste até os dias atuais, em que a concepção, amplamente difundida nos anos de 1990, de que seria “impossível” haver uma “zagueira” no futebol, reflete a contínua associação do futebol como um espaço essencialmente masculino, consolidado de modo social e linguístico (Franzini, 2005; Wittig, 2022). Enquanto o termo "futebol" é automaticamente relacionado ao masculino, o uso do qualificativo "feminino" se torna obrigatório para designar a modalidade praticada por mulheres.

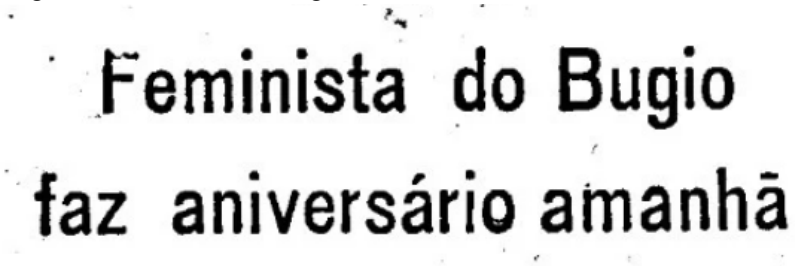
Essa estratégia narrativa, quando comparada à presença feminina em outros esportes, revela uma peculiaridade significativa: em modalidades como vôlei, handebol e basquete, as designações "feminino" e "masculino" são usadas de forma equilibrada nas edições dos jornais analisados. No entanto, essa neutralidade não se aplica ao futebol, onde a ausência do marcador "masculino" no futebol reforça a exclusão simbólica das mulheres. Essa diferença linguística e discursiva perpetua uma característica histórica de dominação e subjugação, reforçando a ideia de que o futebol não é, e nunca foi, um espaço destinado às mulheres, em que Wittig (2022, p. 117) descreve que “a linguagem projeta feixes da realidade sobre o corpo social, marcando-o e moldando-o violentamente”.

2.3.3 Uma certa estrutura: equipes e campeonatos

Em meio a esse processo de deslegitimação, discursos opositores e resistências, o futebol de mulheres se organiza dentro de suas possibilidades. O surgimento de personagens interessados, a organização de equipes e campeonatos, mesmo de caráter amador, passa a aparecer nos jornais, refletindo uma certa repercussão no estado. Neste momento, o caráter amador orquestrava o espaço do futebol feminino que, mediante promessas e ações, começava a se erguer no cenário esportivo sergipano.

Mesmo diante desse viés amador, o futebol feminino em Sergipe conseguiu se estruturar em meio a inúmeras adversidades, com algumas equipes conquistando destaque no cenário esportivo da capital sergipana. Um exemplo significativo é o Feminista Futebol Clube, fundado em 1981 no conjunto residencial Bugio, localizado na Zona Norte de Aracaju, sob a presidência do desportista Murilo José dos Santos. O destaque dado à equipe pela *Gazeta de Sergipe* sinaliza uma mudança narrativa importante, que não apenas reconhece o futebol feminino, mas também proporciona maior visibilidade às jogadoras, à organização das equipes e à estrutura que sustentava a modalidade no estado.

Figura 22 - Feminista do Bugio faz aniversário amanhã.


Feminista do Bugio
faz aniversário amanhã

Fonte: Gazeta de Sergipe, 28 de maio de 1983.

A Figura 22 apresenta a matéria que destaca elementos fundamentais sobre a estrutura e a continuidade do Feminista Futebol Clube, evidenciando o número expressivo de partidas realizadas nos dois primeiros anos de sua existência, com 31 jogos disputados. Além disso, a matéria lista as jogadoras que compunham a equipe: Cleonica, Edjane, Erilza, Vanda, Rita, Marli, Angélica I, Angélica II, Neguinha, Cícera, Cléia, Edilsa, Irene, Nicélia, Eliane, Sônia, Lúcia e Selina. Embora os rostos dessas atletas não sejam apresentados, a inclusão de seus nomes nas páginas do jornal simboliza uma mudança de perspectiva, oferecendo visibilidade às mulheres no futebol e reforçando sua presença no cenário esportivo. Para além disso, o conteúdo da matéria também apresenta a equipe Feminista Futebol Clube do Bugio,

comemorando o segundo ano de existência do time de mulheres e divulgando a festa de comemoração organizada por Marli, fundadora e jogadora, e por Murilo José dos Santos, presidente da equipe, que declarou a elaboração de uma programação vasta para a atividade festiva[61].

A princípio, o espaço ocupado por mulheres nesse recente futebol era nas preliminares dos jogos do campeonato sergipano (masculino). Em 15 de abril de 1983, na coluna "Esporte Amador" da *Gazeta de Sergipe*, apresentava o troféu "Industrial Idalito de Oliveira" como recompensa para a equipe vitoriosa do jogo amistoso de futebol feminino entre as Feministas do Bugio e o SESI de Maruim, que ocorreria nas preliminares do jogo entre Confiança e Sergipe (campeonato de futebol de homens).

Ainda em julho de 1983, a organização de campeonatos femininos era destacada nas páginas dos jornais sergipanos. O 1º Campeonato Feminista de Futebol de Campo, também retratado como 1º Torneio de Férias de Futebol Feminino ou Torneio de Férias Feminista, promovido por Bernadete Azevedo, Tertuliano Azevedo (Secretário da Justiça e Ação Social) e Jonas Amaral (ex-deputado estadual) e organizado pelos desportistas Gildo Figueiredo e José Alvino[62], representava uma inovação e avanço para o futebol de mulheres. Devido ao caráter amador, as inscrições das equipes eram realizadas na Praça de Esportes Eduardo Abreu, contando com as equipes do CSU, SESI, Ponte Preta e 4 de Outubro, que disputaram as partidas no campo do Centro Social Urbano Professor Gonçalo Rollemberg Leite, na Zona Norte da capital[63].

Embora houvesse a possibilidade de inscrição de mulheres como árbitras de futebol, a arbitragem dos jogos nesse campeonato permaneceu centralizada na presença masculina. Um exemplo emblemático ocorreu em 17 de julho de 1983, nos jogos entre SESI e 4 de Outubro e entre CSU e Ponte Preta, que contaram com o trio de arbitragem formado por José Nunes, José Gomes e Manoel Messias. Durante uma das partidas, um incidente envolvendo a expulsão de uma jogadora do CSU quase resultou em agressão ao árbitro, levando o coordenador do time a declarar que a atleta seria punida pela Comissão Julgadora da Competição[64]. Esse episódio evidencia um momento de transição no futebol feminino: apesar de seu caráter predominantemente amador, o julgamento e a tomada de decisões no

[61] Gazeta de Sergipe, 28 de maio de 1983.
[62] Gazeta de Sergipe, 16 de julho de 1983.
[63] Jornal da Sergipe, 17 de julho de 1983.
[64] Gazeta de Sergipe, 19 de julho de 1983.

campeonato começaram a adotar uma abordagem mais formal, refletindo em um potencial amadurecimento da modalidade, que passa a incorporar elementos estruturais típicos do futebol profissional.

Apesar das adversidades destacadas nas narrativas dos periódicos, que poderiam, em certa medida, obscurecer a relevância da competição, o campeonato feminino teve repercussões positivas para o desenvolvimento do futebol de mulheres no estado. Ao término do evento, Angélica Rolemberg, diretora do Centro Social Urbano Professor Rolemberg Leite, declarou à *Gazeta de Sergipe* sua intenção de organizar o 1º Campeonato de Futebol Feminino[65]. A declaração reflete o impacto do torneio não apenas como uma iniciativa esportiva, mas também como um marco que fomentou a continuidade e o fortalecimento da modalidade, sinalizando uma abertura para novas oportunidades no cenário esportivo feminino local.

Ainda em 1983, o espaço destinado às mulheres no futebol sergipano apresentou um crescimento significativo, com a realização de torneios de curta duração, como os quadrangulares, disputados em campos de maior prestígio. Um desses eventos contou com a participação da Associação Feminina de Pedra Branca, América, Beija-Flor e Sesi de Aracaju, sendo realizado no estádio Adolpho Rollemberg, localizado na zona norte de Aracaju. Esse quadrangular destacou não apenas o avanço estrutural da modalidade, mas também o aumento do apoio institucional ao futebol feminino. O torneio contou com o patrocínio de autoridades locais, evidenciado pela entrega do troféu José Monteiro Sobral, em homenagem ao então prefeito de Laranjeiras, reconhecido por seu apoio à equipe feminina de Pedra Branca[66].

Figura 23 - Futebol Feminino e o I Campeonato Feminino de Futebol de Campo de SE.



Futebol feminino

O Ie. Campeonato Feminino de Futebol de Campo de Sergipe, promovido pelo Núcleo de Trabalho Comunitário, começa hoje com a disputa do torneio início, a partir das 14 horas, no Batistão com esta sendo a ordem dos jogos: Sesi de Maruim x Cenrose. Bola na Rede x Pedra Branca, Araué x CE de Aracaju, Feministas e Sesi de Aracaju; Sergipinho x CSU, 4 de Outubro x Náutico e Beija Flor x Palmeiras.

[65] Gazeta de Sergipe, 20 de julho de 1983.
[66] Jornal de Sergipe, 19 de agosto de 1983.

Fonte: Jornal de Sergipe, 27 de agosto de 1983.

Esses avanços resultaram na organização do I Campeonato Feminino de Futebol de Campo de Sergipe, organizado pelo Núcleo de Trabalho Comunitário - Nutrac. As partidas, realizadas na Arena Batistão, representam um marco na consolidação do futebol feminino no estado[67]. Os clubes participantes desta competição foram: Sesi de Maruim, Cenrose, Bola na Rede, Pedra Branca, Arauá, C.E Aracaju, Sesi de Aracaju, Sergipinho, CSU, 4 de Outubro, Náutico, Beija-Flor, Palmeiras e Feministas do Bugio (estas que se consagraram campeãs da competição)[68]. A Figura 23 ilustra as atletas uniformizadas e destaca o espaço concedido ao futebol feminino nas páginas do *Jornal de Sergipe*, essa inclusão de imagens simboliza uma mudança significativa na representação das mulheres, que passam a ser retratadas em um contexto de maior igualdade. A notícia frente ao registro contrasta com as representações anteriores realizadas por outros periódicos, que eram marcadas pela sexualização e objetificação.

2.3.4 A queda do futebol de campo em Sergipe

Há o aumento no número de campeonatos e equipes em 1983 que evidenciava o avanço do futebol feminino em Sergipe. Contudo, a análise das narrativas veiculadas pelos jornais revela um contraste significativo: já no início de 1984, emerge um discurso que sugere um suposto declínio da modalidade no estado. Entre os últimos torneios noticiados em 1983, destaca-se o promovido pela Associação Recreativa da Usina Vassouras, sob a presidência de José Carlos Andrade, que organizou um quadrangular envolvendo as equipes Tarântulas, Vasco de Saúde, Flamengo de Vila Miranda e Sergipinho de Maruim[69]. Essa mudança discursiva, embora à primeira vista possa parecer contraditória devido à evolução vista em 1983, reflete incisivamente sobre o real desinteresse e dificuldades estruturais, que limitavam a modalidade no estado, permitindo que muitas atletas abandonassem a prática[70].

[67] Jornal de Sergipe, 27 de agosto de 1983,
[68] Jornal de Sergipe, 30 de agosto de 1983.
[69] Gazeta de Sergipe, 1 de dezembro de 1983.
[70] Gazeta de Sergipe, 22 de janeiro de 1984.

Figura 24 - Decadência no futebol feminino.



DECADÊNCIA NO FUTEBOL FEMININO

Aqui Sergipe até parece que "os homens" não gostam de futebol feminino. Enquanto que nos outros centros mais desenvolvidos, o futebol feminino, serve de colírio para o torcedor, em Sergipe os nossos dirigentes, fazem "o olhos grossos" e tão pouco gostam de ver as mocinhas jogando nas preliminares dos jogos profissionais.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 4 de março de 1984.

Na edição de 4 de março de 1984 da *Gazeta de Sergipe*, o discurso de que "os homens não gostam de futebol feminino" é apresentado como uma justificativa para a suposta decadência da modalidade. O periódico ainda enfatiza que, em outros centros urbanos, o futebol praticado por mulheres seria apreciado como um "colírio" para os torcedores, reforçando uma perspectiva sexista. Esse discurso está intrinsecamente conectado a representações veiculadas pelo mesmo jornal, como no caso de “Tânia” (Fig. 10). Dessa forma, evidencia-se que a representação da mulher no esporte continua subordinada aos interesses e desejos masculinos, perpetuando uma narrativa que restringe a presença feminina ao papel de objeto de contemplação e não como agentes plenas no espaço esportivo.

Figura 25 - Futebol feminino já era.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 21 de março de 1986.

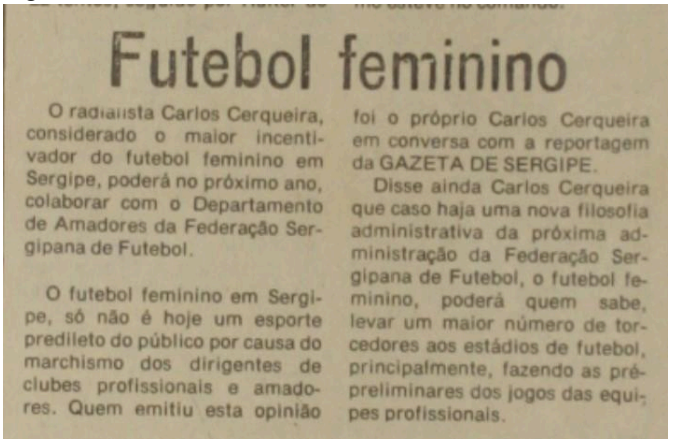
Por meio das páginas dos jornais, observa-se uma gradativa redução na cobertura de eventos relacionados ao futebol feminino local após 1984. Diante de uma lacuna presente em 1985, a edição de 21 de março de 1986 da *Gazeta de Sergipe*, destaca-se a crítica aos "dirigentes machões" do futebol sergipano que rejeitavam o avanço da modalidade feminina. A utilização do termo "machões" associa a ideia da virilidade e da masculinidade que desaprova a presença das mulheres no espaço do futebol, consolidando um discurso que contribui para o silenciamento do futebol de mulheres no estado. Esse cenário reflete o amadorismo atribuído à modalidade em Sergipe em torno da década de 1980, diretamente relacionado à ausência de apoio institucional e massivo. Tal construção se alinha à concepção de que o futebol, desde suas origens, foi configurado como um espaço socialmente masculino, como aponta Franzini (2005),

> É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino. Como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da "ordem", ou da "lógica", que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas (Franzini, 2005, p. 316).

Nesse sentido, é pertinente dialogar com a construção teórica de Wittig (2022), que destaca como os homens têm consciência de sua posição de domínio sobre as mulheres, impondo-lhes um destino marcado por violência estrutural, incluindo assassinatos, mutilações, torturas e abusos. Complementando essa perspectiva, Fattuma (2023) observa que "nós somos ensinadas que a subserviência é o nosso destino", sob essa ótica, o rompimento com o contrato social que subjuga as mulheres, sustentado pela imposição da heterossexualidade e cisnormatividade como normas do patriarcado é um desafio histórico e político. Essa conjuntura reflete-se diretamente nas dinâmicas do futebol, em que o declínio da modalidade feminina é, na verdade, resultado dessas práticas sociais manifestadas em machismos e sexismos na sociedade.

Em 6 de dezembro de 1986, a *Gazeta de Sergipe* trouxe uma declaração de Carlos Cerqueira que afirmou: "o futebol feminino em Sergipe só não é hoje um esporte predileto do público por causa do machismo dos dirigentes de clubes profissionais e amadores" (Figura 26). A declaração reforça a invisibilização da modalidade no cenário sergipano, um tema que já era objeto de análise e debate por parte de indivíduos envolvidos ou que defendiam o futebol de mulheres. Tal contexto insere-se na complexa construção do espaço da dominação, que, como observa Wittig (2022, p. 35), afeta profundamente "nossos pensamentos, nossos gestos, nossos atos, nosso trabalho, nossos sentimentos, nossos relacionamentos".

Figura 26 - Futebol feminino e machismo.



Futebol feminino

O radialista Carlos Cerqueira, considerado o maior incentivador do futebol feminino em Sergipe, poderá no próximo ano, colaborar com o Departamento de Amadores da Federação Sergipana de Futebol.

O futebol feminino em Sergipe, só não é hoje um esporte predileto do público por causa do marchismo dos dirigentes de clubes profissionais e amadores. Quem emitiu esta opinião foi o próprio Carlos Cerqueira em conversa com a reportagem da GAZETA DE SERGIPE.

Disse ainda Carlos Cerqueira que caso haja uma nova filosofia administrativa da próxima administração da Federação Sergipana de Futebol, o futebol feminino, poderá quem sabe, levar um maior número de torcedores aos estádios de futebol, principalmente, fazendo as prépreliminares dos jogos das equipes profissionais.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 6 de dezembro de 1986.

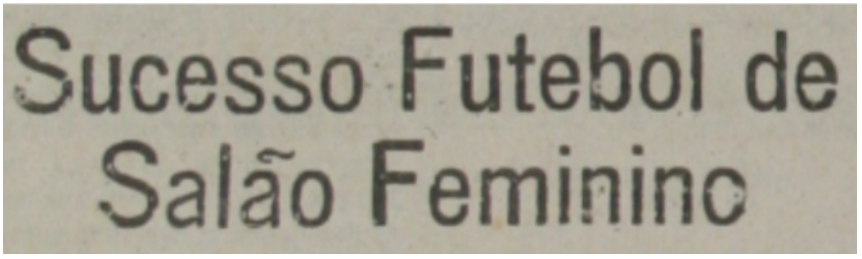
Mesmo diante do descaso, a organização de torneios amadores e partidas amistosas ainda acontecia. Um exemplo disso pode ser observado na expectativa pelo restabelecimento do futebol de campo feminino em Sergipe, visualizado no *Jornal de Sergipe*, de 17 de outubro de 1986, que anunciava um jogo entre Vôo Livre, do Bairro Santo Antônio (zona norte de

Aracaju), e as Feministas, do Bairro Bugio (também na zona norte de Aracaju), que seria realizado como preliminar de uma partida masculina na Arena Batistão. A edição destaca o evento como uma oportunidade para promover o ressurgimento do futebol feminino em Aracaju.

Contudo, o protagonismo do futebol de campo local acabou cedendo espaço ao futebol de salão regional e ao futebol de campo de outras regiões do Brasil, evidenciando os desafios enfrentados pela modalidade no contexto sergipano. A ascensão do futebol de salão em Sergipe desenvolvia-se sob a liderança de Renan Tavares, então presidente da Federação Sergipana de Futebol de Salão. Sua atuação foi marcada por esforços direcionados ao fortalecimento das modalidades, incluindo contatos com a Confederação Brasileira de Futebol de Salão para a obtenção de incentivos, como a realização de cursos de formação de árbitros[71].

A promoção do I Campeonato Feminino de Futebol de Salão pela federação configurou um marco no cenário esportivo sergipano, contando com a participação de dez equipes: Mobilart (Itabaiana), Atlético (Aracaju), Bola na Rede (Aracaju), Nápoles (Nossa Senhora do Socorro), Garra Alvinegra (Aracaju), Bahia (Aracaju), Barra (Barra dos Coqueiros), CSU (Aracaju), Laranjeirense (Laranjeiras) e Jornal (Estância)[72]. Além de seu caráter competitivo, a competição foi utilizada como base para a análise de desempenho das atletas, com o objetivo de formar a seleção sergipana de futebol de salão feminino, visando à participação em eventos esportivos regionais e nacionais[73].

Figura 27 - Sucesso Futebol de Salão Feminino.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 24 de maio de 1988.

A organização da competição, que dividiu as equipes em dois grupos com um chaveamento previamente definido, demonstra uma preocupação com a estruturação do evento, contrastando com a informalidade frequentemente observada no futebol de campo feminino. De forma semelhante, outros eventos também foram promovidos, como a Copa

[71] Jornal de Sergipe, 18 de maio de 1988.
[72] Jornal de Sergipe, 21 de maio de 1988.
[73] Jornal de Sergipe, 20 de maio de 1988.

ACDS de Futebol de Salão, que contou com equipes como Iate Clube (Aracaju), Coritiba (Itabaiana), Confiança (Aracaju) e Petroclube (Aracaju). Esse processo culminou no fortalecimento do futebol de salão no estado, evidenciado pela realização de uma partida amistosa entre a seleção sergipana de futebol de salão e a seleção paulista, como preparação para o XII Campeonato Brasileiro de Seleções, realizado entre 6 e 12 de julho de 1988, na cidade de Boquim, em Sergipe[74].

Paralelamente à efervescência do futebol de salão, algumas instituições mantinham a continuidade de campeonatos de futebol de campo feminino. Um exemplo notável foi o I Campeonato de Futebol Feminino do SESI, realizado em 1988, que contou com a participação de dez equipes, incluindo Ajax, Petroclube, Lojas Santana e Garotas do Parque. A edição de 10 de novembro de 1988 da *Gazeta de Sergipe* destacou a competição, apresentando uma fotografia de uma das equipes (Figura 28) e os nomes das jogadoras que compunham os times. A escolha editorial reflete uma narrativa que busca dar visibilidade e comunicar a identidade das equipes, promovendo as figuras das jogadoras como protagonistas.

Figura 28 - Time feminino das Lojas Santana



Fonte: Gazeta de Sergipe, 10 de novembro de 1988.

Esse movimento simbólico aponta para uma nova representação da mulher nos jornais, destacando-a não apenas como figura secundária, mas como atleta e jogadora de futebol, desafiando os estereótipos de gênero historicamente vinculados ao esporte. No entanto, a realidade retratada nas páginas dos jornais indicava possibilidades que, muitas vezes, não se concretizavam no espaço de ascensão do futebol feminino. Ou seja, as expectativas sobre o

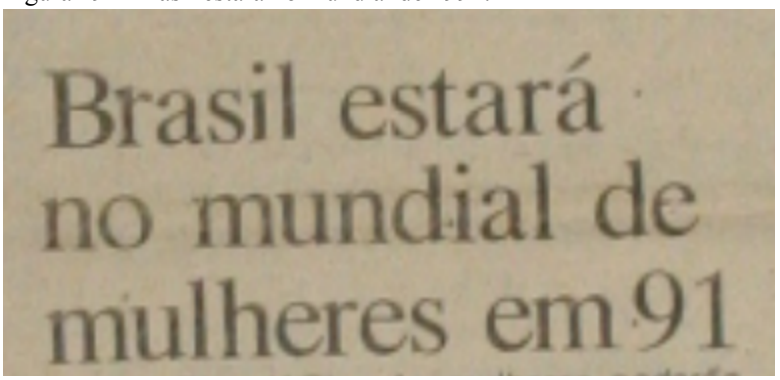
[74] Gazeta de Sergipe, 24 de maio de 1988.

avanço das mulheres no futebol eram sinalizadas por aparições ocasionais nos jornais, mas essas projeções não se consolidaram nem se tornaram consistentes ao longo dos anos.

2.3.5 A década de 1990 e a seleção nacional

Com as mudanças de caráter internacional, como a realização do Torneio Experimental de 1988 e a criação da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres em 1991, observa-se o surgimento de uma nova perspectiva nos periódicos sergipanos. As transformações influenciaram a narrativa jornalística sobre os eventos esportivos e, consequentemente, o conhecimento sobre o futebol, devido à alternância no foco dado às diferentes modalidades. O futebol de campo, inicialmente central, cedeu espaço ao futebol de salão, que posteriormente foi novamente substituído pelo futebol de campo, mas com ênfase na seleção nacional e em equipes de outras regiões do Brasil.

Figura 29 – Brasil estará no mundial de 1991.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 16 de janeiro de 1991.

A profissionalização do futebol de mulheres, que há muito deveria constituir uma realidade consolidada, parecia finalmente ganhar espaço no cenário nacional. Em 16 de janeiro de 1991, a *Gazeta de Sergipe* destacou, em suas páginas, o anúncio da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol de Mulheres, essa notícia ressaltava a possibilidade da recuperação do prestígio nacional pelas mulheres, especialmente após a eliminação da seleção masculina pela Argentina na *Copa do Mundo* de 1990. Esse discurso, que pode ser observado abaixo, sugere uma equivalência entre os dois segmentos do futebol, indica uma construção narrativa mais inclusiva, que reflete a ideia do futebol brasileiro concebido enquanto unidade, independente da modalidade.

> As mulheres poderão ajudar o Brasil a recuperar o prestígio do seu futebol, atualmente bastante abalado com os sucessivos insucessos em competições

> internacionais: a Seleção Brasileira Feminina será convocada no próximo mês para disputar o Campeonato Sul-Americano. Se conquistar o título, estará classificada para a Copa do Mundo da China, que será realizada em novembro (Gazeta de Sergipe, 16 de janeiro de 1991).

Tal perspectiva aponta para a emergência de uma nova abordagem analítica sobre o futebol, fundamentada na equidade e na ampliação dos horizontes de representação e valorização do futebol mulheres. No entanto, essa visão idealizada confronta uma realidade marcada pela manutenção de desigualdades e preconceitos, já que, em agosto de 1991, foi noticiado que a seleção brasileira feminina se encontrava sem treinador às vésperas do Mundial, previsto para ocorrer em novembro daquele ano[75]. A ausência de um técnico em um momento tão crítico para uma competição de tamanha relevância implica uma série de consequências negativas, tanto para as jogadoras quanto para o desenvolvimento do futebol feminino, como a redução da qualidade técnica e da organização do desempenho da equipe principal.

A realidade do futebol profissional de mulheres no Brasil seguia uma lógica distinta, caracterizada pela progressiva redução de sua presença nas páginas dos jornais, reflexo de um cenário em que a profissionalização do esporte ainda não se consolidava. Os discursos que aparentavam promover equidade mascaravam, na verdade, a precariedade estrutural do futebol no país. Enquanto, em 1991, os Estados Unidos contavam com 3,8 milhões de jogadoras federadas e a China com 4 milhões, o Brasil apresentava um cenário extremamente limitado, com menos de 60 jogadoras profissionalizadas[76]. A discrepância expõe as negligências em relação às mulheres no esporte, que restringe seu protagonismo e desvaloriza suas capacidades como atletas, perpetuando o ambiente de exclusão e marginalização no futebol brasileiro e, notoriamente, atinge todas as regiões do país.

Ao longo dos anos, observa-se uma diminuição na frequência de matérias dedicadas ao futebol de mulheres nas edições dos jornais, acompanhada pela gradual perda de protagonismo do futebol sergipano, cada vez menos representado nas páginas da imprensa local. Tal tendência reflete o desprestígio histórico e a escassez de investimentos voltados para a construção de uma imagem que valorize a importância do futebol feminino no panorama esportivo, inclusive através dos meios de comunicação e da mídia (Martins e Moraes, 2014). A noção de "futebóis" surge, posteriormente, como uma tentativa de repensar e reconfigurar

[75] Gazeta de Sergipe, 22 de agosto de 1991.
[76] Gazeta de Sergipe, 12 de novembro de 1991.

essa perspectiva limitante, propondo uma abordagem mais inclusiva e equitativa. Contudo, mesmo após décadas de desenvolvimento, a transformação significativa na percepção e valorização do futebol feminino ainda permanece como um desafio a ser plenamente alcançado.

Apesar disso, a discussão nos jornais não se concentrava na cobertura de campeonatos, mas abordava de forma mais ampla questões relacionadas ao futebol feminino e ao machismo presente na sociedade[77]. Exaltações a jogadoras icônicas como Sissi, Roseli e Michael Jackson contrastam com críticas a figuras masculinas que buscaram restringir a expansão do futebol feminino, como Pierre de Coubertin[78], que vetou a inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos, só permitida pela primeira vez em 1996. Esses debates veiculados na imprensa local permitiam a possibilidade de ampliação do conhecimento e do interesse pelo futebol feminino no estado, promovendo tanto sua visibilidade quanto seu acompanhamento, mesmo em um contexto em que o futebol de mulheres em Sergipe permanecia longe de uma consolidação profissional.

O futebol sergipano, tanto de campo quanto de salão, perdeu gradativamente seu protagonismo, sendo cada vez menos retratado nas páginas dos jornais locais. Contudo, na década de 1990, o futebol de salão no município de Laranjeiras destacava-se como um exemplo de organização e excelência, refletido em seu alto número de conquistas em campeonatos promovidos pela FSFS, alçando inclusive competições interestaduais[79]. Por outro lado, embora eventuais menções pelos jornais sobre a existência de campeonatos, a ausência de uma cobertura consistente dessas competições sugere uma narrativa reducionista.

O silenciamento pode estar associado à percepção de que eventos relacionados ao futebol de mulheres nacional, mas principalmente o sergipano apresentariam menor relevância se comparados a contextos gerais, contribuindo para a marginalização de práticas no imaginário esportivo regional. Tal cenário reflete a persistência de uma desvantagem social que opera segundo a lógica do sistema capitalista, impondo às mulheres uma dupla marginalização: no nível superestrutural, pela subvalorização de sua capacidade, e no nível estrutural, pela exclusão progressiva das funções sociais e produtivas (Saffioti, 1978). Entendendo, assim, o futebol essencialmente masculino, pois respondia às transições políticas e econômicas ainda no século XX (Rocha Júnior; Reis, 2011).

[77] Gazeta de Sergipe, 12 de abril de 1994.
[78] Charles Pierre Fredy de Coubertin (1863-1937), conhecido como Barão de Coubertin, foi o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna.
[79] Jornal de Sergipe, 12 de janeiro de 1992.

A desvalorização não apenas se manifesta no campo social, mas também repercute em outros campos, como o acadêmico, evidenciado pela constante separação entre a história das mulheres e a história geral, sempre tratadas de forma apartada e secundária (Scott, 1995), de modo que se incide sobre todas as áreas sociais, inclusive no futebol. Conforme elucidado por Maia e Goellner (2023, p. 199), a história oficial do futebol ignora e silencia a presença das mulheres no esporte, "de forma a aniquilar os desafios que as mulheres enfrentaram e enfrentam para entrar no futebol". Diante disso, é preciso promover a marcação da diferença, instituindo novos modelos de debate para incluir a presença de grupos minoritários através dos futebóis.

No contexto em questão, a realização e a cobertura do campeonato estadual em 1998 pareciam destoantes, porém, evidenciam a persistência de desafios relacionados à organização e ao investimento na modalidade. Oficialmente, o Campeonato Estadual de 1998 era o primeiro torneio oficial de futebol feminino[80], promovido pela FSF, e que atendia às determinações legislativas da Lei Pelé[81]. De acordo com a *Gazeta de Sergipe*, mediante reunião entre a FSF e os dirigentes das equipes, delimitou-se o número de participantes, a divisão de clubes por chaves e formato de disputa do campeonato. No entanto, a participação de equipes filiadas ao Departamento de Amadores ou Profissionais da FSF demonstra uma convivência entre times amadores e profissionais, o que reflete não apenas a desigualdade de recursos, mas também o descaso com o desenvolvimento do futebol de mulheres em diferentes níveis.

Para além disso, a permissão para que atletas a partir de 13 anos participem da competição evidencia a falta de categorias de base estruturadas e preparatórias, indispensáveis para a formação adequada das jogadoras. Esse cenário não se manteve isolado, mas sim dialoga com a realidade de todo o território nacional, em vista do descaso com categorias de base e a modalidade feminina. Exemplo disso, visualiza-se diante da recente dissolução das categorias sub-17 do Flamengo (RJ)[82] e do encerramento das atividades da equipe feminina do

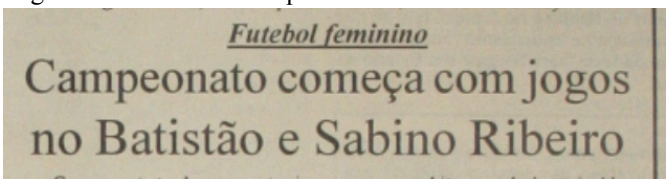
[80] Gazeta de Sergipe, 10 de setembro de 1998.

[81] A Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, conhecida como Lei Pelé, foi instituída com o objetivo de regulamentar o esporte brasileiro, substituindo a Lei Zico (Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993). Essa legislação trouxe importantes avanços, destacando-se a promoção de transparência e profissionalismo no setor esportivo. Entre suas principais disposições, destacam-se a criação e regulamentação de ligas, federações e associações, além do estabelecimento de verbas destinadas ao desenvolvimento do esporte olímpico e paralímpico, fortalecendo a estrutura e a gestão esportiva no Brasil.

[82] Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2024/07/11/flamengo-justifica-fim-da-categoria-sub-17-feminina-e-preve-aumentar-captacao-com-mudanca.ghtml. Acesso em: 18 jan. 2025.

Athletico Paranaense (PR)[83]. Diante disso, a disparidade entre os futebóis praticados é agravada pela ausência de investimentos consistentes por parte das equipes, comprometendo o crescimento da modalidade.

Figura 30 - Início do Campeonato Feminino de 1988.


Futebol feminino

Campeonato começa com jogos no Batistão e Sabino Ribeiro

Fonte: Gazeta de Sergipe, 3 de outubro de 1998.

A realização do Campeonato de 1998 contou com a participação dos times Flamengo/Zebra, Agamenon, Confiança/Japãozinho, Siqueira Campos, Atlético, Sergipe/Porto, Coritiba/CEPE, Independente/Nacional, Cotinguiba/General Maynard e Vasco/Acorda Brasil. As partidas foram disputadas em quatro importantes espaços esportivos da região: a Arena Batistão, o Estádio Sabino Ribeiro, o Estádio Petroclube e o Campo do CEPE. A disponibilidade desses campos de renome reflete não apenas a valorização do futebol local, mas também as conquistas alcançadas em meio às adversidades enfrentadas pelo esporte na época.

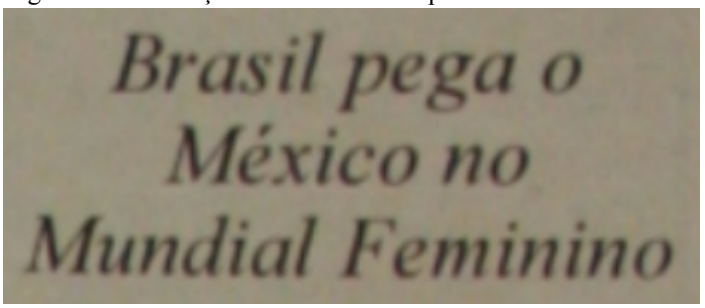
A Figura 30 apresenta o espaço dedicado ao "Futebol Feminino" nos jornais, que representa uma significativa mudança de perspectiva sobre a relação entre sociedade, imprensa e o futebol praticado por mulheres. A criação de um espaço específico para abordar a modalidade e seus desdobramentos possibilita refletir sobre uma nova realidade que passa a dar maior atenção aos jogos, disputas e campeonatos relacionados ao futebol de mulheres. Essa ação pode ser compreendida como simbólica, na medida em que representa um investimento que desafia as barreiras de gênero e as desigualdades sociais historicamente enraizadas no esporte, em que, ao mesmo tempo, a iniciativa do jornal sinaliza uma tentativa de promover a existência e a resistência do futebol feminino no Brasil (Camargo, 2021).

De maneira geral, essa mudança de cenário pode ser compreendida como uma resposta às transformações sociais e esportivas, especialmente no que diz respeito à consolidação de uma seleção nacional competitiva que passou a disputar Copas do Mundo e Jogos Olímpicos. Mas, devido a isso, com o passar do tempo, a realidade do futebol feminino local nos jornais

[83] Disponível em: https://esportes.r7.com/prisma/gol-delas/clube-mantinha-modalidade-feminina-por-obrigacao-critica-jogadora-do-athletico-pr-apos-descaso-da-14012025/#:~:text=Com%20o%20rebaixamento%20do%20time,de%20"corte%20de%20gastos". Acesso em: 18 jan. 2025.

não sofreu aumento substancial na cobertura, em que se visualiza um processo de regressão, refletindo na falta de investimento contínuo e de engajamento por agentes esportivos. Esse cenário evidencia que a inclusão pontual da modalidade nos jornais, ainda que simbólica, não foi acompanhada de um esforço consolidado em promover o desenvolvimento estrutural e narrativo do futebol de mulheres em Sergipe.

Figura 31 - Presença brasileira na 3ª Copa do Mundo.



Fonte: Gazeta de Sergipe, 4 de março de 1999.

A década de 1990 foi marcada, em grande parte, pelo destaque dado à Seleção Brasileira de Futebol Feminino em suas competições. Durante esse período, figuras importantes do movimento do futebol de mulheres no Brasil, como Sissi[84] e Marta[85], recebiam destaque em torno de sua ascensão e contribuições. Diante disso, a evidência dada à seleção nacional contribuiu para uma análise mais aprofundada dos times, abrangendo aspectos como escalações, desfalques, assim como, a identificação de pontos positivos e negativos nas equipes[86].

Às vésperas da Copa do Mundo de 1999, realizada nos Estados Unidos, a *Gazeta de Sergipe*, na edição de 13 de abril daquele ano, publicou uma matéria detalhando a preparação da Seleção Brasileira de Futebol Feminino para o mundial. O texto abordava as escolhas do técnico Wilson Riça[87], que selecionou 30 jogadoras, em sua maioria atuantes nos clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, esse fato evidencia o amadorismo e a limitada atenção dada ao futebol feminino em outras regiões, refletindo as desigualdades regionais no desenvolvimento

[84] Sisleide do Amor Lima (1967), mais conhecida como Sissi, é uma jogadora brasileira, tendo passagens por times como São Paulo, Palmeiras e Vasco. Foi uma das jogadoras responsáveis pelo Bronze na Copa do Mundo de 1999, nos Estados Unidos.

[85] Marta Vieira da Silva (1986) é uma jogadora brasileira, amplamente reconhecida por sua habilidade técnica em campo e por sua atuação em defesa do futebol feminino. A jogadora foi eleita seis vezes como melhor jogadora do mundo pela FIFA. A jogadora tem passagens pelos times do Vasco, Santos, Orlando Pride. Foi uma das jogadoras nas conquistas de Prata nas Olímpiadas de Atenas (2004), Pequim (2008) e Paris (2024).

[86] Gazeta de Sergipe, 9 de março de 1999.

[87] Wilson Oliveira Riça (1950), mais conhecido como Wilsinho, foi jogador no Juventus, Corinthians e Francana, mas também atuou como treinador de futebol feminino das equipes do Portuguesa Santa'Ana e da seleção nacional.

da modalidade. Além disso, a matéria destaca que a melhoria física e técnica da seleção estava diretamente relacionada à criação de campeonatos oficiais de futebol a partir de 1997, representando que a estruturação do futebol se dá diante da profissionalização da modalidade.

2.3.6 O ano 2000: a seleção de mulheres joga hoje

Com a chegada dos anos 2000, torna-se perceptível o aumento da cobertura sobre competições femininas nos jornais, impulsionado, sobretudo, pela realização de competições internacionais. O cronograma da seleção nacional também se manteve ativo, com destaque para os preparativos visando os Jogos Olímpicos de Sydney, realizados no mesmo ano. Na edição de 15 de abril da *Gazeta de Sergipe*, o título "Seleção das meninas joga hoje" apresenta o amistoso entre a seleção feminina e a equipe masculina juvenil do Madureira como parte da preparação para a Copa Ouro, realizada nos Estados Unidos. Contudo, a reportagem enfatiza a fragilidade tática da seleção feminina, destacando as derrotas para outras equipes juvenis, como as do CFZ e do Flamengo. Essa fragilidade, evidentemente, está associada à escassez de incentivos e à limitada profissionalização do futebol feminino no período. Apesar dessas dificuldades, a seleção feminina obteve resultados expressivos durante a Copa Ouro, conquistando vitórias contra seleções organizadas e encerrando a competição na segunda colocação.

Ao longo do ano, a expectativa estava voltada para os Jogos Olímpicos, enquanto as competições locais permaneciam ofuscadas pelo evento internacional. Nesse contexto, a cobertura sobre as Olimpíadas e a preparação da seleção feminina se intensificava de forma significativa. Na edição de 15 de setembro de 2000, a *Gazeta de Sergipe* destacou as atividades da seleção, ressaltando a visitação aos campos para reconhecimento e treinamento, evidenciando os esforços direcionados ao desempenho nos jogos.

Figura 32 – Brasil tenta medalha inédita.



Brasil tenta medalha inédita

Velha rival das meninas do Brasil Alemanha é o grande obstáculo na corrida pelo bronze

SYDNEY (AE) - Vale uma medalha histórica para o Brasil. A seleção feminina de futebol disputa nessa quinta-feira, dia 28, às 17h (3h no horário de Brasília), no Sydney Football Stadium, a medalha de bronze dos Jogos Olímpicos. A adversária é a Alemana, velha conhecida das brasileiras, que venceu a seleção na primeira fase por 2 a 1. Quarto colocado na estréia da competição, em Atlanta-96, o Brasil quer deixar a Austrália com um dos três melhores do mundo, no futebol feminino. As jogadoras parecem ter superado a frustração da eliminação na semifinal para os Estados Unidos, quando o time dominou mas não conseguiu vencer o jogo. A chance de subir pela primeira vez no pódio já serve para motivar o grupo. "Viemos até aqui para conquistar uma medalha e agora que estamos

As meninas do futebol enfrentam a Alemanha na busca da inédita medalha de bronze

Sissi será homenageada pelas companheiras de equipe, na despedida da seleção.

OURO OLÍMPICO

- Claudinei Quirino venceu a sua serie na primeira eliminatória da prova dos 200 metros rasos e conseguiu uma das 32 vagas na segunda rodada classificatória, que acontece na madrugada desta quarta-feira. Com o tempo de 20s70, o atleta brasileiro confirmou que é um dos fortes candidatos ao pódio nesta Olimpíada de Sydney. A notícia ruim foi a eliminação do outro representante do País inscrito na prova, André Domingos da Silva. Ele ficou apenas em quarto lugar na sua serie, com o tempo de 20s95.

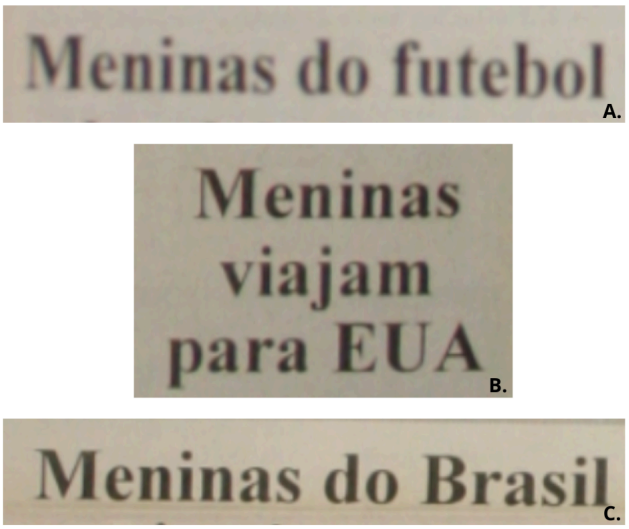
- Brasil e Cuba vão se enfrentar nas semifinais dos Jogos Olímpicos de Sydney. E o clima de guerra entre as duas equipes arqui-rivais já começou. "Vamos pegar as cubanas e vamos ganhar delas, com toda a certeza",

Fonte: Gazeta de Sergipe, 27 de setembro de 2000.

A campanha da seleção feminina foi apresentada nas páginas dos jornais de maneira ampla e aberta, destacando falas das atletas, imagens e a luta pela medalha inédita nas Olimpíadas. Essa exposição prenuncia uma mudança de perspectiva ainda maior, a exposição das jogadoras reconhecidas em território nacional e internacional, com os uniformes reais, as dificuldades e os méritos de vitórias, coloca a seleção brasileira em um outro nível de reconhecimento no Brasil. Entretanto, apesar da derrota nas semifinais para os Estados Unidos, a seleção brasileira conquistou o bronze diante da Alemanha, trazendo uma medalha inédita e uma nova possibilidade para o futebol de mulheres no Brasil.

Apesar disso, o espaço ainda foi marcado por embates, na edição de 23 de setembro de 2000, a *Gazeta de Sergipe* destaca a fala de Sissi: “querem derrubar a seleção”. Segundo a jogadora, alguém dentro da própria equipe não desejava que a seleção conquistasse a medalha. Essa denúncia, que revela que forças contrárias ao avanço do futebol feminino se opunham ao sucesso da equipe, pode ser analisada sob diferentes perspectivas, permitindo uma compreensão mais profunda das dificuldades enfrentadas pelo futebol feminino no Brasil, incluindo até mesmo a busca por medalhas. Ou seja, o protagonismo e as vitórias das jogadoras não são suficientes, pois, socialmente, a proibição moral ainda recai sobre o futebol de mulheres, marcadas pelas questões de gênero e a intersecção com o debate de raça e de classe.

Figura 33 - O uso de “meninas” nos jornais sergipanos sobre o futebol de mulheres.



Fonte: Gazeta de Sergipe (A. 15 de Setembro de 2000/ B. 20 de junho de 2000/ C. 17 de setembro de 2000).

Diante disso, é relevante destacar a recorrência do uso do termo “meninas” para referir-se às jogadoras da seleção nas edições do jornal sergipano. Essa escolha linguística insere-se em um contexto discursivo no qual a linguagem exerce um papel significativo na subordinação e exclusão das mulheres (Wittig, 2022). Conforme aponta Sayão (2003), o enquadramento de homem/mulher, definido desde o nascimento, não se baseia apenas em aspectos biológicos, mas também em concepções culturais e históricas que sustentam a construção de gênero e a consolidação de hierarquias, como as dicotomias forte/fraco e superior/inferior.

Diante disso, a utilização do termo “meninas” carrega um caráter reducionista que compromete a qualidade e a presença das mulheres no futebol. Segundo Butler (2018), a linguagem, em consonância com a cultura dominante, incorpora significados compulsórios e opera como uma estratégia política de dominação sexual. A escolha do termo “meninas” para se referir às mulheres jogadoras está impregnada de um discurso de dominação que posiciona as atletas e o futebol feminino em um lugar específico de inferioridade em relação ao futebol masculino.

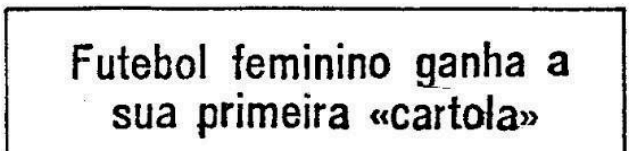
2.3.7 Mais mulheres no futebol

Entre momentos de ascensão e queda, o futebol de mulheres em Sergipe atravessa períodos de transição marcados por debates e transformações. O surgimento de profissionais

mulheres atuando no futebol para além da função de jogadoras tornou-se uma realidade, ainda que de forma gradual, registrada nas páginas dos jornais. Essa evolução, assim como ocorreu com as jogadoras, reflete os discursos e movimentos sociais relacionados ao futebol feminino que se manifestam em outras regiões do Brasil.

Assim, a presença de mulheres como dirigentes e árbitras também foi destacada nas páginas dos jornais sergipanos, simbolizando avanços no debate sobre o lugar da mulher no futebol e sua inclusão no cenário esportivo como figuras de autoridade. Essa ocupação de espaços tradicionalmente masculinos tem sido tema de discussão ao longo da história brasileira, evidenciando os desafios e as conquistas relacionados à igualdade de gênero no esporte. Com isso, o avanço quanto à formação de árbitros e a inclusão de mulheres nesse espaço dialoga não somente com os discursos da época, mas com uma luta persistente da presença de árbitras no cenário profissional do esporte brasileiro até o tempo presente.

Figura 34 - Futebol feminino ganha a sua primeira cartola.


Futebol feminino ganha a
sua primeira «cartola»

Fonte: Gazeta de Sergipe, 28 de agosto de 1984.

A chegada de Maria Lúcia Padovani Colares[88] à presidência da Associação Paulista de Futebol Feminino – a primeira entidade dedicada ao futebol feminino no Brasil, em 1984 – foi destacada como uma verdadeira "façanha"[89], simbolizando a expansão da presença feminina nos espaços do futebol. A divulgação da nomeação da "primeira cartola" (Figura 34) do futebol feminino contribuiu para a disseminação da ideia de que as mulheres são capazes de ocupar todos os espaços e discursos no esporte, seja como jogadoras, árbitras, dirigentes, gestoras ou jornalistas. Da mesma forma, a promoção das atividades do futebol feminino em outros estados ajudou a abrir possibilidades para o avanço do futebol feminino em Sergipe, incentivando novas perspectivas e conquistas no estado.

Em Sergipe, a promessa de criação do Departamento de Futebol Feminino pela Federação Sergipana de Futebol, sob a presidência de Manoel Cardoso Barreto, também esteve ligada ao convite a Carlos Cerqueira, já reconhecido como um dos principais

[88] Maria Lúcia Pandovani Colares iniciou sua trajetória no futebol como jogadora no time de bairro da Aclimação, em São Paulo. Destacando-se pela sua qualidade técnica, ela conquistou espaço no cenário futebolístico e, posteriormente, assumiu o cargo de vice-presidente do Brasinha Tricolor e como presidente da Associação Paulista de Futebol Feminino.

[89] Gazeta de Sergipe, 28 de agosto de 1984.

incentivadores do futebol feminino no estado[90]. Contudo, é fundamental entender que, no cenário nacional, o futebol feminino está marcado por intensas lutas das mulheres na conquista de espaços e direitos dentro do universo esportivo. A divulgação do desenvolvimento do futebol feminino em outras localidades, com destaque para a liderança feminina, não apenas visibiliza essas conquistas, mas também reforça as resistências e as possibilidades de gestão feminina no esporte.

Figura 35 - Formação de árbitros de futebol e a presença feminina (Georlize Oliveira Costa)



Fonte: Gazeta de Sergipe, 10 de agosto de 1991.

Entre as mulheres no futebol, além das jogadoras, a presença feminina nas turmas de formação de árbitros também se destacou em Sergipe. Em 1991, a participação de Georlize Oliveira Costa marcou um avanço significativo para a arbitragem em Sergipe[91], considerando que a posição de árbitro é tradicionalmente associada a uma figura de autoridade responsável por reger as partidas. No ano seguinte, em 1992, a formação de novos árbitros contou com a presença de Maria Rita de Cássia Andrade, reforçando a continuidade – ainda que tímida – da inserção de mulheres no espaço da arbitragem no futebol sergipano[92].

Apesar disso, a presença de mulheres nas escolas de formação de árbitros não refletia uma adesão social significativa à arbitragem feminina. No futebol masculino profissional, a atuação de árbitras era quase inexistente, limitando-se, em grande parte, a jogos amistosos.

[90] Gazeta de Sergipe, 9 de maio de 1983.
[91] Gazeta de Sergipe, 10 de agosto de 1991.
[92] Jornal de Sergipe, 10 de outubro de 1992.

Mesmo com destaques em avaliações, como Maria de Fátima e Mayline Marinho, em 2000, durante a formação de árbitros daquele ano, a arbitragem feminina permanecia ínfima, e as mulheres ocupavam poucas cadeiras nas turmas de formação[93]. Consequentemente, a inserção feminina neste espaço enfrentava grandes dificuldades, especialmente em Sergipe, onde a tendência de baixa representatividade continuava a prevalecer.

A presença das mulheres no futebol, em suas diversas possibilidades, enfrenta um cenário marcado por desafios que refletem os processos de discriminação de gênero. Essa realidade não é diferente para as mulheres que ocupam cargos de liderança e comando no esporte. Ao adentrarem espaços tradicionalmente associados a símbolos de masculinidade, elas enfrentam barreiras específicas relacionadas ao domínio e ao poder. Apesar dos avanços, estabelecer-se nesses espaços ainda é uma dificuldade significativa. Técnicas, árbitras, gestoras – além das jogadoras – continuam lidando com questionamentos constantes e imposições que desafiam sua autoridade. Essas dinâmicas de poder e exclusão permanecem presentes, perpetuando dificuldades e transtornos que atravessam o tempo e alcançam o presente.

[93] Gazeta de Sergipe, 29 de março de 2000.

3. ENTRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: OS FUTEBÓIS DO MUSEU DO FUTEBOL

O Museu do Futebol está localizado em São Paulo, na Praça Charles Miller, nas arquibancadas do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. Foi inaugurado em 29 de setembro de 2008, fruto da lei municipal 13.989, de 16 de novembro de 2005, em parceria entre a Câmara Municipal de São Paulo, a Prefeitura Municipal de São Paulo, a Secretaria Municipal de Esportes, a São Paulo Turismo e a Fundação Roberto Marinho e, posteriormente, com o apoio do estado de São Paulo pelo Decreto nº 53.351, de 26 de agosto de 2008. Desde sua inauguração, o museu é administrado pela Organização Social de Cultura IDBrasil - Cultura, Educação e Esporte (Museu do Futebol, 2021). Além disso, a resolução SC 05/98, de 21 de janeiro de 1998, apresenta o tombamento do Estádio Pacaembu e seu complexo esportivo, que se estenderá ao Museu do Futebol (SC 05/98; Museu do Futebol, 2021).

A narrativa histórico-expográfica dentro do museu, desde sua inauguração, é permeada por um potencial de inovação com a utilização de estratégias lúdicas, dinâmicas e imersivas através da articulação de recursos audiovisuais, tecnológicos e analógicos. Essa abordagem expográfica, centrada na interatividade como principal artifício para atingir o objetivo do fazer museológico, é comum nos museus de ciência, porém, explorada assertivamente no Museu do Futebol (Santos; Silva, 2011). A partir desse potencial disruptivo, o Museu passou por transformações expográficas ao longo dos anos mediante às mudanças sociais, em busca de preencher as lacunas que permearam as salas do museu.

Inicialmente, percepções e pesquisas expuseram as faltas marcantes existentes no Museu do Futebol. Por exemplo, Moraes (2009, p. 2) aponta a ausência de informações sobre o futebol de mulheres dentro do Museu do Futebol em sua origem, sendo “quase despercebida pelo acúmulo de imagens e sons de jogadores nas telas, nas fotografias, nos adereços”. Por sua vez, Lacerda e Bruno (2022, p. 2) também indicam a “quase completa ausência de mulheres como protagonistas do esporte”, que corrobora para a percepção do futebol enquanto espaço masculino (Franzini, 2005). Apesar disso, a inserção de diálogos e propostas de inclusão foi realizada, seja com exposições temporárias, seja com rodas de conversa de debates.

De acordo com o plano museológico do Museu do Futebol, as abordagens narrativas desenvolvidas a partir de sua inauguração centralizavam-se sobre um futebol hegemônico e uniforme, porém, o museu assume outra postura com reformas narrativas, no intuito de

pluralizar o futebol brasileiro. Entende-se que o museu desenvolve ações em busca de compreender e incluir os futebóis, afirmando que "demonstram que as possibilidades de conexão e atualização temática são trunfos desse museu, alvo de reconhecimento de sua comunidade" (Museu do Futebol, 2021, p. 29). Assim, é colocado no plano museológico que

> O destaque dado à pesquisa e realização de ações sobre a presença feminina no futebol, o racismo intrínseco à cultura futebolística brasileira, a diversidade da prática do futebol (amador, LGBTQIA+, por exemplo) e a multiterritorialidade do esporte (futebol de várzea, indígena, etc.), projetaram um futuro para o museu em total sintonia com os mais importantes debates contemporâneos, como a questão da decolonização museal (Museu do Futebol, 2021, p. 29).

Exemplo disso apresenta-se com o projeto "Visibilidade para o Futebol Feminino", de 2015, que visava discutir a forma de narrar a história do futebol brasileiro, isto é, a persistência de um discurso voltado a um futebol majoritariamente masculino (Museu do Futebol, 2015). E, posteriormente, com a exposição temporária "CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol" (2019), que objetivava trazer um manifesto pela igualdade em campo, através do resgate de memórias e de resistência do futebol de mulheres (Museu do Futebol, 2019). Ademais, em 2013, o museu foi responsável por sediar o debate sobre homofobia e esporte, em que se prometeu a realização de uma exposição sobre a temática, realizada apenas em 2022, em formato virtual, e intitulada "Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+" (Baptista; Boita, 2014).

No entanto, a existência de lacunas na exposição de longa duração manteve a continuidade da busca por novas perspectivas e narrativas, que permitissem a inclusão da mulher e das suas diversidades na história do futebol contada no Museu. Com isso, a renovação da concepção histórico-expográfica em 2024 apresentou como objetivo a diversidade e a inclusão, implementando novos conteúdos, salas e recursos, dando origem ao "Novo Museu do Futebol" (Museu do Futebol, 2024). A remodelação do museu posicionou a mulher como também protagonista do fazer do futebol, com a presença de um debate de gênero, de sexualidade e de raça, sendo abordado no espaço museográfico.

Para a mudança histórico-expográfica do museu, torna-se inegável a importância do trabalho desenvolvido na relação físico-virtual. Desde 2013, a produção de exposições virtuais, abordando questões de gênero, sexualidade e raça, permite a divulgação do futebol sob a perspectiva dos futebóis, atravessando as paredes do museu e atingindo públicos diversos no Brasil e no mundo. A interatividade inovadora desenvolvida presencialmente é estendida para o espaço virtual, atingindo a capacidade comunicacional do museu, margeando

a possibilidade de alcançar diferentes públicos e promover variadas interpretações (Oliveira, 2007).

Dentro disso, é possível verificar o Museu do Futebol adentrando a noção do museu digital, que, segundo Oliveira (2007), apresenta duas conexões: uma ligação com o museu presencial e uma com o cibermuseu. A possibilidade de presenciar a história do futebol à distância, através de uma narrativa que utiliza jornais, fotografias, áudios e vídeos, ao mesmo tempo que dialoga com as exposições presenciais, permite uma integração ao espaço museal dos visitantes virtuais. Com as transformações realizadas em ambiente virtual, a presença de uma lacuna no espaço virtual do museu é impulsionada a uma consequente transformação em 2024, sendo possível afirmar que o impulso realizado pela construção narrativa virtual serve à remodelação do museu, marcando um espaço de debates amplo e abarcando uma construção sobre os futebóis no Brasil.

3.1 O museu e os jornais: entre as memórias construídas

No paralelo entre o museu e os jornais, é importante compreender que, no caso desta pesquisa, verifica-se que as exposições do Museu do Futebol e os jornais sergipanos apresentam-se como duas formas distintas de produzir a memória histórica sobre o futebol de mulheres. De um lado, os jornais operam como fontes primárias que documentaram e silenciaram o futebol de mulheres, de outro, as exposições agem como narrativas que silenciaram, mas, com o passar do tempo e das mudanças sociais, resgataram, organizaram e reconstruíram as memórias do futebol de mulheres em contexto nacional. Em que se entrelaçam enquanto produtores de memória e meios de comunicação e transmissão dessa memória.

Quanto aos museus, a compreensão sobre suas implicações sociais é permeada pelas transformações históricas, assim como em outras análises de espaços e de memórias. Nesse sentido, a definição de museu é atravessada pela realidade a qual o espaço se constitui e transforma, estando alicerçada aos ideais e à mensagem que o museu pretende transmitir. Segundo Brulon (2020), o museu é um dispositivo cultural e de poder que, em sua origem, serve aos interesses dos Estados nacionais. Conforme a definição do Conselho Internacional de Museus – ICOM:

> um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando

> experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (Icom, 2022).

Entende-se que, diferentemente da relação entre museu e sociedade em sua origem, o espaço museal é um território de contestações, um campo de batalha, carregado de contradições e idiossincrasias que devem ser expostas, debatidas e transformadas, onde o invisível se torna visível e o público atua como coautor de narrativas (Vergès, 2023). Historicamente, essa relação é permeada por entraves, condicionados pelas permanências de questões patriarcais, racistas e sexistas dentro dos museus. Sendo assim, a exclusão de dissidências ainda se apresenta enquanto um desafio nos espaços museais, em termos de reestruturação com discursos inclusivos.

Segundo Malraux (2011, p. 11), "o museu impõe a discussão de cada uma das representações do mundo nele reunidas, uma interrogação sobre o que, precisamente, as reúne", ou seja, o museu delineia-se pela produção de sentidos, em que as exposições servem à reflexão, atingindo a compreensão sobre a sociedade, a cultura e a história. Em alusão a isso, Chagas (2011) posiciona os museus enquanto ferramentas que estão a serviço da construção de narrativas plurais. No entanto, é preciso compreender as exposições como resultados de seu processo histórico, tal como produtos das memórias coletivas que se tonificam no momento de construção histórico-expográfica alicerçada às imagens oficiais que promovem exclusões e inclusões (Cunha, 2008).

A partir disso, é possível verificar a relação entre museus, formas de representação e exclusões promovidas por Zarbato (2023), afirmando que

> Os museus configuram-se como sistemas de representação simbólicos das culturas, apresentam bem culturais e produzem discursos sobre o que está preservado e que não está. E reside neste processo de escolhas do que preservar, a distinção dos valores atribuídos a determinados grupos culturais e, até mesmo aos elementos relacionados ao masculino e feminino. Desta maneira, o processo de seleção patrimonial está sujeito ao mesmo tipo de apreensão, descodificação e categorização a que toda a realidade está sujeita, com recortes temporais e por que não dizer de gênero (Zarbato, 2023, p. 51-52).

O museu e suas exposições estão conectados, historicamente, à centralização de narrativas, em que o debate sobre os museus se delimita sobre seu potencial silenciador, patriarcal e racista, em negação aos contextos sociais emergentes (Soares, 2018; Brulon, 2020; Vergès, 2023). Isso está posto devido às exclusões sociais promovidas no contexto de formação da nação brasileira, circunscrita a uma associação de branquitude, patriarcado e heteronormatividade que incidem sobre os museus (Cunha, 2008). A observação da exclusão do corpo – e, consequentemente, das identidades e das pluralidades dissidentes – está diante da busca pela perpetuação de uma história neutra e universal (Brulon, 2020).

Dentro desse cenário, consegue-se visualizar o museu, de fato, enquanto dispositivo de poder, que, segundo Chagas (2002), é responsável por disciplinar e enquadrar o comportamento e a linguagem de seus visitantes. Vergès (2023) apresenta o museu enquanto agente ativo-participativo na manutenção e na perpetuação do poder do Estado-nação homogêneo, qualificando ícones de superioridade de um grupo sobre outros. Ao retomar a abordagem de Hall (2022) sobre a busca pela homogeneização da cultura nacional através da utilização dos símbolos e das representações, verifica-se a cultura nacional enquanto um discurso a serviço da construção de sentidos e influência das concepções sociais.

E, diante disso, é admissível considerar que o museu também é um discurso revestido por construções de dominação e pela necessidade de transformação estrutural. Como compreendido, o museu é percebido através de uma construção ideológica voltada aos interesses do Estado-nação sob heranças de um passado colonial e de submissão, dessa forma "os museus e a imaginação museologizante são profundamente políticos" (Anderson, 2008, p. 246). A formação de identidades únicas e de uma cultura nacional homogênea é refletida na instrumentalização dos museus à perpetuação da superioridade branca, heterossexual e masculina nos espaços, através da construção narrativa e a apropriação de imagens e a reprodução de representações limitantes. Hall (2022) apresenta a existência da narrativa da nação, apontando que

> Há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simboliza ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (Hall, 2022, p. 31).

Essa articulação pode ser amplamente visualizada no espaço museal, em que a apropriação de imagens, textos e histórias serve à construção dos símbolos e de uma representação a ser compartilhada entre a comunidade. A problemática surge, justamente, na construção de uma narrativa histórico-expográfica que silencia histórias e imagens, permitindo uma apresentação que privilegia unicamente um grupo social, promovendo a noção de superioridade e de uma história única. As transformações dentro do Museu do Futebol abarcam a mudança desse movimento estrutural enrijecido na instituição e a adequação ao papel museal para a sociedade.

A ocultação de variadas categorias de espaços museais, com abordagens centralizadas, é resultado desse longo processo de colonização e desenvolvimento do Brasil. De acordo com Cunha (2008), o Brasil é resultado de imposições e formulações de imagem a partir de perspectivas europeias que, consequentemente, resultam na produção de discursos

eurocêntricos. Ainda segundo Cunha (2008), essa perspectiva incide sobre os processos de patrimonialização e de exaltação ou silenciamento da cultura brasileira, sendo observável em instituições de memória, como os museus.

Em se perceber a instrumentalização dos espaços museais, pode-se verificar exclusões e a resistência histórica à utilização de discursos afirmativos, mantendo grupos minoritários à margem da representação (Cunha, 2008). Relativo a isso, como visto, observa-se os museus como modelos de representação e não somente como espaços de divulgação, em que há uma relação entre as exclusões desses espaços com o contexto social brasileiro, sendo também visualizadas as demais formas de representação. Neste caso, é possível verificar a semelhança entre as exclusões presentes nos museus e nos jornais, pois são reflexo da composição de estruturas narrativas de comunicação e resultado das construções de um tempo e de um espaço.

Ao observar as construções narrativas dos jornais sergipanos, identifica-se uma estrutura em torno de constantes silenciamentos à relação mulher-futebol, em que as páginas dos jornais tendiam à valorização do futebol praticado por homens. Semelhante a isso, a antiga exposição de longa duração do Museu do Futebol (2008-2024) apresentou uma versão da história do futebol brasileiro que privilegiava a experiência dos homens em detrimento das mulheres, colocando-as à margem e à exclusão. Percebe-se um ponto de difusão nessas duas perspectivas: quando a narrativa histórico-expográfica é construída aos moldes de fontes detentoras de silenciamento, o resultado pode ser calcado também em exclusões.

Conforme isso, verifica-se na relação entre jornais e museus – quanto à utilização de fontes jornalísticas para construção narrativa dos espaços museais – a possibilidade de perpetuação de silenciamentos históricos. Esse fato segue uma lógica da construção em torno das formas de representação, que são consequências das memórias coletivas e do imaginário social da época. Diante disso, Espig (1998) apresenta que

> As mensagens enunciadas por um jornal inserem-se – ou lutam para se inserir – no imaginário social presente em determinada época. As representações precisavam fazer sentido, criar significado para as pessoas que liam o periódico. Embora não possamos precisar até que ponto estes veículos de comunicação obtinham sucesso nesta tarefa, é evidente não podiam fugir demais daquilo que seria a forma de pensar da época e do grupo ao qual se dirigiam (Espig, 1998, p. 276).

Torna-se vital compreender que as fontes jornalísticas estão adequadas às noções de um período, enquanto produções humanas a serviço da sociedade em uma época. Espig (1998) também aponta as potencialidades históricas à utilização de jornais como fontes, em que a periodicidade, a contextualização e a censura instantânea permitem a assimilação sobre

um período. Além disso, Espig (1998) afirma que é preciso considerar que as fontes jornalísticas, por muitas vezes, não apresentam crítica interna, sendo necessário para o historiador pesquisar e desenvolver processos teórico-metodológicos para verificar a veracidade ou debater os fatos e eventos históricos.

Assim sendo, ao ser afirmado por Brulon (2020, p. 3) que "museus são instituições organicamente ligadas às sociedades", compreendendo que a sociedade é responsável por transmitir sentido ao museu, torna-se possível entender que os museus carregam em si os símbolos apresentados na sociedade, sejam inclusivos ou excludentes. Diante disso, a utilização de jornais por museus pode refletir nas construções histórico-expográficas, refletindo na manutenção de estruturas de poder pelas ações dos museus. Esse fato pode ser observado, justamente, na antiga exposição de longa duração do Museu do Futebol, em que a utilização dos símbolos da sociedade, construídos também em fontes jornalísticas, serviu ao apagamento das mulheres no futebol brasileiro.

Diante das mudanças sociais, a produção das exposições virtuais, através das memórias e das fontes jornalísticas, promoveu uma inclusão de novas formas de produzir a história do futebol brasileiro. Com o desenvolvimento da nova concepção expográfica do museu, sendo possível afirmar que há a inauguração de um novo percurso estabelecido na visão, na missão e nos valores do museu, visto a inclusão de narrativas que apresentem o futebol a partir de sua diversidade e integração. Esse processo, por sua vez, é permeado por uma construção que reverbera pela utilização dos jornais, entre o futebol praticado por mulheres e por homens.

Entende-se que a existência do processo comunicativo dos museus está interligada à perpetuação das noções de nacionalização e dissolução de diferenças, em que seu rompimento se projeta à descolonização dos museus (Sousa *et al*. 2022). Para isso, faz-se necessário analisar os contextos, as memórias e os produtos, a fim de construir através da análise de contexto e da observação das produções de um grupo e de suas memórias integradas às exposições de longa duração. Ao tratar sobre a transformação do papel dos museus na sociedade, pode-se entender que os espaços de memória precisam assumir novas perspectivas histórico-antropológicas no processo de criação de exposições, buscando a reconstituição e a reorganização das memórias coletivas e das formas de representação (Soares, 2018), podendo ser percebidas através dos jornais ou dos próprios espaços museais.

Nessa perspectiva, Mello e Jesus (2021) apresentam o papel do museu na sociedade, considerando que

> o museu assume um papel plural de gerador e receptor de informação, atrelado ao desenvolvimento sociocultural de uma comunidade, apoiando suas práticas institucionais em ações de conservação, pesquisa, documentação, educação e comunicação, que devem refletir em sua narrativa a diversidade cultural, religiosa, idiomática, de gênero, de etnias, entre outros, da sociedade em que está inserido (Mello; Jesus, 2021, p. 593-594).

Marziale (2021) considera que o museu deve confrontar o ódio e a intolerância, enquanto espaço de acolhimento social e de resistências. Além disso, Oliveira (2020) disserta sobre a museologia social, que diferentes grupos contribuem para o desenvolvimento de museus que se opõem à desigualdade e aos preconceitos. O papel do museu deve estar alinhado à aceitação e à inclusão, rompendo com a construção histórica de silenciamentos sociais impostos aos museus diante de sua instrumentalização pelo Estado e pelas narrativas hegemônicas da sociedade.

Dentro da perspectiva sobre a função dos museus, compreende-se também o debate relacionado à transformação e à inserção tecnológica nos espaços museais, verificando a interatividade digital e a expansão do museu para o ambiente virtual. Nesse ciclo, entende-se as possibilidades quanto à herança de um modelo físico-tradicional e a transgressão para um fazer museal inovador. Magaldi (2020) discute os museus virtuais, em que experiências eletrônicas nem sempre se enquadram na denominação de “museu virtual”; no entanto, ressalta que uma das formas de manifestação social do museu se dá por meio das tecnologias digitais e da Internet.

Lèvy (1999) detalha que a relação entre virtual e real não é oposta e, nos desdobramentos da sociedade no tempo presente, percebe-se a coesão entre o físico e o virtual que coexistem em um só espaço. O modelo físico-tradicional pode-se estender para o espaço virtual, através de exposições que mesclam imagens, sons e experiências diversas, não modificando a função do museu, diante de processos que atravessam a materialidade das exposições físicas, porém, que estão permeadas por referências patrimoniais (Henriques e Chaves, 2020). Isso tendo em vista também a adaptação à tecnologia pelos planos de ação dos museus, é um processo que já ocorre e, por sua vez, promove esforços de adequação à internet gradativamente (Silva, 2021).

A compreensão sobre a virtualização nos museus, seja no físico, seja no digital, relaciona-se à mudança de como compreender não somente objetos, mas como as tecnologias digitais e a internet podem permitir a descolonização dos museus através das potencialidades comunicativas desenvolvidas e a transformação das narrativas histórico-expográficas em museus. Marcos (2014) afirma que o museu deve ser um espaço dinâmico e aberto e, para

isso, pode-se apropriar das tecnologias da informação e comunicação. Nesse contexto, é possível verificar que

> No que concerne à "virtualização" dos museus enquanto modo de adaptação à atual contingência sociotécnica, essa dinâmica aparece como uma base para uma possível mudança de paradigma no consumo de arte e cultura, graças às potencialidades assentes nas novas tecnologias de comunicação e informação (Sousa *et al*., 2020, p. 88).

Assim, entre o tradicional e o virtual, as exposições em museus são atravessadas por potenciais imaginativos que são traduzidos em concepções narrativas sobre uma determinada área do conhecimento ou da sociedade. Apesar das similaridades, como o objetivo final em atingir o público e produzir reflexão, as diferenças metodológicas no fazer dessas exposições servem a um processo de construção sobre os alicerces e as possibilidades entre o diálogo das exposições físicas e virtuais. Isto é, as exposições virtuais não são meras reproduções das exposições físicas, devendo passar por um processo próprio de curadoria e de construção narrativa (Henrique e Chaves, 2020; Silva, 2021).

Fundamentando-se em Viana (2019), pode-se entender que, mediante a ampliação do uso de recursos digitais em museus, é possível transformar socialmente a relação entre obra, museu, exposição e visitante. Viana (2019, p. 140) defende que essas múltiplas interações promovem um "espaço de articulações comunicacionais" transgredindo a linearidade das exposições. Por sua vez, as experiências virtualizadas promovem diferentes tipos de interação através de variados modelos de comunicação, inaugurando um desafio posto à tradução dos elementos e das narrativas do museu para o virtual ou digital (Silva, 2021). A compreensão desse desafio e a utilização adequada da comunicação possibilitam a extensão eficaz dos diálogos empreendidos nos museus, como percebido com o caso do Museu do Futebol.

A utilização da virtualidade como estratégia narrativa e expográfica na produção de sentido pelos museus não é recente, exemplos como Museu da Gente Sergipana (Sergipe) e Museu da Língua Portuguesa (São Paulo) apresentam uma realidade que se apropria de aspectos lúdicos por meio de interações virtuais no fazer museal. A integração entre físico e virtual nos museus serve à abertura de possibilidades à instituição, em que se verifica a potencialidade sobre a ampliação de debates e de discursos. Nesse cenário, o Museu do Futebol, em 2013, inaugurou seu espaço virtual, apresentando narrativas virtualizadas que possibilitassem o acesso de diferentes públicos no Brasil ao museu. A exploração de debates sobre gênero, raça e sexualidades através de exposições virtuais permitiu a pavimentação para a inclusão desses discursos no ambiente físico do Museu do Futebol.

Nessa assertiva, buscou-se analisar a construção das narrativas desenvolvidas no Museu do Futebol, nas exposições físicas e virtuais, em diálogo com a compreensão do seu poder comunicativo atrelado à apropriação de variadas fontes sobre as mulheres no futebol. Para a realização dessa análise e de suas possíveis relações entre as formas de representação promovidas por jornais e museus, parte-se da compreensão dos seus potenciais comunicativos. De um lado, os jornais são agentes periódicos e contextuais atravessados por subjetividades dentro de um imaginário social e de representação de uma época (Espig, 1998); de outro, o museu manifesta-se com um potencial comunicativo e de representação, em que variadas experiências e interpretações podem ser promovidas (Xavier, 2005).

Com base nisso, a análise atentou-se à categorização das exposições em cinco áreas: gênero, raça, região, sexualidade e classe. Procurou-se identificar a composição das exposições em torno de compreender as ausências e as presenças narrativas, principalmente, no que se configura em torno das relações de gênero. Desta forma, manifesta-se o intuito de verificar quais as relações entre o museu e o jornal, em similaridades quanto às formas de exclusão e o desenvolvimento de representações limitantes no que diz respeito ao futebol de mulheres no Brasil e em Sergipe.

A relação entre museus e exposições enquanto espaços comunicacionais estabelece-se em variados trabalhos que evidenciam o museu em contexto de comunicação e aprendizagem (Xavier, 2005; Roque, 2010; Trindade; Ribeiro; Moreira, 2019). Diante disso, é vital visualizar que emerge do museu um potencial de influenciar concepções sociais e históricas dentro da sociedade, em que a missão e os valores do museu servem de pilar estrutural para a formulação da mensagem aplicada ao museu. Entende-se que os discursos sobre os museus e suas ferramentas de alcance percorrem a necessidade de compreensão da realidade para o desenvolvimento de narrativas, segundo Chagas (2011), o debate sobre o museu se modifica de democratização do acesso para a democratização do próprio museu, enquanto ferramenta e dispositivo de promoção de uma realidade colaborativa entre passado, presente e futuro.

Essa mudança insere-se também no arco das transformações dos meios de comunicação, passando a transcender o espaço físico da instituição museológica para o espaço virtual, estabelecendo um novo nível de comunicação nos museus (Roque, 2010). Porém, não somente, visto que os jornais, enquanto meios de comunicação, também produzem narrativas e representações sobre sujeitos históricos, que podem projetar a inclusão ou a exclusão das mulheres no futebol. Com isso, entende-se a mudança do museu de um espaço isolado para um ambiente aberto de possibilidades ao adentrar para o ciberespaço (Marcos, 2014). O museu, interligado ao seu papel comunicacional, está posto com a necessidade de

compreender o público e estratégias para a produção de exposições que se conectem com a proposta museológica da instituição, diante da compreensão dos objetos para a musealização.

A musealização serve à adição de "qualidade de símbolo, de representação ou de conotação" ao objeto, em que o desenvolvimento da expografia está para além da organização de objetos no museu (Roque, 2010, p. 51). Lara Filho (2009) discute que o processo de transformação do objeto no museu insere-se em processos de conhecimentos que se estendem para além de si, objetivando responder às questões da instituição museológica e da sociedade. Isso, por sua vez, promove o desenvolvimento de novas narrativas que rompem com processos colonialistas (Roque, 2020).

Roque (2010) entende a comunicação como protagonista da contemporaneidade, em vista de que o papel da comunicação no museu dirige-se ao potencial de expor, apresentar e narrar acontecimentos e histórias que servem à construção e à reflexão sobre identidades e culturas. De acordo com Cunha (2008, p. 158), "o museu é elemento de propaganda ideológica através de imagens e objetos, visando fabricar uma imagem ideal da realidade e suas dimensões". Por sua vez, Zarbato (2023) expõe que os museus são instituições que servem também para compreender influências políticas e subjetivas quanto às relações patrimoniais. Ao observar as exposições de museu, pode-se identificar as perspectivas empregadas na sua construção que, ainda de acordo com Cunha (2008), as exposições são também resultado do processo histórico e dos processos de exclusão que seguem uma perspectiva de nacionalidade homogênea, ou seja, segue-se uma linha social que responde à memória, à representação e ao imaginário coletivo.

Essa percepção, de certa forma, pode ser compreendida dentro do processo entre nacionalização e identidade do futebol, em que há a supressão da diversidade e das dissidências no futebol, buscando focar em um futebol do espetáculo em detrimento dos debates sobre os futebóis. No caso do Museu do Futebol, a exibição entre a antiga e a atual exposição de longa duração, assim como as inserções das exposições virtuais, servem à compreensão das transformações políticas-culturais no Brasil e nas formas de entender o futebol brasileiro. Desse modo, o museu apropria-se da fonte em torno de vieses sociais e políticos, em que prevalece – de certa forma – abordagens ideológicas específicas.

Conforme Barros (2012), ao discorrer sobre a construção das fontes, o texto é composto por um emissor, um objeto e um receptor que são produto de um tempo e um espaço. Roque (2010; 2012) compreende o museu enquanto emissor e mediador de um discurso, posto diante da construção narrativa através da ordenação de objetos com o intuito de promover sentido. Assim, é possível inferir que o emissor, no caso do museu e das fontes

jornalísticas, é construído não somente por visões individuais, mas pela sociedade e por sua memória coletiva, permeada por representações e imaginários coletivos. Ao se tratar do futebol, é possível perceber as articulações narrativas em torno do esporte, envolto em silenciamentos e apagamentos históricos dentro e fora do museu que, com o passar do tempo, foram sendo evidenciadas e transformadas.

Ao retomar a Damo (2018), a utilização do termo futebóis dá-se mediante à limitação do futebol brasileiro, sendo instintivamente associado a um espaço de homens para homens. As ausências marcantes no Museu do Futebol sobre a história do futebol brasileiro permeiam, principalmente, a exclusão das mulheres e das sexualidades (Moraes, 2009), em que a transformação histórico-expográfica é realizada por inclusões que partem de inserções na expografia e da utilização das exposições virtuais. Nesse segmento, Roque (2020) destaca que o processo de permanência dos museus ocorre através da realidade na qual está inserido, afirmando que

> A continuidade do museu depende da sua atuação enquanto agente de mudança, capaz de interromper um longo ciclo de preconceitos, envolvendo a forma como é produzido, disseminado e exposto o conhecimento sobre outras culturas e promovendo políticas ativas para a diversidade e inclusão e, por conseguinte, para a descolonização dos espólios e dos seus discursos (Roque, 2020, p. 66).

Ao se tratar do Museu do Futebol, percebe-se uma adequação ao museu histórico que, segundo Roque (2010), passou a desenvolver narrativas museográficas contextualizadas, com documentos textuais, sonoros e táteis. Frente à ampliação das possibilidades museais, através da compreensão das fontes aplicadas à narrativa expográfica, percebem-se os potenciais de comunicação postos ao museu. Desse modo, a discussão sobre os futebóis no Museu do Futebol é marcada, atualmente, pela necessidade de compreender a composição tanto física quanto virtual do museu.

3.2 As exposições do museu

A relevância do estudo das exposições do Museu do Futebol nesta pesquisa tenciona para a compreensão de que a comunicação imagética e discursiva por elas manifestas funciona como dispositivo narrativo de construção e mediação da memória histórica, em torno da relação com meio de produção de representação no tempo presente (Chagas, 2006). No caso do Museu do Futebol, o processo de seleção e organização está dentro das reformas e adequações que reverberam sobre ocultações e exaltações sobre a história do futebol brasileiro, seguindo uma tendência social que segue o campo dos debates historiográficos em

torno da memória, história e nação (Brefe, 2007). Nesse sentido, entende-se que o museu e suas exposições são agentes ativos na produção da memória, pois são capazes de promover apagamentos e evidências através da articulação de narrativas no espaço museal.

O museu, enquanto dispositivo cultural, como apontado por Brulon (2020), age na produção simbólica através de narrativas, influenciando na formulação de perspectivas sociais de inclusões e exclusões. Em se tratando do futebol de mulheres, percebe-se a possibilidade de enraizar a marginalização quanto à história do futebol feita também por mulheres ou romper com o silenciamento histórico enfrentado por uma narrativa excludente. Assim, a análise das exposições do Museu do Futebol permite identificar como a memória das mulheres no futebol foi e está sendo construída no espaço museológico em similaridades e distinções com as produções dos jornais analisados anteriormente. Portanto, pretende-se analisar o modo como o Museu do Futebol constrói as narrativas sobre o futebol de mulheres por meio de suas exposições físicas e virtuais.

3.2.1 As exposições físicas: o espaço institucional e a curadoria presencial

Da inauguração até a reforma de 2024, o Museu do Futebol foi alvo de críticas devido às ausências marcantes no contexto museal, como apontado por Moraes (2009) – que descreve como o acúmulo de imagens e de sons de jogadores na expografia suprime a ausência das mulheres no museu – e Lacerda e Bruno (2022) – destacando que, no museu, as mulheres eram retratadas apenas para contextualizar épocas, diluindo o possível protagonismo das mulheres no esporte. A exposição foi marcada por silenciamentos, porém, algumas salas apresentavam a relação mulher-futebol enquanto coadjuvantes, enquanto outras ocultavam totalmente a participação das mulheres e sua diversidade na história do futebol brasileiro. Espaços como a "Sala das Copas" e o "Almanaque da Bola" reforçaram o estigma do futebol composto e feito unicamente por homens, ao excluir as Copas do Mundo de Futebol de Mulheres, assim como ocultar símbolos e personagens femininas da história do futebol brasileiro.

A Figura 36 apresenta um painel com imagens que correspondem às salas e aos espaços do Museu do Futebol antes da reforma. Esse conjunto de imagens nos permite entender que, após a reforma, a estrutura do museu não foi alterada, mas sim a forma de narrar a história do futebol brasileiro. Isso, por sua vez, auxilia na compreensão de que há uma relação entre espaço, narrativa e memória que foi – e está sendo – desenvolvida dentro do museu. Entendendo que a estrutura não mudou, mas sim a narrativa, logo, pode-se inferir

que bastaria reorganizar a narrativa do museu, marcando que a inclusão das mulheres e das diversidades no espaço museal sempre foi uma possibilidade tangível.

Figura 36 - Fotografias da exposição de longa duração do Museu do Futebol até 2024.



Fonte: Acervo do Museu do Futebol, 2024.

A exposição de longa duração do Museu do Futebol passou por uma reformulação em 2024, resultando na transformação de todas as salas e na incorporação do futebol de mulheres à narrativa histórico-expográfica do museu. Em 2025, é possível acessar seis salas que abrangem a história do futebol brasileiro, apresentando-a por meio da ênfase em aspectos relacionados a gênero, raça, sexualidade, classe e regiões — em diferentes escalas (Tab. 1). O processo de categorização das salas tem como finalidade evidenciar os elementos que são destacados nas exposições, possibilitando a facilitação do diálogo com os debates sobre as narrativas do museu em torno da história do futebol brasileiro.

Tabela 1 - Lista de Salas da exposição de longa duração do Museu do Futebol (2024-2025)

Nome da Sala	Tema	Áreas
Grande Área	Objetos que retratam a paixão do torcedor, fruto do acervo de 50 torcedores e material de 131 times brasileiros.	Gênero, raça e regional
Anjos Barrocos	Ídolos do futebol brasileiro (29).	Gênero e raça
Origens	Apresentação da história do futebol, entre o Brasil e o mundo.	Gênero, raça, regional, sexualidade e classe
Raízes do Brasil	História do Brasil no século XX através da cultura e do pensamento social da época	Gênero, raça, regional, sexualidade e classe
Copas	As conquistas do futebol brasileiro relacionadas aos contextos políticos, sociais, econômicos e culturais	Gênero, raça, regional, sexualidade e classe
Almanaque da Bola	Linha do tempo da história do futebol, apresentando regras e curiosidades do esporte	Gênero, raça, regional, sexualidade e classe
Exposição temporária: Vozes da Várzea	O futebol de várzea de São Paulo praticado por mulheres e por homens	Gênero, raça, regional e classe.

Fonte: Dados do Museu do Futebol, 2025.

Na sala “Grande Área” é possível encontrar artefatos que remetem, de alguma forma, à história do futebol brasileiro: brasões, revistas, bonecos, bolas, sapatos, xícaras. A utilização desses objetos reflete sobre a multiplicidade identitária do futebol no Brasil, isto é, a identidade do futebol atravessa vários campos imagéticos. A partir disso, é possível encontrar objetos que aludem aos debates sobre gênero, raça e questões regionais, permitindo a compreensão sobre a utilização da memória, das identidades e das representações desde a entrada ao museu.

Figura 37 - Objetos presentes na exposição da sala “Grande Área” (2024), referência a jogadores negros e a Pelé.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Ao se observar esses três campos em destaque (gênero, raça e questões regionais), pode-se partir de um fato: a inegável presença da imagem do Rei Pelé – principal símbolo do futebol brasileiro – contrastando com ainda ausências quanto ao futebol de mulheres, por exemplo (Fig. 37). No entanto, cabe compreender que essa ausência é um reflexo da construção social – como posto na Tabela 1, a sala é composta por objetos de torcedores – logo, a insuficiência de elementos que trazem outros elementos do futebol corresponde a duas questões principais: uma história social que privilegiou uma história do futebol composta por homens, refletindo em representações em objetos; e uma seleção de objetos que privilegiou a história do futebol masculino em detrimento ao feminino.

Os objetos presentes nesta sala são representações de uma época, que detém características de uma sociedade específica (Barros, 2012). Assim, são produtos também de silenciamentos e pagamentos históricos que resultaram na visualização do futebol enquanto espaço para homens. Ao mesmo tempo que evidencia uma narrativa focalizada em um território brasileiro específico, especialmente um futebol do sul e do sudeste, eleva outro ponto: a grande presença de elementos que retomam um futebol sulista e sudestino em contraste à insuficiência de elementos do futebol de outras regiões.

Figura 38 - Objetos presentes na exposição da sala “Grande Área” (2024), referência a times do Nordeste.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

A presença de objetos na exposição Grande Área que remetem ao futebol do Nordeste (Fig. 38) permite observar que o Museu do Futebol reconhece a existência do futebol para além do eixo Sul-Sudeste. Ao analisar o caso do futebol de Sergipe e sua representação através dos objetos no espaço museal, percebe-se uma insuficiência para a construção narrativa e histórica desse futebol. Consequentemente, cria-se uma ausência que, por sua vez, é ainda mais marcante no que diz respeito ao futebol de mulheres, revelando questões sociais, estruturais e econômicas, logo, pode permitir a reflexão também das ausências para os visitantes do espaço.

A evidência dos futebóis brasileiros no Museu do Futebol pode possibilitar o reconhecimento dos futebóis do Nordeste e de Sergipe, como um território de resistências. Essa realidade também se reflete na percepção construída pelos jornais sergipanos, uma vez que as aparições e a compreensão do futebol de mulheres em Sergipe foram marcadas por ocultações e por disputas com as normativas de gênero presentes nessas publicações, atravessando uma correspondência nacional quanto ao lugar da mulher na sociedade. Ou seja, a presença do futebol de mulheres em Sergipe, e no contexto do futebol sergipano de modo mais amplo, insere-se em um cenário de disputas narrativas dentro dos jornais, que podem ser visualizadas de forma similar nas exposições do Museu do Futebol, compondo, assim, uma construção de memórias atravessada por silenciamentos.

Figura 39 - Objetos presentes na exposição da sala “Grande Área” (2024), referência ao futebol de mulheres



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Diante disso, como posto na Figura 39, a adição de elementos na exposição sobre o futebol de mulheres implica também duas questões: 1. o destaque dado ao futebol de seleção; e 2. o foco em equipes do Sudeste do Brasil. Essa realidade reforça, mais uma vez, o vínculo entre a sociedade e o futebol de mulheres, considerando que, historicamente, não há um reconhecimento consolidado da modalidade. Com isso, a coleção de objetos restringe-se tanto pela limitação de produção quanto no armazenamento de materiais, ou seja, a um processo de seleção coletiva que permeia a construção e a continuidade da memória (Halbwachs, 1990).

Dentro de um recorte que observa a predominância de elementos relacionados à seleção de futebol de mulheres, em detrimento de outros futebóis existentes no Brasil, reverbera diretamente sobre o baixo desenvolvimento do futebol de outras regiões, especialmente fora do eixo Sudeste-São Paulo. Trata-se do reflexo da crise de desenvolvimento do futebol de forma geral, que se torna ainda mais sensível e evidente quando observado o processo específico de construção e afirmação do futebol de mulheres. De certo modo, torna-se nítida a vulnerabilidade que preenche o futebol brasileiro, entre processos históricos, econômicos, sociais e identitários (Ramos, 2008).

Os cartazes, as moedas comemorativas e os folhetos informativos presentes na exposição destacam o interesse e a popularidade do futebol de mulheres no cenário internacional, que, por consequência, atingiu o Brasil a ponto de integrar a coleção de torcedores. Já os álbuns de figurinhas – comumente associados ao futebol masculino –

tornam-se, no contexto feminino, símbolos de conquista e de representação. Reconhecer rostos, nomes, nacionalidades e todo o percurso das Copas por meio desses álbuns nos conduz a um registro histórico que reverbera em termos de conhecimento, representação e identidade.

Na sala dos "Anjos Barrocos", são exibidas as imagens e a descrição da importância de 29 ídolos do futebol brasileiro, entre eles Pelé[94], Garrincha[95], Sócrates[96] e Nílton Santos[97], apresentados por meio de jogos de luz e movimento contínuo de imagens. Em contraste, apenas quatro jogadoras estão presentes na sala: Formiga[98], Sissi[99], Marta[100] (Fig. 40) e Cristiane[101]. A disparidade numérica – 25 homens e 4 mulheres – não é meramente quantitativa, mas expressa um reflexo direto de um campo social historicamente marcado pela negligência em relação ao futebol de mulheres e a distinção quanto ao futebol de homens (Broch, 2021).

Figura 40 - Imagens das jogadoras Formiga, Sissi e Marta na Sala dos Anjos Barrocos.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

É importante destacar que a Sala dos Anjos Barrocos celebra "anjos, heróis, eternos craques" (Museu do Futebol, 2024), e embora essas quatro jogadoras ocupem legitimamente

[94] Edson Arantes do Nascimento (1940-2022), o Pelé, nasceu em São Paulo e foi um jogador de futebol que atuou como atacante da seleção brasileira e do Santos, conhecido como "Rei do Futebol".
[95] Manoel Francisco dos Santos (1933-1983), o Garrincha, nasceu no Rio de Janeiro e foi um jogador de futebol que atuou como ponta-direita da seleção brasileira, atuando também em times como Botafogo e Flamengo.
[96] Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1954-2011), o Sócrates, nasceu em Belém e foi um jogador de futebol que marcou a história do Corinthians, com a conhecida "Democracia Corinthiana", movimento que lutava contra a ditadura civil-militar no Brasil.
[97] Nílton Santos (1925-2013) foi jogador de futebol, eleito em 2000 como melhor lateral-esquerdo da história pela FIFA, atuou durante toda a sua carreira pelo Botafogo.
[98] Miraildes Maciel Mota (1978), a Formiga, foi jogadora de futebol, atuando na posição de volante, sendo duas vezes vice-campeã olímpica com a seleção brasileira, sendo a única atleta a participar de 7 Copas do Mundo, atualmente ocupa a posição de Diretora de Políticas de Futebol e de Promoção do Futebol Feminino do Ministério do Esporte (2026).
[99] Sisleide do Amor Lima (1967), a Sissi, foi uma jogadora de futebol da seleção brasileira, sendo marcante em atuações em Copa do Mundo e Olimpíadas.
[100] Marta Vieira da Silva (1986), a Marta, é uma jogadora de futebol, escolhida 6 vezes como melhor futebolista do mundo, foi três vezes medalhista de prata em jogos olímpicos e vice-campeã da Copa do Mundo de 2007, também conhecida como Rainha do Futebol.
[101] Cristiane Rozeira de Souza Silva (1985) é jogadora de futebol, atuando na seleção brasileira de futebol e em times como Flamengo, São Paulo e Santos.

esse espaço, o título de heróis – ou heroínas – no futebol de mulheres estende-se além daquelas jogadoras que conseguiram, de alguma forma, a atenção na mídia e a popularidade. Isto se deve ao fato de que, quando se trata do futebol de mulheres, o título de heroínas precisa abarcar também os silêncios, pois trata-se de trajetórias de resistência, por mulheres que sustentaram e expandiram o futebol para além das quatro linhas, mesmo quando foram sistematicamente invisibilizadas pela sociedade[102].

Torna-se vital compreender que essa sala não reflete o mesmo cenário, tampouco o mesmo significado para as diferentes modalidades do futebol. Enquanto a celebração dos jogadores está centrada, principalmente, em suas conquistas dentro das quatro linhas, a presença das jogadoras nessa sala incide para além do campo de futebol. Em torno de resistências pelo direito ao futebol, em resultado ao longo do processo de desvalorização e invisibilidades (Silva; Souza, 2023), nesse contexto, apesar de afirmar que as jogadoras presentes são devido à amplificação que a mídia possibilitou, também são símbolo de resistência e rompimento de imposições sociais.

A Sala "Origens" apresenta a história do futebol, desde a chegada de Charles Miller. Nessa área, é possível perceber inúmeras relações com as categorias observadas, através da utilização de fotografias e revistas expostas em formato de retratos ordenados numericamente (Fig. 41). Essa sala nos permite observar o desenvolvimento do futebol, perpassando por registro de todas as regiões do Brasil, sendo importante atentar ao destaque dado à presença de mulheres no futebol, mas também às relações entre o futebol e outras questões sociais no Brasil, quanto à classe e à raça.

[102] O documentário "As Primeiras" (2024), dirigido e roteirizado por Adriana Yañez, resgata as trajetórias das jogadoras que integraram a primeira seleção brasileira de futebol feminino, formada em 1988. A obra traça um paralelo entre o passado e o presente dessas mulheres, oferecendo um retrato das jogadoras que, atualmente, moram no subúrbio do Rio de Janeiro e que iniciaram suas carreiras esportivas ainda durante o período em que o futebol era proibido para mulheres no Brasil. O documentário permite traçar paralelos entre as jogadoras e os contrastes tangentes no futebol brasileiro entre as modalidades esportivas.

Figura 41 - Sala das Origens



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Ao observar a utilização de recortes de capa de revista de esportes, destacando a presença da mulher no universo esportivo e no futebol, é possível compreender sobre a apropriação da imagem da mulher e a construção da representação no futebol. Na Figura 42, é possível visualizar três recortes realizados da sala Origens, respectivamente, a capa da revista Sports, com a representação de uma torcedora (1915), da revista Vida Sportiva, com a fotografia do time de mulheres do ABC F.C (RN) (1920), e também da revista Vida Sportiva, com a ilustração de uma jogadora com a camisa do Botafogo F.C (RJ) (1920). Nas três imagens, é possível observar elementos que reforçam uma estética padronizada sobre a mulher – seja a torcedora, seja a jogadora – que é influenciada pelas representações e pelo imaginário da época determinado pela perspectiva do homem (Goellner, 1999).

Figura 42 - Quadros expositivos de revistas na Sala das Origens



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A formulação do futebol de mulheres é moldada sob a vigência de normativas sociais, que se reverberam sobre as construções de uma época. Os registros fotográficos expostos na sala atestam essa realidade, perpassando pelo processo de formação de um futebol de mulheres no ambiente circense (Fig. 43A[103]), pela ocultação histórica da popularidade do futebol de mulheres pelo mundo (Fig. 43B[104]) e pelo silenciamento de personagens importantes para a existência de clubes de mulheres no futebol (Fig. 43C[105]).

Figura 43 - Quadros expositivos de revistas na Sala das Origens



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A sala “Raízes do Brasil” apresenta a história do Brasil no século XX, abarcando a história, a cultura e o pensamento da época, perpassando pelas categorias de gênero,

[103] A imagem 210, da Sala das Origens, apresenta as atrizes do circo e da família Seyssel, na cidade de Juiz de Fora (MG), na década de 1920 (Museu do Futebol, Sala das Origens, 2024).
[104] Imagem 367 apresenta o registro de um jogo do Fèmina Sport, da França, na década de 1920, com a presença de uma arquibancada lotada para prestigiar o jogo (Museu do Futebol, Sala das Origens, 2024).
[105] Imagem 164 apresenta a fundadora do Sport Club Feminino Vasco da Gama, que, no registro, estava posando para Revista da Semana Feminina, em 1923 (Museu do Futebol, Sala das Origens, 2024).

sexualidade, raça, classe e questões regionais; permitindo observar a presença das mulheres em todo esse processo. No contraste entre analógico e digital, a sala apresenta a formação e a diversidade cultural brasileira, perpassando pela religiosidade, grupos originários, cangaço, operariado, folclore, crenças populares e outros alicerces que estruturam a sociedade brasileira (Fig. 45). A Sala expõe as formas como o Brasil se vê e se ouve pela primeira vez, em que consolida a visão do brasileiro enquanto povo unificado, formado por grupos sociais marginalizados historicamente.

A seleção das imagens para a narrativa expográfica apresenta momentos históricos, que refletem a presença e a importância das mulheres – sem distinção, abrangendo variadas classes sociais, religião, regionalidade e raça. Ainda assim, observa-se a conexão entre personagens femininas relevantes para a construção simbólico-cultural da história do Brasil. Diante disso, consegue-se visualizar que essa narrativa influencia a integração da mulher na composição histórico-social do Brasil, assim como, insere as mulheres na história do país como agentes ativos no processo cultural, econômico e estrutural.

Figura 44 - Quadros presentes na Sala das Origens



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A conexão narrativa proposta pelo museu através da apresentação das raízes do Brasil e das origens do futebol brasileiro, permite compreender que esse futebol é produto e produtor de transformações culturais, políticas e econômicas (Byington, 1982). Entende-se a relevância construída pelo próprio museu, ao afirmar que “o futebol de Leônidas da Silva e de Domingos da Guia é tão importante na formação de nossa cultura como a arte de Tarsila, os poemas de Drummond, as ideias de Mário de Andrade” (Museu do Futebol, 2024). Essa assertiva reforça

a influência do futebol na construção do Brasil e em seus debates sociais, além disso, reflete sobre o papel social do museu frente à afirmação da cultura e da história brasileira.

Figura 45 - Quadros apresentando mulheres, em diferentes funções, e proibição do futebol de mulheres na Sala das Origens



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A sala dispõe de um recorte sobre a proibição do futebol de mulheres no Brasil, em torno de conquistas e ações desenvolvidas por mulheres, destacando “o futebol feminino proibido” (Fig. 45). A marcação de um futebol de mulheres proibido é um símbolo de impedimento nas narrativas culturais brasileiras, visto que as raízes proibitivas formam o imaginário do “país do futebol”. Detém-se a construção de uma narrativa que afirma a proibição como parte do processo histórico brasileiro, entendendo-o enquanto estruturador das continuidades culturais, como fator de afirmação dentro e fora dos gramados (Franzini, 2005).

A sala “Copas” apresenta a participação das seleções brasileiras nas Copas do Mundo de Futebol de homens e de mulheres, à luz dos contextos históricos brasileiros e mundiais, compreendendo os cenários político, social, econômico e cultural. Com a adição da participação das Copas disputadas pela seleção de mulheres, também permite o diálogo sobre o preconceito, a proibição e a resistência no direito pela prática do futebol por mulheres na seção “Mulheres no Futebol”. Através de imagens projetadas em telas que produzem um formato de uma taça, é possível perceber a evolução social do Brasil e do mundo, com a utilização de vídeos, fotografias e recortes de jornais (Fig. 46).

Figura 46 - Exposições sobre as Copas do Mundo de Futebol de homens e de mulheres.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A justaposição entre as exposições das Copas do Mundo de futebol de mulheres e de homens, consolidada após a reforma do museu, permite compreender que o Museu do Futebol estabelece uma equivalência e uma igualdade entre as Copas, tanto em nível quanto em importância para o futebol brasileiro. O posicionamento das Copas das duas modalidades, lado a lado, promove ao visitante não apenas o conhecimento, mas também o reconhecimento do futebol brasileiro de forma uniforme, sem necessariamente distinguir ou hierarquizar as modalidades masculina e feminina. Essa escolha na narrativa histórico-expográfica tangencia os enrijecimentos e as construções do Brasil, estabelecendo o diálogo com outras salas do Museu e corroborando para a compreensão sobre os futebóis no Brasil.

A sala "Almanaque da Bola" apresenta curiosidades, objetos e linhas do tempo da história do futebol brasileiro por meio de um design lúdico e dinâmico, permitindo a compreensão da história de forma atrativa e divertida. Após a reforma, a transformação desse espaço promoveu a ampliação das possibilidades de visualização e compreensão sobre o futebol, assim como integrou a diversidade às imagens da sala. Esse processo de inclusão de personagens diversos, abarcando a diversidade de gênero e étnico-racial (Fig. 47), desenvolve novas formas de influência sobre a construção da representação social e da memória histórica, rompendo com a mitificação e a padronização do corpo da mulher (Souza, 2013).

Figura 47 - Imagens de transição nas paredes do Museu para a entrada na Sala Almanaque da Bola



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A exposição temporária “Vozes da Várzea” apresenta o futebol de várzea de São Paulo, de forma lúdica, dinâmica e interativa. Torna-se possível observar um retrospecto histórico da formação do futebol varzeano, através de recortes de jornais, de fotografia e de objetos, além disso, é possível perceber geograficamente a localização das equipes das modalidades de mulheres e de homens. Nesse ponto, consegue-se perceber a preocupação de evidenciar a história do futebol de várzea feito por homens e por mulheres dentro da exposição do museu, apresentando a evolução, a resistência e as atividades das pessoas que fazem a memória desse futebol.

3.2.2 As exposições virtuais: interatividade e narrativas da memória

Dentro dos debates sobre virtualidade, exposições e museus, torna-se necessário compreender que as exposições virtuais configuram, de certa forma, o museu virtual do Museu do Futebol. Conforme Trindade, Ribeiro e Moreira (2019, p. 198), o termo “museu virtual” refere-se “desde metadados de objetos, a representações em três dimensões, a reconstruções digitais de exposições, a visitas interativas ou até jogos construídos a partir de objetos musealizados”. Nesse sentido, as exposições virtuais do Museu do Futebol podem ser percebidas não apenas como uma extensão, mas como constituintes do museu em completude, partindo disso, opta-se por observar o Museu do Futebol nas duas frentes, a física e a virtual.

As exposições virtuais estão alocadas no sistema do *Google Arts & Culture*, totalizando 23 exposições – publicadas de 2012 até 2023 –, compostas por vídeos, fotografias, áudios, recortes de jornais e objetos. Para o presente estudo, selecionaram-se 9 exposições, que direcionam a narrativa histórico-expográfica para uma abordagem em torno das categorias de gênero, raça, sexualidade e classe (Tab. 2). De forma geral, as exposições utilizam as memórias do futebol para narrar as diversas histórias, perpassando pela cultura, pelo patrimônio e pela diversidade social. Nesse cenário, entende-se que as fontes utilizadas são transformadas para a versão digital, atingindo a necessidade de ser articulada e apropriada pela interatividade e pela virtualidade, expandindo a relação de observação e análise (Roque, 2010).

Tabela 2 - Lista de exposições virtuais do Museu do Futebol que tratam da relação entre mulheres e futebol (2015-2025)

Nome da Exposição/Ano	**Tema**	**Área**
Visibilidade para o futebol feminino (2015)	Rever a forma como se narra a história do futebol brasileiro	Gênero, raça, sexualidade e classe
A Michael Jackson: os primeiros chutes (2019)	A vida da jogadora Marileia dos Santos (1/4)	Gênero, raça, sexualidade e classe
A Michael Jackson: “livre” para jogar (2019)	A vida da jogadora Marileia dos Santos (2/4)	Gênero, raça, sexualidade e classe
A Michael Jackson: Seleção brasileira e Europa (2019)	A vida da jogadora Marileia dos Santos (3/4)	Gênero, raça, sexualidade e classe
A Michael Jackson: O Legado (2019)	A vida da jogadora Marileia dos Santos (4/4)	Gênero, raça, sexualidade e classe
Mulheres, desobediência e resiliência (2019)	A relação entre as mulheres e o futebol com o decreto proibitivo	Gênero, raça, sexualidade, questão regional e classe
Lea Campos, a primeira árbitra (2019)	A vida da árbitra de futebol Lea Campos	Gênero e classe

Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+ (2022)	A prática do futebol LGBTQIAP+ no Brasil	Gênero, sexualidade e classe
Primeiro mundial de mulheres (2023)	As memórias de Claudia Silva, única jornalista a cobrir o torneio	Gênero, raça, questão regional e classe

Fonte: Dados do Museu do Futebol, 2025.

A exposição "Visibilidade para o futebol feminino" (2015) registra e exalta os esforços do museu em adicionar elementos que compuseram a presença das mulheres na história do futebol, cujo objetivo era contestar a forma tradicional de se narrar a história do futebol brasileiro. A exposição apresenta os esforços para o desenvolvimento da mediação da mostra física por meio da criação de uma versão virtual, funcionando tanto como registro do trabalho do Museu do Futebol quanto como espaço para a construção de diálogos iniciais sobre o futebol de mulheres no Brasil, perpassando pelas categorias de raça, gênero, sexualidade e classe. Dessa forma, busca atingir não apenas o público em São Paulo, mas também fomentar debates que ultrapassem os muros do museu, logo, a história do futebol praticado por mulheres é incluída no espaço museológico, evidenciando suas trajetórias, lutas e resistências.

A exposição discute os objetos de (des)memória, destacando os esquecimentos e as seleções, realizadas pelos acervos de futebol, quanto à presença das mulheres no futebol. Segundo Pollak (1992), tanto a memória quanto a documentação são socialmente construídas, a partir disso, o processo de seleção e de escolhas atinge o fazer histórico em múltiplas áreas. Logo, o material – como ingressos, álbuns, postais – de jogos ou da participação de mulheres no futebol foi criado, porém, o armazenamento ou a salvaguarda desses objetos não é realizada de forma correta, ou é esquecida nos acervos, pois são instrumentalizadas a serviço de uma memória coletiva que segue a ordenação do Estado e daqueles que detêm poder (Pollak, 1989).

Figura 48 - Imagens presentes na exposição “Visibilidade para o futebol feminino” (2015).



Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

No desenvolvimento da exposição, pode-se perceber uma sequência da mostra de contextualização, em que há a releitura das origens do futebol – ao reorganizar as narrativas e colocar a mulher enquanto agente histórico no futebol –, a compreensão sobre representações da mulher no esporte e as incidências ao futebol – traz-se a noção de beleza e feminilidade –, assim como os impedimentos às mulheres e as pioneiras no fazer do futebol – destacando árbitras, jornalistas, jogadoras. A existência dessa exposição permeia o caminho para transformações futuras no museu, pois há a adição de objetos e de elementos na narrativa expográfica que permanecerão e irão incentivar a reforma realizada em 2024. Como exemplo, a entrada das mulheres na sala Anjos Barrocos é realizada através desse investimento, com adição das jogadoras Marta e Formiga (Fig. 48A), do mesmo modo, pode-se perceber a utilização de cartazes sobre torneios femininos atualmente presentes na sala Grande Área (Fig. 48B), recortes de periódicos que se fazem presentes na sala Copas, na seção de Mulheres no Futebol (Fig. 48C) e na sala Origens (Fig. 48D).

O conjunto de exposições “A Michael Jackson” (2019) é dividido em quatro partes, que apresentam diferentes fases da vida da jogadora Marileia dos Santos, popularmente conhecida como Michael Jackson, sendo elas intituladas de: 1. Os primeiros chutes; 2. “Livre” para jogar; 3. Seleção brasileira e Europa; e 4. O legado. Percebe-se o desenvolvimento das exposições que permitem um debate diretamente sobre raça, gênero e classe, em torno das origens familiares até do percurso profissional da jogadora. Através de contextualizações com a utilização de uma série de fotografias, recortes de periódicos e objetos, pode-se destacar o fazer expográfico deste conjunto de exposições.

Figura 49 - Imagens presentes na exposição “Visibilidade para o futebol feminino” (2015).

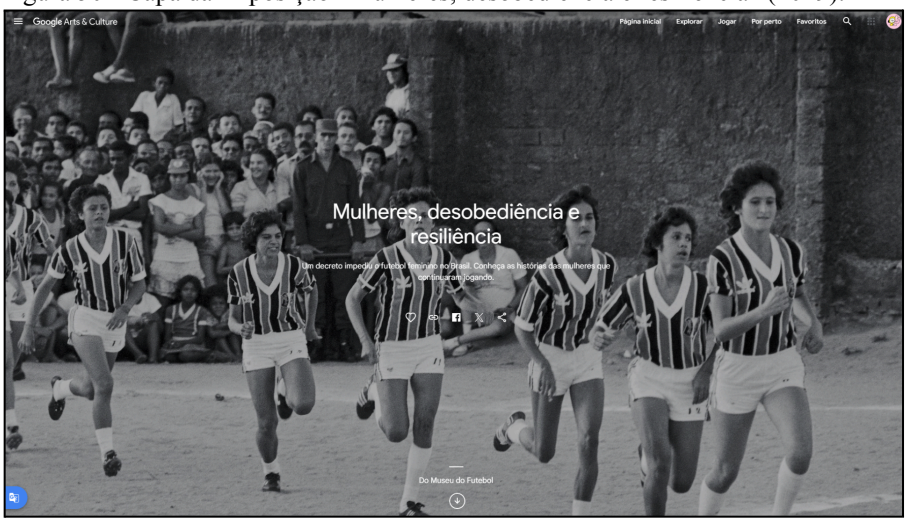


Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

Através desse conjunto de exposições, pode-se compreender Paveau (2013), que discute sobre o conceito de desmemória discursiva, aludindo a processos de desligamento de lembranças sob uma perspectiva da linguagem. No entanto, ao estabelecer a relação entre a noção empreendida no Museu do Futebol sobre objetos de desmemória, é possível verificar uma similaridade em torno da construção sobre a escolha por silêncios e por normativas sociais hegemônicas, promovendo marginalizações e apagamentos históricos. Nesse entrelace, o uso de objetos, como uniformes de jogo (Fig. 49), que foram preservados com o tempo e servem para narrar a história de luta e de conquistas da jogadora e do futebol por mulheres, manifesta-se a atenção ao esporte e a possibilidade da construção de memórias e de pertencimento.

A exposição “Mulheres, desobediência e resiliência” (2019) apresenta a história do futebol praticado por mulheres entre os processos de proibição e resistência (Fig. 50). Na exposição é possível visualizar a evolução da prática do futebol através de recortes de jornais, expondo o contraste entre os processos de objetificação da mulher no esporte e a luta pelo direito ao futebol. Nesse segmento, torna-se possível elencar diálogos com as categorias de gênero, raça, sexualidade, questões regionais e classe.

Figura 50 - Capa da Exposição “Mulheres, desobediência e resiliência” (2019).



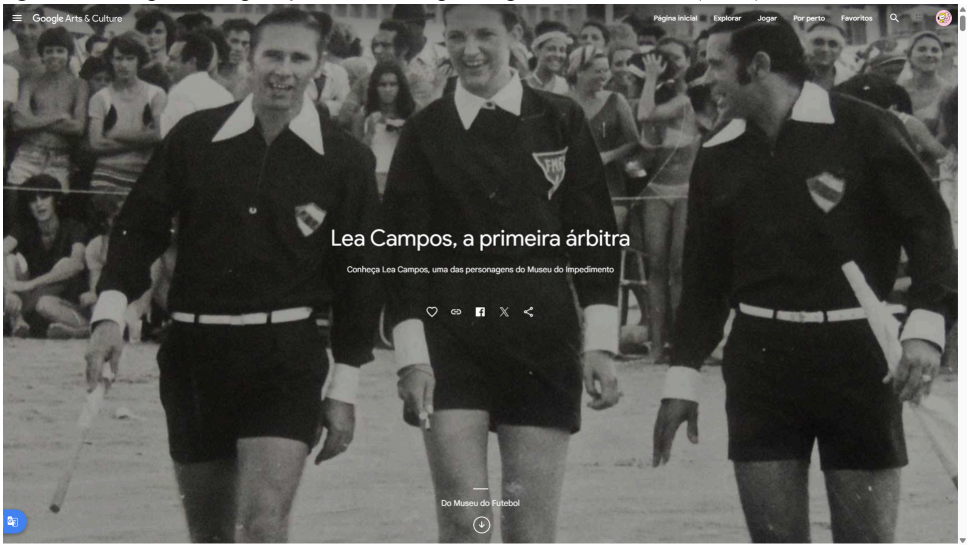
Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

A exposição “Lea Campos[106], a primeira árbitra” (2019) apresenta a história de Lea, a primeira árbitra de futebol do Brasil, em diálogo com as categorias de gênero e classe, permitindo a compreensão sobre noções de beleza, feminilidade e política social (Fig. 51). De modo similar ao conjunto de exposições “A Michael Jackson[107]”, a exposição perpassa por suas origens familiares e conquistas pessoais, como a participação de concursos em beleza, que contrasta narrativamente, de acordo com o contexto social da época, com a mudança para o ambiente desportivo. O desenvolvimento é realizado com a utilização de fotografias, recortes de jornais e charges, que auxiliam no processo de compreensão do pensamento social da época em que Lea lutava pelo seu direito dentro do futebol brasileiro.

[106] Asaléa de Campos Fornero Medina (1944), mais conhecida como Lea Campos, é nascida em Abaeté (MG). Desde a infância admirava o futebol e brincava com uma bola improvisada, porém, para impedir que a Lea-criança continuasse brincando de futebol, foi participante de concursos de canto, poesia e arte dramática desde 8 anos, à medida que crescia, conquistava inúmeros concursos de beleza e chamava a atenção da mídia. Quando adulta, escolheu a carreira de jornalista esportiva, trabalhou na Rádio Jornal e atingindo a liderança da equipe esportiva e sendo uma das primeiras repórteres de campo do Brasil, também fez parte da Rádio Mulher. Além disso, Lea Campos participou do curso de arbitragem, iniciando um longo período de luta contra o machismo impeditivo da prática de sua atividade como árbitra, mas conseguiu apitar diferentes jogos em variados lugares no Brasil e no mundo. Em 1974, Lea sofreu um acidente de ônibus que impediu prosseguir a atividade como árbitra, mas continuou na sua luta pela prática do desporto pelas mulheres.

[107] Mariléia dos Santos (1963), mais conhecida como Leia ou Michael Jackson, é nascida em Valença (RJ). A pequena Leia é filha de uma familia numerosa, mas sempre foi habituada com o futebol; Leia começou a jogar futebol ainda quando o esporte era proibido para mulheres, porém, a medida era ignorada pela comunidade a qual ela pertencia. Cada vez mais, a promissora jogadora se desenvolvia, até que o presidente do Bangu a convidou para jogar no time. Em continuidade, a jogadora ganhou cada vez mais destaque, jogando em times como Radar (RJ), Corinthians (SP), Vasco (RJ) e Torino (Itália). Além disso, foi jogadora da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1995 e das Olimpíadas de Atlanta em 1996.

Figura 51 - Capa da Exposição “Lea Campos, a primeira árbitra” (2019).



Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

A exposição “Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+” (2022) apresenta a prática do futebol LGBTQIAP+ no Brasil, permitindo um diálogo com as categorias de gênero, sexualidade e classe. Da mesma forma que o museu contesta o título de “país do futebol” com a exposição “Visibilidade para o futebol feminino” (2015), esta mostra também o questiona, ao afirmar a necessidade da inclusão de corpos diversos nos debates sobre o futebol no país. Nesse sentido, compreende-se a afirmação sobre o contexto dos futebóis, na medida em que a exposição permite uma ampla demarcação sobre esse conceito e a prática.

Figura 52 - Imagens presentes na exposição “Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+” (2022).



Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

Na exposição apresentam-se objetos, imagens e fotografias que aludem à estrutura do futebol LGBTQIAP+, por meio da apresentação da organização nacional e internacional, com a estruturação de campeonatos que afirmam a sexualidade dos jogadores (Fig. 52). Nesse contexto, é possível evocar novamente a construção em torno dos objetos de desmemória, que se manifesta, de forma indireta, nessas exposições virtuais. Além disso, observa-se uma abordagem sobre a relação entre mulher e afirmação da sexualidade; no entanto, nota-se que a

presença de times compostos por homens é superior à de times compostos por mulheres, o que representa as origens do futebol tradicional e a persistente influência histórica no desenvolvimento e no pertencimento das mulheres em todas as áreas do esporte.

A exposição “Primeiro mundial de mulheres” (2023) apresenta o Torneio Internacional da China de 1988 através das memórias da jornalista Claudia Silva, única jornalista brasileira a realizar a cobertura do torneio (Fig. 53). Nesta exposição, é possível visualizar possíveis debates com as categorias de gênero, classe, raça e questões regionais, a partir da utilização de vídeos, áudios, recortes de jornais e fotografias que auxiliam na ambientação e na experiência imersiva da exposição, sob a perspectiva de uma mulher negra. Diante disso, a narrativa apresenta as dificuldades enfrentadas pelas jogadoras e pela comissão técnica.

Figura 53 - Imagem de capa da exposição “Primeiro Mundial de Mulheres na China” (2023).



Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Exposição virtual.

Destaca-se a ausência ou o descaso com os materiais de jogo, como a utilização de uniformes herdados da equipe masculina, o uso de caneleiras de papelão, a dificuldade de adaptação ao clima e à alimentação. Esses pontos reverberam sobre o despreparo e o descaso da CBF para com o futebol de mulheres que, paralelamente, incidem sobre a configuração do futebol de mulheres em todo o Brasil. Ao mesmo tempo, possibilita-se o diálogo com os contrastes relativos aos investimentos e ao interesse dos outros países pelo futebol de mulheres, como a China, a Suécia e a Noruega, atingindo as potências quanto ao futebol praticado e à cobertura jornalística, inferindo que o futebol de mulheres extrapola as linhas do campo e perpassa pelos meios de construção de representação na sociedade.

3.3 O futebol de mulheres: a comunicação e a memória construída entre o jornal e o museu

Na intersecção entre os jornais e o museu, torna-se possível constatar três principais pontos: 1. a construção da memória; 2. a fonte enquanto campo de representação; e 3. a perpetuação de silêncios. Diante disso, observam-se relações tangíveis entre os conteúdos presentes nos jornais sergipanos e o Museu do Futebol que auxiliam a visualização sobre esses aspectos e sua influência sobre o desenvolvimento da sociedade, em que a forma de narrar o futebol de mulheres se conecta pelos dispositivos narrativos: o jornal e o museu. Para perceber essas questões, é necessário visualizar as construções entre os jornais e os museus, a partir das noções de meios de comunicação e de representação entre o passado e o presente.

Ao entender que esses dois dispositivos engendram sob um campo de disputas de memória e refletem nas construções históricas sobre o futebol de mulheres no Brasil, percebe-se a consistência de aspectos sociais, culturais e, também, históricos nesse processo. Os três pontos acima estão interligados, pois há uma influência cíclica entre a memória, as fontes e a perpetuação de silêncios através de agentes de comunicação e na relação jornal-museu. Desse modo, as conexões narrativas – entre disparidades e consonâncias – são visíveis enquanto consequências de representação.

Na conexão entre os jornais sergipanos e o Museu do Futebol, pode-se perceber a utilização da linguagem enquanto ferramenta de consolidação e perpetuação de discursos e narrativas de opressão e condicionando regimes de poder (Butler, 2018). De um lado, os jornais analisados produzem um sistema de representação dúbio, em que, ao mesmo tempo em que divulgam a existência do futebol de mulheres, insistem em um discurso que corrobora para a infantilização e deslegitimidade da modalidade. De outro lado, o museu apropria-se de construções jornalísticas, que também apresentam a conotação dúbia, enquanto agente de contextualização, a fim de produzir afirmações históricas sobre aquilo que foi desenvolvido pela sociedade (Fig. 54).

Figura 54 - Recortes dos jornais sergipanos (à esquerda) e imagens presentes no Museu do Futebol (à direita), destacando a utilização do termo “meninas” no futebol.



Fonte: Gazeta de Sergipe (A. 15 de Setembro de 2000; B. 17 de setembro de 2000; C. 15 de abril de 2000; D. 20 de Junho de 2000); Acervo Pessoal (E/F).

Segundo Wittig (2022), entende-se um conjunto de discursos que segue uma lógica de dominação que perpassa pela produção da linguagem simbólica, em que se figura linguagem/discursos que agem entre si de diferentes formas, em reforço, interpretação e apoio. Há um paralelo, por exemplo, entre o uso de “menino” e “menina” – como é visto na Figura 54 –; o primeiro repercute no futebol em contextos de base e de formação, enquanto o segundo estruturou as páginas dos jornais durante o período analisado sobre o futebol profissional de mulheres. Nesse contexto, o distanciamento entre os futebóis praticados é desenvolvido não somente por proibições, mas também pela linguagem, enquanto instrumento de comunicação e silenciamentos.

A utilização de fotografias juntamente aos recortes dos jornais (Fig. 54 E; F) age em comprovação visual e comparativa na exposição do museu, enquanto opção narrativa do museu (Semedo, 2010), permitindo a compreensão e assimilação do visitante ao contraste entre as representações midiáticas da época com aquelas que compunham o cenário do futebol. O uso de “meninas” – e não mulheres – incide sobre o processo de infantilização, em reforço à noção da fragilidade da mulher. Essa infantilização, por sua vez, ocorre em resultado aos discursos de exclusão e de narrativas reducionistas, que se envolvem pelas estruturas racistas, sexistas e classistas de dominação (Albuquerque; Diniz, 2022).

A utilização do termo “meninas” é um dos produtos e produtores da subordinação da mulher no futebol, posto a estrutura patriarcal, racista e sexista que ergue os alicerces da

sociedade brasileira e atinge a prática de desportos por mulheres. Pisani (2012) discute esse processo envolto na noção de natureza feminina conjugada a valores sociais, como paciência, elegância e sensibilidade que, por consequência, configura-se o cerceamento da mulher ao privado. A ação de divulgar as mulheres no futebol como "meninas" direciona-se à formação de um discurso limitante e reducionista, mas que afirma que as mulheres que fazem o futebol fogem à noção de mulher imposta pela sociedade, corroborando a manutenção do discurso de opressão através da linguagem.

Além disso, percebe-se uma articulação narrativa promovida pelo museu ao uso dos jornais enquanto fonte, isto é, o museu compreende as ausências de imagens ilustrativas nos jornais e realiza a inserção de imagens contextuais em sua exposição. Ao analisar os jornais sergipanos, nota-se poucos usos de fotografias de jogadoras, em detrimento do corriqueiro uso de fotografias de jogos da modalidade masculina ou de jogadores, reverberando sobre a ocultação dessas mulheres dos jornais, do futebol e da sociedade. A estratégia observada e realizada pelo Museu do Futebol é contrapor texto e imagem, possibilitando interpretações e experiências aos visitantes do museu.

Figura 55 - Imagens da exposição física do Museu do Futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Nesse segmento, o museu narrativamente expõe o contraste entre as meninas – apresentadas nos jornais e na comunicação – e as mulheres no futebol brasileiro (Fig. 55). Isso revela a investida do museu na ressignificação da mulher enquanto sujeito histórico no futebol, compromisso firmado diante de seu plano museal e afirmado na reforma da instituição. A apresentação das mulheres, com o "Mulheres quebram barreiras" ou "Mulheres sem medo" (Fig. 55), reverbera sobre o museu enquanto agente de resistência e de lutas pela

afirmação e divulgação da importância das mulheres no futebol, refletido através do uso da linguagem e da comunicação do discurso do museu.

3.3.1 O futebol além das jogadoras

No intermédio dos jornais e do museu, é possível observar a presença de outras personagens que auxiliam o fazer do futebol brasileiro; além das jogadoras, encontram-se árbitras, jornalistas, técnicas e dirigentes que também se tornam símbolos de resistência e de pioneirismo. Como já discutido previamente, o destaque dado pelos jornais sergipanos aos jogos e à modalidade de mulheres no futebol é ínfimo, no entanto, consegue-se encontrar a divulgação de trechos que abordam a presença de outras mulheres no futebol do estado. Essas ocasiões representam o desenvolvimento do processo de ascensão de mulheres a demais áreas do esporte, que possibilita o diálogo com as estratégias admitidas dentro do Museu do Futebol.

Figura 56 - Recortes dos jornais sobre a formação de árbitras nos jornais sergipanos



Fonte: Gazeta de Sergipe, respectivamente, 10 de agosto 1991; 10 de outubro de 1992; e 20 de março de 2000.

A exemplo disso, pode-se observar as mulheres nas turmas de formação de árbitros de futebol em Sergipe, entre a década de 1990 e 2000, que além de existir o destaque para a presença da mulher nas turmas, consegue-se visualizar a utilização de fotografias (Fig. 56). Notadamente, esse avanço em Sergipe é resultado também dos processos históricos da luta e emancipação das mulheres enquanto classe, em busca da ocupação de espaços e rompendo com a visão tradicionalista da sociedade, que restringia a mulher ao espaço privado, à maternidade e ao cuidado de pessoas e do lar (Campagnoli, 2021). Assim, permeia-se a possibilidade da existência de mulheres em turmas de arbitragem, que dialoga com os avanços

quanto à participação da mulher e à evolução do futebol brasileiro e na sociedade como um todo.

Esse progresso é possível de ser percebido também através das exposições do Museu do Futebol, em que se consegue visualizar a contextualização e o debate sobre esse processo histórico, principalmente na sala Origens e Almanaque da Bola, além das exposições virtuais "Lea Campos, a primeira árbitra" e "Visibilidade para o futebol feminino". A narrativa histórico-expográfica dessas exposições perpassa por construções da época, como charges, cartazes e matérias de jornal que refletem aspectos concretos da época (Fig. 57) (Miani, 2012). Com isso, visualiza-se o sexismo como instrumento de desvalorização e desqualificação à presença da mulher nos espaços do futebol e, incisivamente, no lugar de árbitra, destacando a execução do poder simbólico através da linguagem verbal e não-verbal para a perpetuação de regimentos masculinistas à sociedade (Butler, 2018).

Figura 57 - Trechos das exposições do Museu do Futebol sobre a presença de árbitras no futebol brasileiro.

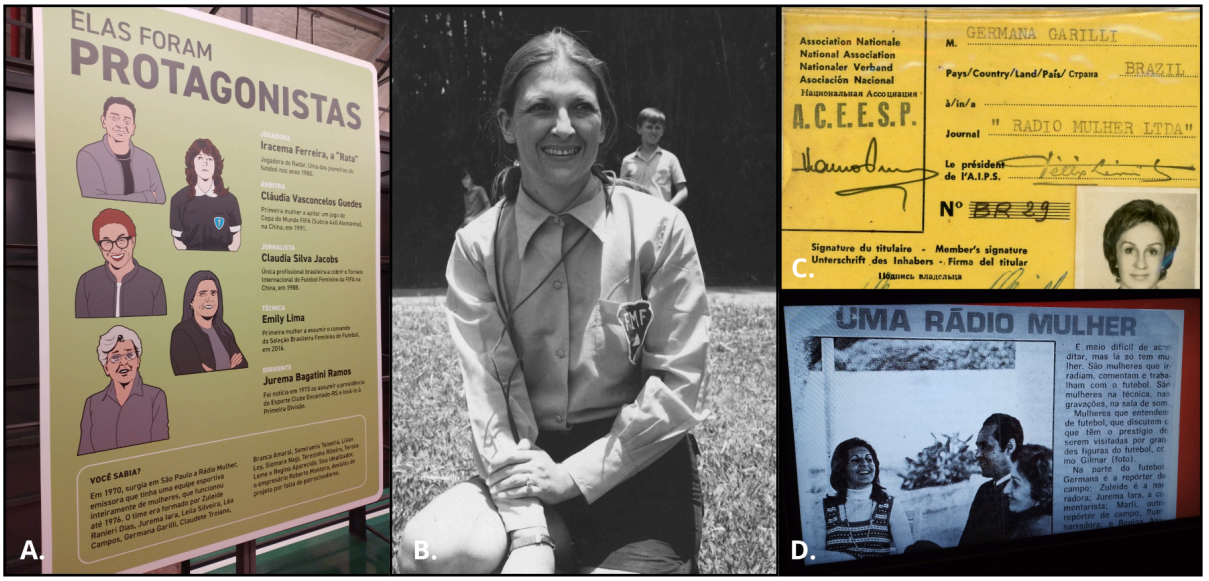


Fonte: Museu do Futebol (Henfil, 1970; A Cigarra, 1922; A Luta Democrática, 1967).

As três imagens da Figura 57 convergem para um discurso sobre o lugar da mulher, sendo subtraída à incapacidade de apitar um jogo de futebol devido às imposições sociais da época, construídas pela memória, pela representação e pelo imaginário coletivo machista e sexista. Nesse sentido, as aparições contextuais do museu contrastam com as recorrências dos jornais sergipanos, porém, apontam para os avanços sociais quanto à retratação da presença de mulheres no universo desportivo. De certo modo, o exemplo das juízas de Sergipe nos jornais sergipanos (Fig. 56) e os recortes das exposições do Museu do Futebol (Fig. 57) são reflexos da produção da memória do futebol no Brasil, em que a memória, segundo afirma Pollak

(1989), age na reinterpretação do passado e na reconstrução política e social na formulação de discursos.

Figura 58 - Trechos das exposições do Museu do Futebol (física e virtual).



Fonte: Acervo Pessoal (A/C)/Acervo do Museu do Futebol (B/D).

As estratégias adotadas pelo Museu do Futebol permitem perpassar pelas dificuldades, resistências e prestígios das mulheres nos espaços do futebol de diferentes formas. Na sala Almanaque da Bola, a utilização do painel destacando mulheres protagonistas no futebol de mulheres, como Claudia Silva – que tem suas memórias evocadas em exposição virtual do museu –, assim como destaca a existência da Rádio Mulher, enquanto uma rádio composta por mulheres (Fig. 58). Esse desenvolvimento permite compreender a correlação narrativa estabelecida no Museu do Futebol, em que sua narrativa histórico-expográfica está interligada entre aspectos físicos e virtuais.

A disposição de personagens mulheres importantes para o futebol permite verificar o desenvolvimento de novas formas de representação que perpassam pela transgressão de uma memória coletiva rígida. O trabalho do museu com a memória é realizado mediante localização social e histórica (Halbwachs, 1990), havendo uma contextualização que permite o debate educacional em torno de possibilidades narrativas empreendidas no museu em instância física e digital. Essa realidade constrói a possibilidade de entrelaces entre os avanços sergipanos que dialogam com os nacionais, explorando questões educacionais, históricas e sociais, que também servem à democratização do acesso aos espaços do futebol no Brasil.

Mediante isso, torna-se notável que as representações sobre o futebol de mulheres nos jornais sergipanos estão inseridas no contexto dos futebóis do Brasil e, consequentemente, fazem-se necessárias nos espaços do museu. Neste ponto, compreende-se não somente a

similaridade narrativa, mas que os avanços em Sergipe ocorrem paralelamente aos avanços nacionais. No entanto, a ação excludente que se verifica é reverberada pelas extensões de marginalização e discriminação postas ao futebol do Nordeste e de Sergipe, que são refletidas em ambas as modalidades do futebol sergipano, mas principalmente na de mulheres, em resultado de um processo histórico-educacional de silenciamento, desvalorização e censura aos sujeitos de resistência feminina (Hooks, 2017).

Nos estudos de Catela (2022) sobre memória, entende-se o conceito de territórios de memória que se figura sobre a compreensão de um passado conflituoso, marcado por institucionalizações, ocultações e esquecimentos. Nessa prerrogativa, Catela (2022) aponta pela análise de momentos históricos que auxiliam a construção de ideias e políticas públicas que permeiam a manutenção da memória. Nesse sentido, entende-se a necessidade de compreender que as representações de resistências – que podem ser visualizadas em periódicos específicos e no Museu do Futebol – representam o processo de disputa pela memória, simbolizando a busca pela verdade (Catela, 2022).

3.3.2 A sexualidade no museu e no futebol

A discussão em torno da intersecção de gênero e sexualidade no futebol brasileiro perpassa pela compreensão de que as manifestações preconceituosas na sociedade no país irão incidir diretamente sobre o futebol (Kessler, 2021). Em consonância, a presença de atos machistas, racistas e lgbtfóbicos em ambientes de discussão sobre o futebol é constantes – seja em estádios, seja em redes sociais[108]. Apesar de avanços institucionais e políticos, como aprovações de protocolos anti-racismo e anti-homofobia nos estádios[109], deve-se entender que esse processo é referente à estrutura dos alicerces formadores da sociedade. Carvalho e Macedo Júnior (2017) apontam sobre a relação entre políticas públicas e insistências de determinações heteronormativas, dissertando que

> De fato, ao analisarmos com mais cautela, podemos reparar a quem se destina a cidade: a ausência de políticas públicas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais visando sua proteção e a garantia de acesso aos direitos capazes de afirmar o princípio basilar da dignidade da pessoa humana é uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade, ignorando a presença e participação de LGBTs em seu corpo; uma vez que não existem políticas públicas voltadas para essa população, temos dois fenômenos que são interligados: a invisibilidade social LGBT – embora não esteja invisível nos relatos de violência urbana em virtude de discriminação – e a redefinição da cidade enquanto "cidade-armário (Carvalho; Macedo Júnior, 2017, p. 105-106).

[108] De acordo com estudo divulgado pela CBF, em 2021 houve uma alta de 76% nos casos de homofobia no futebol ocorridos em redes sociais, estádios e mídia (GE, 2022).
[109] A FIFA e a CBF criaram protocolos anti racistas e anti homofobia que promovem a paralisação das partidas em prol do cessamento ou da identificação das ações preconceituosas (FIFA, 2024).

Toledo e Camargo (2018) discutem que, dentro do futebol, os corpos precisam agir em conformidade à heteronormatividade, em que a heterossexualidade é obrigatória. A exclusão da sexualidade dos espaços do futebol reflete sobre a compreensão de um futebol enquanto esporte para homens e, ainda mais, que as mulheres que cruzam esse espaço são determinadas enquanto "sapatões" em conotação pejorativa, erguendo barreiras discriminatórias em torno do gênero e da sexualidade (D'ávila; Souza Júnior, 2009). Nesse segmento, Carvalho e Macedo Júnior (2017) convergem para a noção de que a cidade, e todos aqueles que a formam com suas identidades, estão detidas ao poder econômico, político e social ajustados às normas sociais estabelecidas.

A articulação narrativa realizada no Museu do Futebol permite a compreensão de que a sexualidade está inerte ao futebol, pois este é formado por pessoas e por suas subjetividades. O desenvolvimento em sala física juntamente à exposição virtual direcionada à presença LGBTQIAP+ no futebol permite visualizar o compromisso social do museu frente ao desenvolvimento de discursos políticos e sociais que cumprem a construção de novas narrativas sociais a partir da expressão expográfica museal (Vergès, 2023).

Figura 59 - Trechos das exposições físicas e virtuais do Museu do Futebol.



Fonte: Acervo Pessoal (A/D) / Acervo do Museu do Futebol (B/C).

Ao observar a Figura 59, é possível visualizar diferentes formas de contextualização e apresentação da convergência entre questões sociais com o futebol. Isto é, a presença LGBTQIAP+ no universo esportivo faz-se dentro e fora do campo, como é destacado na Sala

Almanaque da Bola, que apresenta a Coligay, primeira torcida LGBTQIAP+ de futebol. Mas também, através da exposição virtual Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+ consegue-se compreender o desenvolvimento do futebol praticado por mulheres e homens LGBTQIAP+ no Brasil e no mundo, contextualizando sobre o aspecto amador, mas trabalhado de maneira séria e profissional, em que se faz possível atingir espaços que o futebol profissional impede.

Para além disso, na Sala Copas visualiza-se a contextualização social e histórica em que o futebol é compreendido no mundo. O destaque dado para a autorização do casamento homoafetivo no Brasil em 2013, em paralelo a questões políticas, culturais e desportivas, permite compreender que o futebol está imerso nas construções sociais e históricas, como apresentado por Kessler (2021). Por sua vez, a inserção desses debates juntamente ao destaque quanto às questões LGBTQIAP+ frente à intersecção ao gênero e à raça, permite compreender sobre os afastamentos discriminatórios postos no futebol. Se, de certa forma, observada a relação gênero-sexualidade, percebe-se o pioneirismo de resistência das mulheres na visibilidade à orientação sexual em todos os eixos esportivos (Kessler, 2021). Esse processo desenvolvido internamente ao Museu do Futebol age participativamente sobre uma coalizão de possibilidades quanto aos debates sociais, históricos e educacionais.

Ao incidir sobre o futebol e a supressão dos futebóis, entende-se o silenciamento de representatividades que se apresentam por meio do intermédio dos jornais e do museu através de pulsos narrativos. Louro (2014) aponta como historicamente as distinções biológicas foram utilizadas como forma de justificar o lugar social da mulher. A exemplo disso, retoma-se a figura 28, que apresenta o recorte da *Gazeta de Sergipe*, noticiando: “O futebol feminino já era. Os dirigentes machões do futebol sergipano de hipótese alguma não aceitaram o progresso do futebol em nosso Estado”. A retratação desse evento dirige a possibilidade de compreensão em torno do grupo que mantinha a existência do futebol no estado sergipano, que dialoga diretamente com as imposições de masculinidade e do lugar social da mulher sobre o fazer do futebol.

De acordo com Louro (2014), a diferença entre mulheres e homens ganha questionamentos e alicerces mais complexos quando as mulheres negras e lésbicas iniciam novos debates, promovendo reivindicações sociais. Parker (2021) pontua que a existência de variações culturais atesta a impossibilidade de papéis de gênero e de sexualidade universais, evidenciando a necessidade de compreender as categorias de sexualidade e de gênero sob uma nova perspectiva. Nessa constante, a necessidade de inserção desse debate de forma ampla

transforma-se em uma estratégia de ação e reconhecimento das dissidências na sociedade brasileira.

A exemplo disso, pode-se perceber o contraste entre a realidade brasileira e canadense, em que a última promove investimentos em prol da equidade de gênero no esporte, enquanto a primeira sofre com as heranças de um passado patriarcal e proibitivo da prática do esporte às mulheres (Camargo, 2021). Entendendo isso, a implementação do debate sobre gênero que percorre também as categorias de sexualidade, raça e classe dentro do Museu do Futebol é capaz de romper significativamente com as estruturas que expulsam as dissidências do espaço social brasileiro. Vergès (2023) discorre sobre os corpos que estão autorizados a ocupar os museus – que são os brancos – porém, é possível afirmar que, além da branquitude, corpos cisgêneros e heterossexuais são os que podem ser debatidos e conversados dentro do museu.

Nesse caso, entendem-se as dificuldades de encontro sobre grupos dissidentes no futebol de Sergipe, mantendo uma relação direta com o futebol atual, no que homossexuais no futebol são visualizados de forma negativa, ao passo que a feminilidade é questionada no futebol de mulheres devido às imposições sociohistóricas existentes. Entre tabus e discriminações, sabe-se que compreender a sexualidade frente ao desenvolvimento de quaisquer áreas remete a processos de marginalização, principalmente em torno de ações de repressão na relação arte-museu com a apresentação de debates de gênero e sexualidade visível ainda no tempo presente (Brulon, 2021).

A adoção de um discurso transgressor sobre não somente a inclusão, mas a validação da existência das sexualidades intra e extracampo de futebol auxilia a normalização e a aceitação frente à compreensão do público que experiencia o Museu do Futebol, de forma física e virtual. Nessa constante, assertivamente o museu flexiona-se sobre uma direção que, até então, torna-se negligenciada pelos jornais – principalmente aqueles analisados neste estudo – que oculta não somente a sexualidade, mas as noções de diversidade dos periódicos.

3.3.3 A imagem faz sentido: a menina-jogadora, a mulher-jogadora no futebol

Os jornais sergipanos refletem uma corrente de pensamento sobre o futebol de mulheres de uma época, neste caso, entre 1983 e 2000. Como visto anteriormente, nos Gráficos 1 e 2, sobre a frequência de aparições sobre futebol de mulheres e o comparativo entre aparições sobre demais esportes e de futebol, pode-se perceber um desnível em relação às imagens e às representações das mulheres no futebol frente a demais imagens de mulheres em outros esportes. Com isso, visualiza-se a discrepância da representatividade sobre o esporte feito por mulheres, atingindo insuficiente visibilidade e valorização enquanto produto

de um processo de generificação do esporte, que consolidou estruturas de desigualdades (Goellner, 2021).

Diante do museu, embora o futebol seja seu conceito gerador em prática e representação (Lupo, 2018), a história e a imagem da mulher no futebol foram historicamente cerceadas. Apesar disso, com a transformação histórico-expográfica do museu, tornou-se possível perceber a mulher enquanto integrante e fazedora do futebol. Desse modo, essa busca museal incide uma melhor compreensão da representação da mulher enquanto agente ativo no desporto. Para isso, apreende-se a congruência da implementação do desenvolvimento de futebol, apresentando os paralelos de desenvolvimento entre o futebol de homens e de mulheres no futebol do Brasil e do mundo, assim como a compreensão sobre a relação entre linguagem-imagem na formação de memória, representação e identidades no espaço museal.

Lupo (2018) apresenta que a narrativa do Museu do Futebol, desde sua origem, é consonante à apresentação das paixões do futebol, evocando a macrohistórica e às narrativas individuais que constroem a memória do esporte. Diante disso, pode-se perceber Wittig (2022) em aplicação à construção expográfica do museu, entendendo a relação entre linguagem e arte enquanto agentes de uma ideologia que serve à manutenção de valores da classe dominante. Isto é, o museu dialoga com história, memória e cultura para apresentar o futebol brasileiro, no entanto, a história do Brasil é moldada por regimentos eurocêntricos, patriarcais, heteronormativos e brancos, assim, a disposição do Museu do Futebol sobre a história do futebol brasileiro está enviesada por esses princípios.

Gonzalez (2020, p. 78) debate sobre a consciência e a memória, em que a primeira se compreende enquanto o lugar da alienação e do esquecimento, enquanto o segundo é percebido como o lugar da emergência da verdade, apontando que “a consciência exclui o que a memória inclui”. Nesse ponto, entende-se uma possível associação entre a primeira formação histórico-expográfica do Museu do Futebol, em que a consciência – espaço que se manifesta os valores sociais fundadores do Brasil – sobressai sobre as memórias do futebol que eram permeadas também por mulheres. Desse modo, seguia-se a linha social em torno de uma representação sobre a mulher que estava alinhada entre deveres e funções sociais, preservando as características de graciosidade, feminilidade e naturais (Goellner, 2021).

Figura 60 - Sala Almanaque da Bola antes da reforma de 2024 do Museu do Futebol.



Fonte: Acervo do Museu do Futebol, 2025.

Ao observar as transformações ao decorrer de toda a construção histórica-expográfica do Museu do Futebol, pode-se visualizar a busca pelo rompimento dessas estruturas que eram vigentes no espaço. A Figura 60, por exemplo, apresenta a Sala Almanaque da Bola antes da reforma museal, em que as imagens que ilustram ações do futebol são ausentes de representatividade de gênero e de raça. Segundo Santos e Chagas (2007, p. 12), "os museus lidam com memórias coletivas, ou seja, com representações consolidadas coletivamente", nesse segmento, a memória e a representação são socialmente construídas (Halbwachs, 1990), moldadas pelas estruturas sociais, políticas e econômicas, capazes de incidir sobre o imaginário coletivo de forma cíclica e contínua.

Sobre os efeitos disso, pode-se compreender Brulon (2020), que discute sobre a musealização e a capacidade de materializar discursos através de um arranjo político para o museu e para a sociedade, entendendo que seguem um regimento construído em um contexto histórico-social específico. Os museus agem enquanto formadores de representação e de memória, que historicamente servem a uma "engrenagem normativa que produz corpos dóceis e disciplinados" (Brulon, 2021, p. 106). Nessa perspectiva, a generificação e o embranquecimento das imagens do Museu do Futebol, em sua formação original, correspondem a esses atributos sociais e históricos, seguindo a lógica branca, racista e heteronormativa do futebol.

Figura 61 - Trecho da Sala Almanaque da Bola após a reforma de 2024 do Museu do Futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

O rompimento dessa estrutura dá-se em uma frente que diversifica as imagens e, consequentemente, a mensagem do Museu do Futebol. Como visualizado na Figura 61, há um equilíbrio do uso de imagens de homens e mulheres nas ilustrações do museu, assim como, a utilização de imagens de personagens negros permite o contraste com a Figura 60. O debate, assim, faz-se também em torno da imagem, em que a visualização de homens e mulheres no espaço museal aproxima o público – crianças, adolescentes, adultos e idosos – da possibilidade do futebol ser plural. Neste caso, consegue-se perceber, através da exposição completa do Museu do Futebol, as possibilidades de manutenção de um estado de ausências e perpetuação de uma história única ou a promoção de um museu que permite o desenvolvimento de narrativas dinâmicas que atendem à pluralidade e à diversidade histórica da sociedade (Motta, 2020).

Figura 62 - Trecho da Sala Almanaque da Bola, Museu do Futebol (2024).



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Nesse ponto, Archela (2011) discute a imagem enquanto linguagem e veículo de comunicação na sociedade, que é dotada de signos, significado e significante. Dentro disso, ao

observar o paralelo entre os jornais e o museu, possibilita-se o debate em torno da ocupação das mulheres nos espaços do futebol, isto é, a Figura 62A apresenta a exemplificação de um time de futebol e a Figura 62B ilustra a presença de outros profissionais no futebol, como técnico, médico e massagista. Em ambas as ilustrações, destaca-se a presença da mulher enquanto profissional no futebol, contrapondo a visão sexista que foi partilhada e disseminada dentro do contexto do futebol brasileiro, perpetrada por meio também dos jornais, como no caso de Tânia, dos desfiles em estádios de futebol e da inferiorização de profissionais que atendem às mulheres.

Com isso, percebe-se a transformação do museu, em que o espaço museal não somente é instituição de proteção e de salvaguarda, mas também é uma ferramenta de comunicação, no qual a exposição se torna um meio de evidenciar o poder da linguagem através da ação entre signos, significados e significantes (Motta, 2020). A composição da Sala Almanaque da Bola contempla a intencionalidade do Museu do Futebol em evidenciar o rompimento com a estrutura de dominação masculina, branca e heteronormativa nos espaços do futebol. Em contraposição ao segmento de discursos autoritários, conservadores e sem representação que são produzidos e reproduzidos historicamente, consolidando alicerces de segmentação e ampliação de marginalização (Santos; Chagas, 2007)

Figura 63 - Trecho da Sala Almanaque da Bola, Museu do Futebol (2024).



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Como já apresentado, o conhecimento do Brasil perpassa pelo futebol, assim como suas produções identitárias, imagéticas e de memória. Diante disso, a Figura 63 elucida a posição do Museu do Futebol frente às construções de representação, através da exposição da

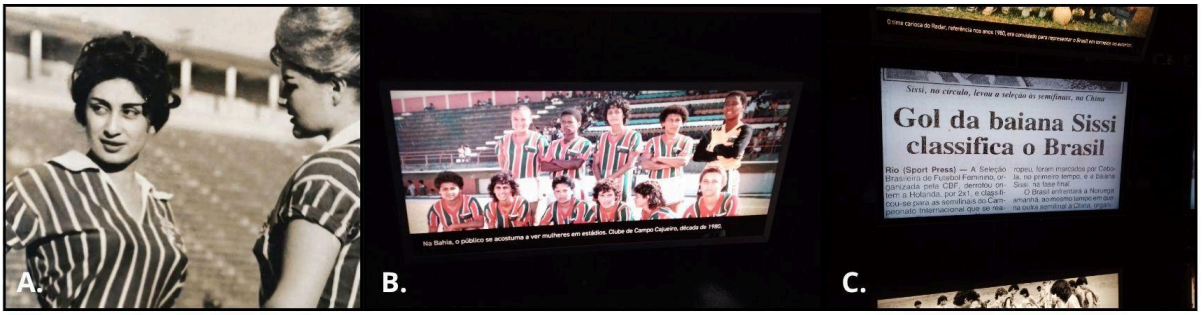
imagem de homens e de mulheres – ou meninos e meninas – no futebol brasileiro, mas também colocando a mulher – nesse caso, a jogadora Marta – enquanto signo explicativo de o que é ser craque no futebol. Embora, historicamente, a redução da presença da mulher e da menina aos espaços do futebol tenham permeado a realidade futebolística e desportiva no território brasileiro, a evocação da imagem de meninas e de mulheres frente ao desenvolvimento do esporte, enquanto brincadeira e profissão, consolida a visão e a missão do Museu do Futebol diante da luta contra as representações e as memórias construídas em torno da invalidação.

3.3.4 O futebol de Sergipe, o futebol do Nordeste: a invalidação, ausências e disputas

Apesar das estruturas que atravessam o futebol brasileiro em torno das marginalizações, o futebol do Nordeste é manifestado de diferentes formas no paralelo dos jornais sergipanos e no Museu do Futebol. Em primeira instância, os jornais de Sergipe abordam o futebol – que pode ser compreendido como o futebol do espetáculo – através de uma narrativa que se volta, principalmente, à modalidade de homens com a apresentação dos campeonatos, tabelas de pontos e narração dos acontecimentos dos jogos. Em segunda instância, o Museu do Futebol apresenta o desenvolvimento do futebol, compreendendo as questões históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais, adentrando – após a reforma – em um debate explícito de gênero.

Ao se tratar do futebol de mulheres no Nordeste, entende-se a necessidade de compreender as ausências e suas motivações. As poucas aparições em jornais do futebol de mulheres do Nordeste (jogadoras, times profissionais, árbitras) fazem-se valer sobre uma consequência política e estrutural de ocultação e de silenciamento da presença da mulher no espaço do futebol em reflexo ao contexto nacional. Desse modo, essa realidade influencia a construção de uma narrativa histórico-expográfica que apresente no museu sobre o desenvolvimento histórico do futebol do Nordeste feito por mulheres, isto é, as ausências moldam a construção das trajetórias dos futebóis no Brasil, mitigando o desenvolvimento de representações e de memórias do futebol.

Figura 64 - Imagens da exposição virtual e física do Museu do Futebol.



Fonte: Acervo do Museu do Futebol/Acervo pessoal, 2025.

Concomitante a isso, pode-se perceber as construções narrativas do Museu do Futebol que promovem o diálogo entre aspectos regionais e de gênero. A Figura 64A, presente na exposição virtual "Mulheres, desobediência e resiliência" (2019), apresenta as vedetes e os jogos beneficentes que ocorreram em diversos estados, como Bahia e Sergipe. Embora esse acontecimento ocorra fora do período analisado, a existência de jogos beneficentes realizados por times de mulheres que ocorrem em Sergipe cria um paralelo entre a existência e a resistência de jogos em território sergipano, mas também como a mulher é utilizada enquanto objeto de divulgação devido aos alicerces de beleza e sensualidade.

Na exposição, é destacado pelo museu a dupla realidade que se estabelecia, em que, de um lado, os cronistas da época descreviam os jogos de maneira preconceituosa e, de outro lado, os estádios ficavam lotados e mantinham uma alta arrecadação (Museu do Futebol, 2019). A realidade dos jogos beneficentes é apresentada no contexto museal, em que se insere o contexto do futebol sergipano e do Nordeste no cenário de divulgação e do pareamento com as tendências nacionais do futebol, mas também de políticas de delimitação da mulher.

Além disso, a Figura 64B apresenta as jogadoras do Clube de Campo Cajueiro, da Bahia, na década de 1980, que serve de exemplificação para a exposição do museu dos times de mulheres do Nordeste, que, além desse, aparecem o Ypiranga (BA), Flamengo (BA) e o Santa Cruz (PE), enquanto isso, a Figura 64C expõe uma matéria de jornal que destaca a jogadora Sissi e seu estado de nascença. Essas construções voltam-se para o processo de localização e introdução de um passado do futebol que é produzido em todo o país e que, de alguma forma, é explorado através do Museu do Futebol. Nesse sentido, produz-se um sentido em que o futebol feito por mulheres e pelo Nordeste existiu, porém, seu registro foi limitado devido às consequências históricas-sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou compreender como o futebol de mulheres foi representado historicamente pela imprensa sergipana (1983-2000) e de que maneira essas representações são apropriadas, ressignificadas ou silenciadas pelo Museu do Futebol (SP), perpassando pelas nuances do futebol sergipano e nacional, enquanto instância comunicacional e de construção de memória. Porém, neste momento da dissertação, é importante expor que o início desta pesquisa ultrapassa as fronteiras da graduação e do mestrado. Na realidade, a pesquisa articula-se a partir de experiências pessoas, em que as vivências do futebol permearam a minha infância e adolescência, em que "jogar bola" sempre foi-me um motivo para sorrir.

O futebol, enquanto esporte, sempre despertou-me inúmeras emoções, desde tristeza e raiva a uma alegria imensurável. Curiosamente, minhas maiores felicidades foram devido à modalidade praticada por mulheres, mesmo em jogos perdidos. Dessa forma, eu cresci com uma vontade, aquela que sempre foi muito comum por parte dos meninos: quero ser jogadora de futebol. Mas esse não foi o meu destino. Na universidade, pude desenvolver pesquisas sobre as pluralidades sociais permeadas pela história e memória, encontrando uma nova forma de jogar futebol, através das palavras. Com isso, a união entre jornais e museus permitiu o desenvolvimento desta dissertação, em que visualizou-se a relação entre imprensa e museu, entendendo o primeiro como documento histórico e meio de comunicação, e o segundo como produtor de narrativas, de seleção e de legitimação da memória.

Nessa consideração, observou-se a relação regional e nacional, pois houve a ênfase da representação futebol de mulheres em Sergipe, manifestando os paralelos entre o futebol sergipano e o nacional, a partir das condições em torno da comunicação e da memória. Neste momento, unem-se fatores individuais, em que o futebol de mulheres por uma perspectiva sergipana e nordestina é percebido de forma distinta, em consequência ao baixo incentivo e a também intensa presença do machismo que buscou sexualizar e inferiorizar a presença das mulheres no esporte do estado.

Com isso, a análise das reportagens da imprensa sergipana, compreendidas não apenas como registros informativos, mas como documentos históricos e instâncias comunicacionais que sofrem com as consequências das construções de memória, permitiu identificar os modos pelos quais o futebol de mulheres foi representado, hierarquizado e, muitas vezes, silenciado entre 1983 e 2000. Paralelamente, o exame das exposições digitais do Museu do Futebol possibilitou compreender como essas narrativas jornalísticas são apropriadas, ressignificadas ou limitadas no processo de musealização e construção da memória esportiva. Logo, o

cruzamento entre essas fontes – atravessado pela compreensão das representações, da comunicação e da memória – evidenciou discursos de marginalização como estruturantes no futebol de mulheres brasileiro, principalmente extra eixo sul-sudeste.

Com base nisso, a pesquisa revelou que o futebol de mulheres, atravessado pelos jornais sergipanos e pelo Museu do Futebol, foi historicamente marcado por representações fragmentadas e deslegitimadoras. Por meio da análise dos jornais, percebeu-se representações marcadas pelo gênero, moralidade e hierarquização, alocando as mulheres no espaço da marginalização, que se seguiu a lógica histórica empreendida por representações anteriores ao período em foco nesta pesquisa. Por sua vez, entendeu-se a continuação de um processo de desprestígio e de instabilidade imposto às mulheres no futebol através das representações analisadas.

Em continuidade, a análise permitiu entender que o futebol praticado e representado em Sergipe dialoga com o futebol nacional através da observação da expografia do Museu do Futebol. Isto é, ao passo que o museu apropria-se também de fontes jornalísticas, é capaz de promover a exaltação de trajetórias sociais e evidenciar as complexidades paralelas entre as experiências nacionais. Assim, visualiza-se a ocultação, a desmoralização e a sexualização como partícipe ativa do processo de representação do futebol de mulheres, mas também os avanços com o desenvolvimento de campeonatos, a formação de árbitras e o crescimento da modalidade ocorreu de forma similar entre Sergipe e a perspectiva nacional, evidenciando a congruência do futebol praticado no Brasil.

Apesar do jornal e do museu atuarem com diferentes linguagens e intencionalidades, percebe-se que atuam como meio de produção e legitimação da memória do futebol, evidenciando tensões entre o processo de visibilidade e silenciamento. Com isso, a pesquisa revelou que compreender imprensa e museu como espaços comunicacionais híbridos permite tensionar as narrativas hegemônicas sobre o futebol brasileiro, evidenciando que a história do futebol de mulheres, especialmente em contextos periféricos, permanece atravessada por disputas simbólicas, desigualdades de gênero e fatores regionais.

Além disso, a pesquisa corroborou para compreender o desenvolvimento do futebol de mulheres em Sergipe após a regulamentação da prática feminina. Porém, foi marcada por dificuldades quanto à periodicidade de reportagens que tratavam do tema, além de marcar a insuficiência de material sobre o futebol de Sergipe na expografia do Museu do Futebol. Notadamente, entende-se que o museu apropria-se de uma composição geral sobre o futebol nacional, no entanto, essa realidade auxilia a compreensão sobre o desenvolvimento díspar entre a prática em distintas regiões do Brasil.

o diálogo entre imprensa e museu permite o entendimento das possibilidades futuras sobre a musealização das histórias do futebol sergipano feito por mulheres. Essa possibilidade surge diante a construção de um material sólido em torno de um recorte específico da história e da representação do futebol de mulheres, indicando a dispersão sobre o debate em torno dessa modalidade, assim como, transpassar para o ambiente educacional em formação de meninas e de mulheres, entendendo o futebol enquanto possibilidade profissional.

A correlação entre imprensa e museu, diante do debate de gênero e regional circunscrito na análise desenvolvida nesta pesquisa, evoca um discurso em torno das dificuldades e das conquistas das mulheres que vivem o esporte – seja com os pés, com as palavras, com a voz. Isto é, a representação constantemente negativa é resultado do desenvolvimento de uma sociedade calcada historicamente em preconceitos e discriminação para com as mulheres. Portanto, manifesta-se a possibilidade de conteúdos em torno da denúncia dessa realidade, mas também com o intuito de evidenciar as existências e as resistências dentro do esporte, permitindo a compreensão do futebol enquanto espaço para as mulheres.

FONTES

A MICHAEL JACKSON: “livre” para jogar. Museu do Futebol, São Paulo, agosto/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-livre-para-jogar/. Acesso em:

A MICHAEL JACKSON: o legado. Museu do Futebol, São Paulo, agosto/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-o-legado/. Acesso em:

A MICHAEL JACKSON: os primeiros chutes. Museu do Futebol, São Paulo, agosto/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-os-primeiros-chutes/. Acesso em:

A MICHAEL JACKSON: Seleção Brasileira e Europa. Museu do Futebol, São Paulo, agosto/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-selecao-brasileira-e-europa/. Acesso em:

DIVERSIDADE EM CAMPO: O futebol LGBTQIAP+. Museu do Futebol, São Paulo, junho/2022 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/diversidade-em-campo-futebol-lgbtqiap/. Acesso em:

LEA CAMPOS, A PRIMEIRA ÁRBITRA. Museu do Futebol, São Paulo, julho/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/lea-campos-a-primeira-arbitra/. Acesso em:

MULHERES, DESOBEDIÊNCIA E RESILIÊNCIA. Museu do Futebol, São Paulo, junho/2019 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/mulheres-desobediencia-e-resiliencia/. Acesso em:

NOVO MUSEU DO FUTEBOL. Museu do Futebol, São Paulo, 12 jul. 2024 - presente.

PRIMEIRO MUNDIAL DE MULHERES NA CHINA. Museu do Futebol, São Paulo, dezembro/2023 - presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/primeiro-mundial-de-mulheres-na-china/. Acesso em:

VISIBILIDADE PARA O FUTEBOL FEMININO. Museu do Futebol, São Paulo, outubro/2015-presente. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/visibilidade-para-o-futebol-feminino/. Acesso em:

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). **Territórios em movimento:** cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília: SEBRAE, 2004. Disponível em: https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT00031436.pdf. Acesso em: 15 jan. 2026.

ALBUQUERQUE, Fabiane; DINIZ, Vanessa. A infantilização de mulheres brancas:: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades. **Teoria e Cultura**, v. 17, n. 3, p. 60-69, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/37908. Acesso em 5 mai 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do "falo"**: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALEGI, Peter. 'A Nation To Be Reckoned With': the politics of world cup stadium construction in cape town and durban, south africa. **African Studies**, South Africa, v. 3, n. 67, p. 397-422, 2008.

ALMEIDA, Caroline Soares; PISANI, Mariane da Silva. "Carreiras e profissionalismo após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil". **Labrys, études féministes / estudos feministas**, v. 28, p. 1-20, jul./dez. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/download/55060439/Carreiras_e_profissionalismo_de_futebolistas_brasileiras_apos_a_regulamentacao_do_Futebol_Feminino_no_Brasil.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

ANDERSON, Benedict. **Comunidade imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARCHELA, Rosely Sampaio. Imagem e representação gráfica. **Geografia (Londrina)**, v. 8, n. 1, p. 5–11, 2011. DOI: 10.5433/2447-1747.1999v8n1p5. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10198. Acesso em: 27 mai. 2025.

ARON, Lewis. "Living Memory": Discussion of Avishai Margalit's "Nostalgia". **Psychoanalytic Dialogues**: The International Journal of Relational Perspectives, v. 21, n. 3, p. 281-291, 2011. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10481885.2011.581110. Acesso em: 28 jan. 2025.

BACZKO, Bronislaw. "A imaginação social". In: LEACH, Edmund et Al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM**, v.. 27, n. 41, 2014. Disponível em: https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2602/1501. Acesso em 4 abr. 2025.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil: 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Mayra Ferreira. **Abordagem de temáticas da ditadura civil-militar no jornal "Gazeta de Sergipe" (1968-1978)**. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13955/2/MAYRA_FERREIRA_BARRETO.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa CDHIS**, v. 25, n. 2, jul.-dez., p. 407-429, 2012. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/15209/11834. Acesso em: 23 abr. 2025.

BARROS, José D' Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**: Revista Eletrônica do Museu do Arquivo Histórico La Salle, Rio Grande do Sul, v. 12, p. 129-159, 2012. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332. Acesso em: 29 jan. 2025.

BELEI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-2015, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/nPT6zypmvrXB44bSR5ydC5v/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 jan. 2025.

BONFIM, Aira Fernandes. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/items/01930c3e-8765-49b2-ab18-13bbcbb49f4b. Acesso em: 28 jan. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Rio Grande do Sul; Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BREFE, Ana Cláudia. Comentário I: museu, imagem e temporalidade. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.15. n.2. p. 31-36. jul.-dez. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/Q6xNFbB8NNHNshgMsLmQJ5n/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 abr. 2025.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil:: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 695–705, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283. Acesso em: 29 abr. 2025.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, v. 28, p. e1, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/?lang=pt. Acesso em: 22 mar. 2025

BRULON, Bruno. Os Desajustados da Floresta: corpos dissidentes em museus insubordinados. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 20, p. 102–121, 2021. DOI: 10.26512/museologia.v10i20.33903. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/33903. Acesso em: 12 mai. 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 191-219.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. O arquétipo da alteridade e a riqueza simbólica do futebol. **Revista a Psicologia Atual**, Ano 5, nº 25, São Paulo, julho de 1982. Última revisão em maio de 2006. Disponível em: https://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/o_futebol_e_a_arte_do_corpo.pdf. Acesso em 28 abr 2025.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26958/28736. Acesso em: 17 dez. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CAMPAGNOLI, Karina Regalio. O mundo do trabalho como espaço formativo feminino nas primeiras décadas do século XX. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 63, p. 257-269, jul./set., 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v30n63/2358-0194-faeeba-30-63-257.pdf. Acesso em: 7 mai. 2025.

CAMPÊLLO, Lorena de Oliveira Souza. O meio ambiente em preto e branco: a mensagem ambiental nas páginas do Jornal Gazeta de Sergipe (1972-1992). 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/4257. Acesso em: 29 jan. 2025.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas**: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007. 374 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2007/Andremendescampraro.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. p. 339. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. 'Isto é um lugar de respeito!': a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/26356. Acesso em: 7 mai. 2025.

CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. Futebol e decolonialidade: a história do jogo entre as tensões e as resistências. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia diversidade revolucionária. São Carlos: Edufscar, 2023. p. 149-162.

CATELA, Ludmila. "Lo que no merece ser recordado…". Conflictos y tensiones en torno a los proyectos públicos sobre los usos del pasado en los sitios de memoria. **Clepsidra - Revista interdisciplinaria de Estudos sobre Memoria**, v. 1, n. 2, p. 28-47, 2022. Disponível em: https://revistas.ides.org.ar/clepsidra/article/view/460. Acesso em: 7 mai. 2025.

CATELA, Ludmila. **Situação-limite e memória**: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. Revista Eletrônica do Iphan. **Dossiê Educação Patrimonial**, p. 1-7, 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/educacao_museu_patrimonio_tensao.pdf. Acesso em 25 abr. 2025.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, p. 43-81, 2002. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367. Acesso em: 8 abr. 2025.

CHAGAS, Mário. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 41, p. 5-16, 2011. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654. Acesso em: 7 abr. 2025.

CHELLES, Claudinei. O futebol entre a barbárie e a civilização: uma perspectiva psicanalítica sobre o ato de torcer. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia diversidade revolucionária. São Carlos: Edufscar, 2023. p. 41-64.

COELHO, João Nuno. "Vestir a camisola": jornalismo desportivo e a seleção nacional de futebol. **Media e Jornalismo**, Lisboa, n. 4, p. 27-39, 2004. Disponível em: https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n4-03-Joao-Nuno-Coelho.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

CONNELL, R. W.. **Masculinites**. 2. ed. California: University Of California Press, 2005.

COSTA, Leda Maria. Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa. **Tríade**: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2472. Acesso em: 28 jan. 2025.

CRUZ, Maria do Socorro. Análise da trajetória do futebol piauiense: da época áurea à decadência. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, *Anais,* Fortaleza, Ceará, 2012. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1795-1.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, Exposições e Identidade: os desafios do tratamento museológico do patrimônio afro-brasileiro. In: BRUNO, Maria Cristina; NEVES, Katina Regina (Coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento**: propostas e reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008, p. 157-171. Disponível em: https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/299931/1/2008-%20As%20Ondas%20do%20Pensamento%20Museológico%20balanço%20da%20produção%20brasileira.pdf#page=41. Acesso em 7 abr. 2025.

DAMO, Arlei. Futebóis: da horizontalidade epistemológicaà diversidade política. **FuLiA**, Minas Gerais, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644/11841. Acesso em: 28 jan. 2025.

DANTAS, Marina; Dos Anjos, Luiza. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). In: KESSLER, Claúdia; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane (Org.). **As mulheres no unvierso do futebol brasileiro.** Santa Maria: Editora UFSM, 2020, p. 299-316.

D'ÁVILA, Lívia Bonafé; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Futebol feminino e sexualidade. **Revista das Faculdades Integradas Claretianas**, n. 2, jan.-dez., p. 30-41, 2009. Disponível em: http://web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes/6059fe9e4ea91f55e7624944/605b7ca1411a529388ea42cc.pdf . Acesso em: 9 mai. 2025.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora, 2021

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 14, n. 2, p. 269-289, 1998. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/27266/15561. Acesso em: 16 abr. 2025.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FATTUMA, Dedê. **Lesbianidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

FERNANDES, Marisa. Ações lésbicas. In: In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 91-120.

FIFA. Posicionamento Global Contra o Racismo e Procedimento de Três Etapas. In: *Circular n° 1895*. Zurique, 30 de agosto de 2024. Disponível em: https://fsf-se.com.br/wp-content/uploads/2025/03/Protocolo-1895-FIFA.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; SILVA, Gilson Souza. Fatores sociais nos estudos de inovação jornalística. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, 2020, p. 145-155. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Franciscato/publication/342293365_Fatores_sociais_nos_estudos_de_inovacao_em_organizacoes_jornalisticas/links/5f0f9758299bf1e548ba263b/Fatores-sociais-nos-estudos-de-inovacao-em-organizacoes-jornalisticas.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol? **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 44-56, set.-nov., 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76216/79955. Acesso em: 11 fev. 2025.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr 2025.

GASTALDO, Édison. Futebol e Memória. In: MARQUES, José Carlos; GOULART, Jefferson Oliveira. **Futebol, comunicação e cultura**. São Paulo: INTERCOM, 2012, p. 85-99.

GAVAZZI, Matteo. SPAC - O primeiro clube de São Paulo. **Estadão**, São Paulo, 29 jan. 2018. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emais/arqui-achados/spac-o-primeiro-clube-de-sao-paulo/#:~:text=SPAC%3A%20São%20Paulo%20Athletic%20Club.&text=Fundado%20em%201888%20por%20William,da%20cidade%20de%20São%20Paulo. Acesso em: 11 fev. 2025.

GIGLIO, Sérgio Settani; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução com espírito empresarial": criação do clube dos 13 e a modernização do futebol na folha de s. paulo. **Argumentos**, Unimontes, v. 18, n. 2, p. 45-82, dez. 2021. Semestral. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/4474/4507. Acesso em: 28 jan. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil anos 30 e 40. **Movimento**, v. 6, n. 13, p. 61-70, 2000. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11785. Acesso em: 29 jan. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista educação physica. 1999. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2709/000280515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 6 abr. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidade: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Inovação**, n. 13, p. 99-112 , 2021. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Corpos-gêneros-e-sexualidades-em-defesa-do-direito-das-mulheres-ao-esporte.pdf. Acesso em: 26 mai. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101. Acesso em: 28 jan. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades . **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590. Acesso em: 29 jan. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, abr.-jun., 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/148685/146121. Acessso em: 25 jul. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de Cárcere, vol. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economias políticas e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 55-78.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340. Acesso em: 29 jan. 2025.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS, *Anais*, Caxambu, 2002.

Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/043411_Guedes%20-%20Notas%20sobre%20futebol%20e%20identidade%20nacional%20na%20Argentina%20e%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity**. Durham and London: Duke University Press, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltds, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2016.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação e Cultura, v. 1, p. 21-35, 2006. Disponível em: https://journals.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020. Acesso em: 28 jan. 2025.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporãneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. Mediações - **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf%27. Acesso em: 28 jan. 2025.

HENRIQUES, Rosali; CHAVES, Rafael. Exposições em museus virtuais: duas experiências brasileiras. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 76-89, nov. 2020. Disponível em https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/09.-Artigo-05-Rosali-e-Rafael-2020.pdf . Acesso em: 8 abr. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF, 2017.

HOLLANDA, Bernardo; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

ICOM. **Nova Definição de Museu**. Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga. Disponível em: https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/. Acesso em: 10 mai. 2025.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher?: a produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-975, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/fWFypmLtw8v6YbVB3qyVG4p/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 jan. 2025.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: Lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 3, p. 42-62., 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962. Acesso em: 9 mai. 2025.

KESSLER, Claúdia. “Torcedor joga na palavra”: uma etnografia em jogos de equipes de futebol de mulheres de Porto Alegre/RS. In: KESSLER, Claúdia; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane (Org.). **As mulheres no unvierso do futebol brasileiro.** Santa Maria: Editora UFSM, 2020, p. 133-145.

KNIJNIK, Jorge. Sou mulher ou futebolista? Ecos do passado e feminismo no futebol brasileiro. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 2020, p. 188-202.

LACERDA, Renata Maria Beltrão e BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Representatividade importa: presença de mulheres nas pesquisas de público do Museu do Futebol. In: **Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol**, 4., 2022, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/774195/. Acesso em: 4 abr. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l’espace**. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Eduardo José Silva. Da chegada a institucionalização: os primeiros passos do futebol pernambucano. In: **XXVI Simpósio Nacional de História**. *Anais*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-16. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855455_a2b1da8fec0f7f5175079731665e6f0a.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

LIMA, Fátima. Subversões de Sexo(s) e Gênero(s): Contraposições ao Biocapitalismo Contemporâneo ou por uma política das multidões queer. In: LIMA, Fátima. **Corpos, gêneros, sexualidade**: políticas de subjetivação. 2.ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014, p. 19-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUGONES, María. Colonialid y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul.-dez., 2008. Disponível em: https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

LUGONES, Maria. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. **Revista Internacional de Filosofia Política**, n. 25, 2005, p. 61-76. Disponível: https://www.redalyc.org/pdf/592/59202503.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, set.-dez., 2014, p. 935-952. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnzb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 fev. 2025.

LUPO, Bianca Manzon. **O museu como espaço de interação**: arquitetura, museografia e museologia a partir dos casos do museu do futebol e do museu do amanhã/. 2018. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20022019-113627/publico/MEBIANCAMANZONLUPO.pdf. Acesso em: 26 mai. 2025.

MAGALDI, Monique. **Navegando no Museu Virtual**: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno museu. 2010. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.unirio.br/ppg-pmus/monique_magaldi.pdf. Acesso em: 22 mar. 2025.

MAIA, Mayara Cristina Mendes; GOELLNER, Silvana Vilodre. História de mulheres feitas de futebol. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia diversidade revolucionária. São Carlos: Edufscar, 2023. p. 199-218.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 27-54.

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Portugal: Edições 70, 2011.

MARCOS, Luís Humberto. Museu da Imprensa. Descentralizar e democratizar. **Revista da Faculdade de Letras**, v. 13, Porto, p. 275-296, 2014. Disponível em: https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13002.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. C. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2014. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33360. Acesso em: 25 jan. 2025.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 37, p. 179–188, 1999. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493. Acesso em: 17 dez. 2024.

MARZIALE, Nicole Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 19, n. 38 jan/abr, 2021. DOI: 10.52521/19.4119. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119 . Acesso em: 8 abr. 2025.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1950)**. Rio de Janeiro: Livros de Futebol, 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & ensaios**, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/65034075/NECROPOLITICA_ACHILLE_MBEMBE.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

MEDRADO, Thomas Hudson Silva. **O voo do dragão**: futebol profissional, elites sergipanas e a Associação Desportiva Confiança. 2020. 114f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14491/2/THOMAS_HUDSON_SILVA_MEDRADO.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.

MELLO, Janaína Cardoso de; JESUS, Priscila Maria de. O museu como memórias plurais e resistência cultural no Ensino de História. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 591-616, abr.-jun, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v21n69/1981-416X-rde-21-69-591.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte (São Paulo)**, v. 1, n. 1, p. 37-48, 2012. Disponível em: https://revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99622/98065. Acesso em: 7 mai. 2025.

MORAES, Enny Vieira. Menina, você parece um macho-feme jogando bola! Relatos de mulheres jogadoras de futebol na Bahia (Jequié, anos 1970). In: KESSLER, Claúdia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Marine da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 2020, p. 258-282.

MORAES, Enny Vieira. O Museu do Futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil?. **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 2, n. 1, jun., 2009. Disponível em: https://research.ebsco.com/c/tqdne3/viewer/pdf/ys4o5myykj?auth-callid=ca8f25f6-0860-4f78-a656-4a3700f8b80c. Acesso em: 4 abr. 2025.

MOTTA, Ana Gláucia Oliveira. Museus históricos no mundo digital e suas potencialidades em sala de aula. **Revista Aedos**, v. 12, n. 26, p. 237–261, 2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/104139. Acesso em: 12 mai. 2025.

MUGABE, Nelson André. **Marcadores de diferença e jocosidade entre sujeitos LGBT na cidade de Maputo**. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/8472/1/Nelson%20Mugabe%20%20dissertacao.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

MUSEU DO FUTEBOL. Plano Museológico do Museu do Futebol. Junho, 2021. Museu do Futebol. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/wp-content/uploads/2021/06/JUN-2021-Plano-Museologico-Museu-do-Futebol-FINAL.pdf. Acesso em: 1 mai. 2025.

NOVA Definição de Museu. **ICOM**, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 13 fev. 2025.

NOVO Museu do Futebol. **Museu do Futebol**, São Exposição de Longa Duração. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/. Acesso em: 13 fev. 2025.

NUNES, Cecília Franco Paes. Questões de gênero e a proibição do futebol feminino no Brasil pelo decreto-lei nº 3.199/1941. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 126-148, jun. 2022. Semestral. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/45109/27027. Acesso em: 28 jan. 2025.

OLIVEIRA, José Cláudio. O museu digital: uma metáfora do concreto ao digital. Comunicação e Sociedade, v. 12, 2007, p. 147-161. Disponível em: https://revistacomsoc.pt/article/download/1393/1375/. Acesso em: 2 abr. 2025.

OLIVEIRA, Tatiana. Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo e a experiência do Museu Vivo do São Bento. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 59, n. 15, p. 25-52, 2020. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7104. Acesso em: 8 abr. 2025.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, set.-dez., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/P87XtVzZDCKdNqv9Nt8dfYr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 11 fev. 2025.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 157-190.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. Federação rio-grandense de tênis: mudanças impostas pelo decreto-lei nº 3.199 de 1941. **Recorte**: Revista de História do Esporte, v. 3, n. 2, dez., 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87066/000766095.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 fev. 2025.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no rio de janeiro (1902-1938)**. 1998. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/129716. Acesso em: 17 dez. 2024.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silências da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 13-27.

PESSANHA, Nathália Fernandes. O mundo da bola. A proibição do futebol de mulheres em diferentes campos. **Revista Esporte e Sociedae**, v. 13, n. 32, mar., 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49488/28782. Acesso em: 11 fev. 2025.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais et al. (Re)pensando a história do futebol cearense: dos primeiros passos à profissionalização. In: **Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades II, Fortaleza. Semana de Humanidades: entre fixos e fluxos 8**, 2011. Anais… Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.

1-13. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20935/1/2011_eve_clmpinheiro.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-12032018-205408/publico/DISSERTACAO_FINALISSIMO_original.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024

PIRES, Thula. Por um constitucionalismo ladino-amefricano. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 285-304.

PISANI, Mariane da Silva. **"Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. 2018. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/publico/2018_MarianeDaSilvaPisani_VCorr.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. Lesbianidades em campo: afeto e desejo entre jogadoras de futebol brasileiras. In: SAGGESE, Gustavo Santa Roza et al (org.). **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Editora Gramma, 2018. p. 251-268. Disponível em: https://cev.org.br/media/biblioteca/4064261.pdf#page=252. Acesso em: 28 jan. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas da Foz: trajetórias , migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100982/313834.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jan. 2025.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/pv3nPKDzSztWrTcfP9pJbgv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 11 fev. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. disponivel em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/download/1941/1080. Acesso em: 29 abr. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

RAMOS, Vitor. **Determinantes para as diferenças de desempenho esportivo e financeiro entre os clubes de futebol do Nordeste e Sudeste brasileiro**: uma análise do Esporte Clube Bahia e do São Paulo Futebol Clube de 2002 a 2008. 2008. 54 f. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9799/1/TCC%20VITOR%20SILVANY%20RAMOS.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

REIS, Carla Darlem Silva dos. Gazeta de Sergipe: "a gazeta combativa"? (1959-1968). **Revista Crítica Histórica**, n. 10, p. 37-63, 2014. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2949/pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Da proibição do futebol de mulheres: atuação do conselho nacional de desportos e a interdição esportiva feminina no brasil (1941-1957). **Tempo**, Niterói, v. 29, n. 2, p. 89-106, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/8qYpfxJRJfQbm8qdWGBfJMp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 jan. 2025.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; REIS,, Fernando. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 79-95, 2011. Jul.-Set.. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1153/115321322005.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. Comunicação no museu. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F; Museu Histórico Nacional. **Museu e comunicação**: Exposição como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p. 45-66, 2010. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21335. Acesso em: 22 abr. 2025.

ROQUE, Maria Isabel. Descolonizar o museu: exposição e mediação dos espólios africanos em museus europeus. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 7, n. 2, p. 53–71, 2020. DOI: 10.21814/rlec.3110. Disponível em: https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/3110. Acesso em: 22 abr. 2025.

ROQUE, Maria Isabel. O discurso do museu. In Asensio, M., Moreira, D., Asenjo, E., & Castro, Y. **SIAM Series Iberoamericanas de Museología**: Criterios y desarollos de musealización. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. A. 3, v. 7, p. 215-225, 2012. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12530. Acesso em: 25 abr. 2025.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. Lésbicas negras (re)existindo no movimento LGBT. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 331-345.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Portugal: Almedina, 2009. p. 9-20.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; SILVA, Patrícia Gelmires. A qualidade da experiência dos visitantes ao Museu do Futebol. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 6, n. 2, 2011. DOI: 10.17648/raoit.v6n2.3494. Disponível em: https://publicacoes.unigranrio.edu.br/raoit/article/view/3494. Acesso em: 3 abr. 2025.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos; CHAGAS, Mários de Souza. A linguagem de poder dos museus. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mários de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos

(Org.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007, p. 12-19.

SANTOS, José Manuel Casquinha Malaia. Futebol e história. In: PRONI, Marcelo; GIGLIO, Sérgio (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 139-151.

SANTOS, Natashe; CAPRARO, André Mendes; LISE, Riqueldi Straub. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, ´. 191-208. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15923/10851. Acesso em> 28 jan. 2025.

SÃO PAULO. **Resolução SC 05/98** - 21 de janeiro de 1998. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Publicado em DOE 02/04/98, p. 60. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/82169_res__sc_n_05_-_estadio_do_pacaembu_1494443976.pdf. Acesso em: 5 mai. 2025.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/a9cdfca2-c5fe-4043-9941-9ab5cb776278/content. Acesso em: 29 jan. 2025.

SAYÃO, Déborah Tomeh. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**, v. 14, n. 3, p. 67-87, 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643862. Acesso em: 29 jan. 2025.

SCHATZ, Patrícia Volk. **A imprensa escrita entra em campo**: relações entre política e futebol através da análise da revista placar (1974-1982). 2015. 193 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/133242/333888.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 29 jan. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequ. Acesso em: 28 jan. 2025.

SEMEDO, Alice. Práticas (i)materiais em Museus. In: **Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, v. 1, p. 62-80, 2010. Disponível em:

https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23634/2/alicesemedopraticas000096289.pdf. Acesso em: 6 abr. 2025.

SILVA, André Fabrício. Pandemia, museu e virtualidade: a experiência museológica no "novo normal" e a ressignificação museal no ambiente virtual. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 29, p. 1–27, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29e54. Disponível em: https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/180676. Acesso em: 7 abr. 2025.

SILVA JÚNIOR, Antonio de Souza; SALAZAR, Viviane Santos; FEITOSA, Marcos Gilson Gomes. O clube dos 13 e o novo cenário do futebol brasileiro: uma análise a partir dos campeonatos baiano, goiano, paranaense e pernambucano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 103-122, mar. 2014. Trimestral. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/FcXPns6WWFZPL5DWwGRMGsS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 jan. 2025.

SILVA, Giovana Capucim. Nação, masculinidade e o futebol de mulheres no início do século XX. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia diversidade revolucionária. São Carlos: Edufscar, 2023, p.163-186.

SILVA, Layza Araújo; SOUZA, Danubia Aires de. Futebol feminino no Brasil: desvalorização e desafios. **Revista Ciência na Prática**, v. 1, n. 1, p.1-22, 2023. Disponível em: https://unisales.br/wp-content/uploads/2024/08/FUTEBOL-FEMININO-NO-BRASIL-DESVALORIZACAO-E-DESAFIOS.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVA, Sidney Barbosa da. História do Futebol Potiguar. **Campeões do Futebol**, 19 mai. 2023. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/historico_rgnorte.html. Acesso em: 11 fev. 2025.

SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago; SALVADOR, Marco. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de Ciências de Desporto**, [*s. l*], v. 7, n. 3, p. 368-376, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Soares-4/publication/262499769_A_imprensa_e_a_memoria_do_futebol_Brasileiro/links/56c6e70908ae408dfe4fb0cd/A-imprensa-e-a-memoria-do-futebol-Brasileiro.pdf. Acesso em: 29 jan. 2025.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronalda; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6578/3687. Acesso em: 29 jan. 2025.

SOARES, Cecilia Conceição Moreira. Espaços museais, memória agro, identidade, territorialidade. In: MOLINA, Ana Heloisa; LUZ, José Augusto Ramos da. **Museus e lugares de memória**. Jundiaí: Paco, 2018, p. 269-278.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. 12ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

SOUSA, Vítor de; CAPOANO, Edson; COSTA, Pedro Daniel; PIMENTA, Carlos Alberto. Uma reflexão sobre pós-colonialidade, decolonização e museus virtuais. O caso do Museu Virtual da Lusofonia. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 19, n. 54, 2022. DOI:

10.18568/cmc.v18i54.2528. Disponível em: https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2528. Acesso em: 15 abr. 2025.

SOUZA, Candice Vidal. A Folha de São Paulo e o "país do futebol": narrativas jornalísticas da nação e o debate de 1997 sobre o futebol brasileiro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 65-90, 2003. Disponível em: https://ludopedio.org.br/biblioteca/a-folha-de-sao-paulo-e-o-pais-do-futebol-narrativas-jornalisticas-da-nacao-e-o-debate-de-1997-sobre-o-futebol-brasileiro/?srsltid=AfmBOoo3-Nt5e_iMXl6HNkgIEPVWU_A9B-0FCS17CFs-xG_oZRip2xLe. Acesso em: 29 jan. 2025.

SOUZA, Ivana; ALVES, Lynn. Entre museus e jogos digitais: espaços para resgatar o passado e compreender o presente. In: ALVES, Lynn; TELLES, Helyon; MATTA, Alfredo (Org.). **Museus virtuais e jogos digitais**: novas linguagens para o estudo da história. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 39-57.

SOUZA, Márcia Rebeca Rocha de; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do; OLIVEIRA, Jeane Freitas de; CARVALHO, Evanilda da Souza de Santana. Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 2, p. 62-69, jun., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/V4VTPGRws8NPzHZvTY846bD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 5 mai. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia diversidade revolucionária. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia diversidade revolucionária. São Carlos: Edufscar, 2023. p. 9-23

STROMQUIST, Nelly. Education policies for gender: proibing into state responses. **Education Policy Analysis Archives**, v. 21, jan., 2013, p. 1-28. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2750/275029728065.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/115801_Tese_completa.pdf. Acesso em: 28 jan. 2025.

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 93-107, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646. Acesso em: 9 mai. 2025.

TRINDADE, Sara; RIBEIRO, Ana Isabel; MOREIRA, José António. Museus virtuais interativos enquanto artefactos digitais para a aquisição de competências e conhecimentos: o projeto uc digital. In: ALVES, Lynn R. G.; TELLES, Helyom Viana; MATTA, Alfredo E. R. (org.). **Museus virtuais e jogos digitais**: novas linguagens para o estudo da história. Salvador: Edufba, 2019. p. 193-214.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

VIANA, Karina Muniz. Museu e indivíduo globalizado. **Memória e Informação**, v. 3, n. 2, p. 137-144, dez., 2019. Disponível em: https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/86. Acesso em: 15 abr. 2025.

WANDERLEY, Hévilla. Primeiros clubes, turfe e briga com o prefeito: o futebol da PB 100 anos atrás. **GE Paraíba**, João Pessoa, 19 jul. 2017. Disponível em: https://ge.globo.com/pb/noticia/primeiros-clubes-turfe-e-briga-com-o-prefeito-o-futebol-da-pb-100-anos-atras.ghtml. Acesso em: 11 fev. 2025.

WILLIAMS, Jean. **The gendered governance of Association Football**. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (Orgs). Routhledge handbook of sport, gender and sexuality. Routhledge, New York, 2014.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

WITTER, José Sebastião. Futebol: Um fenômeno universal do século XX. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 58, p. 161–168, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i58p161-168. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33858. Acesso em: 18 out. 2024.

XAVIER, Marília. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

ZARBATO, Jaqueline Martins. “Dos objetos oficiais às narrativas periféricas”: aprendizagem histórica em museu em Campo Grande - MS. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 20, p. 51-70, 2021. Disponível em: https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/753/402. Acesso em: 12 fev. 2025.

ZARBATO, Jaqueline. Gênero, museus e representações culturais. In: ZARBATO, Jaqueline. **Museus, mulheres e educação patrimonial**: percursos e aprendizagens. Campo Grande: Editora UFMS, 2023, p. 48-64. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5704/1/Museus%2c%20mulheres%20e%20educação%20patrimonial%20percursos%20e%20aprendizagens.pdf. Acesso em: 2 abr. 2025.

ZARBATO, Jaqueline. Museologia social e gênero na América Latina: diálogos histórico-educativos. In: ZARBATO, Jaqueline. **Museus, mulheres e educação patrimonial**: percursos e aprendizagens. Campo Grande: Editora UFMS, 2023, p. 78-86. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5704/1/Museus%2c%20mulheres%20e%20educação%20patrimonial%20percursos%20e%20aprendizagens.pdf. Acesso em: 2 abr. 2025.